

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES

ENFIM, POSSO FALAR!  
RELATOS DE SURDOS PARANAENSES QUE VIVENCIARAM A  
TRANSFORMAÇÃO DO ORALISMO AO BILINGUISMO

CURITIBA

2019

BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES

ENFIM, POSSO FALAR!  
RELATOS DE SURDOS PARANAENSES QUE VIVENCIARAM A  
TRANSFORMAÇÃO DO ORALISMO AO BILINGUISMO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

CURITIBA

2019

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR  
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

S676e

Soares, Beatriz Ignatius Nogueira

Enfim, Posso Falar! Relatos de surdos paranaenses que vivenciaram a transformação do oralismo ao bilinguismo [recurso eletrônico] / Beatriz Ignatius Nogueira Soares. – Curitiba, 2019.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2019.

Orientador: Carlos Roberto Vianna.

1. Surdos – Educação. 2. História oral. 3. Bilinguismo. 4. Língua brasileira de sinais. I. Universidade Federal do Paraná. II. Vianna, Carlos Roberto. III. Título.

CDD: 371.9

Bibliotecária: Vanusa Maciel CRB- 9/1928

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES** intitulada: **ENFIM, POSSO FALAR! RELATOS DE SURDOS PARANAENSES QUE VIVENCIARAM A TRANSFORMAÇÃO DO ORALISMO AO BILINGUISMO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

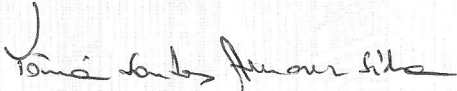
A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 08 de Julho de 2019.



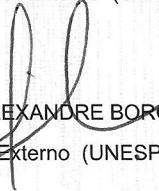
CARLOS ROBERTO VIANNA

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)



TANIA DOS SANTOS ALVAREZ DA SILVA

Avaliador Externo (UEM)



FÁBIO ALEXANDRE BORGES

Avaliador Externo (UNESPAR)



# AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, que aceitou o desafio de um trabalho diferente;

Aos professores Dra. Sílvia Andreis-Witkoski, Dra. Tânia dos Santos Alvarez da Silva e Dr. Fábio Alexandre Borges, por aceitarem participar de minha banca de qualificação e pelas valiosas sugestões;

À Prof. Rosane Aparecida Favoreto da Silva pela disponibilidade em atuar como intérprete nas comunicações com o meu orientador;

À minha irmã Marília e meu cunhado Marcelo que me auxiliaram com a gravação dos vídeos;

Aos meus amigos Vilmar e Ana Beatriz, por estarem sempre ao meu lado;

À minha mãe, Clélia, pela companhia, apoio e a imensa ajuda na correção da retextualização para a Língua Portuguesa de meus vídeos / escritos;

Ao meu pai João Dirceu, pela paciência;

Aos meus filhos Gabriel e Guilherme, que me ajudaram com apoio e com amor;

Ao meu marido Roberto e meus sogros Margarete e Roberto, pelo apoio;

Aos meus professores incríveis Marcos Zan, Neila e Malu que me ensinaram muita coisa. Eu adorava as aulas maravilhosas e aprendi como a integração com outras pessoas ajuda e dá apoio para desenvolver mais conhecimento;

Aos colegas Luciana Zaidan, Ana Paula, Maya, Beatris Majetec, Juciele Gemim, William Valverde e João, meus novos amigos que nunca me deixam isolada e sempre me ajudaram como intérpretes;

Aos intérpretes que com paciência e compreensão me apoiaram e ajudaram a manter o meu foco nas aulas;

Aos meus colegas do PPGECEM e aos meus professores;

Aos meus amigas surdos Valéria, Kênia, Viviane, Marília, Francielle e Vilmar que concordaram em colaborar com meu trabalho;

À professora Yara, vice-diretora do Setor de Palotina, pelo empenho em conseguir meu afastamento;

Aos colegas Leandro, Loriane, Roberta e Raquel, pela ajuda no meu afastamento;

Ao Departamento de Sociais e Humanas do Setor de Palotina da  
Universidade Federal do Paraná, pelas condições para realizar este trabalho;

Ao Leto, à Pipa (falecida), ao Ringo e à Pituka, pelo amor incondicional;

**Obrigada**

# DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Gabriel e Guilherme, razão da minha vida e para quem eu quero ser exemplo e motivo de orgulho.

Ao meu marido Roberto, que entendeu minha dedicação ao mestrado e me ajudou com os cuidados com nosso filho Guilherme e com nossa casa;

À minha avó Bime, que me ensinou os números, jogando baralho e a quem eu prometi estudar muito, fazer faculdade e pós graduação. Ela é a minha grande lembrança, que eu nunca esqueci a MÁGICA DE NÚMEROS que ela me ensinou.

À minha mãe Clélia, que me fez procurar segunda chance para vencer meu maior medo, que era a prova de mestrado. Ela insistiu, e me apoiou e consegui passar e acabou o meu maior medo e estou desenvolvendo. Ela nunca me deixou desistir ou desanimar. Sempre me ajudou “ir para frente”, nunca parada, nem descendo, sempre me subindo. Estou aprendendo muita coisa; conhecendo as palavras, coisas novas. Estou amando e nunca mais vou acabar de estudar.

À minha irmã que nunca me deixou desistir. Para mim muito difícil porque falta foco. Mas ela sempre me defendeu e me apoiou como minha mãe. Sempre a gente briga e sempre discute, isto nunca vai acabar, mas a gente tem amor enorme que nunca acaba...

O meu maior valor na minha vida é a minha mãe e a minha irmã... E eu devo enorme agradecimento a elas que me apoiam sempre... Senão eu não estaria aqui... Estou grata a elas eternamente...

O QUE IMPORTA  
A SURDEZ DA ORELHA,  
QUANDO A MENTE OUVI?  
A VERDADEIRA SURDEZ,  
A INCURÁVEL SURDEZ  
É A DA MENTE.

FERDINAND BERTHIER (1854)



## RESUMO

Nos últimos anos a educação de surdos mudou da abordagem oralista para o bilinguismo. A Lei Federal 10.436 de 24/04/2002 reconheceu a Libras como forma legal de comunicação dos surdos do Brasil, garantindo-lhes o direito de serem educados em sua língua. Passou a ser necessário que os professores ouvintes e os alunos surdos aprendessem a Libras e assim foram contratados adultos surdos sinalizadores para atuarem como instrutores de Libras. O papel desempenhado por esses instrutores de Libras, nas escolas especializadas oralistas, foi fundamental para que acontecesse a mudança para o bilinguismo. Mas, se esses instrutores foram educados no oralismo, como se sentiram como protagonistas dessa mudança? Qual o ponto de vista desses instrutores? E dos alunos surdos? Os surdos viveram um período no qual eram proibidos de conviver com outros surdos e eram proibidos até de sinalizar. Como foi para eles ver, de repente, adultos surdos sinalizadores ensinando Libras para seus professores e para eles mesmos? Será que a educação de surdos pode agora dedicar maior atenção aos conteúdos das disciplinas? Aconteceram mudanças no ensino de disciplinas específicas como a Matemática? Com base na História Oral esta dissertação propôs-se a criar “fontes surdas” que respondem a essas perguntas e podem auxiliar investigadores na compreensão de como aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo nas escolas para surdos.

**Palavras-chave:** Educação de Surdos. História Oral. Fontes Surdas. Mudança do oralismo ao bilinguismo.

## ABSTRACT

In recent years deaf education has shifted from the oralist approach to bilingualism. Federal Law 10,436 of April 24, 2002 recognized Libras as a legal form of communication for deaf people in Brazil, guaranteeing them the right to be educated in their language. Hearing teachers and deaf students became required to learn Libras, and so deaf signers adults were hired to act as Libras instructors. The role played by these Libras instructors in specialized oralist schools was instrumental in making the switch to bilingualism. But if these instructors were educated in oralism, how did they feel as protagonists of this change? What is the point of view of these instructors? What about deaf students? The deaf lived a period in which they were forbidden to live with other deaf and were even prohibited from signaling. What was it like for them to suddenly see deaf adults teaching Libras to their teachers and to themselves? Can Deaf Education now pay more attention to the content of scholar disciplines? Have there been changes in the teaching of specific subjects such as mathematics? Based on Oral History this dissertation set out to create “deaf sources” that answer these questions and can assist researchers in understanding how the shift from oralism to bilingualism in deaf schools took place.

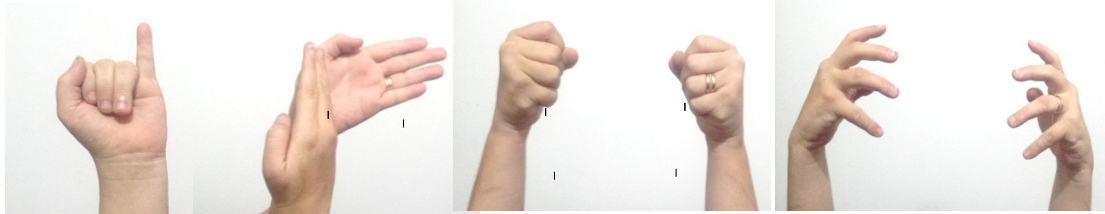
**Keywords:** Deaf Education. Oral History. Deaf Sources. Change from oralism to bilingualism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: AS CONDIÇÕES DE TRANSIÇÃO DO ORALISMO AO BILINGUISTO.....</b>	<b>21</b>
2.1 O CENÁRIO.....	21
2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E AS PRINCIPAIS ABORDAGENS EDUCACIONAIS.....	27
2.3 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL E A EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO BRASILEIR.....	42
<b>3 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>67</b>
3.1 HISTÓRIA ORAL: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA.....	72
3.2 RELATOS, NARRATIVAS OU “HISTÓRIAS CONTADAS”.....	77
3.3 OS ESTUDOS TEÓRICOS PARA A DESCRIÇÃO DO CENÁRIO DA INVESTIGAÇÃO.....	84
3.4 OS COLABORADORES DA PESQUISA.....	87
<b>4 VALÉRIA CRISTINA CAMPAROTO DE SOUZA.....</b>	<b>92</b>
<b>5 KÊNIA JÉSSICA YAMANAKA GONGORA.....</b>	<b>102</b>
<b>6 VIVIANE ROMERO GIROTTO.....</b>	<b>107</b>
<b>7 MARÍLIA IGNATIUS NOGUEIRA CARNEIRO.....</b>	<b>113</b>
<b>8 VILMAR FERNANDO DE CARVALHO.....</b>	<b>118</b>
<b>9 FRANCIELE DE LIMA BERLOFFA MACHADO.....</b>	<b>121</b>
<b>10 BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES.....</b>	<b>123</b>
<b>11 REFLEXÕES TRANSVERSAIS.....</b>	<b>129</b>
11.1 RETEXTUALIZAÇÃO: DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LIBRAS.....	130
11.2 O BILINGUISTO, A CULTURA E A IDENTIDADE SURDA.....	134
11.3 IMPLANTE COCLEAR: UM NOVO CONGRESSO DE MILÃO?.....	137
11.4 OS OUVINTES, OS SONS, AS EMOÇÕES, AS TRANSCRIÇÕES: O QUE APRENDI COM A HISTÓRIA ORAL.....	144
11.5 ORALIZAR PARA QUEM?.....	149
<b>12 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>155</b>
<b>13 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>

<b>APÊNDICE 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE 3 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICE 4 - VALÉRIA CRISTINA CAMPAROTO DE SOUZA.....</b>	<b>172</b>
<b>APÊNDICE 5 - KÊNIA JÉSSICA YAMANAKA GÔNGORA.....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE 6 - VIVIANE ROMERO GIROTTO.....</b>	<b>187</b>
<b>APÊNDICE 7 - MARÍLIA IGNATIUS NOGUEIRA CARNEIRO.....</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE 8 - VILMAR FERNANDO DE CARVALHO.....</b>	<b>200</b>
<b>APÊNDICE 9 - FRANCIELE DE LIMA BERLOFFA MACHADO.....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICE 10 - BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES.....</b>	<b>208</b>
<b>APÊNDICE 11 - ROTEIRO ENTREVISTA - VALÉRIA.....</b>	<b>213</b>

## 1 INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO Fonte: Carneiro (2016, p. 16)

Sou surda<sup>1</sup> e, segundo relatos de meus familiares, quando descobriram minha surdez, eles nunca imaginaram que um dia eu pudesse estar cursando o mestrado e, muito menos, me tornar uma professora universitária, como meus pais são.

Este sentimento de que eu e minha irmã, que também é surda, tínhamos dificuldades com o mundo acadêmico acontecia porque nós vivenciamos um período muito difícil na educação do surdo brasileiro. Um período em que os professores não aprendiam a se comunicar com seus alunos e mais, os próprios surdos eram proibidos de usar a Libras!

Esse período foi muito difícil e isso acontecia porque as pessoas, incluídas aí os professores e a família, acreditavam que aprender falar oralmente era a única forma do surdo - que naquela época era designado por deficiente auditivo – se integrar à sociedade.

Mas, em algum momento que eu não sei dizer ao certo, os sinais entraram na nossa casa, na nossa escola e, a partir daí, passamos a sonhar em fazer faculdade.

Isto aconteceu porque houve uma mudança muito importante: antes, era proibido usar sinais e hoje eu sou professora de Libras! Ensino a língua dos surdos para ouvintes em uma universidade. Que mudança aconteceu?

Para os estudiosos mudou a maneira de se entender a surdez, isto é, “mudou a concepção de surdez” e o surdo passou a ser considerado não mais como

---

<sup>1</sup> Vivenciei a mudança do oralismo ao bilinguismo e escrevo esta dissertação na primeira pessoa do singular porque recortes da minha história de vida contribuem para a compreensão do meu objeto de estudo.

um “deficiente auditivo”, isto é, uma pessoa que tem problemas para ouvir, mas uma pessoa que apenas se comunica de outra forma.

Agora se entende que a surdez é uma “experiência visual” (SKLIAR, 1998, p. 28), o que significa que o surdo compreende tudo usando principalmente a visão – e se a visão é tão importante para o surdo, a visão também deve ser o principal canal de comunicação e então se passou a aceitar que a língua que os surdos usam deve ser também visual.

Com essa compreensão, no Brasil, em 2002, foi promulgada a Lei da Libras - Lei Federal 10.436 de 24/04/2002, que reconhece a Libras como língua oficial do país. Então, depois de muita luta e muito sofrimento, os surdos conseguiram o direito de poder utilizar a sua língua, a língua de sinais. Com essa oficialização, os surdos brasileiros conquistaram o direito de serem educados em sua língua.

Essa maneira da educação dos surdos, que antes proibia o uso de gestos e sinais e queria fazer os surdos ficarem parecidos com os ouvintes, obrigando-os a usarem aparelhos auditivos e aprenderem a falar, é chamada **oralismo**.

O oralismo entende a surdez como uma deficiência que precisa ser direcionada para a normalidade, mediante a estimulação auditiva e a reabilitação da fala da criança surda, buscando assemelhá-la o máximo possível à criança ouvinte e assim integrá-la na comunidade (GOLDFELD, 1997).

A abordagem da educação de surdos atualmente é chamada de bilinguismo, que considera que a primeira língua do surdo é a Libras e, depois, como segunda língua, ele aprende a Língua Portuguesa, mas só na modalidade escrita. O surdo não é mais obrigado a aprender falar. No meio dessas duas abordagens, historicamente na educação de surdos também foi utilizada a metodologia da Comunicação Total, que deixa usar os sinais, mas sempre junto com a fala.

Quando minha escola especial aceitou usar a Libras foi uma maravilha. Tudo ficou claro! A gente começou a entender a aula, podia se comunicar com os colegas. Mas, penso que daí, deve ter sido muito difícil para os professores, principalmente os que ensinam Matemática, porque, para eles, além da Língua Portuguesa e da Libras, tem outra linguagem na sala de aula que eles precisam utilizar e ensinar para os alunos: a linguagem matemática. Então, quero saber mais sobre como aconteceram esta mudança. Mas quero saber pela visão dos surdos: os instrutores

que auxiliaram na transformação do oralismo para o bilinguismo e os alunos surdos que vivenciaram esta mudança.

Esta é a minha proposta de trabalho, criar fontes que permitam enxergar essa mudança na história da educação de surdos; ajudar a compreender como mudou o que as pessoas pensam sobre a surdez, como mudaram as abordagens na educação dos surdos; e identificar como essa transformação aconteceu, considerando as fontes surdas.

A ideia dessa investigação surgiu da minha experiência pessoal e também da mudança que aconteceu na minha família. Na minha casa também era proibido usar gestos/sinais, mas depois, bem antes da escola, começamos a usar sinais em casa. A escola chamou minha mãe e disse que não podia. A escola proibia os alunos de conhecerem e ficarem juntos dos surdos adultos porque eles sinalizavam e a escola achava que iria atrapalhar os alunos aprenderem a falar. Um dia minha irmã perguntou para a minha mãe se o surdo não ficava adulto, se morria, porque a gente nunca tinha visto um surdo adulto, casado, trabalhando. Ou seja, nós não tínhamos modelos para construirmos nossa identidade. Não conseguíamos imaginar como a gente seria quando crescesse. Isso mudou as regras da minha casa, da minha mãe. E fez aparecer a dúvida para mim. Como aconteceu essa transformação na escola?

Zanquetta (2006, p. 32) estabelece que no estado do Paraná, essa mudança começou em 1994, quando os professores começaram a estudar sobre o bilinguismo e a aprender a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, e, para isso, as escolas especializadas contrataram instrutores. Na escola em que eu estudei e que também foi cenário da história de vida das colaboradoras dessa pesquisa, a mudança se concretizou em 1996:

A preparação para a adoção do bilinguismo como estratégia educacional, apesar de algumas iniciativas esporádicas e assistemáticas anteriores, se efetivou a partir do segundo semestre do ano de 1996, quando os profissionais, que até então mantinham uma visão educacional dentro da abordagem oralista, acompanhando tendência mundial e após pelo menos dois anos de intensos estudos, optaram por dar início ao estudo de bilinguismo e mudar a filosofia da escola (NOGUEIRA; ZANQUETTA, 2013, p. 29).

Os instrutores de Libras contratados para ensinar Libras aos professores da escola eram surdos adultos que, mesmo tendo sido educados no oralismo, por

conviverem com outros surdos acabaram adquirindo a Libras. Como essa língua era “proibida”, não era ainda a Libras que hoje eu ensino para meus alunos, que é a Libras “cultura”, com gramática bem estabelecida. A Libras sinalizada por eles era o que se pode chamar de “língua natural”, adquirida em contato com surdos que já sinalizavam. Essa Libras era tão “caseira” que me lembro que quando a gente se encontrava com surdos de outras cidades, mesmo que bem próximas, era preciso dedicar algum tempo para “combinar” os sinais.

Os instrutores também ensinavam a Libras para os alunos surdos da escola, pois eles não sabiam. E por que os alunos não sabiam? Porque a escola, quando adotava o oralismo, proibia que os alunos usassem Libras. Além disso, a maioria dos estudantes era filho de pais ouvintes e, como a escola orientava a família a não deixar as crianças a conviverem com surdos sinalizadores, elas não adquiriram sua língua. Nessa época, como a Libras não havia ainda sido reconhecida como meio de comunicação dos surdos brasileiros, não havia legislação que estabelecesse os requisitos para ser instrutor, qual o seu papel na escola, etc. Isto só vai acontecer com o Decreto 5626 de 2005, do qual vou falar depois.

A convivência dos professores, do pessoal de apoio, da direção e, principalmente, das crianças e jovens surdos, com adultos surdos, que tinham trabalho, constituíram famílias, tinham filhos, enfim, uma vida social comum favoreceu a mudança do modo de pensar dos ouvintes sobre a surdez e dos próprios surdos e proporcionou modelos surdos, favorecendo a construção de suas identidades.

Além de ensinar Libras à toda comunidade escola, os instrutores também auxiliavam os professores em suas aulas e, por terem sido educados no oralismo, possuíam leitura labial e oralização e, então, eles eram quase como intérpretes em sala de aula.

Assim, o papel desempenhado por esses instrutores de Libras, ensinando Libras para os professores e alunos, atuando como intérpretes nas escolas especializadas oralistas, foi fundamental para que acontecesse a mudança para o bilinguismo. Mas, como foi para eles, que foram educados no oralismo, serem protagonistas dessa transição? Como ela aconteceu, a partir do ponto de vista desses instrutores?



E, como foi para os alunos surdos, que antes eram proibidos de conviver com surdos, proibidos de sinalizar, ver, de repente, adultos surdos sinalizadores ensinando Libras para seus professores e para eles mesmos? Será que eles tiveram consciência dessa libertação?

É isso que eu procuro com minha dissertação. Criar “fontes surdas” que permitam ajudar a compreender como aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo nas escolas para surdos.

Também preciso comentar um pouco sobre minha relação com o ensino de matemática. Minha mãe pesquisa sobre o ensino de matemática para surdos desde 1986. Ela relata que, como professora de matemática, sua principal preocupação quando soube do diagnóstico de surdez da minha irmã e meu foi como a gente pensava, como o surdo pensava. A questão da comunicação não era sua maior preocupação. Desta forma, minha irmã e eu sempre colaboramos com as pesquisas realizadas pela nossa mãe. Por exemplo, na pesquisa de Zanquetta (2006), nós analisamos como as atividades estavam redigidas. Como a metodologia adotada foi a Engenharia Didática, colaboramos com a análise *a priori*, que é a fase em que o pesquisador imagina, quer dizer pensa sobre o que vai acontecer no momento da aplicação de uma sequência didática, como os alunos vão reagir, etc... Então, por causa de atuações como esta, passei a fazer parte do GEPSEM (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Ensino de Matemática), da UNESPAR/ Campus de Campo Mourão, grupo registrado no CNPq.

Com os estudos realizados com o GEPSEM e da minha própria vivência escolar, pude entender que a matemática não era a principal preocupação de alunos e professores na escola oralista.

De acordo com Nogueira e Machado (1996), a Matemática era considerada como a disciplina que menos apresenta dificuldades para as suas crianças, à exceção dos problemas, cujos entraves são atribuídos, não sem razão, às dificuldades óbvias de interpretação dos enunciados.

Nogueira e Zanquetta (2013) afirmam que esta também é a opinião dos estudantes surdos, que consideram a Matemática como a disciplina “mais fácil”, de cuja aula participam com maior prazer, exceções feitas à Informática e à Educação Física.

Na mesma direção, Cukierkorn (1996, p. 108) afirma que a facilidade dos surdos em “[...] relação à apropriação da linguagem matemática formalizada tem sido tratada por professores da área como uma capacidade inata dos deficientes auditivos”. Para Cukierkorn (1996), como a linguagem matemática estruturalmente se assemelha mais à Libras do que ao português, os alunos surdos conseguem compreender as instruções das atividades com maior facilidade do que em outras disciplinas.

Isto é pelo fato do ensino da Matemática, tanto para ouvintes quanto para surdos, ter como um dos objetivos a apreensão de uma nova forma de linguagem (a linguagem matemática formalizada), e pelo fato desta ter, em confronto com a linguagem oral (ou mesmo gestual), uma maior precisão na sua “gramática”, permite que esta área obtenha resultados mais satisfatórios (CUKIERKORN, 1996, p. 109).

Então, se o ensino de Matemática, no período de transição do oralismo para o bilinguismo, não era a principal preocupação dos professores, será que houve algum impacto nas aulas de matemática, seja com os professores aprendendo Libras, seja com a presença do instrutor atuando como intérprete?

Pensando agora no ensino de matemática para os pequenos alunos, o que chamamos de alfabetização matemática. Se as professoras não precisavam mais usar a maior parte de suas aulas ensinando a língua oral para os alunos, será que elas passaram a se preocupar mais com os conteúdos da matemática? Como eram as aulas de alfabetização matemática com o oralismo? O que mudou com o bilinguismo?

Mas essa transformação da abordagem educacional do oralismo para o bilinguismo não aconteceu de repente. A mudança acontece quando as pessoas mudam seu pensamento, mudam o que acreditam, e isso demora para acontecer. As pessoas ficam com dúvidas quando precisam abandonar a maneira como pensam. É essa mudança que quero entender melhor.

Para responder a esta indagação, entrevistei instrutores surdos de Libras e alunos surdos, que vivenciaram esta transformação e que aceitaram colaborar com minha investigação. As entrevistas constituirão fontes para novas pesquisas.

A minha dissertação estava prevista para ser feita apenas em Libras, reconhecida como língua oficial do Brasil, mas como o surdo também precisa saber a Língua Portuguesa na modalidade escrita, decidimos (meu orientador e eu)

apresentar este trabalho em duas formas, sendo a primeira, a Libras e depois, fiz a tradução da Libras para a Língua Portuguesa seguida de uma *retextualização* dos meus escritos, com auxílio de pessoas ouvintes. Na retextualização é feita uma (re)construção do texto na forma da Língua Portuguesa culta, mas tentando não perder ou apagar traços próprios da escrita surda original.

Eu não sabia o que era retextualização. Isto foi uma sugestão da banca de qualificação e, quando fui ler sobre isso, em Guarinello (2007, p. 16), vi que retextualização é quando um ouvinte “[...] tem o papel de intérprete e de parceiro na constituição do português escrito, ou seja, atribui forma e sentido às produções da criança, intervindo, quando necessário, para transformar a escrita de modo a aproximar o texto do português escrito”, descobri que durante toda minha vida escolar e acadêmica eu sempre fiz a retextualização dos meus escritos com o auxílio da minha mãe. Ela lia meus textos, e se tinha dúvidas, me perguntava, em Libras, o que eu queria dizer. Nós discutíamos o texto, procurando dar sentido e então ela me ensinava como escrever corretamente. Isso fez com que meus textos, apesar de sintaticamente ainda apresentarem muitos pontos para corrigir, o sentido, o significado, que chamamos de semântica, não precisa mudar muito.

Para esta retextualização foi tomado o cuidado de manter o máximo possível a minha escrita, de forma a permitir a materialização escrita do pensamento em Libras. Esta maneira de escrever foi a saída que encontramos, para cumprir o que determina a Lei e, ao mesmo tempo, garantir que a dissertação escrita refletisse o meu pensamento. Para isso contei com a ajuda de meus colegas de mestrado, dos intérpretes, de meu orientador e, principalmente, de minha mãe.

\* \* \*

Esta dissertação é constituída pela Introdução, dez capítulos e as Considerações Finais.

Na *Introdução*, considerada como primeiro capítulo, eu apresento as razões que me motivaram a fazer esta investigação.

O segundo capítulo é a *revisão teórica*, com um título longo: *História da Educação de Surdos: as Condições de Transição do Oralismo ao Bilinguismo* Ele começa com a intenção de mostrar o *cenário* em que foi feita a pesquisa e minha maneira de compreender como as ideias foram mudando até chegar o momento de

acontecer a mudança do oralismo para o bilinguismo. Nesse capítulo esbocei: **a)** a história da educação dos surdos e suas principais abordagens e **b)** a história das línguas de sinais e os estudos que comprovam que ela é uma língua, pois foram estes estudos que ajudaram a mudar o modo de pensar a surdez. São histórias presentes em outros trabalhos, mas foram retomadas na perspectiva de uma pessoa surda. Também apresento neste capítulo um estudo sobre como a legislação brasileira acompanhou a mudança do oralismo para o bilinguismo. Como procuro criar fontes surdas, até mesmo nesse capítulo de estudos teóricos, procurei por fontes surdas, seja em livros publicados, seja em dissertações e teses produzidas por surdos.

O terceiro capítulo conta o *percurso metodológico*. Nesse capítulo falo dos estudos que fiz sobre outros trabalhos parecidos com o meu, mas, principalmente, conto como foi o caminho para a conclusão deste mestrado, desde observações sobre as disciplinas que estudei, os estudos realizados, as mudanças de percurso, a escolha dos colaboradores e sobre todo o processo de retextualização do meu trabalho, realizado por colaboradores ouvintes, em particular minha mãe e meu orientador. Eu acredito que este capítulo pode ajudar outros surdos que pretendam estudar mestrado e fazer pesquisa.

Os capítulos de número *quatro a nove* são os relatos dos colaboradores, as fontes criadas nessa dissertação. Cada um desses capítulos tem o nome da colaboradora ou colaborador e apresenta o que disseram em suas entrevistas.

No capítulo *dez* faço minha própria narrativa sobre como aconteceu a transição do oralismo para o bilinguismo nesta escola para surdos e qual foi o seu impacto nas aulas de Matemática. Quero destacar que como eu sou surda, conversando com surdos, meu trabalho é diferente dos que consultei, porque nesses trabalhos, o pesquisador era sempre ouvinte e precisava da ajuda do intérprete tanto para fazer a entrevista, como para fazer a transcrição. A presença do intérprete sempre interfere na relação entre o entrevistado e o pesquisador, mas nessa investigação eu mesma entrevistei, fiz transcrição e transformei as transcrições nos relatos dos surdos. O olhar do ouvinte está presente nas observações e direcionamentos do meu orientador e na retextualização da minha redação, feita

com ajuda da minha mãe, com nós duas trabalhando juntas, e na revisão do meu orientador.

O capítulo onze, intitulado *Reflexões Transversais*, destaca cinco temas para reflexão. Os temas se tornaram importantes durante o meu percurso no mestrado, desde as primeiras disciplinas até a conclusão da dissertação (dois temas) ou foram destacados a partir das narrativas dos colaboradores (três temas). Estes temas não são mencionados aqui para que o leitor faça uma primeira leitura da dissertação sem ser induzido por eles.

Nas *Considerações Finais*, falo sobre as dificuldades e a importância de se criar *fontes surdas* e elaborar diferentes compreensões sobre como aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo nas escolas de surdos, tornando públicas as narrativas de alguns dos personagens dessa mudança: os instrutores surdos e os alunos da escola, além de outro surdo, de outra cidade, destacando como essas pessoas perceberam o que acontecia e mudaram seus pensamentos sobre a surdez e a Libras e, finalmente, falo sobre algumas das consequências dessas mudanças para o ensino de matemática na escola.

## 2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: AS CONDIÇÕES DE TRANSIÇÃO DO ORALISMO AO BILINGUISMO



Fonte: GEPSEM e Projeto de Apoio à Difusão a Libras

### 2.1 O CENÁRIO<sup>2</sup>

Moura *et al* (2016, p. 54), ao descreverem o processo de constituição da comunidade como “[...] atributo humano que converte dois ou mais homens em uma totalidade animada, ativa e combinada”, destacam como fundamental o papel da *conversa*. Para esses autores, a conversa se constitui no ponto de partida da própria humanização.

Para os autores, o “[...] movimento de produção do encontro humano, que se inicia no afeto, tem seu ponto culminante na produção da palavra oral” (MOURA *et al*, 2016, p. 296).

Concordo com Moura *et al* (2016, p. 297) sobre a importância da fala, da conversa, para que a humanidade possa “[...] acumular, armazenar, combinar e transmitir conhecimento”, mas não concordo que essas quatro atividades: acumular, armazenar, combinar e transmitir conhecimento, só possam ser realizadas pela linguagem oral. Afinal, sou surda e nem por isso sou privada de *fala*, de *conversa*, de ter acesso ao conhecimento. A língua de sinais me possibilita tudo isso. O

---

<sup>2</sup> A redação desse capítulo é diferente da que aparece no restante da dissertação. Este capítulo, com algumas modificações, é resultado do artigo de conclusão da disciplina *Educar com a Matemática*, cursada durante o mestrado. O artigo foi produzido durante todo o período da disciplina, então foi discutido com a turma toda, corrigido pelas professoras da disciplina, além de que, os artigos foram trocados entre os colegas da turma, para que fossem feitas correções. Os intérpretes que me auxiliaram nas aulas, também colaboraram com a redação.

essencial é que a comunicação seja efetivada, e não a modalidade da língua que se usa!

Essa indistinção dos efeitos de línguas de diferentes modalidades é destacada por Saussure (1995, p. 17)<sup>3</sup>, citado em Quadros e Karnopp (2004, p. 30):

[...] para Whitney que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.

As autoras, ainda se referindo a Saussure (1995, p. 18), destacam que “[...] a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

O olhar da mãe para o filho recém-nascido já estabelece a primeira ligação entre mãe e filho. Isto já se constitui em uma comunicação que não precisa de palavras. O afeto, o amor, faz a comunicação acontecer sem as palavras. Isso aconteceu também com a humanidade e é a isso que os autores Moura *et al* (2016, p. 54) se referem quando dizem que o *encontro humano* começa com o afeto, quando os seres humanos ainda não sabiam falar, e culmina com a palavra falada.

Existem estudos, como os de Furtado (2008), que tratam do estabelecimento desta troca de afetos entre pais ouvintes e filhos surdos e entre pais e filhos surdos, desde o momento do nascimento, de maneira que a afetividade também aparece no início da construção da língua de sinais que, para Reily (2004), surgiu antes da língua oral.

De acordo com Nogueira, Carneiro e Soares (2018, p. 82), por não conseguirem ouvir, os surdos acabaram criando uma maneira alternativa de desenvolver sua capacidade de representação e de se comunicar, utilizando as mãos. “Todavia, a comunicação com as mãos não teve início com os surdos e nem é exclusividade deles”.

De fato, a língua de sinais não começou com os surdos, pois, de acordo com Vygotsky os homens pré-históricos se comunicavam por meio de gestos e apenas quando começaram a utilizar ferramentas, ocupando as mãos é que começaram a utilizar a comunicação oral. Assim, antes de utilizarem a palavra, os seres humanos usavam as mãos para interagir, demonstrando a naturalidade da comunicação por sinais. Podemos então dizer que o processo inverso, isto é, a passagem da língua oral para a

<sup>3</sup> SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix. 1995.

manual foi reinventado pelo homem, sempre que necessário e não apenas no caso dos surdos (NOGUEIRA; CARNEIRO; SOARES, 2018, p. 98).

Ainda de acordo com Nogueira, Carneiro e Soares (2018), no período medieval, monges nos mosteiros europeus, que faziam voto de silêncio, acabaram desenvolvendo um sistema de sinais para poderem se comunicar sem usar a fala. Mesmo nos dias atuais, segundo Reily (2004), ainda existem monges que utilizam esta forma de comunicação, para não romperem o silêncio, uma vez que a palavra oral só pode ser usada em caso de extrema necessidade e estando as mãos ocupadas com algum trabalho, mostrando que a comunicação gestual que eles usam é bastante eficiente.

A excessiva importância atribuída à palavra oral para o desenvolvimento do ser humano, como estabelecido por Moura *et al* (2016), criou a ideia de que não seria possível o pensamento sem a linguagem oral. Deve-se ao filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) a afirmação mais forte que levou a humanidade, por séculos, a acreditar que não existiria pensamento sem linguagem oral.

A audição contribui para a maior parte do pensamento, porque a linguagem é a causa da instrução. Compõe-se, com efeito [a linguagem] de palavras e cada uma das palavras é um signo. É por isso que, entre os homens privados congenitamente de um sentido, os cegos natos são mais inteligentes que os surdos mudos (ARISTÓTELES, *apud* COUTINHO, 2008, p. 31).

Essa crença de que os surdos, por não possuírem linguagem oral, eram incapazes de raciocinar, fazia com que na Grécia eles não recebessem educação, não tivessem direitos e, muitas vezes, fossem condenados à morte.

Por forte influência do pensamento dos filósofos gregos, que acreditavam que só por meio da articulação das palavras o ser humano desenvolvia seu raciocínio, a audição era considerada o caminho mais eficiente para o desenvolvimento da inteligência. “Por não ouvirem, os surdos eram considerados desprovidos de razão” e, em consequência, por muitos séculos, a educação de surdos na Europa, e em todo mundo ocidental, era considerada uma tarefa impossível (PEREIRA *et al* 2011, p. 6).

No final do século XV, em função principalmente do casamento entre parentes que era comum àquela época, muitas famílias de nobres possuíam filhos surdos os quais precisavam ser capazes de falar e escrever, pelo menos o próprio nome para poderem ter direito à herança de seus pais. Com isso, professores



particulares eram contratados para educar os surdos. Com os resultados dessa educação, que começa forçada pela necessidade de se manter os bens das famílias, passou-se a considerar a possibilidade de se educar aos surdos, aparecendo uma primeira mudança no pensamento a respeito da educação de surdos. Mas, em função dos objetivos dessa educação inicial, o foco era a fala e, assim, os surdos eram proibidos de usar gestos, porque se acreditava que se os surdos usassem gestos, eles não iam mais querer aprender a falar.

Assim, desde o início da educação de surdos, a grande questão era se esse ensino deveria ser focado só na fala, ou se poderia também usar os gestos. A decisão sobre qual método usar sempre foi tomada pelos ouvintes, e como para eles ouvir e falar é fundamental, os ouvintes sempre escolheram o oralismo como maneira de educar os surdos. Então, durante muito tempo, os surdos precisaram aprender a falar.

Mas, como está a educação de surdos nesse século XXI?

Atualmente, depois de muita luta e sofrimento, os surdos conseguiram o direito de poder utilizar a sua língua, a língua de sinais. A língua de sinais dos surdos brasileiros, a Libras, foi reconhecida como meio legítimo de comunicação através da **Lei Federal nº 10 436, de 24 de abril de 2002**. Com esse reconhecimento os surdos brasileiros conquistaram o direito de serem educados em sua língua.

Aconteceu, então, uma grande mudança na educação dos surdos! Antes era uma abordagem que proibia o uso de gestos e buscava a normalização dos surdos, isto é, tentava fazer os surdos ficarem parecidos com os ouvintes, obrigando-os a usarem aparelhos auditivos e aprender a falar, essa era a abordagem denominada **oralismo**. Depois, até chegar como está a educação hoje, com a abordagem do bilinguismo, que considera que a primeira língua do surdo é a Libras e a segunda língua é a Língua Portuguesa, mas só na modalidade escrita. Não sendo mais obrigado a aprender a falar. No meio dessas duas abordagens houve a Comunicação Total, que permitia o uso de gestos e de sinais, mas sempre junto com a fala. Na verdade, na Comunicação Total, podemos usar gestos naturais, sinais, expressões faciais, aparelhos de amplificação, dramatização, enfim, todos os

recursos para poder “[...] transmitir linguagem, vocabulário, conceitos e ideias” (GUARINELLO, 2007, p. 31).

Essa mudança de uma abordagem para a outra aconteceu porque mudou o que se entende sobre surdez, e, também, porque mudou o que se entende por “fala”. Moura *et al* (2016, p. 296) consideram que a “[...] conversa, que tem na relação **fala -> escuta** seu eixo principal, [...] é a síntese máxima do trabalho de produção da subjetividade, seu ponto maior de sustentação da comunidade”. Para que os surdos conquistassem o direito de utilizar sua língua e de ter sua educação em Libras conforme prevista na legislação, muita coisa precisou mudar, a principal mudança foi que a comunicação utilizando canais diferentes da fala e da escuta, como as mãos e a visão, também é possível.

Mas, como afirmam Moura *et al* (2016, p. 296), não se trata apenas do som da fala, pois a “[...] *língua* passa a ser a palavra que designa a atividade da fala, propiciadora da comunicação entre os homens e o seu significado vai além da emissão de sons”. Para mudar o pensamento sobre a importância da palavra oral, foram necessários muito estudos para comprovarem que as línguas de sinais constituem uma *língua*, do ponto de vista linguístico e que desempenham no desenvolvimento afetivo, cognitivo, emocional e social dos surdos, as mesmas funções desempenhadas pelas línguas orais no desenvolvimento dos ouvintes.

Outra coisa que precisou mudar foi o que as pessoas pensam que é a surdez. A ideia que se tem sobre a surdez mudou de doença, de deficiência, de anormalidade, como pensavam aqueles que acreditavam no oralismo, para a ideia de que a surdez é uma diferença linguística, como pensam os que acreditam no bilinguismo.

Mas essa transformação não aconteceu de repente. O movimento de mudança se dá pela transformação do pensamento, e segue uma lógica que é determinada pela melhor compreensão, tanto das potencialidades da língua de sinais quanto da própria surdez.

Essa mudança provocou uma profunda alteração na educação de surdos e é legítimo perguntar se ao deixar de se preocupar com o ensino da língua oral, da leitura labial e com os infundáveis treinamentos auditivos, o foco da atenção dos professores poderia, finalmente, se dirigir aos conteúdos disciplinares? Aconteceram

também mudanças no ensino de disciplinas específicas como a Matemática? Ao se eliminar a principal justificativa (a dificuldade de comunicação) para um ensino de Matemática, de acordo com Nogueira e Zanquetta (2013), caracterizado pela preocupação de “passar aos alunos” apenas definições, regras, técnicas, procedimentos e nomenclaturas, será que a possibilidade de se dialogar com os alunos surdos trouxe mudanças no ensino dessa disciplina?

Para compreender este movimento, estudamos quatro aspectos: **a)** a história da educação dos surdos (no mundo e no Brasil) e suas principais abordagens; **b)** a história das línguas de sinais, em particular da Libras e os estudos que comprovam que ela é uma língua, **c)** como a legislação brasileira acompanhou as mudanças e **d)** como aconteceram as transformações nas escolas para surdos, do oralismo e o bilinguismo. No que se refere aos aspectos **a)** e **b)**, utilizei fontes bibliográficas; para atender o aspecto descrito em **c)**, usei fontes documentais, as leis brasileiras e para atender a **d)** me apoiei na História Oral e entrevistei uma instrutora surda, que foi contratada para atuar em uma escola para surdos até então oralista, para colaborar com o processo de transição para o bilinguismo e também cinco surdos, que vivenciaram esta transição. Quando foi contratada, a instrutora não possuía curso superior. Era apenas uma adulta surda, que utilizava a língua de sinais e foi convidada pela escola para ensinar a Libras aos professores e alunos surdos. Ou seja, a tarefa dela era apresentar a língua de sinais, introduzir esta língua na escola.

Como a História da Educação dos surdos, as abordagens educacionais e a História das línguas de sinais estão muito ligadas, não tratei em separado. Então não existe subtítulo para esses temas. Da mesma forma como a História da Educação dos surdos brasileiros, a História da Libras e a evolução da legislação brasileira estão ligadas, esses tópicos são tratados juntos.

Concordo com Nogueira e Nogueira (2012, p. 20) quando afirmam que conhecer, mesmo que de maneira abrangente, sem todos os detalhes, considerando apenas os fatos principais, a História da Educação de surdos “[...] possibilita-nos uma reflexão de como o sujeito surdo foi tratado e educado através dos tempos e permite-nos compreender atitudes atuais dos profissionais da saúde e da educação, causadores de estereótipos que permeiam as diferentes representações na educação de surdos”.

Mesmo apresentando de maneira bem resumida a História da Educação de Surdos, não quero só contar as coisas que aconteceram. Quero mostrar que, durante muitos séculos, “[...] todos os aspectos da educação e mesmo da vida dos surdos foram narrados segundo a perspectiva dos ouvintes e não dos sujeitos surdos que, quase sempre são incógnitos” e assim, quero mostrar que, além dos educadores ouvintes, como De L’Epée, Gallaudet e Heinecke, foram muito importantes as contribuições de educadores surdos, como Ferdinand Berthier, Laurent Clerc e H. Huet. Este último, mesmo sendo francês, foi fundamental para a educação dos surdos brasileiros e para a constituição da nossa língua, a Libras (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2012, p. 21).

Como a História da Educação de surdos é permeada pela constituição das línguas de sinais, essas duas histórias são apresentadas em conjunto, deixando como tópico separado apenas os estudos sobre o status linguístico dessas línguas.

## 2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E AS PRINCIPAIS ABORDAGENS EDUCACIONAIS

Na Grécia Antiga os surdos sofreram muito, porque, como as sociedades gregas estavam sempre em guerra, era exigido de seus cidadãos quase que a perfeição física, e como os surdos – segundo a perspectiva da época - não eram “perfeitos”, eles eram mortos. O filósofo e historiador Heródoto (cerca de 470 a. C.) classificava os surdos como “seres castigados pelos deuses”.

Se uma criança nascesse surda, cega, ou com outras deficiências física ou intelectual na Grécia Antiga, ela era “[...] prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar” (BERTHIER, 1984, p. 165, *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 257). Essa afirmação, entretanto, pode ser questionada ou relativizada, pois não há elementos que nos permitam saber como era feito um diagnóstico de surdez em crianças pequenas naquela época.

Mas, apesar das dúvidas sobre isso, muitos livros relatam que o mesmo acontecia em outras civilizações antigas, como na China, em que os surdos eram

jogados no mar, em Roma, eram jogados dos penhascos ou afogados nos rios e na Gália os surdos eram sacrificados como oferendas aos deuses.

Dentre as antigas civilizações, apenas no Egito antigo os surdos não eram castigados. Eles eram considerados pessoas especiais, escolhidas e protegidas pelos deuses, porque, como viviam em silêncio, acreditava-se que eles se comunicavam em segredo com os deuses, servindo de mediadores entre eles e os faraós. “Havia um forte sentimento humanitário e respeito, protegiam e tributavam aos surdos a adoração, no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados” (STROBEL, 2009, p. 17).

No ano 1000 a.C. na Palestina surgiu uma Lei Hebraica (Talmude) que estabelecia diferença entre surdos, mudos e surdo-mudos e também determinava os direitos e as limitações de cada grupo, como se eles teriam direito a ter posses, se poderiam se casar, etc.

Essa lei serviu de inspiração às leis romanas que foram estabelecidas com a intenção de proteger os surdos de serem “amaldiçoados” por, mesmo sem intenção, cometerem “pecados”, como, por exemplo, se casar. Essas leis estabeleciam que os surdos que não falavam não tinham nenhum direito legal como casar, possuir ou herdar bens, necessitando de um curador para todos os seus negócios. “Até mesmo a Igreja Católica afirmava que sua alma não era imortal, porque eles eram incapazes de dizer os sacramentos” (GUARINELLO, 2007, p. 20).

No final da Idade Antiga, Santo Agostinho (354 – 430) afirmava que, se os filhos eram surdos, era porque estavam pagando por algum pecado que seus pais haviam cometido. “Acreditava que os surdos podiam comunicar por meio de gestos, que, em equivalência à fala, eram aceitos quanto à salvação da alma” (CAVALIN; CAVALARI, 2010, p. 134).

No século VI, já na Idade Média, ainda em Roma, foi formulado o Código Justiniano, durante o reinado deste imperador. Este código forneceu a base para a maioria dos sistemas legais na Europa moderna. Neste código, segundo Vieira (2000), é estabelecida uma diferença entre os surdos que nasceram assim e não conseguiam falar e os ensurdecidos – que nasceram ouvindo e já teriam recebido alguma educação antes de ficarem surdos – por doença ou acidente, ou de

perderem a voz. Os ensurdecidos ou que perderam a voz mantinham os direitos legais negados aos surdos de nascença.

Ainda no início da Idade Média, os surdos eram considerados sujeitos estranhos e dignos de curiosidade. Muitos foram queimados em fogueiras. Como era muito forte a influência da Igreja Católica neste período, a ideia de “pecado” e a necessidade de “confessar seus pecados para obter o perdão divino” eram fundamentais ao cidadão. Porém, segundo Strobel (2009, p. 18), “[...] aos surdos era proibido receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido para aqueles que recebiam favor do Papa”. Data deste período, no ano de 530, o surgimento de uma comunicação em sinais, com os monges beneditinos, que faziam voto de silêncio.

Durante muito tempo, em todo o mundo, os surdos foram considerados incapazes de ser ensinados e as pessoas surdas, principalmente as que não falavam, eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar (até o século XII), possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas.

De acordo com Guarinello (2007, p. 20), foi em escritos do século XIV, de Bartolo dela Marca d’Ancona, que aparece a “[...] primeira alusão à possibilidade de instruir os surdos por meio da língua de sinais e da linguagem oral” o que se constituiria, ainda segundo a autora, no “[...] impulso inicial para que o surdo pudesse [...] tomar suas próprias decisões. Entretanto, a educação dos surdos era restrita aos membros de famílias ricas.

Até o final do século XVI não havia escolas de ensino especializado para surdos, mas, na verdade, a figura do preceptor (professor particular) era muito comum para todas as crianças e jovens, principalmente das famílias ricas. Famílias nobres e influentes que tinham um filho surdo contratavam os serviços de professores particulares para que ele aprendesse a falar, pois a aprendizagem de uma língua era essencial para que os surdos pudessem herdar os títulos e as propriedades de suas famílias (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2012, p. 25).

Esse trabalho dos professores particulares foi importante porque mostrou que os surdos podiam aprender através da educação e sem precisar de “milagres”. Encontramos atualmente alguns relatos de educadores de surdos daquela época que apresentavam diferentes resultados obtidos com seus trabalhos.

Os primeiros relatos de que os surdos podiam aprender sem depender de “milagres” surgem no início do século XVI. Como a educação naquela época

era destinada apenas aos filhos de famílias ricas, os preceptores de crianças surdas, apresentavam os resultados obtidos com seus educandos, porém, não relatavam quais foram os métodos utilizados, pois estes eram considerados “segredo profissional” (LACERDA, 1998, p. 68).

No século XVI podemos destacar como importantes para a educação de surdos Gerolamo Cardano e Pedro Ponce de Leon.

O médico, astrólogo e matemático italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), tinha um filho surdo. Cardano afirmou que a escrita poderia representar os sons da fala e as ideias do pensamento e recomendava o uso de sinais e o ensino da linguagem escrita. Para a Matemática, Cardano contribuiu com o estabelecimento de uma fórmula para a resolução de equações do terceiro grau. Para a educação de surdos, ele elaborou “[...] um tipo de código de ensino para surdos, porém nunca colocou suas ideias em prática” (GUARINELLO, 2007, p. 21).

O espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1584) era monge beneditino e foi professor de surdos da nobreza espanhola e, por isso, é considerado o primeiro professor de surdos. Essa distinção, entretanto, é questionada pelo professor surdo francês Ferdinand Berthier, que nasceu em 1803, e destaca a importância de Cardano:

Hoje é amplamente reconhecido que toda a contribuição de Ponce foi meramente colocar os princípios da educação para surdos em um patamar mais amplo do que seus predecessores o fizeram. Antes de Ponce, muitas tentativas isoladas de instrução tinham sido feitas, com nível de sucesso variável, tanto na França quanto no exterior. Em 1578, Joachim Pascha treinou dois de seus próprios filhos surdos, mas suas tentativas não obtiveram reconhecimento público. Gerolamo Cardano, uma das pessoas mais inteligentes do seu tempo, e quem talvez tenha mais profundamente revigorado a escola filosófica do seu século, buscou demonstrar que a educação do surdo não era uma impossibilidade; ele não parou aí e manteve um relatório escrito sobre alguns importantes pontos sobre este especial tipo de ensino (BERTHIER, 1984, p. 169).

Não existem muitas informações sobre o método utilizado por Ponce de Léon. Há registros de que ele se apoiava no alfabeto datilológico, em que cada letra é representada por uma configuração (forma) da mão para ensinar seus alunos a ler e escrever, com o objetivo principal de ensinar o surdo a falar.

“No século XVII, descobertas e curiosidades científicas marcaram a história da surdez. Na Espanha, os sucessores de Ponce de Léon passaram a se interessar pelas diferentes formas de comunicação usadas pelos surdos” (GUARINELLO, 2007, p. 21). Dentre esses seguidores, destacamos Juan Pablo Bonet, que publicou

um livro sobre a invenção do alfabeto digital ou datilológico por Ponce de Léon. Bonet é considerado um dos precursores do oralismo. Seu método se baseava em primeiro ensinar a leitura e a escrita, apoiado no alfabeto digital. Depois, para “[...] ensinar a fala, também manipulava os órgãos fonoarticulatórios e utilizava uma língua de couro para demonstrar as várias posições da língua durante a articulação dos fonemas” (GUARINELLO, 2007, p. 22).

Se Bonet pode ser considerado o precursor do oralismo, o inglês John Bulwer pode ser considerado o precursor dos estudos sobre as línguas de sinais, pois, publicou, em 1644 o livro *Chirologia*, que é primeiro livro em inglês, sobre a língua de sinais e, em 1648, no livro *Philocopus*, no qual defende que a língua de sinais possibilita a expressão do pensamento do surdo da mesma maneira que a língua oral para os ouvintes. A Inglaterra contribui ainda neste século XVII, com mais dois estudiosos da língua de sinais e educadores de surdos: os reverendos William Holder e John Wallis.

Ainda na Inglaterra, por volta de 1650, teorias sobre a aprendizagem da fala e da linguagem fizeram que dois homens se interessassem pelos surdos: o reverendo William Holder, que concentrou seu trabalho no ensino da fala, e o reverendo John Wallis, que fazia uso do alfabeto manual para pronunciar as palavras em inglês e ensinar a escrita e a fala aos surdos. Wallis, que utilizava a palavra escrita como meio de instrução, ensinou dois surdos a escrever, com o objetivo de desenvolvê-los intelectualmente. Wallis é considerado o pai do método escrito de educação de surdos. Algumas vezes usava o alfabeto digital para economizar tempo, além da fala e da leitura orofacial (GUARINELLO, 2007, p. 22, 23).

No século XVII começam a surgir mudanças, principalmente por causa do trabalho do filósofo inglês John Wilkins (1613 – 1672) e de outros filósofos desta época que começaram a questionar a afirmação de Aristóteles de que o som era básico para a compreensão de uma língua, ou seja, sem a fala oral, não aconteceria o pensamento. Questões como: “Estaria o filósofo grego certo ao afirmar que só a fala era a expressão direta da mente e nesse sentido a fonte de todo o pensamento? Qual era a relação entre o som, a mente e a alma, todas elas entidades invisíveis? dominaram o pensamento de Wilkins que, na busca por respondê-las, envolveu-se na educação de surdos e observou que não apenas eles eram capazes de se comunicar entre si, como a “[...] sua humanidade, a sua racionalidade era traduzida através dos gestos” (GOMES, 2010, p. 16).



De acordo com Pereira *et al* (2011), entre os séculos XVI e XVIII, a educação das crianças surdas era responsabilidade exclusiva das famílias, que contratavam professores com o objetivo de ensinar as crianças a falar e a escrever. Os métodos eram muito semelhantes: eram utilizados a fala, a escrita, o alfabeto manual e os sinais. “Como os professores queriam guardar segredo sobre os métodos que usavam, pouco se sabe sobre esse período (PEREIRA, *et al*, 2011, p. 7).

De acordo com Gomes (2010), Wilkins foi o pioneiro no sentido de que a comunicação por meio de gestos poderia se constituir em uma língua. Wilkins, como filósofo, era fascinado pela

[...] possibilidade de a comunicação ser possível sem recorrer ao som, sem recorrer à articulação das palavras. Ele levanta mesmo a possibilidade de a língua gestual possibilitar uma gama infinita de significações e nesse sentido ser um veículo possível para a expressão criativa como qualquer outra língua (GOMES, 2010, p. 16)

O primeiro educador de surdos a colocar as ideias de Wilkins em prática foi o também inglês John Wallis que viveu na mesma época de Wilkins e conhecia suas ideias. Wallis começou o trabalho com os surdos na abordagem oralista, mas depois mudou porque percebeu que “[...] não tinha sentido ensinar os surdos a falar, porque eles articulavam as palavras como papagaios, ou seja, articulavam-nas sem saber o seu significado” (GOMES, 2010, p. 16).

Desde 1760 até 1880, com a realização do Congresso de Milão, que proibiu o uso das línguas de sinais na educação dos surdos, de acordo com Strobel (2009, p. 11), a maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita. Há evidências de que, antes do congresso de Milão haviam muitos escritores, artistas, professores e outros sujeitos surdos bem-sucedidos, como Laurent Clerc e Ferdinand Berthier.

No século XVIII, a educação dos surdos avançou bastante, principalmente com os trabalhos do Abade Charles Michel de L'Epée (1712-1789), na França, de Samuel Heinicke (1729-1790), na Alemanha, e de Thomas Braidwood (1715-1806), na Inglaterra. Esses três educadores usavam metodologias diferentes, mas foram eles os primeiros a criarem escolas coletivas para surdos em seus países. L'Epée utilizava sinais e Heinicke defendia o oralismo puro, que é uma abordagem para a educação de surdos que não permite o uso de gestos, nem mesmo o alfabeto gestual, mas apenas a fala.

Braidwood usava a escrita e o alfabeto digital, começando seu trabalho por meio da escrita, depois, articulando as letras do alfabeto e, finalmente, a pronúncia de palavras inteiras. Braidwood criou, em 1760, em Edimburgo, na Inglaterra, a primeira escola coletiva para surdos do mundo. A escola, denominada *Watson's Asylum*, usava a língua oral na educação dos surdos, era cara e mantinha seus métodos secretos.

Samuel Heinicke ensinava crianças surdas, criando, em 1778, uma escola em Liepzig, na Alemanha. Sua metodologia defendia que a coisa mais importante no ensino da criança surda seria a linguagem falada e que a comunicação por meio de gestos poderia prejudicar esta aprendizagem. Heinicke é considerado o fundador do oralismo e criou uma metodologia que ficou conhecida como o "método alemão" ou "escola alemã". Para Heinecke, seguindo a filosofia de Aristóteles que era predominante na época, o pensamento dependeria da língua oral para existir e, assim, a língua escrita deveria ser aprendida somente após a língua oral. Considerando Moura *et al* (2016), podemos relacionar o oralismo à "bitola estreita", que fez muito mal aos surdos.

Com L'Épée teve início o período que ficou conhecido como "a época de ouro da educação de surdos", com a criação do *Instituto de Surdos de Paris*, em 1775, sendo a primeira escola pública para surdos no mundo.

O abade, a partir da observação de surdos, (de duas irmãs que estudavam religião no convento e/ou dos que viviam nas ruas de Paris, a história não tem muita precisão a este respeito) constatou que estes desenvolviam um tipo de comunicação de natureza viso-gestual, que era muito satisfatória. Partindo dessa linguagem gestual, ele desenvolveu um método educacional, apoiado na linguagem de sinais da comunidade de surdos franceses, acrescentou alguns sinais que tornavam a estrutura da linguagem dos surdos mais parecida com o francês e denominou esse sistema de "**sinais metódicos**". (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2012, p. 27,28).

É evidente o mérito e a importância do trabalho de L'Épée, entretanto, a França era o terreno propício para a valorização da língua de sinais e dos surdos, já que, segundo Coutinho (2008), dois importantes pensadores franceses, Descartes, no século XVII e Diderot, seu contemporâneo, já haviam reconhecido a capacidade dos surdos atingirem o pensamento pleno.

[...] os que são surdos e mudos, inventam gestos específicos por meio dos quais exprimem seus pensamentos (DESCARTES, *apud* COUTINHO, 2008, p. 34).

Se nunca um filósofo invisual ou surdo de nascença se fez um homem tão grande como Descartes, ousou assegurar-vos, senhor, que tem a alma na

extremidade dos dedos; porque é daí eu lhe vêm suas principais sensações e todos seus conhecimentos (DIDEROT, *apud* COUTINHO, 2008, p. 35).

L'Epée, ao valorizar a comunicação por meio de sinais, indiretamente, demonstrou que, mesmo sem falar, os surdos eram seres humanos. Na escola para surdos, fundada pelo religioso, professores e alunos usavam os chamados sinais metódicos. A proposta educativa da escola era que os professores deveriam aprender os sinais com os surdos para se comunicar com eles e, a partir dessa forma de comunicação, ensinar o francês falado e escrito.

Diferente de Heinecke, que escondia seu método, L'Epée divulgava seus trabalhos em reuniões periódicas e propunha-se a discutir seus resultados. Em 1776, publicou um livro (*Institution des Surds-Muets*) no qual divulgava suas técnicas. Seus alunos usavam bem a escrita, e muitos deles ocuparam mais tarde o lugar de professores de outros surdos, além de se tornarem multiplicadores da proposta educacional do Instituto de Surdos de Paris, fundando escolas para surdos no mundo todo, inclusive participando da criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Brasil.

A partir do século XVIII, com o sucesso obtido tanto pelos seguidores de L'Epée, quanto pelos de Heinecke, dois grupos foram criados na educação de surdos: um grupo que defendia o oralismo puro, não permitindo o recurso gestual, e outro que buscava a aquisição da língua oral, tendo como suporte a linguagem gestual (metodologia combinada).

De acordo com Skliar (1997, p. 30), Heinecke e L'Epée chegaram a trocar correspondências argumentando a favor de seus métodos, sendo que, em 1772 Heinecke escreveu para o abade que nenhum outro método “[...] pode ser comparado ao que eu inventei e pratico, porque esse se baseia totalmente na articulação da linguagem oral”.

No século XIX a surdez e a educação de surdos passou a interessar também aos médicos, como o francês Jean Marc Gaspard Itard, que defendia que o surdo deveria ser educado exclusivamente pela fala e argumentava que seria possível restaurar a audição.

Itard praticou vários procedimentos médicos com os surdos, como aplicar eletricidade no ouvido de alguns alunos do Instituto de Surdos de Paris, colocar sanguessugas no pescoço dos surdos, esperando que o sangramento ajudasse de alguma forma, e fazer cortes na tuba auditiva de crianças. [...] nenhum dos experimentos de Itard teve resultados

satisfatórios [...] (ele) concluiu que o ouvido dos surdos estava morto e que não havia nada que a medicina pudesse fazer a respeito (GUARINELLO, 2007, p. 26,27).

Apesar de não ter reconhecimento, o trabalho do francês Auguste Bébien, contemporâneo de Itard escreveu, em 1822, o livro *Mimeographie*, em que procura uma forma de transcrever a língua de sinais francesa. Bébien, mesmo sendo ouvinte, defendia que os professores das escolas de surdos deveriam ser surdos e que o ensino fosse feito na língua de sinais.

Da mesma forma que na Europa, nos Estados Unidos, até o século XVIII, também não havia escolas coletivas para surdos. Em 1817, Thomas Hopkins Gallaudet criou, em Hartford, a primeira escola para surdos dos Estados Unidos da América, usando sinais que foram implementados pelo professor surdo francês, Laurent Clerc. O interesse de Gallaudet por surdos foi despertado por uma vizinha surda, que ele resolveu ensinar utilizando o livro de Sicard, o sucessor de L'Épée no Instituto de Surdos de Paris. Contratado pelo pai da menina, de acordo com Guarinello (2007), Gallaudet foi para a Europa em 1815, inicialmente para a Inglaterra, para conhecer o método da escola implantada por Braidwood, entretanto, os dirigentes da escola não revelaram seu método. Gallaudet foi para a França onde conheceu Laurent Clerc, professor surdo do Instituto de Paris, que foi com ele para os Estados Unidos e, juntos, fundaram, em 1817, a primeira escola para surdos naquele país, a *Connecticut Asylum for the Education and Instruction of Deaf and Dumb Persons*, que utilizava a língua de sinais francesa. Clerc “[...] já afirmava que os surdos faziam parte de uma comunidade linguística minoritária e que o bilinguismo devia ser um objetivo para eles” (GUARINELLO, 2007, p. 27).

Todas as escolas americanas passaram a utilizar a American Sign Language em todas as escolas e houve um reconhecido salto no grau de escolaridade dos surdos americanos. Em 1835, na primeira metade do século XIX, a língua americana de sinais (ASL) foi reconhecida como língua dos surdos dos Estados Unidos, enquanto que, no Brasil, o reconhecimento da Libras, a língua dos surdos brasileiros, só aconteceu em 2002.

Em 1846, o início do período que os estudos surdos denominam de isolamento cultural, pode ser estabelecido com a criação, pelo norteamericano Alexander Melville Bell, pai do cientista Alexander Graham Bell, um dos inventores,

do telefone, a partir de um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, um sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor e, assim, aprendessem a falar. Em 1867, Alexander Graham Bell, então com 20 anos de idade, começa suas pesquisas sobre acústica e fonética, buscando, incansavelmente a oralização dos surdos.

A escola criada em 1817 pelo reverendo Thomas Gallaudet, em 1894, transformou-se na *Universidade Gallaudet*, em Washington, um sonho do reverendo, que foi realizado pelo seu filho Edward Miner Gallaudet. Esta universidade até hoje é referência para o mundo todo.

Com o sucesso do trabalho iniciado por L'Epée e Heinecke, as duas maneiras de se ensinar surdos, a que defendia a linguagem oral e a que utilizava sinais, avançaram e começaram a acontecer encontros mundiais de educadores de surdos para divulgação de suas práticas pedagógicas. Em 1878, em Paris, aconteceu o *I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos*. Foi nesse congresso que os surdos europeus começaram a ter seus direitos civis reconhecidos, conquistando o direito de assinar documentos.

Mas, foi também nesse congresso de Paris que começaram a se fortalecer os grupos que defendiam o oralismo puro, apesar dos bons resultados alcançados pela educação de surdos na França com os sinais metódicos e, a partir de então, o método oral foi dominando as escolas no mundo. Eu fico pensando que isso aconteceu, porque quem decidia sobre a educação de surdos eram os ouvintes e os ouvintes falam, então acham que isso é melhor para todos. Se perguntassem para os surdos, eles iam dizer que os sinais eram mais importantes.

Dois anos depois do Congresso de Paris, em 1880, foi realizado o *II Congresso em Milão*. Esse Congresso foi muito importante, pois, como o oralismo estava mais forte, ocorreram grandes mudanças nas práticas pedagógicas para o ensino dos surdos.

Atualmente, é possível perceber que o objetivo escondido do Congresso de Milão era tornar o oralismo obrigatório na educação de surdos. Isso porque, como já destacado anteriormente, o oralismo havia ficado mais forte depois do Congresso de Paris. Quem defendeu muito o oralismo nesse congresso foi um dos inventores do

telefone, Alexander Graham Bell. Como seu pai havia criado o método da “Fala visível”, que estava alcançando sucesso em fazer os surdos falarem, além de estar terminando uma máquina que, acreditava, iria permitir aos surdos ouvirem (telefone), os participantes do Congresso ficaram convencidos de que os surdos poderiam mesmo falar e ouvir, parecido com o que está acontecendo atualmente com o Implante Coclear.

Bell tinha como objetivo principal eliminar as línguas de sinais, acabar com os casamentos entre surdos e ensinar a língua majoritária na modalidade oral para surdos. Por esses motivos foi considerado pelo primeiro presidente da Associação Nacional de Surdos da América o inimigo mais temido dos surdos americanos (GUARINELLO, 2007, p. 28).

Para conseguirem seus objetivos, os oralistas apresentaram diversos surdos que falavam bem e, na assembleia de encerramento, todos os professores surdos foram proibidos de votar. Dos 164 ouvintes presentes, com exceção dos cinco membros americanos e de um professor britânico, todos os participantes, em sua maioria europeus, votaram por aclamação a aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista, proibindo, a partir de então, a utilização da linguagem de sinais, destituindo, assim, os professores surdos de suas funções. Isto representou um retrocesso de quase um século na educação dos surdos.

Assim, durante quase todo o século XX, a Educação dos Surdos teve o oralismo como Ideologia Dominante.

Apresento, a seguir, os principais pressupostos do oralismo:

A abordagem de enfoque oralista se coloca radicalmente contra o uso da Língua de Sinais ou de qualquer código gestual pelo entendimento de que, sendo a dimensão gestual-visual a mais cômoda para o surdo, esse não irá despender o esforço necessário para aprendizagem de uma língua na modalidade oral, que exige um trabalho difícil, diligente, intenso e muitas vezes enfadonho (SÁ, 1999, p. 82).

O Oralismo ou filosofia oralista visa à integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). A noção de linguagem, para vários profissionais desta filosofia, restringe-se à língua oral, e esta deve ser a única forma de comunicação dos surdos. Para que a criança surda se comunique bem é necessário que ela possa oralizar. O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva (GOLDFELD, 1997, p. 31).

Essa força do oralismo pode ser explicada através da importância, conforme destacam Moura *et al* (2016), que a humanidade, em especial na disciplina de Filosofia, deu para a oralidade. Durante séculos, acreditava-se que a linguagem oral era essencial para o desenvolvimento do pensamento humano.

De acordo com Strobel (2009, p. 100), “[...] durante mais ou menos cem anos, os sujeitos surdos ficaram subjugados às práticas ouvintista<sup>4</sup> dos adversários, tendo que abandonar sua língua de sinais, a cultura e a sua identidade surda”. Em consequência, os surdos só utilizavam sua língua, escondidos, no escuro dos internatos, o que acabou por resguardar as línguas de sinais.

Apesar da proibição da língua de sinais na educação, ela continuava a ser usada por adultos Surdos e pelos estudantes das escolas residenciais especiais. Criaram-se associações de Surdos, nas quais eram realizadas atividades diversas que serviam de ponto de referência fundamental para os Surdos. Grande parte dessas associações estava ligada à Igreja e a outras instituições de caráter religioso e protegia a comunicação por meio de sinais (PEREIRA, 2011, p. 10).

Nós participamos ativamente da criação da Associação de Surdos de Maringá e isto aconteceu mesmo que a escola que estudávamos tenha nos proibido de ter contato com adultos surdos que sinalizavam. Isso passou a ser desobedecido na nossa casa quando minha irmã Marília, aos oito anos de idade, perguntou para minha mãe se o surdo não ficava adulto, se ele morria antes de crescer, porque nem ela e nem eu nunca havíamos visto um surdo adulto. Como minha mãe era professora da Universidade Estadual de Maringá, ela fez um projeto de extensão buscando identificar os surdos de Maringá e colocou alunos para fazerem este levantamento. Na época, ela encontrou 34 surdos adultos em Maringá. Uns bem mais perto do que ela pensava, pois DOIS eram funcionários surdos na UEM e ela nem sabia. Então ela conheceu a Magaly Hackl e sua família. Magaly e seu irmão Ditmar são surdos e a irmã Bárbara estava perdendo a audição. Barbara era casada com um surdo e, através deles, começamos a convidar os surdos e nos encontrávamos em praças da cidade de Maringá, todas as tardes de domingo. Quando conseguimos criar a associação, a prefeitura de Maringá autorizou que a Associação se reunisse em uma das bibliotecas setoriais.

Ainda tenho dois relatos importantes sobre esse momento. O primeiro, é que minha mãe foi chamada na escola e chamaram sua atenção porque ela deixava que minha irmã e eu convivêssemos com adultos surdos. Nós já estávamos com oito anos e nesta idade a escola costumava encaminhar as crianças para as escolas de ensino regular comum, no caso o Instituto Estadual de Educação. A diretora da

---

<sup>4</sup> Ouvintista, segundo Skliar (1998, p. 15) “[...] é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.



escola especializada foi clara com a minha mãe: como nós participávamos da associação, nós ainda iríamos aguardar mais um ano para sermos encaminhadas. Conclusão, fomos para uma escola particular, o Colégio Objetivo, onde fomos muito bem aceitas.

Isso aconteceu mesmo meu pai sendo presidente da Associação mantenedora da escola. Vieram especialistas do Departamento de Educação Especial da Secretaria de Estado da Educação (DEE) que falaram para os meus pais que, se eles quisessem incentivar as outras famílias a participarem da associação, o DEE poderia cancelar o convênio com a escola. Esta nossa história, ocorrida no final da década de 1980, mostra bem a resistência que existia contra a língua de sinais.

Então, voltando a História da Educação de Surdos, sabemos que, por muito tempo, entre os séculos XIX e grande parte do século XX, o oralismo predominou como a abordagem educacional para os surdos, mas, na segunda metade do século XX, isso começou a mudar.

A partir dos anos 1960, com as pesquisas do linguista norteamericano William Stokoe, tem início uma nova fase na educação de surdos, com o reconhecimento das línguas de sinais. Gesser (2009, p. 13), relata que as investigações linguísticas referentes às línguas orais “[...] vêm acontecendo há mais tempo, já que em 1660 (ou seja, trezentos anos antes) desenvolveu-se uma teoria de língua” que associava estruturas e categorias gramaticais a padrões lógicos de pensamento.

Antes das pesquisas de Stokoe, as línguas de sinais não eram vistas nem mesmo pelos sinalizadores “[...] como uma língua verdadeira, com sua própria gramática” (SACKS, 1990, p. 76).

Na década de 1970, as pesquisas continuaram com os linguistas Robbin Battison, Edward S. Klima e Ursulla Bellugi, que aprofundaram os estudos sobre a gramática da ASL. Klima e Bellugi, de acordo com Gesser (2009), conduziram uma importante pesquisa em 1979, demonstrando que a língua de sinais não é mímica.

Com as línguas de sinais conseguindo o status linguístico, começam as pesquisas para saber se essas línguas<sup>5</sup> desempenham, no desenvolvimento

---

<sup>5</sup>Uso o plural porque cada país tem sua própria língua de sinais.



cognitivo dos surdos, o mesmo papel que as línguas orais desempenham no dos ouvintes. Os resultados dessas pesquisas contribuíram para a mudança do que se entende por “fala” e a exclusividade da palavra oral foi derrubada.

O fracasso do longo período de educação de surdos, segundo a abordagem oralista, e a mudança naquilo que se entende por “fala”, que aconteceu após os resultados das primeiras pesquisas linguísticas sobre a Língua de Sinais Americana, comprovando seu estatuto linguístico, os sinais começaram, aos poucos, a voltar para a escola, pela abordagem da **Comunicação Total**, em que, como o próprio nome indica, todos os esforços eram empregados no sentido de uma comunicação mais efetiva entre surdos e entre surdos e ouvintes,

[...] utilizando, portanto, modelos auditivos, manuais e orais. Apesar da oralização não ser o principal objetivo da educação de surdos nessa abordagem, seus defensores entendem que o surdo pode ter acesso à linguagem oral se todos os recursos lhes forem disponibilizados. Assim, a comunicação tanto receptiva quanto emissiva, pode ser alcançada com a fala, a amplificação sonora, a leitura orofacial, o alfabeto digital e sinais. Como tudo o que é falado pode ser expresso por gestos, pode ser visualizado, os sinais são utilizados como apoio na aquisição da linguagem oral e escrita (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2012, p. 33).

Apesar de inicialmente representar uma reviravolta na educação dos surdos e de devolver a esperança aos surdos, seus familiares e professores, a adoção dessa abordagem não teve sucesso, pois os surdos não aprenderam a falar, a escrever e nem mesmo a língua de sinais. Esses resultados e o aprofundamento dos estudos realizados sobre línguas de sinais foram direcionando a educação dos surdos para uma abordagem bilíngue, porém,

O que a comunicação total favoreceu de maneira efetiva foi o contato com sinais, que era proibido pelo oralismo, e esse contato propiciou que os surdos se dispusessem à aprendizagem das línguas de sinais, externamente ao trabalho escolar. Essas línguas são frequentemente usadas entre os alunos, enquanto na relação com o professor é usado um misto de língua oral com sinais (LACERDA, 1998, p. 76).

A partir da década de 1990, e até hoje, a surdez passa a ser considerada como “diferença linguística” e não mais como “deficiência auditiva”. A denominação utilizada para designar os sujeitos passa a ser surdo e não mais “deficiente auditivo”. De acordo com Zanquetta (2006, p. 19), esse momento atual é consequência:

[...] de muita luta dos surdos, seus familiares, professores e profissionais da área, que resultaram em conquistas fundamentais, tais como: o reconhecimento da diferença linguística do surdo; a oficialização da Libras, [...] a potencialização do pedagógico em detrimento do clínico na educação; a possibilidade da educação bilíngue numa dimensão política; o apoio ao

fortalecimento e qualificação da comunidade surda; a formação e capacitação do professor e instrutor surdo; a formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa e, particularmente, um crescente número de pesquisas na área da surdez .

Com a mudança no entendimento sobre a surdez e a convicção de que a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras, possui todos os requisitos de uma língua, com a oficialização da Libras como língua brasileira, a abordagem atualmente adotada é o bilinguismo. Essa abordagem começou a ganhar força no mundo a partir da década de 1980 e, no Brasil, a partir de 1990.

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. [...] O conceito mais importante que a filosofia Bilíngüe traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias (GOLDFELD , 1997, p. 39).

De acordo com essa filosofia, a criança surda deve adquirir o mais cedo possível e inicialmente, a língua de sinais, considerada a sua língua natural. Essa aquisição deve ser feita com a comunidade surda. Somente como segunda língua deveria ser ensinada, na escola, a língua oficial do país, de preferência em sua forma escrita. Apenas quando as condições forem favoráveis deve ser ensinada a Língua Portuguesa na modalidade oral.

A História da Educação de surdos mostra que as abordagens educacionais mudam, porque mudam as concepções sobre não apenas a surdez e os surdos, mas sobre a “fala” e as “conversas”.

Isto aconteceu porque o desenvolvimento do pensamento, a vida em comunidade, a expressão do afeto, tudo aquilo que Moura *et al* (2016) atribuem como uma particularidade da palavra oral é possível com as línguas de sinais em geral e com a Libras em particular.

As abordagens educacionais mudaram, porque mudaram a ideia de surdez e de comunicação. Pessoas estudaram muito sobre surdez e entenderam que a surdez não é uma patologia igual pensava o oralismo e nem só um estigma, que é uma marca que atrapalha porque tem significado social de “anormal” para entender surdez como diferença linguística, que o bilinguismo aceita.

Os estudos que realizei mostram que primeiro se tinha uma ideia de que surdez é problema, mas é o ouvinte que considera um problema, porque se *não escuta*, o ouvinte acha que é muito difícil, mas o surdo que nunca ouviu, não acha

problema. O ouvinte então acha que o surdo sofre, precisa de ajuda, quer “resolver” o problema, e quer fazer o surdo ficar igual ouvinte. Então obriga o surdo a falar, a fazer exercícios de fonoaudiologia que são muito difíceis e cansativos. Eu vivi tudo isso.

Também existem estudos realizados com surdos educados no oralismo que demonstram que os surdos podem nunca serem capazes de raciocinar por hipóteses, o que, segundo Furth (1968), significaria dizer que os surdos seriam *concret minded*<sup>6</sup>, basicamente devido à falta de trocas linguísticas; à falta de experiências vivenciadas e às relações peculiares que os surdos estabelecem com o meio. Poderiam essas questões serem minimizadas, agora que o uso da Libras permite uma comunicação mais efetiva, com o ensino de todas as disciplinas realizado em uma perspectiva dialógica, que favorecesse a mobilidade do pensamento?

O bilinguismo é a abordagem educacional adotada atualmente na educação dos surdos brasileiros. Mas qual foi o percurso até aqui? É o que procuro responder no próximo tópico.

### 2.3 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL E A EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

A preocupação com a educação das pessoas com deficiência no Brasil, de acordo com Januzzi (2006), começa a aparecer nas discussões sobre a concretização das ideias liberais que,

[...] já estavam presentes em alguns movimentos como, por exemplo, a Inconfidência Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1789) e a Revolução Pernambucana (1817), que reuniram numa mesma luta uma série de profissionais: médicos, professores, junto com alfaiates, soldados, etc. (JANUZZI<sup>7</sup>, 2006, p. 6, *apud* CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 67)

A escolarização do surdo brasileiro teve seu início ainda no período imperial, em **1855**, com a chegada do professor surdo francês Ernest Huet e de seu irmão, que veio a convite do imperador D. Pedro II, para iniciar um trabalho de educação de

<sup>6</sup> A expressão *Concret minded* ou pensamento concreto, é utilizada por Furth para designar pessoas que não seriam capazes de raciocinar por hipótese, capaz de abstrações, mas de raciocinar apenas com apoio do concreto.

<sup>7</sup> JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

duas crianças surdas, que tinham bolsas de estudo pagas pelo governo. Huet, ex-aluno surdo do Instituto de Paris, e professor do Instituto de Bourges, trouxe o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais, dando origem à Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com Mazzota (2005, p. 29), o Imperador D. Pedro II acolheu “[...] com simpatia os planos que Huet tinha para a fundação de uma escola para “surdos – mudos” no Brasil, o Imperador D. Pedro II ordenou que lhe fosse facilitado à importante tarefa”.

Houve uma iniciativa anterior, em 1835, quando o deputado Cornélio França propôs a criação do cargo de professor para os anos iniciais do Ensino Fundamental que, naquela época era denominado “professor de primeiras letras”, para ensino dos surdos-mudos no Rio de Janeiro e demais províncias do Império Brasileiro. Este projeto, porém, não foi aprovado, tendo sido rapidamente arquivado.

Somente em 26 de setembro de 1857, 22 anos depois da iniciativa de Cornélio França, foi fundada a primeira escola para surdos do Brasil, no Rio de Janeiro, então sede do Segundo Império, o *Imperial Instituto dos Surdos-Mudos* (ISM), criada pela Lei nº 839. Esta Decisão Imperial pode ser considerada a primeira política pública para a educação dos surdos brasileiros. Posteriormente, o ISM passou a denominar-se Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (INSM). Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa, com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Ernest Huet foi embora do Brasil em 1861, indo trabalhar com a educação de surdos no México.

Em 1876, o imperador do Brasil, D. Pedro II, em visita aos Estados Unidos, foi convidado a conhecer o Gallaudet College e se interessou pelo trabalho lá realizado. Neste mesmo período, D. Pedro encontrou-se com Bell e testou a mais nova invenção deste, o telefone (GUARINELLO, 2007, p. 28).

O Instituto inicialmente utilizava a Língua dos Sinais, mas, em 1911, passou a adotar o Oralismo puro, seguindo determinação do Congresso Internacional dos Surdos-Mudos de Milão. Doutor Menezes Vieira, que trabalhou no instituto, defendia este método, afirmando que nas relações sociais o indivíduo surdo usaria a linguagem oral, e não a escrita, sendo esta secundária para ele.

Menezes Vieira, mesmo sendo professor no INSM, acreditava que era um absurdo se dedicar a alfabetizar surdos num país de analfabetos, considerando que

a comunicação oral seria o único meio do surdo participar da vida em sociedade. De acordo com Honora e Frizanco (2009), o Instituto tinha vaga para 100 alunos do sexo masculino de todo o Brasil, sendo 30 vagas gratuitas.

Cem anos depois de sua fundação, em 1957, pela Lei n. 3198, de 06 de julho, o INSM passou a denominar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos, demonstrando que, já em 1957, se tinha clareza que os surdos não são, necessariamente, mudos. A mudez é causada pelo comprometimento do aparelho fonoarticulatórios. Tem pessoas mudas que não são surdas. E a ampla maioria das pessoas surdas não são mudas.

De acordo com Cunha Júnior (2015, p. 68), em 1872 existiam no Brasil em torno de 11.595 surdos que não estavam sendo atendidos e assim, foram criadas mais nove instituições nos moldes do INSM.

Como esse trabalho quer identificar como aconteceu a transição do oralismo para o bilinguismo e que, como já falei antes, para acontecer essa transição foi preciso mudar o que se entendia como sendo a surdez, vou trazer também, a evolução da legislação brasileira, mostrando como a ideia sobre a surdez vai mudando também.

Porque mostrar a ideia de surdez presente nas leis pode nos ajudar a entender essa mudança? Porque as leis se destinam às sociedades, elas ordenam as relações sociais. Legislação designa o conjunto de leis. Então, a legislação brasileira referente à educação de surdos, é o conjunto de leis, decretos, normas, portarias, enfim, qualquer documento jurídico que trata da educação dos surdos brasileiros.

Para o jurista Miguel Reale (1996, p. 65), uma *lei* pode ser, de maneira bem ampla, entendida como resposta à importância que a sociedade dá para um determinado fato. E a lei sempre vem depois, quase sempre é consequência do que a sociedade quer.

Então, para começar a estudar a mudança na ideia de surdez, do oralismo ao bilinguismo, trago uma lei de 1916 que, no seu parágrafo 5º do Capítulo 1 – *Das pessoas naturais* do Título I – *Da divisão das pessoas*, da Lei 3.071, de 1º de janeiro de 1916, considera que os surdos são incapazes perante a lei:

São **absolutamente incapazes** de escrever pessoalmente os atos da vida civil:

- I – Os menores de dezesseis anos
- II – Os loucos de todos os gêneros.
- III – **Os surdos-mudos, que não puderem exprimir a sua vontade.**
- IV – Os ausentes declarados tais por ato de juiz (BRASIL, 1916), (destaque meu).

Essa ideia começa a mudar, gradativamente, com a criação das escolas e o relativo sucesso dos surdos em sua escolarização.

No Rio Grande do Sul, de forte colonização alemã, a primeira escola foi a Escola da Professora Louise Schimidt, fundada em 1927. De acordo com Rangel (2005, p. 58), “A professora alemã Louise, veio ao Brasil e foi ela quem fundou escola de surdos na capital (Porto Alegre). Essa escola se chamava Instituto Ipiranga”. Ainda de acordo com Rangel (2004), nessa escola eram aplicados castigos físicos às crianças que ousassem sinalizar.

No ano de 1929 foi fundada pelas irmãs da Congregação Nossa Senhora do Calvário, a primeira escola para meninas surdas na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, hoje o Instituto Santa Terezinha.

A partir do dia 18 de março de 1933, até o ano de 1970, o Instituto passa a funcionar na cidade de São Paulo como internato de meninas Surdas. Nos anos 1970, passou a exercer a integração entre meninos e meninas Surdos no ambiente escolar (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 71).

Ainda de acordo com Cunha Júnior (2015), o Código de Educação do Estado de São Paulo, de 1933, já incluía a Educação Especial, seja como modalidade da educação pública, isto é, criando escolas especializadas autônomas, seja como serviço especial, nas escolas públicas comuns, como classes especiais.

O Estado de São Paulo ainda viu nascer, na década de 1950, mais duas importantes instituições: a Escola Municipal Hellen Keller, em 1952, criada para ser o I Núcleo Educacional para crianças surdas, e o Instituto Educacional São Paulo (IESP), criado em 1954, com o objetivo de ensinar crianças surdas.

Foi também na década de 1950, que tivemos a criação, em Curitiba, da Escola EPHETA, por Nydia Moreira Garcez, filha de João Moreira Garcez, que foi prefeito da cidade de Curitiba. Nydia ficou surda aos cinco anos de idade e estudou no Rio de Janeiro com um especialista em educação de surdos, até os dezenove anos. Depois retornou a Curitiba, onde criou a escola.

A década de 1950 foi muito importante para os surdos brasileiros, pois, foi nesta década que surgiram as primeiras Associações de Surdos no Brasil. Em 1954,

foi criada a Associação de Surdos de São Paulo; em 1955, no Rio de Janeiro e em Florianópolis e em 1956, a de Belo Horizonte. O atendimento educacional também foi para frente. Houve uma campanha bem importante:

No Brasil, o atendimento educacional aos Surdos, foi sendo, gradativamente, reconhecido, graças às diversas campanhas voltadas para a educação específica, principalmente, a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (C. E. S. B), promovida por entidades públicas e particulares e instituída pelo Decreto Federal nº 42.728, de 3 de dezembro de 1957 com publicação, no Diário Oficial da União, datada de 23 de março de 1958 (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 73).

Durante esta década de 1950 e a seguinte, a de 1960, as escolas especializadas ou as classes especiais que atendiam os surdos adotavam o oralismo, sendo que eles eram depreciados, viviam fracassando na escola. A principal forma de atendimento destinada aos surdos era a filantropia. O assistencialismo era mais forte do que a ação educativa e quase não existiam pesquisas brasileiras voltadas para a educação de surdos. De acordo com Strobel (2009), como os surdos não eram considerados cidadãos úteis para a sociedade, as escolas não se preocupavam com a formação acadêmica ou profissional dos surdos.

Na década de 1960 surgiu, no Brasil, o primeiro estudo linguístico sobre línguas de sinais, que não era considerada até então uma língua verdadeira. Realizado por William Stokoe, Klima e Bellugi nos Estados Unidos, este estudo demonstrou as características que fazem da língua de sinais uma língua equivalente à oral.

Na mesma época, principalmente nos Estados Unidos, e em menor grau no resto do mundo, iniciou-se um grande movimento, pelo qual as diferentes minorias reivindicavam o direito a uma cultura própria, a ser diferente, e denunciavam as discriminações a que eram submetidas (CUNHA JÚNIOR, 2015, p 75).

Entre 1960 e 1970, chega ao Brasil a Comunicação Total, que basicamente mantinha a língua oral como o grande e principal objetivo da educação de surdos e, para isso, todos os recursos eram usados, como gestos convencionados no próprio grupo, língua de sinais, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita etc. Essa abordagem educacional foi adotada de maneira mais efetiva no Rio Grande do Sul (Escola Concórdia de Porto Alegre) e no Rio de Janeiro.

A Comunicação Total não ajudou muito os avanços acadêmicos dos surdos, porque é impossível usar duas línguas tão diferentes ao mesmo tempo. Então, a língua de sinais era desprezada. Não se ensinava suas regras gramaticais e daí era



simplesmente utilizada a sintaxe da Língua Portuguesa oral, colocando apenas os sinais na frase, o que é chamado de Português Sinalizado.

Em 1969, apareceu o primeiro dicionário, **Linguagem das Mãos**, organizado pelo missionário americano Eugênio Oates. Como os surdos não tinham onde aprender sua língua, esse dicionário foi muito bem aceito. Na minha casa havia uma cópia que conseguimos do primeiro presidente da Associação Dos Surdos de Maringá (ASUMAR), o Marcel Toledo Rodrigues. E isso já na década de 1990. Mesmo velho e com os sinais da *American Sign Language*, esse livro era muito precioso e a gente só via em casa e nos encontros da Associação. Era proibido levar na escola.

Durante as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, a surdez era vista como “deficiência” e, com a esperança proporcionada pela Comunicação Total de que o surdo conseguiria melhores resultados escolares, os surdos, que naquela época eram designados por deficientes auditivos, começam a receber um atendimento educacional mais efetivo, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

No Paraná, a Comunicação Total não conquistou espaço, pois a metodologia oralista era ainda muito forte, mas, a educação de surdos também conquistou espaço, com a expansão do atendimento especializado nos municípios do Estado.

Foram realizados seminários de conscientização em praticamente todos os municípios paranaenses, promovidos pelo Departamento de Educação Especial da Secretaria de Estado da Educação, sendo estabelecidas parcerias com as Instituições de Ensino Superior para a oferta de Estudos Adicionais para a formação de professores para o ensino dos deficientes auditivos; foram comprados equipamentos para as salas de recursos de todo estado. A ênfase, todavia, estava na “reabilitação” e não se direcionavam as ações para a aquisição de conteúdos escolares.

Os professores foram transformados em “terapeutas” com capacitação sobre diferentes métodos oralistas, geralmente estrangeiros, buscando estratégias de ensino para ensinar o surdo a falar, a fazer leitura labial e submetê-los a exaustivos treinamentos auditivos de maneira a aproveitar ao máximo suas próteses auditivas.



Os alunos surdos, transformados em “pacientes”, eram “[...] vistos como deficientes e proibidos de utilizar sinais para se comunicar; na escola, eram **poupados** dos conteúdos escolares mais complexos e, quando matriculados no ensino regular, eram empurrados de uma série para outra” (ZANQUETTA, 2006, p. 19). Eu grifei a palavra “poupados” no texto de Zanquetta (2006), porque, na minha opinião, nós não éramos “poupados”, mas, sim, privados dos conteúdos escolares. Nós ficávamos tanto tempo “aprendendo falar” que não dava tempo de estudar outras coisas, como Matemática, História, Geografia.

O fato dos surdos aprenderem “menos conteúdos” era naturalizado pelos docentes pois, durante “[...] muitos anos, os professores estabeleceram, de forma absurda, objetivos de baixo nível para as crianças surdas, não lhes possibilitando por isso grandes expectativas escolares e profissionais” (GOMES, 2010, p. 29).

Como eu sou trigêmea e nosso irmão não é surdo, minha irmã e eu víamos os livros e cadernos dele e tínhamos consciência do quanto nossa educação estava atrasada em relação a dele. Lembro que eu ficava olhando fascinada para os livros que ele usava na escola e nós só tínhamos cópias em cadernos ou folhas mimeografadas pelos professores das classes especiais. Em nossa sala de aula, os alunos eram de faixa etária diferente e possuíam conhecimentos diferentes. Em uma mesma folha de atividades mimeografada pela professora, havia conteúdos para atender a todos os alunos, então a professora falava quais atividades era para a gente fazer. Outro momento difícil era quando minha mãe encapava os cadernos de todos nós, os cinco. Nos cadernos dos meus irmãos ela colava uma etiqueta com o nome deles e o ano (naquela época era série) que eles estudavam. Minha irmã e eu tínhamos bem menos cadernos do que eles, e não tinha na etiqueta qual era o ano que a gente estudava. Isso deixava a gente bem curiosa.

De maneira geral, a educação dos surdos era feita em classes especiais. Apenas grandes centros, como as capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Curitiba mantinham escolas especializadas, sendo que a maioria delas não oferecia escolarização regular. Cunha Júnior (2015), citando Mazzotta (2005) relata que a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 previa recursos para as classes especiais: “Na intenção de suprir a carência orçamentária, a Lei nº 5.692/71 estabelecia como proposta, “melhorar” recursos Institucionais e financeiros com o intuito de

funcionamento de classes especiais da rede de ensino estadual” (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 74).

Somente em 1980 começaram no Brasil os primeiros Estudos Linguísticos sobre a Língua de Sinais e teve o primeiro boletim do GELES - Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez, da Universidade Federal de Pernambuco, no Recife.

Em 1981, antes mesmo de eu nascer, a ONU estabeleceu o Ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981) e aconteceram no Brasil muitos eventos neste ano e nos seguintes, com a participação dos surdos, que começaram a se interessar em pesquisar sua língua, em como ela poderia ser ensinada de maneira mais pedagógica. Os surdos começaram também a fazer teatro e poesia em Libras, a assumirem sala de aula, como instrutores, monitores e professores.

As discussões que começaram em 1981 e se seguiram por toda a década percorreram todo o país e uma das principais questões era sobre como deveria ser a educação dos surdos. Minha mãe participou ativamente dessas discussões e ela conta que elas não ficavam presas nas questões didático-pedagógicas. O que se percebia era que estava mudando a ideia que as pessoas faziam sobre a surdez.

Nesta década de 1980 foram iniciadas as discussões sobre bilinguismo no Brasil, caracterizado por Sá (1999), como uma “Virada linguística”. Foram os linguistas, professores e estudantes de Letras, isto é, os membros da academia, que introduziram novos paradigmas para a Educação de Surdos, através da realização de eventos com apresentação de pesquisas de acadêmicos, monografias, dissertações e teses contendo propostas e relatando experiências. Foi também nesta época, que os então chamados “*deficientes auditivos*” passaram a ser denominados *surdos* e que foi entendida a necessidade de reconhecer o verdadeiro valor da cultura e da linguagem surda para o desenvolvimento cognitivo e da identidade dos surdos (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, 2018, p. 5,6)

Em 1986, a Língua de Sinais passou a ser defendida no Brasil por profissionais influenciados pelos estudos divulgados pela *Gallaudet University*. Nessa mesma época, a língua de sinais utilizada pelos surdos das capitais do Brasil foi denominada pela sigla LSCB - Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. Também foi descoberta a existência de outra língua de sinais no Brasil, a LSUK - Língua de Sinais dos índios Urubus-Kaapor.

Os avanços nas pesquisas sobre as línguas de sinais recomendam que a criança surda tenha acesso o mais cedo possível à língua de sinais e que, posteriormente, aprenda a língua de seu país, se necessário, apenas na modalidade

escrita. Essa filosofia de educação dos surdos é a que está valendo atualmente e se chama Bilinguismo. Para que os surdos brasileiros pudessem ter direito a uma educação bilíngue, muitas lutas aconteceram.

Durante a Assembleia Constituinte de 1988, a então recém criada Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) (reestruturada em 1987) teve intensa participação, lutando pelo reconhecimento da Língua de Sinais. Minha mãe foi depor na Comissão das Minorias, coordenada pelo Deputado paranaense Alcenir Guerra, representando os pais de surdos e ela conta que, naquela época, a então presidente da FENEIS, Ana Regina Campello, pediu que minha mãe reforçasse o apelo pelo reconhecimento da Libras. Minha mãe também estava “impregnada” pelo oralismo e disse que o sonho dela “era que as filhas aprendessem a falar”. Mas minha mãe conta que participar com os surdos da FENEIS, naquele momento, foi muito importante para “mudar suas ideias”, “mudar sua concepção de surdez”.

Não conseguimos reconhecer a Libras na Constituição de 1988 e, por isso, é errado dizer que a Libras foi “oficializada” como língua brasileira. Isto não é verdade. Para se considerar a Libras como língua oficial do Brasil, seria preciso alterar a Constituição. A Lei da Libras apenas “reconhece” a Libras como o meio de comunicação do surdo brasileiro. Mas, mesmo não conseguindo a “oficialização” da Libras, a mobilização dos surdos foi importante para começar a conscientização e, para a elaboração do Plano Decenal de Educação (BRASIL, 1993), da década seguinte, foram diversos os eventos realizados em todo Brasil, com intensa participação de pesquisadores e de surdos.

O primeiro resultado prático foi a Política Nacional de Educação Especial (PNEE) (BRASIL, 1994), na qual, apesar de ainda serem denominados como deficientes auditivos, terminologia fortemente relacionada ao oralismo, aparece pela primeira vez, de forma explícita em um documento oficial brasileiro, a questão da língua de sinais na educação de surdos, porém, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), promulgada após à PNEE, não faz nenhuma menção específica à educação dos surdos, contemplando, de maneira ampla, a Educação Especial (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, 2018, p. 6).

Fechando a década de 1980, temos a Lei 7.853 de 24 de outubro de 1989, que estabeleceu “normas gerais para o pleno exercício, dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiência e sua efetiva integração social” (BRASIL, 1989). Esta lei também reestrutura a CORDE – Coordenadoria Nacional

da Pessoa Portadora de Deficiência, cuja primeira coordenadora foi a paranaense Maria de Lourdes Canziani. A CORDE foi inicialmente ligada diretamente à presidência da República e teve vida curta como órgão autônomo. A CORDE era responsável por todas as ações destinadas às pessoas com deficiência, inclusive às administrativas e financeiras das escolas especializadas. Já em 1990, com o Decreto 99.678, essa responsabilidade passa a ser da Secretaria Nacional de Educação Básica (SENEB) do MEC, visando juntar a Educação Básica com a Especial.

Se a Libras só foi reconhecida como a língua dos surdos brasileiros em 2002, no final da década de 1990, muitos Estados, como o Estado do Paraná, já haviam feito esse reconhecimento. Tudo foi caminhando. Em 2000, nós passamos a ter direito ao intérprete, porque a Lei da Acessibilidade, a Lei 10.098 (BRASIL, 2000), considera que acessibilidade também significa direito à informação e comunicação. Mas, nessa lei, ainda se fala em pessoa portadora de deficiência auditiva ou deficiente auditivo, seguindo a denominação do oralismo.

Foram vários eventos realizados no Brasil durante esta década de 1990 discutindo a proposta bilíngue e, em 1999, a Comunidade Surda elaborou um documento durante a preparação do *V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos*, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, de 20 a 24 de abril de 1999.

Esse documento, sugestivamente intitulado *A Educação que nós surdos queremos*, apresenta 147 tópicos, tratando do “[...] estabelecimento de propostas pedagógicas, princípios educativos, estrutura escolar, formação de profissionais etc.” (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 185). O documento é enfático em destacar a importância da Libras, considerando como:

[...] eixo de fundamental importância na essência da educação de Surdos está a proposta de incorporação da Língua de Sinais como a língua dos Surdos em todas escolas e classes especiais. O objetivo é que entre todo o corpo discente e docente, a Língua de Sinais seja compreendida como a língua dos surdos e não mais sua linguagem. Que os sinais, vistos apenas como uma forma de comunicação ganhe espaço e sejam compreendidos como a Língua própria do Surdo Brasileiro e, desta forma, possam promover a conscientização sobre a identidade Surda (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 188).

Continuando a preparação para a Lei da Libras, que já estava com o projeto tramitando no Congresso, no ano seguinte da Lei da Acessibilidade, o Plano

Nacional de Educação (BRASIL, 2001) trata especificamente da Libras na sua meta nº 11: Implantar, em cinco anos, e generalizar, em dez, o ensino da Língua Brasileira de Sinais para alunos surdos e, sempre que possível, para seus familiares e para o pessoal da unidade escolar, mediante um programa de formação de monitores, em parcerias com organizações não governamentais. Aqui, já aparece a denominação de surdos.

Para poder cumprir esta meta nº 11, o MEC criou, também em 2001, o Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Mas tudo isso aconteceu, porque, em 2001, existiam mais de 50.000 alunos matriculados no Ensino Fundamental e que iam muito mal na escola. O MEC entendeu que precisava mudar a educação dos surdos.

As discussões que começaram na década de 1980 e continuaram por toda década de 1990, a mobilização na Constituinte em 1988, a PNEE de 1994, a adoção, pelos Estados Unidos, Europa – em particular a Escandinávia e de alguns países da América Latina do bilinguismo, o documento *A educação que nós surdos queremos*, de 1999, aliados à situação de fracasso escolar dos estudantes surdos brasileiros foram a base para o Programa Nacional de Apoio à Educação de surdos, de 2001. O programa possuía três metas: organizar cursos de capacitação para profissionais da educação –; implantar centros de apoio à capacitação dos profissionais e à educação de surdos (CAP) a ser cumprida em médio prazo e modernizar as salas de recursos para atendimento dos surdos (a médio prazo).

Para atender a essa meta, o MEC, em parceria com as secretarias estaduais de Educação e as Secretarias Municipais de Educação das capitais brasileiras, levou dois surdos de cada estado para Brasília. Lá, esses surdos, juntamente com representantes da FENEIS (surdos e intérpretes) e com a supervisão da linguista da Universidade Federal de Pernambuco, Tania Amara Felipe, procuraram uniformizar a Libras o máximo possível; organizar nossa língua, principalmente sua gramática, porque como ela havia ficado proibida durante muito tempo, as variações linguísticas eram muitas. Os representantes estaduais voltaram a seus estados e atuaram como multiplicadores do que haviam aprendido.

No Estado do Paraná foram realizados diversos cursos. O primeiro deles foi um grande encontro em Faxinal do Céu. Minha irmã participou desse encontro e dos

demais cursos. Depois ela ministrou cursos para professores estaduais no Instituto Estadual de Educação de Maringá e para os professores do então Colégio Modelo de Maringá, escola especializada para surdos.

Como resultado material deste Programa, foi produzido pelo MEC, em conjunto com pesquisadores e com a FENEIS, o material didático “Libras em Contexto”, que foi o primeiro material de características oficiais para o ensino de Libras do Brasil, o qual, em 2009, teve publicada sua 9ª edição.

Depois de todas essas mudanças, em 2002 foi aprovada a Lei 10. 436 de 2002, a Lei da Libras (BRASIL, 2002). Nesta lei, a Libras é definida como a “[...] forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades **de pessoas surdas** do Brasil” (BRASIL, 2002). Também fica estabelecida a obrigatoriedade da componente curricular Libras, em todo curso de formação de professores e de fonoaudiólogos. A Lei da Libras estabelece, todavia, que a Libras não substitui a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

A Lei nº. 10.436/2002 marca o início de uma nova e promissora era no que diz respeito à pessoa surda, sua capacidade, identidade e formação. Essa lei reconhece não somente que a Libras é uma Língua e que como tal deve ser respeitada, mas que a comunidade surda, sua cultura e sua identidade também devem ser respeitadas. As leis da acessibilidade, de 2000, e a da Libras, de 2002 foram regulamentadas pelos Decretos 5296 de 2004 e pelo Decreto nº 5.626 de 2005 (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, 2018, p. 8).

Quando uma lei é aprovada ela não entra em vigor imediatamente. Em uma lei aparecem somente os aspectos mais gerais da lei. Para entrar em prática, uma lei precisa de um Decreto que a regulamenta. A Lei da Acessibilidade (Lei 10.098) foi regulamentada por dois decretos. Um deles, o Decreto 5.296/2004, trata de todos os artigos da Lei 10.098, com exceção dos artigos 18 e 19, que tratam do direito ao intérpretes. Esses artigos são regulamentados pelo Decreto 5.626, de 2005. Esse Decreto regulamenta também a Lei da Libras, a Lei 10. 436 de 2002.

Mas o que eu quero destacar é que, nesse Decreto 5.296/2004, mesmo sendo promulgado após a Lei da Libras, as pessoas com surdez voltam a ser denominadas de deficientes auditivas e a ter sua caracterização estabelecida pelo modelo médico, com classificação decorrente do grau da perda auditiva. Além disso,

a palavra *Libras* aparece como sigla, em contraposição aos avanços conquistados com a Lei 10.436 de 2002, que caracteriza a surdez como experiência visual e substantivou esta sigla. Isto significa que não devemos mais escrever a palavra Libras com todas as letras maiúsculas, como quando ela representava a sigla: LI (língua) BRA (brasileira) de S (Sinais). Mesmo em se tratando de uma sigla, estaria errado escrever tudo com maiúscula, pois, se fosse sigla, o correto seria representar assim: LiBraS.

O fato de se ter um recuo na forma como denominar as pessoas com surdez mostra que nem sempre são especialistas em surdez que participam da elaboração da legislação e das políticas públicas destinadas aos surdos. Este é um dos principais problemas da legislação destinada ao segmento das pessoas com deficiências como um todo: não se considera as especificidades e, assim, perdem-se conquistas importantes.

O Decreto Federal nº 5.626/2005 regulamenta a Lei da Libras e assim, destina-se apenas ao segmento surdez e nele é possível identificar as mudanças alcançadas em 2002, uma vez que considera pessoa surda como “[...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005). Este decreto estabelece o que é preciso fazer para que a abordagem bilíngue seja adotada nas escolas públicas e particulares do país. Define ainda que escola ou classe bilíngue são aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam as línguas utilizadas no ensino. Também é este Decreto que torna obrigatório o ensino de Libras para os futuros professores e para os fonoaudiólogos (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, 2018; p. 7,8).

O Decreto 5626 de 2005 resume as principais conquistas dos surdos, inclusive que deve ser dada prioridade aos surdos para ministrarem as aulas de Libras. Também prevê a criação dos cursos de licenciatura em Letras/Libras

Em 2006 tem início o curso de Licenciatura em Letras/Libras, com nove polos, coordenados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujas vagas são destinadas, prioritariamente, a estudantes surdos. Em 2010 forma-se, em Florianópolis, na UFSC, a primeira turma de Licenciados em Letras/ Libras, formada exclusivamente por surdos, da qual eu fui uma das formadas. No ano seguinte, minha irmã também se formou, pelo polo da Universidade Federal da Grande Dourados.

Antes de ingressarmos no Curso de Licenciatura Letras/Libras, minha irmã e eu já tínhamos concluído cursos de graduação (ela em Gastronomia e eu em Artes



Visuais). Nossas graduações foram realizadas em uma Universidade Privada, sem a presença de intérpretes. Inicialmente, nossa mãe se revezava interpretando para nós. Como fazíamos cursos diferentes e ambos no período da manhã, escolhíamos quais as matérias eram mais importantes e daí nossa mãe corria de uma sala de aula a outra. No nosso segundo ano, minha irmã estava namorando seu hoje marido e os pais dele e os nossos contrataram uma intérprete, dividindo as despesas. Minha mãe também decidiu contratar uma intérprete para mim. Primeiro nós tentamos que a instituição contratasse ou que nos ajudasse com bolsa de estudos, mas não conseguimos nada.

Este relato é importante, porque quero destacar como o curso de Letras/libras realizado totalmente em Libras, com professores surdos ou fluentes em Libras, com colegas surdos, com intérpretes disponíveis, com material didático que destacavam o aspecto visual foi importante para nós. Parecia que a gente estava em um “mundo surdo”. Pela primeira vez estávamos estudando sem precisar do auxílio de um ouvinte. Não precisávamos de ajuda para nada. Entendíamos as aulas, sabíamos quais eram nossas obrigações, ninguém precisava nos avisar das datas de provas e trabalhos. Foi um período em que nos sentimos valorizadas, autônomas, importantes. Conversávamos muito sobre isso e principalmente percebemos que, nesse curso, a gente não necessitava, como em outros momentos de nossa escolarização, do apoio de nossa mãe. Não era por causa dela que a gente estava tendo um bom desempenho. No curso de Letras/Libras, nossos colegas surdos, que não contavam com apoio como nós, também seguiam adiante. E nossa mãe, foi dispensada!

Preciso destacar que é muito difícil para mim apenas narrar acontecimentos históricos dos quais participei. Cada fato, cada pedaço da história da educação do surdo no Brasil me traz lembranças porque eu faço parte desta história.

Dizer que a Lei da Libras representou um marco na nossa história é um fato. Não apenas pelo seu objeto, de reconhecer como legítima a forma de comunicação, mas pelo que veio depois dela. O curso de licenciatura Letras/Libras, a obrigatoriedade de intérprete durante toda a escolarização do surdo, inclusive na pós-graduação; a oportunidade de trabalharmos como professores de cursos



superiores; as pesquisas sobre nossa língua; o surgimento de revistas que apresentam trabalhos acadêmicos videogravados. É mesmo um mundo novo.

Da mesma maneira que as leis só entram em vigor depois que há o decreto que as regulamentam, quando o Brasil participa de algum evento internacional e assina os documentos resultantes das discussões, esses documentos só passam a ter função de lei quando são regulamentados por um Decreto.

Este é o caso do Decreto 6949 (BRASIL, 2009) que dá força de lei para a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. O Decreto demorou dois anos para ser aprovado, mas o entendimento do que são pessoas com deficiência avançou muito com esse decreto, pois tira, na definição de deficiência, o foco das dificuldades do indivíduo para as condições do lugar que ele vive, a saber: pessoas com deficiência são aquelas que têm “[...] impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Especificamente em relação aos surdos, este decreto assegura o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, à informação e comunicação. Neste decreto também fica claro que os governos, municipal, estadual e federal, precisam aceitar e facilitar, em trâmites oficiais, o uso de línguas de sinais e também precisam garantir que a educação dos surdos seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.

A Política Nacional de Educação Especial (PNEE) (BRASIL, 2008) na perspectiva inclusiva, de 2008, apesar de estabelecida um ano antes do Decreto 6949/ 2009, tem o mesmo entendimento a respeito do que são pessoas com deficiência, porque já era conhecida a definição de deficiência do protocolo que foi aprovado na Convenção Internacional que aconteceu em 2007, em Nova Iorque. De acordo com a PNEE/2008, a atuação da Educação Especial deve ser articulada com o ensino comum, e se efetiva mediante o atendimento às necessidades educacionais especiais dos educandos constituintes de seu público alvo, com a oferta, em contraturno, do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Na PNEE podemos ver que, para o MEC, a Educação Especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, que levaram a criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Ainda segundo a PNEE (BRASIL, 2008), essa organização estava fundamentada no conceito de normalidade/anormalidade, com formas de atendimento clínico terapêuticos que seriam as bases das práticas escolares para os alunos com deficiência.

Com esse entendimento, a PNEE/2008 deixa claro que não mais deverão ser criadas escolas especiais e orienta que as já existentes devem ser transformadas em centros educacionais especializados para ofertar AEE, sem ofertar escolaridade regular, considerando que deve ser garantido “[...] direito de todos os alunos pertencerem a uma mesma escola, de estarem todos juntos aprendendo e participando sem nenhum tipo de discriminação” (BRASIL, 2008, p. 1)

De acordo com a PNEE/2008 o trabalho pedagógico com os alunos com surdez nas escolas inclusivas deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngue, ou seja, em um espaço em que se utilize a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, o que é garantido pela presença do intérprete. Essa é uma ideia equivocada sobre a inclusão para os surdos, porque ele acaba quase que interagindo somente com o intérprete, porque os professores e os colegas não sabem Libras, na maioria das vezes.

Assim, o trabalho pedagógico com os alunos com surdez nas escolas comuns, de acordo com as orientações do MEC estabelecidas na PNEE/2008, deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngue, ou seja, em um espaço em que se utilize a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Um período adicional de horas diárias de estudo é indicado para a execução do **Atendimento Educacional Especializado**<sup>8</sup>. Nele destacam-se três momentos didático-pedagógicos: **Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras; Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras e Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa.**

No **Atendimento Educacional Especializado em Libras** na escola comum, todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares são explicados nessa

---

<sup>8</sup> Extraído do Livro **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**, de autoria de Mirlene Ferreira Macedo Damázio, publicado pelo MEC e disponível para download no site do MEC.

língua por um professor, sendo o mesmo preferencialmente surdo. A organização didática desse espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado

O **Atendimento Educacional Especializado em Libras** oferece ao aluno com surdez segurança e motivação para aprender, sendo, portanto, de extrema importância para a inclusão do aluno na classe comum.

Já no **Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras** na escola comum os alunos com surdez têm aulas de Libras, favorecendo o conhecimento e a aquisição, principalmente de termos científicos. Este trabalho é realizado pelo professor e/ ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais.

O professor surdo no ensino de Libras oferece aos alunos com surdez melhores possibilidades do que o professor ouvinte porque o contato com crianças e jovens com surdez com adultos com surdez favorece não apenas a aquisição dessa língua como também a construção de identidades surdas.

No **Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa** são trabalhadas as especificidades dessa língua para pessoas com surdez. O ensino é desenvolvido por um professor, preferencialmente, formado em Língua Portuguesa que conheça os pressupostos linguísticos teóricos que norteiam o trabalho, e que, sobretudo acredite nesta proposta, estando disposto a realizar as mudanças para o ensino do Português aos alunos com surdez.

O que se pretende no Atendimento Educacional Especializado é desenvolver a competência gramatical ou linguística, bem como textual, nas pessoas com surdez, para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas. Além disso, o AEE deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua Portuguesa.

Para completar a descrição do modelo atual de inclusão dos surdos brasileiros, resta comentar a presença de **Intérprete de Libras** na sala de aula, que é fundamental para a inserção das pessoas com surdez, que são usuárias da Língua de Sinais.

O intérprete deve conhecer com profundidade, cientificidade e criticidade sua profissão, a área em que atua, as implicações da surdez, as pessoas com surdez, a Libras, os diversos ambientes de sua atuação a fim de que, de posse desses conhecimentos, seja capaz de atuar de maneira adequada em cada uma das situações que envolvem a tradução, a interpretação e a ética profissional.

Consideramos que o ideal é que o professor conheça Libras, mesmo com a presença de intérpretes. Não é viável que a aula seja ministrada m Libras, mas deve existir comunicação, mesmo que funcional, entre o professor e o aluno. Além disso, o intérprete geralmente não domina todo conteúdo de todas as disciplinas e é preciso ter certeza de que o que está sendo repassado aos alunos é o que está de fato sendo explicado pelo professor.

Cabe destacar que, no caso do aluno surdo, que não domina a língua utilizada pela ampla maioria em sala de aula, inclusive a professora, ele acaba por depender exclusivamente do ILS para seu aprendizado. Esta dependência exclusiva pode gerar sérios problemas de não-aprendizagem, [...] caso não ocorra interação comunicativa entre professor e alunos, não podemos falar sequer na possibilidade de “aulas” (BORGES; NOGUEIRA, 2012, p. 101).

Com a intenção explícita da extinção das escolas especializadas expressa na PNEE, e com a constatação de que a proposta inclusiva com a presença de intérpretes não garantia um ensino de boa qualidade para os surdos, após mobilização da sociedade em geral e que contou com intensa participação da comunidade surda, mediante a FENEIS, foi promulgado o Decreto 7.611 (BRASIL, 2011). Este decreto estabelece as diretrizes que normatizam o dever do Estado para com a *população-alvo da educação especial*, garantindo a manutenção de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às escolas especializadas, que estavam sob a iminência de extinção em função da proposta inclusiva. O resultado da movimentação da sociedade e dos surdos foi que o Decreto garante todas as diretrizes e princípios dispostos no Decreto 5626/ 2005.

A partir deste Decreto 7.611 de 2011, as escolas especializadas para surdos deixaram de ser consideradas escolas de “educação especial” e passaram a ser consideradas como escolas de ensino regular bilíngues para surdos e, assim, nosso espaço estava preservado.

Quando se trata da inclusão educacional é preciso pensar que o aluno surdo é o que mais encontra dificuldade. Para entender essa minha afirmação é só pensar

em uma sala de aula. O que acontece lá? O professor “fala” para explicar esperando que o aluno aprenda “ouvindo”. Nogueira, Carneiro e Soares (2018, p. 42) tratam dessa dificuldade do surdo na escola inclusiva e afirmam:

Dentre os alunos com necessidades educativas especiais que encontram maiores dificuldades nesse processo de inclusão estão os surdos, pois o processo de ensinar e aprender ainda se sustenta quase que exclusivamente na comunicação oral. Como a comunicação oral é sensivelmente prejudicada, a educação de surdos apresenta dificuldades e limitações, exigindo práticas pedagógicas diferenciadas que mudaram radicalmente ao longo dos anos.

Quando considero que a inclusão pode trazer dificuldades para os alunos surdos, eu não estou querendo “separar” surdos de ouvintes, ou o nosso isolamento. Concordo com o pesquisador surdo Elias Paulino da Cunha Júnior quando considera que não se trata de defender:

[...] o isolamento do Surdo em relação ao ouvinte ou vice-versa porque é importante a contribuição e participação dos ouvintes com relação à cultura Surda. Exemplo disso são os intérpretes, que inseridos no universo cultural dos surdos, passam a entender com mais clareza a dimensão do contexto social vivido pela Comunidade Surda, mas que o Surdo usufrua de uma educação de qualidade, voltada para a socialização (CUNHA JÚNIOR, 2015, p. 207).

Em 2015 foi promulgada a Lei 13.146 (BRASIL, 2015), a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência, que institui o Estatuto das Pessoas com Deficiência e deixa claro quais são seus direitos e quais os deveres do Estado (aqui entendidos como os poderes públicos Federal, Estadual e Municipal). Para se constituir em Lei, o projeto do Estatuto das Pessoas com Deficiência tramitou por muitos anos, uma vez que não havia unanimidade nem mesmo entre as pessoas com deficiência sobre a pertinência deste documento.

De acordo com Nogueira, Carneiro e Soares (2018), para os defensores do Estatuto era importante ter um documento específico para dar maior visibilidade às pessoas com deficiência. Também defendiam que poderia facilitar nas reivindicações dos direitos porque todas as leis que garantiam as conquistas até aí, estariam em um único documento.

Para outros, o Estatuto deixaria explícito a exclusão desse segmento do conjunto das demais pessoas da sociedade. Isto porque, enquanto o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso se remetem a cidadãos em fase específicas de sua vida, ou seja, os que ainda exercerão plenamente seus direitos em sua fase adulta e os que buscam a extensão de seus direitos para a velhice, as pessoas com deficiência, enquanto crianças, adolescentes, adultos e idosos gostariam de ter seus direitos garantidos da mesma forma que os demais indivíduos. Assim, por exemplo,

no ECA deveria estar estabelecidos os direitos da criança e do adolescente com deficiência, assim como em toda legislação e políticas públicas brasileiras (NOGUEIRA; CARNEIRO; SOARES, 2018, p. 53).

No que se refere especificamente à educação, a Lei 13.146 de 2015, em seus artigos 27 e 28 preconiza o atendimento na perspectiva inclusiva, mas garante aos surdos, no inciso IV do art. 28, o direito de estudar em escolas bilíngues, ou seja, as escolas especializadas. Trata da tecnologia assistiva e da formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, estabelecendo os requisitos para ser intérprete.

Trata ainda da obrigatoriedade da tradução, para Libras, de editais de concursos públicos (inclusive os concursos vestibulares) e estabelece, no inciso VI do Art.30, “[...] adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2015). Penso que esse critério também deveria ser aplicado no caso de trabalhos acadêmicos, razão pela qual, optei, neste meu trabalho, pela retextualização diferida, que explico melhor na próxima seção, quando descrevo meu percurso metodológico.

Esta lei também atribui ao Poder Público a responsabilidade de incentivar: pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva; a formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, a oferta de ensino da Libras e do uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação. Esta lei também aborda as condições de acesso e permanência dos estudantes surdos em cursos superiores estimulando e apoiando, inclusive a adaptação e a produção de artigos científicos em Libras e garantindo a presença de intérpretes em congressos, seminários, oficinas e demais eventos de natureza científico-cultural (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, p. 2018, p. 10)

A mais recente legislação referente à educação de surdos é o Decreto nº 9.508, de 24 de setembro de 2018, que regulamenta a reserva às pessoas com deficiência percentual de cargos e de empregos públicos ofertados em concursos públicos e em processos seletivos no âmbito da administração pública federal direta e indireta. Já em seu Art. 1º, inciso II, estabelece que fica assegurado ao candidato com deficiência auditiva o acesso a tecnologias assistivas na realização de provas, como: prova gravada em vídeo por fiscal intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras e autorização para utilização de aparelho auricular.

Desde 2017, as provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) já foram realizadas neste formato.

Apenas comparando o estabelecido na Lei 3.071, de 1916, que considera os surdos incapazes perante a lei, por não poderem exprimir a sua vontade, e o contido na Lei 13.146/2015, de que o poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras, é possível evidenciar a mudança no modo de entender o que é o surdo e a surdez neste período de um século: passou de ser considerado incapaz, em 1916, para alguém com condições de seguir carreira acadêmica, capaz de produzir e consumir artigos científicos.

Minha irmã e eu, vivenciamos todo esse período de mudança do oralismo para o bilinguismo, embora na escola especializada em que estudamos não tenha acontecido a passagem pela Comunicação Total. Foi mais radical a mudança: passou direto do oralismo ao bilinguismo. A mudança em nossa escola começou, segundo Zanquetta (2006), no ano de 1994, quando a escola conseguiu uma sede própria, situada no Campus da Universidade Estadual de Maringá, deixando de ser apenas um apêndice de uma escola municipal.

Até 1994, nossa escola ainda não era, pelo menos do ponto de vista legal, uma “escola”. Era um *Centro de Reabilitação de Menores Deficientes Auditivos* e tinha, como principal objetivo, preparar as crianças para ingressarem no ensino regular comum, mediante o treinamento auditivo com o uso de próteses, a aprendizagem da leitura labial e a aquisição da língua oral. Não era ofertada a escolarização seriada.

Como, de maneira informal, neste ano de 1994 a escola contava com alunos que poderiam ser considerados da Educação Infantil e do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental, foi elaborado um projeto para a criação de uma escola de ensino regular especializada para surdos.

Tal processo foi apresentado ao Departamento de Ensino de 1º Grau da SEED-PR para apreciação, com fins de regulamentação da vida acadêmica dos alunos. Em decorrência disso, contando com o apoio e incentivo do Departamento de Educação Especial da SEED, em janeiro de 1995, através da Resolução nº 195, criou-se na escola o ensino de 1º grau. Os alunos foram submetidos a um exame classificatório com provas elaboradas de acordo com os conteúdos referentes à série anterior a que o aluno se encontrava. Uma banca, composta por professores, coordenação do Núcleo de Educação e coordenação pedagógica da escola, aplicou e corrigiu as



provas; ficou, assim, regularizada a situação dos alunos (ZANQUETTA, 2006, p. 26).

A partir de 1995, agora com o nome de Colégio Modelo de Maringá, começou a oferta da segunda fase do Ensino Fundamental e, assim, foram contratados professores especialistas nas diversas disciplinas, sem que esses fossem especializados na área da surdez, como acontecia com os professores polivalentes<sup>9</sup>, e assim, um grupo significativo de profissionais da escola resolveu fazer especialização na área de deficiência auditiva. Foi neste curso que a maioria dos profissionais tomou conhecimento sobre outra possibilidade de educação de surdos, considerando a língua de sinais.

De acordo com Zanquetta (2006), apesar da escola seguir a orientação da Secretaria Estadual de Educação do Paraná e adotar a abordagem oralista, os profissionais da escola estavam “[...] insatisfeitos com os resultados de desempenho acadêmico obtido e com um nível de comunicação nada efetivo entre professor e aluno”. A *novidade* veio ao encontro dos interesses dos professores, que formaram um grupo de estudos para aprender mais.

Essa constatação também foi sentida em Portugal, já a partir do final da década de 1960, conforme atesta Gomes (2010, p. 31), citando Amaral (1995)<sup>10</sup>:

Amaral (1995), escreveu a propósito que, em Portugal, os professores foram se apercebendo a pouco e pouco de que a maioria de seus alunos terminava o quarto ano de escolaridade com um limitadíssimo conhecimento da estrutura da língua oral e com uma fraca compreensão e utilização da leitura e da escrita. Este baixo do mundo e de seu papel na sociedade, como não lhes eram proporcionadas possibilidades de ascensão sociocultural nível de escolaridade conduzia a que não só os jovens surdos tivessem um limitado e estereotipado conhecimento.

Assim, em 1996, esse grupo de professores paranaenses começou a estudar a abordagem bilíngue e, posteriormente, foram centrados estudos na aprendizagem da Libras, particularmente, na busca de uma comunicação ao menos funcional com os alunos da escola. Neste ano de 1996 foi contratada a primeira instrutora surda da escola, a Valéria, uma das colaboradoras deste trabalho, com a função de ensinar a Libras para os profissionais da escola e para os alunos e familiares que assim desejassem.

---

<sup>9</sup> Denominação dos professores que dão aulas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e ministram aulas de todas as disciplinas, com formação em Pedagogia.

<sup>10</sup> Amaral, M.A.. Porquê o interesse crescente pela língua gestual. **Revista Integrar**, n.6, 1995



Foi muito difícil convencer as famílias a aceitarem o ensino em Libras, porque as famílias haviam sido iludidas por médicos e outros profissionais que eram oralistas, de que as crianças surdas iriam falar normalmente, ouvir com os aparelhos auditivos e fazer leitura labial, de maneira que seriam naturalmente integradas ao mundo ouvinte. Então, para essas famílias, adotar a Libras era como se tivessem recebido a “notícia da surdez” de seus filhos novamente. Algumas professoras também não aceitaram o abandono do oralismo. Algumas se aposentaram e outras voltaram a dar aulas para ouvintes.

Com os professores aprendendo Libras, com a contratação de uma instrutora surda, nós, os alunos surdos que vivenciamos esta transição, nos sentimos valorizados e, de repente, a gente estava ensinando nossos professores.

A professora Sueli Fernandes foi uma das responsáveis pela implementação dessa transição na educação de surdos do Paraná e assim ela escreveu:

[...] Fica evidente, na última década, a pressão de um novo discurso sobre a surdez que se encontra refletida no posicionamento assumido pelas professoras, exercidas principalmente pela literatura especializada na área e pelos governos em suas políticas oficiais. No Paraná, particularmente, desde 1995 a política de capacitação docente esteve ligada à implantação de uma proposta de educação bilíngue no sistema de ensino (FERNANDES, 2003, p. 56).

[...] Em consequência desta nova visão e dos investimentos realizados, houve uma significativa transformação na educação de surdos, no Estado do Paraná, tanto no que se refere às questões ideológicas subjacentes à prática, como na qualidade da proposta de atendimento educacional aos surdos. Das múltiplas contribuições para essa mudança, os aspectos mais relevantes constituem-se na difusão dos modelos bilíngue/multiculturais na educação e o aprofundamento nas concepções sócio-antropológicas da surdez (PARANÁ, *apud* FERNANDES, 2003, p. 57).

A partir do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, a nossa escola participou de todas ações promovidas pelo governo do Estado do Paraná, particularmente dos realizados visando a formação de professores após a capacitação de instrutores surdos para o ensino de Libras. Além disso, a própria escola mantinha um grupo permanente de estudos e realizou eventos com a presença de importantes estudiosos do bilinguismo, como o pesquisador argentino Carlos Bernardo Skliar, naquela época professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Desta forma, a partir da década de 2000, a escola já havia definitivamente adotado a abordagem bilíngue e seus professores participavam, frequentemente, de

cursos de capacitação e de eventos nacionais e internacionais em que a abordagem bilíngue era o foco.

Com a ameaça real de fechamento das escolas especializadas pela PNEE de 2008, a reação da sociedade e particularmente do movimento dos surdos, capitaneados pela FENEIS, que culminaram com o Decreto 7.611, de 2011, nossa escola deixou de ser uma escola que ofertava Educação Especial para Surdos e tornou-se uma escola bilíngue para surdos, se constituindo em um exemplo real da transição de oralismo ao bilinguismo.

A adoção da abordagem bilíngue na educação dos surdos é um avanço importante, pois, a possibilidade de estudar utilizando sua língua elimina um grande obstáculo à sua aprendizagem. Entretanto, ainda é preciso avançar mais, por exemplo, criar formas para os surdos aprenderem o mais cedo possível a língua de sinais.

Além disso,

[...] é importante que os surdos e seus familiares sejam ouvidos em relação ao processo de inclusão pelas autoridades. No que se refere à educação das crianças ouvintes, por exemplo, as famílias, pelo menos as que possuem relativa condição financeira podem optar sobre o tipo de escolarização que pretendem ofertar a seus filhos, se pública ou privada, se confessional ou laica, se bilíngue ou não. No caso das crianças surdas ou com outras necessidades educacionais especiais, esta decisão é tomada pelos órgãos governamentais mediante suas políticas públicas, de certa forma, subtraindo dos pais, o pátrio poder. É preciso que tanto os órgãos governamentais, com suas propostas inclusivistas, quanto a comunidade surda dialoguem, debatam e trabalhem de maneira integrada para traçar um caminho de escolarização adequada e viável ao aluno surdo brasileiro (NOGUEIRA; PANOSSIAN; SOARES, 2018, p. 12).

Como vimos, já temos várias leis e podemos dizer que são leis adequadas para a educação dos surdos brasileiros, mas, nesse caso, como em quase tudo que acontece no Brasil, as leis são boas, mas nem sempre são cumpridas. Então, a inclusão não está acontecendo como deveria ser e como está nas leis. Nem sempre temos intérpretes e, como o surdo não tem onde aprender Libras antes de chegar na escola, muitas vezes o surdo acaba aprendendo Libras com o intérprete.

Mas, apesar desses problemas, os surdos hoje estão recebendo maior atenção na escola comum, do que quando estudava nas classes especiais. O que é importante é que o surdo e seus familiares possam escolher se querem a escola bilíngue ou a escola inclusiva.

E essa discussão, do que é mais interessante, a escola bilíngue ou a inclusiva, só está acontecendo porque mudou o modo de pensar sobre o que é surdez, passando de deficiência, doença ou patologia na época do oralismo para diferença linguística agora, com o bilinguismo.

Com todo esse estudo teórico e da legislação, foi possível entender como as coisas aconteceram, assim, de maneira geral. Para compreender como as pessoas mudaram, como alteraram o seu modo de pensar sobre a surdez, para passar do oralismo para o bilinguismo é que eu procurei ouvir os surdos que vivenciaram essa transição.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS



Fonte: Carneiro (2016, p. 96)

Essa seção, na maioria dos trabalhos acadêmicos, é para descrever como foi realizada a pesquisa. Então são apresentadas a teoria, qual a metodologia adotada e sempre parece que tudo deu certo e aconteceu da forma como está apresentada.

Quando fui fazer minha investigação, nada aconteceu de maneira simples. Meu trabalho precisou de muitas mudanças. Muita coisa foi alterada, algumas, segundo meu orientador, era normal mudar, mas outras foram por causa da minha condição de surda, sinalizante em Libras. Ou seja, minha língua é diferente da língua em que estou apresentando este trabalho. Então, pensei que, como os surdos estão cada vez mais chegando para cursar pós-graduação, eu poderia ajudar se contasse como foi esse percurso.

Preciso contar essa história, porque eu mesma sou um produto dessa mudança na educação dos surdos e as minhas dificuldades são parecidas com as de outros surdos. Contar a história da minha pesquisa pode ajudar a resolver dúvidas de outros pesquisadores surdos.

O que eu sempre quis entender foi como aconteceu a transição do oralismo para o bilinguismo na escola de surdos. Primeiro, eu pensei que para entender essa mudança eu deveria construir as narrativas de professores ouvintes, que antes defendiam o oralismo e depois mudaram e passaram a defender o bilinguismo. E, considerando também que as principais colaboradoras que eu havia identificado – professoras ouvintes, fluentes em Libras, que vivenciaram a mudança – ensinam

Matemática, buscava compreender também como essa mudança influenciou as aulas de Matemática.

Então fizemos primeiro de tudo um levantamento bibliográfico com o objetivo de encontrar trabalhos que tratam de Educação Matemática para surdos e trabalhos que usam História Oral com colaboradores surdos. A História Oral foi escolhida porque meu orientador é pesquisador nesta área e parecia ser a metodologia de pesquisa indicada para uma investigação que quer construir as fontes em que as pessoas contam suas experiências,

Este levantamento eu fiz em partes diferentes.

Primeiro, encontrei o site que eu poderia consultar para encontrar dissertações e teses sobre Educação Matemática para surdos, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES<sup>11</sup>

Para encontrar os trabalhos usei as palavras chave: Educação Matemática para surdos – Ensino de Matemática para surdos – Surdez e Matemática – Libras e Matemática. Encontrei 48 trabalhos na plataforma Sucupira. Então, vi que eram 40 dissertações de Mestrado e 08 teses de doutorado.

**Quadro 1: Trabalhos acadêmicos sobre surdez e Matemática**

TEMA	MESTRADO	DOCTORADO
Professores (formação, concepções)	4	1
Ensino (estratégias, tendências)	4	
Recursos didáticos	4	
Experiência visual	3	1
Linguagem matemática/ Libras	4	2
Intérpretes	1	1
Bilinguismo/ inclusão	3	
Ensino Médio	2	
Anos iniciais	4	2
Ensino Fundamental 2	4	1
Ensino Superior	1	
Geometria	2	
História Oral	2	
Estudos Surdos	2	
Total	40	08

Fonte: A autora

<sup>11</sup> O site que usei foi: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

Aí eu copieei o resumo de todos os trabalhos e, pelos resumos e palavras-chave dos trabalhos, vi os temas dos trabalhos e pude fazer um quadro em que separei as pesquisas de mestrado das de doutorado e classifiquei pelo tema: as que tratavam de professores (formação e concepção), ensino (estratégias, tendências); recursos didáticos; experiência visual; linguagem matemática/Libras; intérpretes; bilinguismo/inclusão; Ensino Médio; Ensino Fundamental 2; Anos Iniciais; Ensino Superior; Geometria; História Oral; Estudos Surdos.

Considerando os resumos, fui procurar os trabalhos para ajudar minha dissertação. Então pensei que na minha dissertação eu tinha:

**Colaboradores:** professores dos anos iniciais e também os surdos

**Metodologia:** História Oral

**Assunto:** ensino de Matemática Anos Iniciais

**Transição do oralismo para bilinguismo:** trabalhos com destaque para o apoio visual na educação, porque isso só aconteceu quando vem o bilinguismo.

Aí, eu separei **quinze trabalhos** que eu achava ajudariam para minha dissertação e depois de estudar melhor o resumo, a introdução e as conclusões, separei dois para estudar melhor:

**SURDEZ E ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: O QUE OS PROFISSIONAIS E AS CRIANÇAS SURDAS DA ESCOLA TÊM PARA CONTAR - LIZMARI CRESTIANE MERLIN GRECA – M – 2015 (Professores e surdos e história oral)**

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS POLONESAS EM SÃO MATEUS DO SUL (PR) - ROSANE SOUSA STANISZEWSKI- M – 2014 (História oral – não é de surdos)**

O primeiro trabalho, de Greca (2015), foi muito útil e estudei ele com profundidade, porque trata de ensino de Matemática para surdos e utiliza a História Oral, então se aproxima muito do que eu queria fazer. Inicialmente pensei em utilizar a mesma estratégia de Greca (2015) para realizar as entrevistas com cartões<sup>12</sup> com

<sup>12</sup> Greca (2015) mostrava para os colaboradores diversos cartões, com palavras como: surdez, ensino de matemática; alunos surdos, Libras, etc... Ela deixava todos os cartões sobre a mesa e o entrevistado escolhia um cartão e começava a falar sobre aquele tema. Quando achava que já tinha terminado, pegava outro cartão e continuava. Com essa estratégia a autora entendeu que não estava interferindo na narrativa.

palavras-chave, mas depois, isso mudou, como eu explico mais na frente, quando falar sobre as narrativas.

Como tem também muita coisa produzida que não está no Banco de Teses da CAPES, como livros, por exemplo, resolvi fazer uma pesquisa no Google e no *YouTube*. Encontrei o livro **Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas**, de autoria de Maria Regina Chirichella Luckesi, publicado em 2003, pela editora Papirus. O que mais ajudou neste livro – resultado da dissertação de mestrado da autora – foi que ela usou a História Oral, para entrevistar quatro surdos adultos para saber como eram suas experiências de vida e eles falaram livremente sobre suas ideias, seus sonhos, suas tristezas e desilusões.

Outro texto importante para meu trabalho foi o capítulo intitulado “*O Lugar da comunicação na aprendizagem matemática de surdos, a partir da memória de três ex-alunos*”, de autoria de Diogo Franco Rios e Daniel Duarte da Silveira, publicado no livro **Ações colaborativas e cooperativas em educação: entre história, ensino e formação de professores**, organizado por Claudinei C. Sant Ana; Irani p. Santana e Rosimeire S. Amaral, publicado por Pedro & Paulo editores, em 2016.

Neste capítulo os autores fazem um resumo de outros trabalhos em que surdos narram suas experiências com o ensino de Matemática e faz o alerta de que nos trabalhos encontrados sobre o ensino de Matemática para surdos, “[...] não há indicação de que se tenha considerado a perspectiva dos alunos surdos sobre suas experiências matemáticas” (RIOS; SILVEIRA, 2016, p. 289). Com essa justificativa os autores realizaram uma investigação utilizando a História Oral com três colaboradores surdos, que narram suas experiências com as aulas de Matemática.

Foi meu orientador que indicou esse artigo e depois que li e conversei com ele, decidi que ia “dar voz aos surdos”<sup>13</sup>. Afinal, sempre quem decidiu sobre a vida dos surdos foram os ouvintes. Só recentemente os surdos puderam opinar se eles preferem ser educados usando só a linguagem oral ou usando sinais. Os surdos preferem os sinais e, quando se começou a “dar voz aos surdos”, eles escolheram a língua de sinais. Então, para contar como aconteceu essa mudança, porque eu iria conversar com ouvintes? Essa mudança deve ser estabelecida com as fontes

---

<sup>13</sup> VOZ não como ato físico, de som oralizado, mas como possibilidade de dizer e de agir” (SANTOS, 2012, p. 28).

criadas a partir das entrevistas com os colaboradores surdos. E daí minha investigação ficou com essa forma final.

É verdade que alguns surdos que conseguem ouvir um pouco, ou seja, que possuem resíduos auditivos ou aqueles que ficaram surdos ainda consideram o oralismo como opção. Também há aqueles que fizeram implante coclear. Mas, os surdos que eu conheço que fizeram o implante, continuam a frequentar o mundo surdo e a utilizar a língua gestual. Eles relatam que precisam aprender a ouvir, a reconhecer os sons e que fica tudo muito barulhento. Nesse sentido, Gomes (2010) relata que:

Os implantes voltaram a fazer renascer as práticas oralistas que se julgavam ultrapassadas- exercícios de pronúncia ou leitura labial e instrução com recurso apenas à linguagem oral. As equipes encarregadas dos implantes pedem às escolas que sigam práticas oralistas, aos pais pede-se novamente que impeçam as crianças de usar gestos, de ter contato com outros surdos. O impensável volta a ser real. (GOMES, 2010, p. 36).

Para mim, essa frase de Gomes (2010) de que: “O impensável volta a ser real”, assusta, porque eu esperava que com o reconhecimento da língua de sinais como meio de comunicação dos surdos, com a adoção da abordagem educacional bilíngue, a surdez deixasse de ser considerada uma doença. Que se parasse de se invadir o corpo dos surdos. Para mim, é pior ainda com as crianças. Quem decide fazer o implante são os pais e, como quase noventa por cento das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, os pais entendem a surdez como uma tragédia e querem que seus filhos sejam iguais a eles (GOMES, 2010).

Mas, se hoje temos problemas para discutir em relação ao implante ou ao fato de que o bilinguismo muitas vezes é adotado como uma metodologia para fazer o surdo aprender a Língua Portuguesa, ou seja, é como se a nossa língua fosse apenas uma ferramenta, como os surdos que vivenciaram a mudança do oralismo para o bilinguismo se sentiram naquele momento?



### 3.1 HISTÓRIA ORAL: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Também foi preciso aprofundar os estudos em História Oral. Então cursamos uma disciplina no mestrado ofertada pelo meu orientador, sobre História Oral.

Nessa disciplina, estudamos o artigo: **O que faz a história oral diferente**, de Alessandro Portelli.

Desse artigo, destaco a discussão que o autor faz sobre a importância da oralidade das fontes orais e os problemas das transcrições. O autor fala que a transcrição transforma objetos auditivos – que é a palavra falada – em visuais, que é a palavra escrita e que isso vai mudar o que está sendo dito, porque quem vai fazer a transcrição precisa interpretar (PORTELLI, 1997, p. 27).

Então, quando o registro já é visual – a palavra sinalizada – para fazer a transcrição vai ter mudança de visual para visual, mas se a forma do registro é a mesma, estamos fazendo uma interpretação mais profunda, porque precisa sair do registro visual da palavra sinalizada, no caso a Libras, para a palavra escrita, no caso em Língua Portuguesa e, então, a transcrição ocorre junto com uma tradução.

Rios e Silveira (2016, p. 292) apresentam uma dúvida muito importante quando se pretende fazer uma investigação usando História Oral com colaboradores surdos: “[...] como uma proposta de História Oral poderia estar associada com sujeitos surdos, ou seja, que não usam uma língua oral-auditiva?” Os autores trazem como resposta o fato já comprovado por pesquisas que começaram na década de 1960 com o linguista americano Willian Stokoe que “[...] a Libras tem o mesmo caráter de fala que a voz tem na Língua Portuguesa” (RIOS, SILVEIRA, 2016, p. 293).

A Libras é uma língua, com gramática própria e com condições de proporcionar, não apenas a comunicação efetiva entre os surdos, como, também, a expressão de sentimentos; a composição de poesias; a discussão filosófica, enfim, um idioma completo (NOGUEIRA; CARNEIRO; SOARES, 2018, p. 78).

Pensando na teoria então estava resolvido, porque se a Libras é uma língua, então podemos fazer narrativas em Libras.

Considerando então que a Libras possibilita as narrativas, o problema, ainda segundo Rios e Silveira (2016), fica na maneira como realizar as entrevistas e com

os processos de tradução e transcrição, pois as entrevistas necessitam ser gravadas em vídeo. Os autores, depois de algumas tentativas, esclarecem que a melhor forma para esta gravação foi com o uso de duas câmeras, mas, depois de alguns testes, eu optei por uma câmera só porque não teria como fazer a edição dos vídeos depois.

Mas, os pesquisadores Rios e Silveira (2016) são ouvintes e sou surda. Quando cursei a disciplina História Oral, já no início, com os procedimentos realizados pelos meus colegas, que audiogravavam as entrevistas para transcrever depois, fiquei pensando: o que é o som? Com as discussões que eu observava e tentava entender, com o auxílio dos intérpretes, eu via associarem símbolos às falas dos entrevistados: “Aqui teve hesitação”, “Aqui havia uma dúvida”... “Parece estar pensando”! Como as pessoas ouvintes podem compreender as emoções de quem está contando alguma coisa, se tem dúvida, se está fazendo piada, se está bravo, somente pelo som? Para mim, é muito mais fácil, eu pensava, porque estou VENDENDO as expressões do surdo. ‘

Para poder conseguir as histórias dos surdos, eu, que também sou surda, o certo seria videografar. Mas, depois será que eu conseguiria fazer uma transcrição com os mesmos cuidados que a História Oral manda, conforme eu havia estudado na disciplina, mas que não conseguia sequer imaginar, todas aquelas informações serem obtidas só com o som da gravação?

E, como ficaria no meu caso? Seria adequado considerar somente as normas da FENEIS para a transcrição da Libras para a Língua Portuguesa? Eis as normas, adaptadas no Quadro2:

#### **Quadro 2: SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DA LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA**

<b>Sistema de Transcrição da Sistema de Transcrição Libras/Língua Portuguesa adotado pela FENEIS</b>
<p>A Libras será representada na Língua Portuguesa a partir das seguintes convenções:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. <b>Exemplos:</b> <a href="#">CASA</a>, <a href="#">ESTUDAR</a>, <a href="#">FAMÍLIA</a>;</li> <li>2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. <b>Exemplos:</b> CORTAR-COM-FACA "cortar", QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA "meio-dia", etc;</li> <li>3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ .</li> </ol>

**Exemplos:** CAVALO<sup>^</sup>LISTRA “zebra”;

4. A **datilologia** (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. **Exemplos:** J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da Língua Portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela soletração ou parte da soletração do sinal em itálico. **Exemplos:** *R-S* “reais”, *A-C-H-O*, *QUM* “quem”, *N-U-N-C-A*;

6. Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão.

**Exemplos:** AMIG@, “amiga(s) e amigo(s)”, MUIT@, “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)”;

7. Os **traços não-manuais**: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ...;

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp. f "espantado",  
muito rapidamente exp. f "espantado"

**Exemplos:** LONGE ANDAR

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito. Exemplos:

pessoaANDAR, veículoMOVER, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

i = ponto próximo à 1ª pessoa,

j = ponto próximo à 2ª pessoa,

k = pontos próximos à 3ª pessoas,

e = esquerda,

d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;

**Exemplos:**

1s DAR<sub>2S</sub> "eu dou para "você",

2s PERGUNTAR<sub>3P</sub> "você pergunta para eles/elas",

kdANDAR<sub>k,e</sub> "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido. **Exemplo:** PRÉDIO+

**Fontes:** LIBRAS em contexto (FENEIS) e Dicionário [Libras](#)

Este sistema de transcrição da Libras para a Língua Portuguesa estabelecido pela FENEIS é literal e não considera aspectos, como, por exemplo,

“comentários do transcritor”; para, posteriormente, realizar uma tradução da transcrição para o Português e só então realizar a textualização, característica da História Oral, ou seja, o ideal seria já realizar uma transcrição/tradução segundo as normas de Preti (1999), já considerando a tradução para a Língua Portuguesa, mas respeitando a sintaxe da Libras.

Então fiz uma primeira tentativa para tentar adaptar os critérios de transcrição das entrevistas orais, estabelecido por Preti (1999, p. 11) para o meu caso. Para isso, discuti o assunto com minha irmã, que também é surda e licenciada em Letras/Libras, e com minha mãe, que é ouvinte, mas estudou muito a Libras, não somente para falar, mas toda sua sintaxe. Chegamos a uma tabela com as regras de Preti, adaptada para a transcrição de um vídeo em Libras, já se considerando a tradução para a Língua Portuguesa e algumas observações extraídas do Sistema de Transcrição da FENEIS.

**Quadro 3: NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO LIBRAS / LÍNGUA PORTUGUESA  
(ADAPTAÇÃO DO QUADRO DE PRETI)<sup>14</sup>**

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>Ocorrências em Libras</b>
Incompreensão de sinais ou segmentos	( )	O vídeo pode estar ruim O sinal não foi compreendido Pode ser apenas mímica ou sinal com variação linguística
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	Alguma coisa não ficou clara, mas o contexto permite ter uma ideia do que se falou. Às vezes pode faltar um verbo. Nunca vai acontecer de faltar pronomes, porque a Libras utiliza apontações para mudança de referências
Truncamento	/	Pode acontecer do sinalizador interromper o movimento de um sinal ao mesmo tempo em que expressa alguma emoção pela expressão facial, como dúvida, assombro, etc..., e depois continua sinalizando.
<b>ENTONAÇÃO ENFÁTICA</b>	maiúscula	No caso da Libras, a modulação de sinais, que é o equivalente à entonação e prosódia na Língua Portuguesa, é realizada pelas expressões faciais.
Prolongamento de vogal e consoante como s ou r	:: podendo aumentar para ::: ou mais	Pode acontecer o que em Libras se caracteriza por Flexão de Aspecto. Alteração no movimento do sinal, acompanhada de expressão facial, como o inflar das bochechas para representar o que se expressa oralmente por MUUUUUIIITO, ao mesmo tempo em que se repete o movimento.

<sup>14</sup> Colaboração da Profa. de Libras Ms. Marília Ignatius Nogueira Carneiro e da profa. Dra Clélia Maria Ignatius Nogueira.

Silabação	-	Não é possível realizar um parâmetro de cada vez. Mas pode haver uma separação de sinais compostos, como se estivesse sinalizando devagar. Por exemplo, o sinal para escola: casa^estudar, que é realizado quase que simultaneamente, ser realizado com espaço de tempo entre o sinal para casa e o de estudar. Da mesma forma que na silabação, a função aqui é destacar o que está sendo sinalizado
Interrogação	?	Os diferentes pronomes interrogativos são expressos por diferentes sinais (muda particularmente a expressão facial), ou seja, os sinais para Como? O que? Quando? Por que? Não são os mesmos. Além disso, os pronomes interrogativos vêm sempre no final da frase.
Qualquer pausa	...	Situação similar
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((passou a mão nos cabelos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvios temáticos	.. ..	Análogo à Língua Portuguesa
Superposição, simultaneidade de vozes		Não há ocorrência de superposição de sinais. Em Libras é possível conversas cruzadas sem comprometimento da compreensão
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	Análogo à Língua Portuguesa
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ “	Análogo à Língua Portuguesa

Fonte: A autora

### **OBSERVAÇÕES (Adaptação e acréscimos às realizadas por Preti (1999, p. 11):**

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)

2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? você está brava?)/

Em Libras existem situações análogas a tá/está; mas fáticos como ah, éh, ahn; ehn, unh, que indicam hesitações, dúvidas, exclamações ou concordância são possíveis de serem captados pelas expressões faciais ou demais componentes não manuais. Uma pausa com o olhar para o alto, pode indicar uma hesitação, por exemplo.

3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.

4. Números: por extenso.

5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)

6. Não se anota o cadenciamento da frase.

7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.....(alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.
9. Na Libras não há desinências para gênero, número ou pessoa, entretanto, essas características podem ser depreendidas do contexto, de maneira que podemos utilizar o símbolo @, quando o contexto não for explícito ou estabelecer uma hipótese, conforme as normas de Preti.
10. A indicação do que foi soletrado, deve ser respeitada, pois pode trazer informações adicionais, como, por exemplo o desconhecimento do entrevistado sobre o sinal ou mesmo a inexistência deste sinal.

Por fim, eu fiz uma transcrição simples, que foi retextualizada. No texto final, meus comentários aparecem sempre entre parênteses e em itálico. E apresento as narrativas, cada uma como um capítulo, e o título do capítulo é o nome do colaborador da pesquisa.

### 3.2 RELATOS, NARRATIVAS OU “HISTÓRIAS CONTADAS”...

Apesar de todo este estudo considerando a História Oral como metodologia de pesquisa, e diante de sugestões e questionamentos dos examinadores da minha qualificação, meu orientador e eu decidimos considerar as entrevistas dos colaboradores como “relatos” ou narrativas, no sentido trazido pelo dicionário. Então, com essa mudança de percurso, foi necessário fazer outra busca, agora, considerando trabalhos sobre narrativas surdas. Fiz uma busca por “narrativas surdas”; “narrativas de surdos” e “narrativas em Libras”, no Banco de teses e Dissertações da CAPES; na BDTD: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, e no Google Acadêmico. Surgiram, para “narrativas surdas”, no Google Acadêmico, quase 6000 indicações!

Como minha pesquisa não trata de narrativas surdas, selecionei apenas oito trabalhos, apenas para ficar bem claro o que consideramos como narrativa neste trabalho.

Dentre os oito trabalhos selecionados, há quatro artigos e quatro dissertações, sendo que uma foi realizada em Portugal e trata de narrativas escritas.

Os trabalhos brasileiros tratam de narrativas sinalizadas. Mas todos os pesquisadores são ouvintes.

A seguir, a relação dos trabalhos consultados:

1. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras**, de autoria de João Paulo da Silva - É uma dissertação de mestrado, do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística da Universidade de São Paulo e defendida em 2014.
2. **Narrativas de sujeitos surdos**: relatos sinalizados de uma trajetória. Dissertação de mestrado profissionalizante em História, da Universidade Federal de Goiás, de autoria de Mara Rúbia Pinto de Almeida e defendida em 2017.
3. **Narrativas surdas**: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades. Dissertação de Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Pelotas, de autoria de Taiane Santos dos Santos e defendida em 2012
4. **Surdez, análise das narrativas surdas em contexto escolar**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, defendida em 2009, por Maria Manuela Bastos de Oliveira Pedrosa Branco, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, na cidade do Porto, em Portugal.
5. **Narrando em Sinais**: se vendo e se fazendo surdo. Artigo de autoria de Regina Maria Souza, Vanessa Eduarda Moreno Perez, Andréa da Silva Rosa e Patrícia Hipólito de Alexandria Nunes, apresentado na III Conferência de Pesquisa Sociocultural, realizado na Unicamp, no ano de 2000.
6. **História oral e memória: novas abordagens nas narrativas de memória no processo de escolarização de pessoas com surdez, em Teresina – PI, 2015**. Artigo de autoria de Veruska Lauriana da Silva de Carvalho, apresentado no XIII Encontro Nacional de História Oral, promovido pela Associação Brasileira de História Oral e realizado em maio de 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

7. **Narrativas de jovens surdos sobre seus processos de escolarização no Distrito Federal**, de autoria de Daniele Nunes Henrique Silva e Fabrício Santos Dias de Abreu, publicado na revista Linhas Críticas, vol. 20, núm. 42, maio-agosto, 2014, pp. 325-344; Universidade de Brasília.
8. **Inclusão e processos de escolarização: narrativas de surdos sobre estratégias pedagógicas docentes**, de autoria de Carine Mendes da Silva, Daniele Nunes Henrique e Silva e Renata Carolina da Silva. Este artigo, publicado na revista Psicologia em Estudo, da Universidade Estadual de Maringá, v.19, n.2, p. 2261-271, apresenta um outro fragmento da mesma pesquisa descrita no trabalho 7.

Com essa amostra já é possível observar que pesquisas sobre narrativas surdas estão sendo realizadas em todo o nosso país, pois temos trabalhos nos Estados de São Paulo (2), em Goiás (1); Piauí (1), Rio Grande do Sul (1); no Distrito Federal (2), além de um de Portugal. Os trabalhos 2 e 6 utilizaram a História Oral como metodologia de pesquisa e, do mesmo jeito que no artigo de Rios e Silveira (2016) que comentei antes, também encontraram dificuldades em adaptar essa metodologia assim como eu. Almeida (2017, p. 42) considera que os estudos que estão sendo realizados agora apontam para “[...] investigações futuras que possibilitará a existência de fontes nomeadas como ‘História Sinalizada’”.

Penso que estamos caminhando para isso, porque tanto faz contar uma história, fazer uma narrativa usando a voz ou as mãos. O que importa é o que se tem para contar, as experiências de vida e não a forma de contar a história.

A narração de experiência está unida ao corpo e a voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma ao comunicável, isto é, no comum (SARLO, 2007 p. 25).

Os seis outros trabalhos, não são baseados na História Oral e consideram a narrativa como eu vou considerar neste trabalho, de um modo amplo “[...] como um acontecimento discursivo no qual um sujeito toma a palavra para falar de si, de suas experiências pessoais – dos saberes e leituras de mundo que faz” (SOUZA *et al*, 2000, p. 5).



No caso deste meu trabalho, temos narrativas surdas, contadas para uma pesquisadora que é também surda, além da existência de laços afetivos entre os colaboradores e eu, então eles se sentiram à vontade, da mesma forma que Souza *et al* (2000), apontaram em seu texto:

Os surdos nas associações se colocam na escuta uns dos outros, para “ouvirem” suas histórias e anseios, momentos em que o passado se torna presente e o futuro passa a ser tecido a muitas mãos, a partir de muitos teares que carregam marcas históricas e singulares [...] Em situações espontâneas, sinalizando com o outro, o surdo reflete, revisa e retoma a sua própria história, atribuindo relevância ao narrar na medida em que é a escuta do outro que a legitima como história (SOUZA *et al*, 2000, p. 6).

Mais do que isso, como eu também fiz parte do que eles relatavam, mais do que um relato, era uma espécie de conversa:

A narração e a conversação são os gêneros orais mais fundamentais para qualquer sociedade humana. Não há nenhuma sociedade em que as pessoas não usem a língua para conversar e para contar histórias: seja nas interações linguísticas mais corriqueiras ou naquelas que fazem parte de grandes empreendimentos, nós estamos sempre conversando uns com os outros e, durante as conversas, quase sempre contamos histórias (SILVA, 2014, p. 1).

Mas, como seria essa narrativa? Ou seja, eu deveria apenas dizer: Conte sua história, fala da sua vida e como você entendeu o que aconteceu, quando na sua escola era proibido gesto e começou a usar sinais? Pensei que ficaria muito complicado se eu deixasse bem livre, então, como não estava mais “presa” na História Oral, eu pensei que seria melhor para eu fazer as entrevistas se eu tivesse um “roteiro”. Depois, encontrei a mesma dúvida e a mesma solução, em Almeida (2017, p. 43):

Ao pensar na técnica de coleta de dados, precisei considerar o tempo, os objetivos e/ou anseios, para então descartar ou não uma história de vida e o questionário direto. Entendi que para narrar toda uma vida seria necessária uma análise mais profunda, um tempo maior para refletir sobre os resultados. Já o questionário direto, coletar respostas diretas, padronizadas, eu jamais conseguiria descrever o modo de viver dos entrevistados e nesse sentido, tornou-se viável, explorar a entrevista com um questionamento semidireto.

Então escolhi utilizar a entrevista semiestruturada, ou como diz Almeida (2017) na citação anterior, um questionário semidireto - com um roteiro previamente estabelecido de questões, mas sempre deixando os entrevistados livres. As perguntas só eram utilizadas quando os colaboradores ficavam “sem assunto” ou quando “fugiam” muito do tema.

Para a preparação da entrevista, procurei seguir o que encontrei em Carvalho (2016, p. 5):

1. Recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o (entrevistado) estimulem a responder;
2. A pré-entrevista, encontro pelo qual se pode extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores;
3. A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade, na lembrança que a relação não deveria ser efêmera;
4. Transpor distância temporal, em uma alteridade absoluta cognoscível mediante a voz do narrador;
5. Estabelecer um Diário de Campo para o registro de dúvidas e dificuldades;

Considerando então essas orientações, como eu ia “conversar” com pessoas amigas, de imediato estavam resolvidos os critérios 2 e 3 e, como eu também me sentia como “sujeito de minha própria investigação”, deixei de lado a recomendação 4. Afinal, estaria realizando o que Silva (2014, p. 10) considera como uma “contação de histórias em situação face a face”:

A contação de histórias em situação face a face é um dos tipos de atividades linguística mais comuns que realizamos. Desde enunciados simples usados na descrição de eventos cotidianos triviais (e.g. eu vi você ontem) até histórias extensas e elaboradas que requerem um turno de fala mais estendido, narrativas estão em praticamente todas nossas interações comunicativas.

Como minha pesquisa pretendia construir narrativas a partir de uma “conversa” orientada por um questionário semidireto, para, posteriormente, usar as respostas para “contar a história” de cada um dos colaboradores da minha pesquisa, meus amigos surdos, pode ser que eu, mesmo sem querer, posso ter direcionado muito a conversa. Por isso, e considerando, também, que as narrativas escritas são muito estudadas, demonstrando sua importância, pensei que ficaria bem interessante, solicitar para algum outro colaborador, uma “narrativa escrita”. Então fiz isso, com a Franciele.

Mas, eu mesma poderia ser um dos colaboradores da minha investigação e, no decorrer de sua realização, senti necessidade de contar a minha história, até mesmo porque, durante as “conversas” com os colaboradores, muitas vezes eles se dirigiam a mim e quase que pediam a minha confirmação para seus relatos, com comentários do tipo: “Você lembra?”

A necessidade de narrar é ontológica. Desde os tempos mais remotos, as dimensões do vivido, sentido e realizado são contadas entre os homens. A noção de perpetuação, continuidade, herança está visceralmente arraigada aos fatos narrados e lembrados. A estruturação de narrativas é, portanto,

uma condição humana que redimensiona as relações com a natureza e a cultura. Por meio delas, a coletividade, o outro e a história são acessados. Marcas e pistas são deixadas nas palavras, que traduzem tradições. Crenças, valores e possibilidades de existir se fazem presentes, atuantes no e pelo discurso (SILVA; ABREU, 2014, p. 385).

E Santos (2012, p. 26), complementa que as narrativas permitem resgatar memórias compartilhadas:

Através da memória é possível resgatar experiências individuais e coletivas que vão sendo vivenciadas, assim podemos nomear nossa experiências e ressignificá-las. Ao mesmo tempo em que se conta uma experiência, se anuncia novas possibilidades de entender e disseminar nossa história.

As histórias compartilhadas neste estudo não ficam isoladas, ao contrário, parece que, ao final, construímos uma “memória coletiva” que vai ajudar a entender melhor como aconteceu a mudança do oralismo ao bilinguismo e se isso mudou as aulas de Matemática, que é o meu problema de pesquisa.

Voltando às recomendações de Carvalho (2016), penso que justifiquei porque não levei em consideração a de número 4. A de número 5, o *Diário de Campo*, não foi criado de maneira formal, até porque estava tudo registrado no vídeo e, sinceramente, para realizar as entrevistas, não tive nenhuma dificuldade, a não ser posicionar a câmera. As dificuldades aconteceram antes e depois.

Quais foram as dificuldades que aconteceram antes? Bem, foram para atender o que Carvalho (2012) indicou em 1: *Recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o (entrevistado) estimulem a responder*. Precisei estudar muita teoria e os resultados viraram a seção que chamei de Cenário. Tanto os estudos, como escrever esse capítulo, foram muito difíceis, um grande desafio que vou contar depois.

Antes vou falar mais do roteiro. Apesar de não aparecer de forma clara, porque foi um roteiro e não um questionário, minhas questões também estavam organizadas por “blocos”.

Meu roteiro teve 15 questões. O primeiro bloco, composto de 4 questões, foi destinado à apresentação do colaborador e as suas recordações da escola, de forma geral. O segundo bloco, composto de seis questões, procurou identificar como o colaborador vivenciou a transformação do oralismo para o bilinguismo. E o terceiro bloco, composto de cinco questões, procurou identificar as mudanças ocorridas nas aulas de Matemática.

### Bloco 1:

1. Olá. Primeiro muito obrigada porque você concordou em participar da minha pesquisa. Nós vamos conversar. De maneira simples, como conversa de amigos. Somos amigas. A gente se conhece faz muito tempo...
2. Vou explicar sobre o que é nossa conversa. Eu sei que você antes estudou na escola de surdos no oralismo, e depois sua escola mudou para bilinguismo. Eu quero entender como aconteceu essa mudança. Tudo bem?
3. Então, para começar eu gostaria que vc se apresentasse para mim. Fale seu nome completo, seu sinal, quantos anos você tem, que faculdade você fez...
4. Fala das suas memórias, como era a aula, como era no recreio, se você gostava ...

### Bloco 2

5. Como eram as coisas na escola com a abordagem oralista? Você conseguia se comunicar com os professores, com os colegas, com os funcionários?
6. Você lembra que tinha atividades para ensinar falar na escola? Como era?
7. A partir da década de 1990, a escola começou a mudar para a abordagem bilíngue. Quais são suas lembranças deste período? Volte para aquele tempo e conte sobre suas dúvidas, inquietações, esperanças...
8. Você antes era proibido usar sinal na escola. Como você aprendeu Libras?
9. A sua família, gostou que a escola mudou? As pessoas da sua família foram aprender Libras?
10. O que você acha da mudança que aconteceu na Educação dos surdos? Antes oralismo, agora bilinguismo?

### Bloco 3

11. Agora procura lembrar das suas aulas de Matemática. De quando você aprendeu os números, as contas, fazer problemas. Como sua professora ensinava? Você entendia?
12. E depois, quando você passou quinta série que precisava aprender números negativos, equação, ainda era oralismo?
13. E como eram as aulas de Matemática com a professora usando Libras? O que você gosta mais? Por que?
14. O que mudou nas suas aulas de Matemática?
15. E você? Como se sentia estudando Matemática com Libras? Ficou mais fácil entender os problemas?

Como não era um questionário, mas uma “conversa orientada”, a ordem das perguntas não foi sempre obedecida. As vezes nem todas as perguntas foram feitas, porque o principal era deixar os colaboradores fazerem seus relatos. A única exceção foi com questões do Bloco 3. Muitas vezes não perguntei do mesmo jeito, falando de números negativos ou de equações, mas da Matemática.

### 3.3 OS ESTUDOS TEÓRICOS PARA A DESCRIÇÃO DO CENÁRIO DA INVESTIGAÇÃO

Como falei antes, para poder fazer este roteiro eu estudei muito sobre oralismo, bilinguismo e até um pouco sobre o ensino de Matemática para surdos. Fazer esses estudos, ler os textos sobre narrativas, sobre História Oral, enfim, toda a parte teórica foi muito difícil para mim, porque eu precisava ler e “traduzir” para Libras o que estava lendo, para poder entender. Isto exigiu uma retextualização, da Língua Portuguesa para Libras. Porque mesmo para fazer um fichamento do que eu estava lendo, eu lia em Português, pensava em Libras e tentava resumir em Libras, então estava pegando um texto de uma língua oral/escrita e reelaborando em uma língua de outra modalidade, ou seja, visual/espacial. Desta forma, na “tradução” somente para compreender o que eu lia o texto escrito já mudava, porque eu precisava interpretar o que eu estava lendo e encontrar sinais equivalentes para reproduzir o que eu lia.

O processo de retextualização é, portanto, entendido como decorrendo explicitamente de informações que vêm de um texto específico oral ou escrito, que serve como fonte de informações, mas essas informações são, sobretudo transformadas no texto retextualizado (BARBOSA; SOUZA, 2018, p. 500).

De acordo com Barbosa e Souza (2018, p. 495), “[...] o sentido do texto em português é mais preservado no texto em Libras quando o sujeito conhece bem as duas línguas envolvidas”. Eu sempre achei que conhecia bem Português porque sempre gostei muito de ler. Mas as coisas que eu lia eram simples, como gibis e revistas. Quando fiz minha Licenciatura em Artes, tinha uma intérprete que me ajudava e na Licenciatura em Letras/Libras, todo material era produzido também na língua de sinais. Então, ficou muito difícil para eu compreender textos científicos. Mesmo a parte da História da Educação de surdos que eu gostei de ler, tinha palavras difíceis que eu precisava usar dicionário ou pedir ajuda da minha mãe, porque faltavam sinais para as palavras. Isso foi muito interessante porque, quando fui fazer a transcrição das entrevistas da Libras para a Língua Portuguesa, também ficaram buracos, porque faltaram palavras para mim.

Outro problema que pode acontecer quando é feita uma retextualização da Língua Portuguesa é nós surdos “inventarmos” coisas para completar os buracos.

Minha irmã, em sua dissertação de mestrado<sup>15</sup> analisou como surdos interpretavam, em Libras, uma notícia de jornal. Esse mesmo resultado foi encontrado por Barbosa e Souza (2018) em sua investigação e é considerada uma estratégia de retextualização denominada de acréscimo, que é quando quem está fazendo retextualização coloca informações que não existiam no texto original, as que ele “infere” da leitura feita.

No início do processo de elaboração desta redação, nós pensamos, meu orientador e eu, que a minha dissertação seria toda em Libras e meu orientador iria se basear na “textualização diferida” para justificar esta opção para a coordenação do meu programa de pós-graduação, baseado, principalmente no artigo *Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguaya videograbada: un nuevo desafio*, do uruguaio Leonardo Peluso, publicado na revista **Cadernos Traduções** da UFSC em 2015.

Para Peluso (2015) os registros em vídeo de depoimentos em línguas de sinais também são fontes de informação, porque podem ser arquivados e tem as mesmas características dos textos escritos. Para isso, Peluso (2015) demonstra que o que está videogravado em língua de sinais tem mesmo valor como fonte de informações de um texto escrito e podem ser considerados “documentos”. Isto porque são registros que podem ser arquivados; também possuem a “condição de permanência”, isto é, não mudam, da mesma forma que os textos escritos e, por fim, também como os textos escritos, os vídeos possuem “objetivação”, o que quer dizer que podem ser estudados, usados depois que foram feitos.

E nesse artigo o autor explica a razão da maior dificuldade que encontrei nesse trabalho, que é a transcrição da Libras para o Português. Parece que faltam palavras porque a Libras, por causa do visual, percebe mais emoção, parece que tudo é mais verdadeiro. Quando se escreve em Português, parece que não é igual ao que foi falado em Libras. Para Peluso (2015), a escrita representa o que foi falado e o que está gravado registra a língua. No texto fica registrado a fala, nas gravações fica registrado quem está falando e aparecem suas expressões. Quando você está fazendo transcrição de conversa falada, então até é possível registrar as emoções,

---

<sup>15</sup> CARNEIRO, M. I. N. **O uso social das tecnologias de comunicação pelo surdo**: limites e possibilidades para o desenvolvimento da linguagem. 2016. 200f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

porque é de palavra para palavra, então dá para escrever que a pessoa fez pausa ou deu risada... De sinal para palavra, como a expressão facial é parâmetro da Libras, então faz parte do sinal, é mais difícil.

Peluso (2015) diz também que é preciso criar materiais para os surdos poderem estudar na língua deles. Peluso (2015) diz que a tentativa de se produzir coisas escritas no SIGNWRITING não deu muito certo, porque este sistema ainda está pouco difundido e argumenta que o melhor é criar produções em língua de sinais em vídeo<sup>16</sup>.

Mas, o mais importante é que com as tecnologias atuais, as gravações podem ser conhecidas dos surdos. Então, penso que uma contribuição do meu trabalho para a comunidade surda é também deixar ele todo em Libras, disponível no *Youtube*, por exemplo.

Com este pensamento, meu orientador indicou que eu procurasse conhecer como é possível videografar textos científicos e me indicou a **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**, da Universidade Federal de Santa Catarina, que é um periódico especializado em língua de sinais e publica artigos científicos em Libras. Para isso, a revista criou regras, normas para os vídeos acadêmicos em Libras e que acompanham as normas de quase todos periódicos escritos.

O site é <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>, mas, quando fui consultar, só tinha três números publicados e a última publicação foi em 2017. Que pena!

Fui então estudar as normas da revista e, dentre elas, destaco que orienta que é preciso um fundo branco, sem mancha, sem objeto, com luz suave. Fala que não pode usar brincos, roupa neutra e sem sombras. O resumo deve ter duração entre 1:30 a 3:00 minutos, sinalizando normal. Não precisa ser devagar. Para gravar o resumo, se a pele é branca é preciso usar roupa azul escuro e se a pele for escura, a roupa deve ser bege para o título. Para o resto do texto do resumo as cores são preto (pele clara) ou cinza (pele escura). As blusas precisam ser de

---

<sup>16</sup> A professora Dra Tânia dos Santos Alvarez da Silva, que fez parte da banca de defesa fez questão de declarar que discorda de Peluso, ao considerar que a escrita (alfabética ou gestográfica) tem um papel que ultrapassa o registro da informação. Ela é fundamental na organização do pensamento conceitual, justificado pelo seu nível de complexidade que é superior ao da comunicação face a face, provavelmente em razão de seu caráter de representação de segunda ordem. Para a professora Tânia, este tema não está ainda encerrado e considera que é preciso continuar investindo na poliglossia na educação de surdos.



manga comprida. As palavras-chave é na mesma cor do texto. São muitas exigências. As citações também têm regras e muda cor da camiseta. Então, a conclusão foi que para fazer a dissertação inteira assim, seria preciso ter acesso a um estúdio de gravação e a profissionais para fazer edição e eu não teria como fazer. Então, decidi que ia escrever a dissertação, porque na Lei 10. 436 de 2002, a Lei da Libras (BRASIL, 2002), está claro que a Libras não substitui a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Mas, tem também um ponto muito importante: se eu quero “dar voz” ao surdo, essa voz precisa ser “ouvida” pelos ouvintes. Não adianta só falar entre nós. Os ouvintes precisam conhecer o que os surdos pensam, o que sentiram. Então, a decisão final foi: fazer a dissertação escrita, nas normas da UFPR e realizar vídeos simples, na minha casa mesmo, de cada parte da dissertação, para acesso dos surdos.

Então, parei de fazer fichamentos e textos em Libras, porque daí eu precisava traduzir de novo para o português, ou seja, eram duas retextualizações e dava muito trabalho. Depois de algum estudo, mas ainda não tinha acabado a parte de revisão teórica, eu comecei escrever direto em Português e minha mãe agora fazia a correção da minha redação, quando era possível, por exemplo, neste capítulo que eu vou contando uma história ou fazia retextualização quando eu escrevia as coisas que eu estudava. Apenas as transcrições das entrevistas, que não é transcrição, já é uma tradução porque está em Libras e eu escrevo em Português, então como Barbosa e Souza (2018) falam, não é tradução, mas uma retextualização. Daí, fiz as narrativas/relatos, que depois foram retextualizadas para constar nessa dissertação.

### 3.4 OS COLABORADORES DA PESQUISA

Já no início do nosso trabalho, foi necessário estabelecer critérios para escolher os colaboradores que seriam entrevistados.

Escolhi primeiro quatro surdas, todas com curso superior, das quais duas atuam como docentes de Libras em universidades públicas paranaenses, a saber: Valéria Cristina Camparoto de Souza; Viviane Romero Giroto; Kênia Jéssica Yamanaka Gôngora e Marília Ignatius Nogueira Carneiro (minha irmã). Valéria e Viviane, na segunda metade da década de 1990 foram as primeiras instrutoras de



Libras de uma escola especializada para surdos e que foram, indiretamente, as principais responsáveis pela mudança. Kênia e Marília foram alunas nesta escola neste período, embora a Marília tenha se transferido para o ensino regular comum quando cursava a antiga sexta série. Atualmente, as quatro concluíram curso superior e atuam como professoras de Libras, duas em cursos superiores (Viviane e Marília) e três (Viviane, Valéria e Kênia) atuam como professoras de Libras na mesma escola.

Com o decorrer da investigação, senti necessidade de mais informações, por exemplo, da história de um surdo que também vivenciou esta mudança, mas em outra cidade, em Pato Branco, no Estado do Paraná. Então convidei o Vilmar Fernando Carvalho, que é professor de Libras da Universidade Estadual do Centro do Paraná – UniCentro, em Guarapuava, PR. Além de minha amizade com ele, pensei que seria interessante trazer o depoimento de um homem.

Depois de realizadas essas entrevistas e considerando a dificuldade de transcrição/tradução, e também considerando a dissertação de mestrado de Maria Manuela Bastos de Oliveira Pedrosa Branco, que foi realizada em Portugal e analisava narrativas escritas, quis fazer uma experiência e pedi para mais uma professora universitária de Libras, a Franciele de Lima Berloff Machado responder, por escrito, as perguntas do roteiro das entrevistas. Minha intenção foi comparar as respostas já apresentadas na Língua Portuguesa pelo colaborador surdo, com as que eu transcrevi/traduzi.

Por fim, quase com o trabalho realizado, considerei que, como eu também sou parte desta investigação, ou seja, se ela fosse realizada por outro pesquisador, provavelmente eu seria convidada a colaborar, decidi “me entrevistar” por acreditar que minhas memórias, com o foco despertado pelos estudos realizados, poderiam enriquecer esta “*reconstrução*” do passado, de como foi para os surdos vivenciarem, no espaço escolar, a transição do oralismo para o bilinguismo.

Escolhidos os colaboradores, era preciso o convite, esclarecendo os objetivos da investigação e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o TCLE.

Como a língua dos colaboradores é a Libras, meu orientador achou importante que esses instrumentos também fossem disponibilizados nessa língua.

Com uma busca no Google com as palavras Termo de Consentimento em Libras, encontramos diversas possibilidades que foram consideradas para a elaboração do TCLE que realizamos em Libras. Fizemos a gravação do Convite e do TCLE.

Quando do contato para a entrevista, levei o TCLE impresso para que as colaboradoras assinassem.

Estava um pouco nervosa, mas na hora da primeira entrevista a conversa foi tranquila. Quase não precisei fazer muitas perguntas. Para a segunda entrevista foi mais tranquilo ainda, porque já tinha a experiência. Todas as entrevistas depois foram tranquilas. Era sempre uma conversa de amigos. Só a segunda entrevista e a do Vilmar foram feitas na minha casa, todas as outras eu fui na casa das pessoas.

Fiz então a primeira entrevista com a colaboradora Valéria Cristina Camparotto de Souza, que foi a primeira surda a ser contratada na Escola Especializada que eu estudei, para auxiliar na transição do oralismo para o bilinguismo. Fiz a entrevista, gravei em vídeo e fui fazer a transcrição. Um trabalho muito difícil, porque eu via o que está sendo sinalizado pela Valéria em Libras, entendia em Libras, porque é minha primeira língua, igual a dela e precisava escrever na Língua Portuguesa. Dentro da minha cabeça preciso mudar tudo. É muito difícil fazer isso, porque a escrita usando as letras do alfabeto é artificial. Não existe a pista do som como acontece para o ouvinte. Daí é quase igual ao ouvinte que tem a primeira língua o português, que ouve uma gravação na Língua Portuguesa e depois precisa transcrever em chinês. Acho que é até mais difícil, porque, mesmo a escrita do chinês sendo muito difícil, porque não é alfabética, quem está transcrevendo, escuta. No meu caso eu estou fazendo a transcrição em línguas de modalidade diferente.

Também, tem problemas, pois parece que “faltam palavras” para escrever o que o entrevistado falou de maneira fiel. Discutindo com meu orientador, pensamos que pode ser porque a Libras é uma língua do ponto de vista linguístico, mas ela ainda não tem tradição cultural. Então pode ser que existem muitas palavras que não tem sinal, isso é verdade, principalmente se são conceitos científicos, coisas só usadas no mestrado ou no doutorado. Mas, eu tive muita dificuldade mesmo. Nas transcrições que fiz e estão em anexo eu deixei espaço só com sublinhado dos sinais que eu não encontrei as palavras. Então, não consegui fazer a tradução direto

sinal para palavra. Precisei fazer na narrativa, porque não precisa ser sinal para palavra, pode ser a história toda, o contexto. Então eu entendo em Libras e depois conto o que entendi. É diferente de tradução rigorosa.

Quando faltam as palavras pode ser porque o meu vocabulário seja limitado e eu não tenha condição de TRADUZIR para a Língua Portuguesa o que eu compreendi em Libras, principalmente porque preciso escrever de uma maneira que é diferente de como eu organizo meu pensamento. Como já falei antes, para transformar o que eu escrevo, para a forma culta da Língua Portuguesa preciso do auxílio de uma pessoa, ouvinte e fluente em Libras. Esse foi o procedimento com todas as entrevistas, menos com a da Francieli, que ela já me entregou escrita

Para garantir a autoria do meu trabalho, apresento vídeo em Libras de tudo que está escrito, mas vídeo simples. Quem sabe, no futuro, o surdo escreve em sistema gestográfico, o *signwriting* e daí seu trabalho escrito seja traduzido para a Língua Portuguesa. Então, penso que escrevendo e gravando vídeos, eu estou cumprindo meu objetivo de “dar voz aos surdos” e que esta voz também seja “escutada” pelos ouvintes.

Para finalizar, falta descrever como as entrevistas foram “analisadas”. Na verdade, as análises aqui aconteceram bem diferente de como eu pensava que iam ser. Porque nos trabalhos que eu li, sempre os pesquisadores procuravam encontrar o que os colaboradores disseram igual, isto é, pontos em comum e daí tentar mostrar esses pontos. Outros trabalhos, procuram criar um texto único, como se fosse a NARRATIVA de todos eles. Meu orientador considerou que fazer de qualquer um desses dois jeitos poderia ser que a gente acabasse por dar maior importância à narrativa de algum colaborador e isso não seria justo. Então, fizemos assim: cada narrativa constituiu um capítulo e, depois, fiz um capítulo formado por reflexões que fiz, sobre cinco temas, que coloquei o título de Reflexões sobre a Dissertação. Os temas foram escolhidos a partir do que achei mais importante em todo o processo e sobre algumas coisas que os entrevistados disseram e que chamou minha atenção. São eles: 1) Retextualização: Língua Portuguesa/Libras; 2) O bilinguismo e a Cultura e Identidade Surda; 3) Implante Coclear: um novo Congresso de Milão? 4) Os ouvintes, os sons, as emoções, as transcrições: o que aprendi com a História Oral e 5) Oralizar: para quem?

A seguir, vou apresentar as textualizações das entrevistas dos colaboradores. Todos eles autorizaram utilizar o nome real.

## 4 VALÉRIA CRISTINA CAMPAROTO DE SOUZA

A entrevista com Valéria aconteceu na casa dela e foi bem tranquila. Somos amigas há bastante tempo e eu era aluna na escola quando Valéria foi contratada. Ela foi a primeira professora surda da escola e a primeira professora de Libras. Quando ela começou a trabalhar, o conhecimento que ela tinha da Libras era apenas de um “nativo”, ela não conhecia nada da Libras culta, de gramática e sintaxe. Isso ela foi aprendendo sozinha, ou em cursos de capacitação.

A professora Valeria trabalha na ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio e Comunicação Infantil), entidade mantenedora do Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá, no norte do Paraná, há mais de 20 anos. Ela é surda desde seu nascimento porque sua mãe teve rubéola na gravidez.

Quando eu expliquei o objetivo da minha investigação e apresentei o TCLE para ela assinar, Valéria já disse que tinha vivenciado as duas formas de educação para surdos, o Oralismo e o Bilinguismo. A professora me recebeu na casa dela, concordou com a gravação, autorizou mostrar a gravação sobre a história e experiência dela. A conversa durou mais ou menos uma hora. Foram muitas informações interessantes, Valéria fala bastante e eu nem precisava fazer muitas perguntas. Eu estava nervosa e como era a primeira entrevista eu acabava interrompendo ela para fazer as perguntas.

\* \* \*

Meu nome é Valeria Cristina Camparoto de Souza, e o meu sinal é (*letra V, com a orientação da mão para esquerda e movimento retilíneo do queixo ao peito*<sup>17</sup>). Sou professora de Libras há muito tempo, tenho experiência na escola bilíngue. Fui a primeira surda que foi contratada na escola. Abriram a vaga e me convidaram e comecei a trabalhar ensinando Libras. Na escola eu vi que nós surdos (os alunos e eu) não entendíamos nada que os professores falavam. A maioria dos professores falavam oralmente e a comunicação foi muito difícil para mim. A direção pediu para eu fazer um projeto para ensinar Libras. Eu não sabia direito como fazer. Eu

---

<sup>17</sup> Assumi, para a descrição dos sinais, que a sinalização dos nomes está sendo feita por uma pessoa destra.

pensei em estratégia, em metodologia e ninguém entendia. Devagar os professores começaram a entender e fizeram um planejamento na escola para um curso de Libras.

Primeiro, os professores aceitaram fazer o curso e eu os ensinava para aprender Libras. O curso era básico, apenas para desenvolver a comunicação simples e fácil, com os alunos. Eu comecei a ensinar. Era a primeira vez que eu dava aulas e me senti envolvida pela experiência. Também ensinei os alunos para entender e se comunicar. Eles conseguiam sim, eu fiquei admirada com a mudança da escola para “bilíngue”, que ajudava todos, porque antes, no outro jeito da educação tem aquele surdo, por exemplo, você (Beatriz) sabe bem e é inteligente, dá para falar e entender, mas vezes para muitos outros é difícil aprender e difícil que o professor não entende o que o surdo fala. Os alunos aprenderam muito mais rápido. Foi difícil os professores aprenderem. Então eu usei estratégias diferentes, como teatro, mímica. Expliquei muito. Os professores treinavam muito e mais ou menos depois de um ano, eles já conseguiam se comunicar em Libras e a escola foi ficando bilíngue. Eu também ficava junto na sala para ajudar o professor que não sabia Libras.

Depois a escola começou a trabalhar para desenvolver a aquisição de linguagem, da Libras para os alunos surdos, até os pequenos. O aluno surdo gostava muito e achava interessante que os professores sabem Libras e conseguem se comunicar. Antes disso, foi horrível, a falta de comunicação ou má comunicação, era difícil de entender e não conseguiam aprender direito.

No Oralismo, o professor ficava desesperado. Antes de saber Libras eu precisava ensinar, o professor pegava o texto escrito de sua disciplina, por exemplo, história e o professor não consegue adaptar do Português para Libras. O professor reclamava no H.A (*horas atividades, igual planejamento de aulas*) e me pedia ajuda. Eu explicava e dizia para ele que não necessitava adaptar tudo, até eu aprendi as coisas novas com ele, que eu não conhecia as palavras, fiquei feliz e admirada com essa troca. Resumindo, explicava e perguntava para o professor se ele entendeu. Mas

as vezes não foi claro e o professor ficava desesperado e me pedia para irmos juntos e adaptar o texto para ele. Adaptei texto escrito para Libras, apresentei para os alunos e fiz perguntas e eles respondiam. O professor se emocionou e ficou admirado com o resultado!

Entende Bia? O professor tinha aprendido Libras, mas não profundo, tinha muitos sinais que não conhecia. Mas pior era a falta de expressão facial. Também ele não tinha estratégia de visual, isto é, de ter imagens, fotos, coisas para mostrar para os alunos entender melhor. Precisa né. Então, percebeu que eu, a instrutora de Libras podia ajudar, era bom contato e o trabalho junto combina certo. A Libras e o visual é o contexto certo para professor ensinar. Com texto escrito e falando português não dava certo.

Precisa adaptar para os alunos surdos que precisam se sentir igual os ouvintes e entender claro na sua língua. O professor precisa aprender Libras e ensinar a matéria igual e claro para os alunos. Precisa de vontade e de esforço para buscar e aprender. Se não conseguir deve ficar desesperado? Deve treinar mais e fazer cursos para aprender. Depois prepara as aulas, depois sente mais vontade e interesse em treinar mais, consegue sim e se sente aliviado em se comunicar fácil com os alunos. Tem alguns ouvintes que não conseguem aprender Libras.

É difícil, cada um tem jeito próprio, eu admiro que eles se esforçaram, lutaram e se adaptaram, até gostaram de aprender.

Na proposta bilíngue, podemos escolher o que mais gosta, professores adaptam primeiro, por exemplo, Português, falar fácil para os surdos entenderem as frases, o que elas significam. Se os surdos não as entendiam claro, a gente adaptava de Português para Libras, os surdos entendiam bem e fácil. Por exemplo, algumas palavras difíceis, uso de Libras pura, nós surdos entendemos bem e conseguimos sim. Mas depende de nível de inteligência de cada pessoa, então os professores, por exemplo, história, contamos e explicamos com expressão facial e emoção, isso é bom e importante.

A proposta bilinguista, dá para adaptar e educação bilinguista é melhor. Por exemplo, texto escrito, os alunos apontavam o que não

entendiam, nós bilinguistas explicamos e ensinamos em Libras, admiro que eles entendiam. Mas depende do texto que pode ser complicado e difícil, algumas palavras que eles conseguem e outros eles não conseguem. Algumas redações, alguns textos. Eles se sentem capazes na sua L1, Libras “escrito” para alunos aprendem pouco a pouco.

Eu me lembro também que tinha aluno que não queria Libras. Por exemplo, ouvinte perdeu audição e era considerado “meio surdo” (um ouvido é surdo), continuava oralizando, mas mudou identidade, veio para escola e todos surdos sinalizam e ele ficava de mau humor porque não quer Libras. E eu uso Libras e não aceito Oral direto. Nós surdos deixamos ele (ouvinte meio surdo) e ficamos quietos porque é difícil para ele que viveu e aprendeu diferente lá fora e não dentro da ANPACIN porque aqui é Libras, ele tem que aceitar porque é Bilíngue. Falei com ele: fica calmo e vai aprender devagar eu não quero exigir e ser teimosa. Preciso aceitar o que ele quer.

A Libras é “gostosa”, interessante e importante, vai buscando e achando a entender, consegue adaptar sua expressão facial, arranjar a desenvolver a Língua de Sinais, eu disse a ele. Para convencer ele a aprender Libras.

Agora vou falar sobre aula de Matemática na Escola de Surdos. Primeiro eu lembro no passado, quando eu via o professor ensinando no oralismo. Muito difícil. Me lembro o professor apontava e falava mas os surdos não entendiam claro, por exemplo, número 1,2,3,4....O professor apontava números e perguntava “1 SOMA SOMA (*Valéria aqui repetiu muitas vezes o sinal para SOMA, querendo dizer que o professor falava muitas vezes*)” e os alunos não respondiam nada, porque não entendiam. Professor repetiu muito porque só falava e apontava os algarismos no quadro. Ele não explicou nada do conceito. Professor falava várias vezes “Você olhar para ler número (*Aqui, Valéria contou isso, deixando seu rosto sem expressão, como o professor devia fazer, ou seja, sem que o que ele estivesse fazendo tivesse significado para o aluno*).

Então o professor de Matemática pediu minha ajuda e eu fui na sala de aula dele. Observei, comecei a entender e adaptei o que ele falava



português para Libras “1 (aponte número) MAIS (sinal soma) 1 (outro número, aponte), o resultado, respondam qual é. Precisam responder aquele número SÒ 1 + 1 total 2, então responde 2”. Os alunos surdos entenderam e respondem 2. Eu fiz outra pergunta um novo exemplo, 2 MENOS 2, responde? Expliquei SOMA igual mais mais, MENOS igual tira, desconto. Pedi os alunos com atenção, 2 MENOS 2, 2 é igual, respondem. Eles respondem ZERO. Até expliquei DIVISÃO.

O professor não explicou conceito de adição e subtração, só falava SOMA. Os surdos não sabem o que significa SOMA. Eu expliquei a diferença entre os sinais escritos + e - . Daí os alunos respondiam certo. O professor aprendeu os sinais de Libras para essas operações e começou usar. Os alunos entendiam melhor,

O professor precisa entender que ouvinte é diferente de surdos, então precisa de mais coisa. Não é só apontar e falar. O cérebro do surdo é diferente porque ele entende tudo pelo visual. Ensinar ouvinte é diferente ensinar surdos.

É difícil criar sinais de Matemática em Libras, por exemplo, sinal básico desenvolve mas, quando fica mais difícil, o conhecimento mais profundo da Matemática, procuramos entender o conceito, a palavra do nome do conceito e vou procurar material de sinais dessa disciplina. Depois ensino o professor e fica mais fácil. Também dou conselho para professor fazer desenho e comparar a palavra e o sinal. Então o professor precisa da estratégia de fazer desenho. E ele aponta desenho e perguntando. Às vezes os alunos não respondem porque não prestam atenção e nem ler o que está escrito. Então professor precisa chamar aluno, apontar 1 e pergunta 1, por exemplo, +, 3 e os alunos vão respondendo e treinando. Primeiro respondendo vários resultados apenas +. Depois, fazemos nova atividade de X, treinando e respondendo de vários resultados de X. E continua os passos de vários cálculos mas não mistura X, +, etc. Só o final, os alunos aprendem e entendem, podem responder de qualquer cálculo.

Cada um aluno é diferente, alguns gostam de Matemática e outros não. Eu vejo que se ensina pouco. Só coisas básicas, nada profundo. Eu não

ensino Matemática. Apenas o professor formado em Matemática sabe estratégia para poder ensinar.

(*Valéria retoma a narrativa de quando começou trabalhar na escola*): Estava ansiosa, precisava trabalhar e peguei a vaga, entrei em 1996 e estou até hoje, muito tempo sim. Quando surgiu a vaga, no mês de agosto, o pessoal da Escola me chamou para uma reunião para fazer uma proposta para eu aceitar. Nessa reunião, pensei muito até fiquei preocupada porque parei de estudar no Ensino Fundamental, nem tinha terminado o fundamental. Era muito difícil, não tinha escola especial. Falei que precisava formar na faculdade e prometi que ia formar mesmo, falei com eles sobre isso. Eles disseram “ta bom” e precisava eu pegar vaga urgente porque a Libras ia obrigatoriamente ser usada na escola. Naquela época a escola trabalhava método oralista e os professores perceberam que ensinar no oral puro para surdos não dava certo. Então a escola pensou e abriu vaga para contratar professor de Libras, para ensinar todo mundo, professores e alunos.

A Libras foi necessidade para facilitar a comunicação com os alunos surdos. Por isso abriu vaga, naquela época, eu fui convidada porque eu frequentava a igreja junto com a Leila, que era psicóloga da escola. Na igreja tinha intérpretes e eu aprendi Libras com eles, mas só o básico. Nas reuniões era difícil porque todos falavam e eu não entendia nada. A Leila ajudava.

Os professores da Escola não sabiam nada de Libras, ZERO (*Valéria deixa forte a ideia do ZERO*), era má comunicação e eu aprendi nada e não me envolvi com eles nada, só observei. Sim foi difícil com eles, então só a Leila me explicava o que eu devia fazer. Depois eu comecei a ler e colocar imagens dos sinais que procurei e busquei conversar com os professores, com apoio dos desenhos e falei que tinha estratégia para ensinar os alunos. Eu queria usar o teatro, brincar e conversar para os alunos desenvolverem a língua e aprender Libras.

Eu fiz meu trabalho assim: contava histórias e fazia peça de teatro em Libras pessoalmente com as crianças. O objetivo do meu trabalho é

mostrar e usar a Libras para elas aprenderem. Também levei elas para passeio e fiz sinais lá fora, as crianças surdas aprendem fácil e entendem os sinais. É simples, só. Muito mais difícil ensinar professores ouvintes.

Atualmente, na sala de aula, eu ensino Libras sozinha. Antes eu preparo e depois ensino a eles, pergunto e eles respondem em Libras na aula com meu jeito... ensino poesia, produzir classificador e dou explicação em geral.

*(Quando a escola começou a adotar o bilinguismo)* A aula de Matemática era difícil mesmo com intérprete de Libras, porque o professor precisa união com intérprete e surdos. É o professor que precisa ensinar. Os professores, as vezes eu percebi que eles não conseguiam, então eu ajudava o professor a explicar os conteúdos em Libras. Os alunos entendiam e respondiam. Os professores se interessaram porque alunos aprendiam e começaram a estudar Libras mais profundo e preparar aula comigo, para fazer estratégia comigo em Libras.

Os alunos ficaram felizes porque eles percebiam e entendiam claro. Até emocionaram, eu percebi isso por causa expressão facial, dramatizaram com sentimentos, sinalizaram jornal em Libras. Nós admiramos, perguntamos para eles se gostam e se estão felizes. Até eles têm curiosos de informações. Não aceito que alguns alunos prestam atenção e 1 não. Esse aluno veio e foi embora, depois ele veio de novo, depende o jeito dele assim, o resto presta atenção. Quero todos prestam atenção.

A falta de sinais em Libras para todas palavras, a sintaxe que não tem sinal, por exemplo, o professor tem dificuldade e reclama da Libras. Ele precisa perceber como os surdos usam Libras até ele aprender a usar. A disciplina dele é ele quem ele ensina, e pode aprender trocando (interagindo) com os alunos juntos na aula. O professor pergunta ao aluno qual a sua dificuldade, por exemplo, um sinal que o professor não sabe. Os dois procuram juntos. É difícil mesmo porque tem pouco tempo então faltam alguns sinais, e o professor fica reclamando. Se ele não sabe sinal, ele pergunta e eu não conheço palavra e nem sei sinal, ele fica desesperado.

*(Ao ser indagada como as famílias reagem à adoção da Libras): A*

escola sempre tem curso de Libras para a família de aluno surdo. No começo só eu dava aulas, hoje tem mais três professores surdos. O pai de aluno surdo precisa vir para fazer curso para poder comunicar em Libras com o filho surdo. O que ele aprende na aula no curso, ele usa com o filho em casa.

Cada família é diferente, algumas não conseguem aprender. Mas eu percebi que não é por causa do tempo de aprendizagem. É porque as famílias não aceitam a Libras. E eu quero que elas aceitem Língua Portuguesa Escrita, só como L2 escrito. Então também aceito que os alunos e as famílias usam o L2, o português escrito. Deixo sim, mas a Libras continua.

Às vezes os pais falam que não tem tempo. Não aceito. Não é tempo, é a vontade de aprender, por exemplo, a família apontam seus filhos que são surdos profundos, precisa fazer curso para aprender. Como? Acham difícil. Então a Libras é muito próximo, não aceito oral, não! Compartilhar para aprender a escrever, usar Libras e escrever, aceito sim. Aceito que uma família aprende até metade Libras e metade gestos ou Libras básico. É preciso. Os surdos têm curiosidade sobre as conversas na família e os ouvintes precisam aprender para ter contato com a família. Existe metade, uns 50% ou mais, por exemplo, pode acontecer que 70% não aceita Libras e 30% sim, depende.

Não ajudo muito mais na aula de Matemática porque não precisa. É melhor conversar com professor antes e ajudar preparar antes para aprender a usar modelo e Libras. Então é melhor nós juntos procurar a resposta quando tem dificuldade. Por exemplo, vamos no *youtube*, procurar sinal próprio de Matemática, mas não tem sinal. Anotamos e muitas vezes criamos material para usar os sinais, há poucas falhas, às vezes os sinais mudam.

A mudança de sinais diminuiu, já existem dicionários na internet. Então o professor já sabe Libras, então precisa “se virar”. Ele precisa treinar mais e pesquisar internet para buscar sinais para estudar.

Fazem pós-graduação e Pedagogia mas não tem experiência com a comunidade surda. Os professores formados só leem, buscam e pesquisam, mas precisam conhecer os surdos para “ensinar” de verdade.

Os sinais em Libras na aula de Matemática quando é básico não têm muita diferença do sinal escrito, por exemplo, +, -; x. Não fica muito difícil porque também existem gestos comuns que ajudam mais fácil, minha opinião. Por exemplo, quando tem muito português, como na disciplina História é mais difícil.

Mas é preciso muito usar a Libras. Porque se tem coisa escrita, os alunos copiam só, parece é frio. Expliquei isso para o professor. Se ele não tem estratégia em Libras, então o escrito deve ser claro para poder explicar uma vez, e alunos entenderem o que está escrito. Depois que o aluno entender então o professor pede para que os alunos copiem, copiem, copiem.

Agora os alunos não sentem vontade de aprender todas as disciplinas. Alguns preferem português, matemática, tem sua estratégia. Eu sempre preferi Matemática porque português precisa ler muito e fazer redação. Mas se o professor de Português é bom e ensina bem, eu aprendo escrever. Mas o geral de disciplina eu esqueço. Esquece esquece esquece de alguma....

O importante é preparar o futuro do aluno para a vida boa. O aluno tem que ler e entender até decorar, precisa ler de frases. O professor não deve apontar muito porque os alunos não conseguem “ouvir” Libras e “olham” a apontação. Sim, eles têm que “ouvir” em Libras para decorar e escrever melhor.

Acho é importante a Libras, sim! Eu uso apenas Libras.

Mas, o bilinguismo é bom e também é importante porque a Libras adapta tudo e o aluno também aprende português. Mais difícil a redação. Ah! A redação, os alunos têm que saber e entender claro a leitura porque às vezes tem palavras difíceis. Também fica complicado ler e escrever por causa da sintaxe das duas línguas. Muito diferentes.

Eu prefiro bilinguismo. Porque entendemos por causa da Libras. Eu percebi que os alunos aprendem rápido. E ficam felizes, porque antes, na proposta oralista só ensina palavras, frases, fala só. Essa proposta (oralista) exige dos estudantes só olhar e copiar, parecem robô, fantoche, e mandados

de forma radical pelos professores. Que ignorante! Eu aprendi claro com a Libras. Para o surdo ela é “natural e automática”. A minha opinião é melhor o bilinguismo.

*(Ao ser dito que Valéria podia acrescentar qualquer coisa à entrevista, ela se posiciona em relação à sua profissão):* Amo ser professora, ensino Libras com amor para surdos, me sinto feliz e é muito bom para mim. Se os surdos estão na escola inclusiva, eles se desesperam e vão na escola só para apoio (AEE) eu estimulo eles para erguerem seu futuro melhor, estou feliz mesmo. Acho meu trabalho importante. Ensino Libras o que eu amo, amo todos surdos que são iguais a mim, é isso que eu gosto. Só isso *(indicando que já havia terminado seu pensamento)*.

## 5 KÊNIA JÉSSICA YAMANAKA GONGORA

A entrevista com a Kênia foi feita na minha casa. Kênia aceitou o convite que mandei por e-mail. O convite e o TCLE foram feitos em vídeo, em Libras. Primeiro eu agradeci que ela aceitou o convite e falei que ela podia ficar bem tranquila. Expliquei que o assunto era normal e que, como somos amigas há muito tempo, era só uma conversa sobre as experiências dela. Atualmente Kênia é professora de Libras, mas também se formou em Odontologia. Nós fizemos vestibular juntas e não fomos aprovadas. Daí minha mãe conversou com os pais dela e fizeram recurso. Porque a universidade não havia considerado nenhum critério diferenciado para surdos. Ganhamos o recurso e fizemos matrícula juntas. Kênia em Odontologia e eu em Educação Física. O motivo que eu convidei a Kênia foi que ela estudava na mesma escola que a Valéria e a Viviane eram professoras quando teve mudança do oralismo para o bilinguismo. A seguir, seu relato.

\* \* \*

O meu nome é Kenia Jéssica Yamanaka Gongora. Meu sinal é (*Configuração de mão na letra k com ponto de articulação no lado direito da face, sem movimento*). Eu nasci em uma cidade pequena, Guaíra. Minha família descobriu que eu era surda quando tinha dois anos de idade. Lá em Guaíra não tinha escola especializada para surdo. Eu sou filha única, então, meus pais mudaram para Maringá, que tinha a ANPACIN, escola especial. Mas não tinha bilinguismo. Era oral, o foco é oral então eu comecei a estudar oral. Muito pesado, obrigado falar. O método era antigo, oralismo puro, tradicional. Tinha que treinar muito com fono e com professor. Eu aprendi falar e quando escola mudou e aceita Libras eu continuei falando.

Hoje a escola é diferente, mudou por causa da lei da Libras. Hoje é bilinguismo, bilíngue e eu sentir diferente. Fazer a comparação entre o oralismo e esse lado bilíngue. É bilíngue porque tem duas línguas, a Libras é L1, primeira língua e português é L2. Agora o surdo tem mais informação, aprende mais. A Libras ajuda muito. Quando era oralismo o surdo era obrigado a ser fiel no português, precisa português certo.

A gente tinha linguagem pouco atrasado no oralismo. Com o

bilinguismo o surdo estuda igual ouvinte porque entende, tem informação.

Quando fiz faculdade, continuei no oralismo. Primeiro fiz odontologia e não tinha intérprete. Eu sofri quatro anos, mas eu achava normal, igual eu na escola. *(Nessa época, minha irmã Marília e eu estudávamos na mesma faculdade e minha família pagava intérprete para nós. A Kênia não queria. Os amigos ajudavam)*

Eu me formei e não consegui trabalho na Odontologia. Então eu pensei tentar segunda oportunidade. Separar essa odontologia e ser professora. Então fui cursar letras /libras. Me formei e agora eu sou professora de Libras na própria escola que eu estudei. Agora é bilíngue. Me sinto melhor. Eu tenho orgulho de ser professora de Libras. Me sinto igual outros professores. O surdo tem valor e precisa aproveitar oportunidade. Eu vejo que está melhor a escola. Os alunos conseguem aprender com as duas línguas, L1 e L2. Antes muito difícil. Hoje é muito melhor para os surdos.

Se eu faço comparação entre como eu estudei e agora... Não tem comparação, porque é diferente. Na odontologia tinha muito visual. Não tinha intérprete, nada. De manhã e tarde só professor falando e eu prestando muita atenção para ler lábio, parecia eu apertada, não tinha espaço, não tinha acessibilidade, nada, ZERO. Muito complicado, parece tem limite, barreira. Então eu estudava muito em casa, com livros. Ouvinte ouve e entende. Chega em casa tranquilo, o conhecimento está pronto. Eu preciso estudar o dobro, para ler e procurar entender o que professora falou. Mas eu achava era normal.

Quando eu fui fazer a faculdade de letras/Libras parecia outro mundo! Professor sabe Libras, tem intérprete, usa muito visual. Os amigos da escola sabem Libras, dá para conversar. Tem muito intérprete. Daí eu percebi que eu não tenho limite para aprender. Não é difícil comunicar e eu me senti como um aluno ouvinte. Eu entendia o professor, eu podia fazer perguntas e conversar com os colegas. Me sentia completa.

Você quer saber sobre aula de Matemática? Eu estudei na escola que era oralista. Depois quando escola mudou bilinguismo eu sabia pouco Libras. *(Nessa época, minha irmã e eu frequentávamos a associação de*



*surdos. A escola era contra. Mas minha mãe achava importante. Então nós já conhecíamos Libras, mas a maioria dos alunos foram aprender Libras com as instrutoras. Kênia não ia na associação. Sua família seguia a recomendação da escola).*

As aulas de Matemática no oralismo era pouco atrasado. Demora muito para explicar e aluno entender com leitura labial. Professor explica uma vez, explica de novo, de novo. O aluno surdo não entende. Então demora para ver coisas novas. Agora com a Libras explica uma vez e eu entendia rápido. Aparece a ligação, entende? A Libras parece tem ligação com a Matemática, é rápido, positivo. No oralismo não entendia, demora demais para entender, muito cansada.

Eu agora sou professora de Libras. Ensino Libras porque é a L1(*primeira língua*) para todos surdos. Mas também dou apoio para os professores ouvintes. Por exemplo se ele não sabe um sinal de geografia ou de Matemática. Não é só foco na Libras. Então algum professor me dá o conteúdo e eu posso explicar para os alunos. Se ainda falta sinal, dou ideia e cria sinal provisório e todos alunos combinado entendem o sinal para aquele conteúdo da disciplina. Também procuro na internet, algum vídeo sobre o assunto se tem sinal pronto. Também temos um grupo de professores surdos. A gente conversa e cria sinal provisório. Mas precisa entender bem o conteúdo.

*(Antes, Kênia não usava Libras, porque fala bem e tem boa leitura labial, hoje mudou):* Eu sinto orgulho da Libras porque é nossa língua própria, a L<sub>1</sub> principal do nosso mundo surdo. Nossa língua de comunicação. Mas a L<sub>2</sub> também precisa aprender porque aqui no Brasil a língua é português. Hoje eu uso mais L<sub>1</sub> Libras, uso as mãos. Importantes mãos, que tem muito valor com os surdos. É a identidade surda.

Precisamos ensinar crianças surdas ter orgulho da sua língua, da sua cultura. Precisa estimular as futuras gerações. Não podemos deixar só os velhos com a Libras, a cultura (*as tradições*).

É importante a escola estimular, desenvolver Matemática ou qualquer disciplina. Precisa aprender e também ajudar completar Libras.

Precisa criar sinal novo. Novas ideias, novas informações. A escola não pode ficar parada porque o mundo nunca parado. É preciso desenvolver anos pra frente não pode ficar parada. É importante estimular sim.

Eu acho que as crianças precisam aprender primeiro Libras, que é sua L1. Libras pura. Depois aprende português escrito ou oral, se quiser. Então precisa escola bilíngue. A criança entra na escola e tem aquisição da Libras. Depois Libras pronto começa escrever L2, não falar ainda.

Se a criança surda sabe Libras ela aprende igual criança ouvinte. Ouvinte consegue ouvir, surdo tem visual. A Libras é língua igual fala, é língua natural. Então ela quer falar em Libras com a família, com os professores. É criança igual. Às vezes a família não sabe Libras e então o surdo não para quieto na escola. Às vezes ele descobre tarde que existe uma língua que ele pode falar, por que na família ele não falava. E fica surpreso. E feliz.

Tenho orgulho de ensinar Libras. É muito importante. Mas eu também aprendo com os surdos, com os professores ouvintes. Estou ajudando a formar uma geração diferente de surdos. Eles vão sentir orgulho de ser surdo.

*(Sobre sua família)* Eu sou casada com um surdo. Meu filho é ouvinte. Todas as pessoas da minha família e da família do meu marido são ouvintes. Só nós dois somos surdos. Na minha família só minha mãe sabe Libras. A comunicação é oral, mas é simples, porque estamos acostumados. Meu pai só oral. *(Isso é muito comum. Acontece na minha família também. Parece que as mães querem se comunicar com os filhos. Poucos pais ouvintes sabem Libras).*

*(Sobre como foi descoberta a surdez):* Quando eu tinha dois anos mais ou menos minha mãe percebeu que me chamava, chamava e eu não olhava nem nada. Ela achou estranho. Ficou com dúvida e me levou no médico. Daí mudamos para Maringá. E fui na escola oralista. Minha mãe seguia tudo que a escola mandava. Minha mãe não sabia Libras e nunca viu ninguém usar. Antigamente só divulgação do oral. Não falar nada de Libras. Minha mãe inocente acreditou era bom para mim. A metodologia oral era

muito forte na escola e minha mãe também me obrigava a usar o oralismo em casa. Me levava na fono, me obrigava fazer exercícios. Eu consegui me comunicar oralmente. Consegui por causa da fono, da minha mãe. Só a escola não conseguia.

Agora eu sou professora de Libras. Já faz mais ou menos cinco anos. Eu me sinto muito feliz. Veja, nós duas conversamos muito gostoso, em Libras. É a forma de comunicação dos surdos. A gente se entendeu. Se a gente estivesse naquele tempo e ia tentar conversar no oralismo ia ser mais difícil. Porque eu entendo labial (fazer leitura labial). É nossa L1. Em Libras não tem limite na conversa. Eu não entendo labial de pessoas fora da família. Não entendo claro. Depende eu olho labial não entendi, peço pessoa repetir, falo desculpe. De novo olho labial depende da pessoa expressão labial. Às vezes entendo. Também tem confusão, por exemplo, com as palavras faca e vaca porque movimento da boca é parecido. Se for em libras com certeza eu sei pronto.

*(Convidada a acrescentar mais alguma coisa):* Obrigada convidou contar história dos surdos.

## 6 VIVIANE ROMERO GIROTTO

A entrevista com a Viviane foi na casa dela e durou mais de uma hora. Falamos sobre tudo, inclusive sobre a vida particular dela e sua atuação como presidente da Associação dos Surdos de Maringá. A mudança na vida da Viviane foi muito grande, com a “liberação” da Libras. Viviane foi a primeira criança surda que minha mãe conheceu, além de nós. Ela estudava no Instituto e ia muito bem na escola. A mãe dela era muito atuante na educação dela. Minha mãe procurou conversar com ela. A educação da Viviane sempre foi seguindo o oralismo. Mesmo quando aconteciam eventos em que a Associação de Surdos participava, quando a Viviane era criança ou adolescente, ela não participava. Aliás, essa era a orientação dos professores de surdos e os pais seguiam à risca. Viviane não estudou na ANPACIN no seu ensino regular, só na Educação Infantil, mas foi trabalhar como instrutora lá. Quando ela ficou mais adulta, ela sempre participava da associação. Atualmente é presidente da associação. A história da Viviane é a mesma de praticamente todos os surdos da nossa geração. A mudança do oralismo para o bilinguismo não aconteceu apenas na escola, mas na nossa vida. Segue o relato dela.

\* \* \*

Meu nome é Viviane Romero Giroto. Meu sinal é esse: *(configuração de mão em D, orientação das mãos para o corpo e movimento semicircular de uma extremidade a outra dos lábios – da direita para esquerda)*. Eu sou casada e tenho três filhos: uma mulher já adulta, um menino que já faleceu e uma menina.

Eu comecei a estudar na escola especial quando tinha 2 anos de idade. O foco era oral, só oral. Com 07 anos fui estudar na escola regular. Só tinha eu de surda, os outros alunos eram ouvintes. Fiquei nessa escola até os 16 anos, mas como não consegui terminar o Ensino Fundamental eu mudei para o Ensino Supletivo. Lá tinha outros alunos surdos e foi quando comecei a ter amigos surdos. Também tinha ouvintes, misturado. A nossa professora sabia um pouco de sinais. Estudei lá até terminar o Ensino Médio. Depois, quando fui fazer faculdade de Pedagogia eu tinha intérprete. Era

minha colega no curso. Depois me formei e fui fazer especialização. Depois fui fazer o curso de Licenciatura letras/libras, que tem intérprete e professor que sabe Libras. Sempre fiz faculdade particular.

Quando era só oralismo era muito difícil a comunicação. Eu só entendia bem minha família. Fora da família, na sociedade muito difícil a comunicação. As pessoas falam rápido, ou têm bigode então não vejo lábios. Algumas pessoas eu entendo. Agora família que eu já estou acostumada eu entendo claro. Problema maior palavras parecidas como bandeira e madeira. Fica confuso é difícil ver diferença nas palavras por exemplo com V e F (*fac*a e *vaca*) e T e D (*tá* e *dá*)

Quando eu estava na escola foi melhor no supletivo. Tinha amigos surdos e tinha Libras. Mais fácil e claro de entender. Na escola comum eu me sentia presa em um quadrado, sozinha, parecia abandonada. Com libras tem troca a troca (interação) e eu entender claro. Nossa, muito melhor com Libras.

Eu agora sou professora na escola de surdo. Antes eu era instrutora de Libras mas agora sou professora das crianças pequenas. Na pré-escola (*Educação Infantil*). Faz vinte anos eu trabalho na ANPACIN.

Eu não sou professora de Libras mas a criança aprende porque eu só uso Libras, então elas vão ter a L1. Trabalho com crianças de 04 até 06 anos.

Tenho só três alunos, mas é difícil porque um não tem implante coclear, outro tem implante coclear e o outro tem mais um problema (*associado à surdez*).

Tem crianças mais velhas na escola, mas estudam com outros professores.

Com alguns professores é fácil troca a troca (interação), às vezes eu preciso de conselho. Mas eu sinto que eles tem mente diferente. Porque eles ensinam até nono ano. Então tem esse grupo de professores na escola, do pré até nono ano. Depois tem grupo separado do Ensino Médio.

Quando eu fui convidada para trabalhar na ANPACIN eu fiquei muito feliz. Por que eu pensava que não era capaz de ser professora. Quando eu

era criança eu sonhava com isso. Eu sempre tive vontade de ser professora. Eu falava minha mãe que eu queria ser professora. Mas tinha dúvida.... Professora de ouvinte? Como? Verdade eu pensava positivo, eu sabia que tinha escola de surdo na área, mas quando a escola era oralista, não tinha professor surdo. Foi difícil. Só quando mudou do oral para o sinalizado. Mas eu não sabia bem Libras. Não era fluente em Libras. Aprender com a troca a troca (*interação*).

Antes minha mente fechada, só oral. A escola estava com mente aberta. Não conhecia muitos sinais. ANPACIN me ajudou muito. Mudou minha mente. Muitos professores, a chefe, todos me ajudaram para aprender os sinais. Sempre mostravam sinais novos. Então eu agradeço muito. Também agradeço que a ANPACIN me obrigou fazer faculdade, me desenvolver. Minha família falava que não precisava fazer faculdade que o Ensino Médio estava “bom”. Faziam sinal de “positivo”. Mas a escola falou que se eu não fizesse a faculdade eu ia perder meu emprego. Então me obrigou. Eu fui e foi muito bom. Eu pensava em desenvolver e no meu futuro e continuar trabalhando como professora. Então agradeço a ANPACIN.

Na escola tem quatro professores surdos, a Valéria, a Rosineide, a Kênia e eu. Também já trabalharam lá o Luciano, a Karen e você beatriz. e mais quatro professores surdos.

Mas eu também sou professora de Libras. Assim: na ANPACIN sou professora da pré-escola, fixo. Mas trabalho como professora de libras temporário. Por exemplo, 2 anos, terminou outros 2 anos, terminou depois PSS (*professor não concursado do estado do Paraná*), já trabalhei na UTFPR e agora estou trabalhando na UEM. Lá também somos quatro surdos trabalhando. Sou temporária. Só uma efetiva, a Marília. Dou aula para ouvintes.

Não é muito difícil. Os alunos ouvintes sabem que eu sou surda. Sabem como é a comunicação com o surdo. Eu explico sobre cultura surda. Que precisa ter mente aberta e aluno ouvinte nunca viu Libras e pergunta “pra que” libras como comunicação. No troca a troca eu explico e eles gostam.

Também sou presidente da ASUMAR – Associação dos Surdos de Maringá. Agora em dezembro acaba. Já quatro anos. Já fui presidente antes. Agora preciso sair porque não pode mais de quatro anos. Então vou descansar dois anos e se depois eu tiver vontade, volto e fico mais quatro anos.

Dá trabalho ser presidente mas a associação precisa de ajuda. Tem funcionário, mas precisa fazer reunião, dar opinião, orientar o trabalho. Precisa de troca a troca e união. Não tem muitos surdos participando.

Difícil o surdo participar. Eles só vão para pedir passe livre. Não tem interesse em palestras sobre as coisas surdas. Eles só tem interesse em futebol. Antes era melhor. Vinha muito surdo nas reuniões. Eles vinham para conversar. Agora tem tecnologia, por exemplo *WhatsApp*, vídeo libras, *facebook*, vídeo (repete muitas vezes como se pensando no assunto) é fácil, eles não precisam mais vim conversar. Também não tem tédio.

Quando a associação começou, o Marcel era presidente. Era ótimo. Vinham muitos surdos. Não ter ouvinte, só interprete simples. Vinha família (minha família ia sempre, mãe e irmãos) e a comunicação acontecia na troca a troca. Agora a prefeitura mudou regimento, então tem ouvinte, surdo fica bravo com a lei. Precisa anotar tudo. Eu não entendo claro. Surdo não entende. Mas se não fizer tudo na lei não tem convênio com prefeitura, quem vai pagar o salário do funcionário? Então surdo não entende eu preciso obedecer prefeitura. Fica bravo. Já fiz palestra explicar a Lei. Não entendem. Agora dezembro acaba. Vem novo presidente. Mas eu fico triste porque parece surdo não tem força, não tem vontade. Os ouvintes parece ajudar mais, ter vontade. Chamo grupos. Não vêm. Não aceitam trabalhar. Pena.

A diretoria é (*formada por*) Coordenadora, que é ouvinte, assistente social, ouvinte, dois intérpretes ouvintes. Presidente surdo e tesoureiro surdo. Só. Tenho decepção.

Mas no meu trabalho nunca triste. Amo eu sou professora amo não enjoar amo professora meu sonho sempre professora até aposentar sempre professora

Mas às vezes fico decepcionada porque tem família que ainda não

aceita Libras. Não posso obrigar. Menor de idade a família resolve. Ainda tem família que quer oralismo dentro da escola. Por causa do implante coclear, a maioria já fez implante coclear. Parece mais ou menos dez. Família ouvinte. Precisa calma. Família não aceita sozinho. Precisa grupo sabe. Grupo de surdo mais velho conversar com família.

Não tenho interação com muitos professores, cada um tem horário de trabalho diferente. Só conversa coisa urgente e quando tem reunião. Mas acho que logo a escola vai fechar porque está diminuindo os alunos. Muitos professores estão tristes. Tiveram que pedir transferência para outra escola pública. Também tem professor aposentando e governo não põe outro no lugar. Muitos professores já estão desesperados.

O governo pensa que escola bilíngue é só escola especial, como era a APAE, por exemplo. Não é. É uma escola regular, igual às dos ouvintes. Então todo professor surdo está preocupado. Também preocupado com os alunos surdos. Vai ser difícil completar Ensino Médio.

Penso que no futuro o oralismo pode voltar, e a libras ficar fraca. Acho que vai chegar a ZERO. Falta informação. Precisa fazer palestras, explicar dentro da escola, estimular os alunos, conhecer que eles aprendem melhor. Pensa mudar todos para escola inclusiva, um intérprete atender, precisa acostumar junto com intérprete. O surdo vai se sentir diferente. O intérprete fica soletrando, A B C. Vai ensinar alfabeto, coisas básicas, mudar a identidade do surdo. Estou preocupada com o futuro. Se fechar a escola, você (beatriz) acha que associação pode ficar dando curso de Libras? Eu acho difícil. Precisa proposta do governo. Já levamos proposta na prefeitura. Difícil.

Na associação já tem curso. Teve até um gratuito, mas a família ouvinte não vai. Não vai mais ouvinte participar.

*(Perguntada sobre como é a comunicação com os filhos)* Tenho duas filhas. Uma tem 25 anos e a outra tem 11 anos. Com a mais velha só me comunico oralmente, porque antes eu acostumada oral, então ela acha Libras difícil. Só oral.

Acho a comunicação oral mais difícil. Demora mais tempo e entende



só pedaços. Minha filha mais nova eu tento ensinar, mas não mando. Às vezes ela me ajuda, eu agradeço, não mando. Se ela quer ajudar, eu aceito. Minha filha mais velha conhece poucos sinais, como “convidar”, “entender”.

Estou casada agora e a família dela (*Viviane está casada com a Cida*) quase todo mundo sabe Libras. Os dois filhos dela, irmã, cunhado. Muito interessante na família. Sentar em círculo às vezes e conversar em Libras. Bem diferente da minha família que é tudo oral.

O trabalho na escola bilíngue é igual o trabalho em qualquer escola. Às vezes está bom, às vezes está ruim. Normal. Não é 100% perfeito. Isso não é normal.

(*Como a conversa fluiu e não se falou de Matemática, foi perguntado depois, as questões do Bloco de Matemática*) Ah! Agora falar sobre Matemática.

Quando eu era pequena, ia mal em Matemática, pior não entendia os problemas tirava a nota baixa, a professora não me ensinava bem, eu não entendia nada. Minha mãe me ensinava ou pagava professora particular que me ensinava. A professora na escola era muito grossa, não tinha paciência comigo porque eu não entendia Matemática e não entendia o que ela falava. Por isso eu odeio Matemática até hoje. Como era proibido aprender Libras, eu aprendi com uma amiga me ensinou Libras escondido ninguém sabia eu tinha 13 anos. Depois com 16 anos quando fui estudar no supletivo eu comecei usar Libras e entendi um pouco Matemática no supletivo.

Minha família nunca aceitou a Libras quando eu era mais jovem. Agora aceitou porque é meu direito, minha família não sabe usar a Libras só oralismo. Só minha filha caçula usa Libras.

Na escola regular comum nunca usei sinal, nunca só oralismo e atrapalhava aprender.

Depois alguns anos fiz supletivo tinha professora sabe pouco usar Libras eu entendia bem claro, só que ainda não entendo os problemas Matemática. Mas sei ensinar crianças sobre contar.

## 7 MARÍLIA IGNATIUS NOGUEIRA CARNEIRO

A entrevista com minha irmã Marília, foi na casa da minha mãe. Marília é minha irmã gêmea, mas nossas trajetórias escolares foram bem diferentes. Marília estudou apenas dois anos na escola especial. Primeiro, quando a gente estava na Educação Infantil, estudávamos na ANPACIN, depois fomos para o Instituto de Educação, porque era assim que funcionava naquele tempo. A gente estudava na escola especial até conseguir se comunicar oralmente e fazer a leitura labial. Depois a gente era matriculada na classe comum, sem intérprete.

Como minha mãe deixava a gente frequentar a associação de surdos, a escola especial nos segurou um ano a mais. Assim já tínhamos oito anos quando fomos encaminhadas para o primeiro ano. A gente ia um período na sala comum e no outro na classe especial. Naquele ano teve uma longa greve dos professores. Eu fiquei sem estudar e minha mãe matriculou minha irmã na mesma escola de meu irmão Lucas. Mas, ela acabou sendo “convidada” a se retirar. Daí, no ano seguinte fomos estudar juntas em outro colégio particular. Marília passou para o segundo ano e eu não. Mas ela um dia ficou tão estressada por causa da prova de ciências (precisava aprender sobre o sistema solar e a família toda fazia ela estudar), que ela rasgou seus cadernos e colocou em cima da mesa da minha mãe. Consequência: voltamos para a classe especial do Instituto de Educação. Meu irmão Lucas, que é trigêmeo com a gente, acompanhava todas essas mudanças. Para o Instituto, fomos todos. Nós três e mais os dois mais velhos, Raul e Vitor. Lá, Marília e eu vivíamos toda espécie de *bullying* (a gente não sabia que chamava assim) e nossos irmãos viviam brigando por nossa causa. Daí nosso pai resolveu nos separar. Nós continuamos na classe especial e eles foram para um colégio particular. Meu pai disse que nós precisávamos aprender a nos defender e que nossos irmãos não poderiam continuar brigando por nós. Isso foi muito bom. Ficamos mais fortes. Continuamos na classe especial até que a ANPACIN se tornou uma escola regular, com seriação. Fomos para lá para cursar a quinta série. Marília ficou lá até a metade da sexta série, depois voltou para o Instituto, agora na sala comum. De lá, cursou o primeiro ano do Ensino Médio em um colégio particular, novamente junto com o Lucas e depois acabou se formando no Instituto. Eu, vim um ano para o Instituto, no

Ensino Médio e voltei para a ANPACIN, onde conclui. Por causa dessa experiência diferente é que achei importante ouvir o relato de minha irmã. Afinal, ela escolheu enfrentar a escola comum, sem intérprete e saiu do conforto e da proteção da escola especializada. Segue o relato dela.

\* \* \*

Meu nome é Marília Ignatius Nogueira Carneiro. Meu sinal é esse (*configuração de mãos em W, orientação da mão para o corpo e ponto de articulação no lado esquerdo da face – sem movimento*). Eu vivi a experiência de estudar na escola comum (*naquela época não se falava em escola inclusiva*) e também estudei na escola especializada para surdos quando ela era oralista.

Não tinha inclusão. Tinha escola para surdo, tinha classe especial para surdo e escola comum. Nada de inclusão e nada de intérprete. Não se usava Libras. Os professores só usavam a oralização. Eu era obrigada a aprender a oralização, mesmo na escola especial, quando era bem pequena. Mas lá na escola especial mesmo que não tinha Libras, os professores usavam muito a expressão facial.

Passei por muitas escolas diferentes, até que foi criada a Escola Modelo de Maringá, uma escola regular para surdos. Fui para lá fazer a 5ª série e fiquei até metade da 6ª. Eu sempre fui na fono, minha mãe também me ensinava muito em casa, tinha professora particular, então eu aprendi falar e fazia boa leitura labial. Então eu “me sentia” preparada para o mundo ouvinte. Eu sempre estudei com meu irmão Lucas, e ele estava na mesma série que eu, mas em outro colégio.

Na sexta série eu estudava na ANPACIN/Escola Modelo. E lá era oralismo. Eu saí porque eu via os livros do meu irmão e achava que ele aprendia mais coisas do que eu. Eu queria escola que ensinasse bastante. A escola especial como era no oralismo “perdia” muito tempo com exercícios para falar.

Então fui para o Instituto. O diretor não queria me aceitar. Ficava falando que ia ser difícil, que os alunos não eram bem educados e eu então falei: “Se eu tiver problemas com os alunos, eu procuro você” “Você resolve”.

Ele ficou impressionado.

Mas foi difícil mesmo. Não tinha intérprete. O professor não tinha estratégia para me ensinar. Ninguém me avisava sobre provas, nada. Minha mãe foi várias vezes no colégio. Ela só queria que professores mostrassem planejamento para ela estudar em casa comigo. Ninguém dava nada. Eu me sentia sempre atrás dos alunos ouvintes, eles estavam sempre na frente. Eu ia na escola só para descobrir qual era a matéria e depois estudava em casa, à noite com minha mãe, ou na sala de recursos.

Eu só copiava, copiava e à noite eu mostrava para minha mãe. Ela explicava para mim. Depois à noite eu também ter treino/reforço com professor particular que me ensinava tarefa ou se eu tinha dúvida. Procurava os professores fora da aula, mas ajudava pouco por que eles não sabiam conversar comigo.

Hoje quando eu vejo as crianças na escola bilíngue, eu vejo como é mais fácil para elas. Por exemplo, nas aulas de Matemática, no passado eu não entendia nem  $4+4$ , então tinha que aprender logo. Então, ainda bem minha mãe professora de Matemática. Se eu não entendia ela me ensinava. Também tinha um professor de matemática chamado João. Ele muito preocupado comigo...Me ajudava.

Hoje eu conheço professora de Matemática que sabe Libras, que ensina na ANPACIN em Libras. Ela escreve no quadro e Lê e explica em Libras. Os alunos entendem e se não entendem podem perguntar direto para o professor. Na hora. Não precisa guardar a dúvida para perguntar em casa para a mãe ou para professor na sala de Recursos. O aluno tem autonomia, independência.

Direto, livre, autonomia e independência. A família não precisa pagar professor particular, na escola bilíngue o aluno não precisa sala de recurso, de reforço. É tudo direto.

O professor ensina em Libras e aluno pode tomar nota, escrever observações, porque entende claro. Quando eu fui fazer faculdade de Letras/Libras foi a primeira vez eu me senti uma aluna comum. Sem precisar de ninguém para me ajudar estudar. Parecia que não tinha mais barreira... Não

tinha limite.

Eu estava livre e era responsável pelos meus estudos. Antes eu achava que meu mundo era a associação dos surdos. Quando entrei na faculdade de Libras o mundo ficou grande....

Hoje eu sou professora de Libras em uma universidade. Eu não ensino crianças. Ensino os futuros professores e sempre falo para eles como é importante para o aluno surdo entender o professor e o professor entender o aluno surdo. Mas eu fico sempre no limite porque meus alunos usam português e eu uso Libras. Não quero intérprete junto comigo. Os alunos precisam entender EU SOU A PROFESSORA (*muita ênfase na expressão facial*).. Então eu tenho vontade/curiosidade de ensinar aluno surdo. Eu já dei aulas de catequese para surdos. Parece uma troca a troca de Libras. Tudo é muito claro. Parece que a Libras é igual nossa pele. Mundo fica igual... Eu me sentia muito bem dando aulas para surdos.

Ah! Tem uma coisa que eu preciso contar. Quando começou bilinguismo teve um programa do MEC que ia formar instrutores. Teve curso em Faxinal do Céu, de Libras. Eu fui fazer. Depois eu dei aula para professores da ANPACIN e também alguns do Instituto. Foi estranho. Eu estava ensinando Libras e os professores antes proibiam eu usar sinais. Mesmo professores...

O que é melhor, escola bilíngue ou inclusão? Depende eu já vi surdo sinalizador crescer e ficar adulto na escola bilíngue. Eu já vi surdo querer escola ouvinte e crescer lá. Também já vi surdo largar escola de ouvinte. E eu larguei escola de surdos. Ninguém pode mandar. Por exemplo, tem lei e diz agora é obrigado surdo ir na escola inclusiva. Minha opinião é importante a acessibilidade a qualquer tipo de escola. Livre escolha do surdo. Não pode mandar, decidir como ele quer estudar. Alguém manda ouvinte estudar escola religiosa? Não. Ele escolhe. Surdo tem direito escolher também. Não pode mandar estudar em algum lugar por causa ser surdo. Eu escolho. Não pode obrigar, empurrar. Acho ruim. Cada um escolhe livre. Você quer inclusão, vai. Você não consegue? Larga, volta. Você Bia escolheu crescer escola surdo. Eu escolhi escola ouvinte pra mim ver como era. Mas foi difícil.

Muitas barreiras. Tinha dificuldade em Matemática, em química. Mas também tinha aluno ouvinte que também tinha dificuldade. Lutei muito. Muita força. Falta de comunicação é horrível. Ninguém conversava comigo. Ficava dentro da sala de aula no recreio. Achava que era comum aquilo. Agora que estou estudando a teoria do Bourdieu no meu doutorado entendi que aquilo era violência simbólica. Ninguém me bateu de verdade. Não tinha machucado no corpo, mas doía também. Uma vez minha mãe falou para mim quando eu estava na faculdade. “Marília sai da sala, você sabe falar, vai procurar seus colegas no recreio”. Eu respondi. Não adiante, eles só fazem o sinal de “positivo” para mim e continuam suas conversas. Ela não acreditou. Eu fiz experiência e ela viu. Ouvinte não procura conversar com surdo, mesmo quando a gente é oralizado e sabe labial. Parece tem preguiça. Então, oralismo não existe.

Para o surdo viver no mundo ouvinte ele precisa de FORÇA.FORÇA, FORÇA.

## 8 VILMAR FERNANDO DE CARVALHO

O último entrevistado, porque para Franciele só mandei perguntas foi o meu amigo Vilmar, que antes morava em Pato Branco e agora mora em Guarapuava. Eu conheci o Vilmar quando a gente fazia o curso de Licenciatura Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina. Diferente da Kênia, Viviane, Franciele, minha irmã e eu, Vilmar não tinha apoio da família para ajudar estudar, então lutou muito sozinho. Mas formou em Letras/Libras e fez mestrado lá na UFSC. Todos os outros entrevistados tiveram ou ainda têm ligação com a ANPACIN, de estudo ou de trabalho. Então resolvi entrevistar o Vilmar para ver como as coisas aconteceram em outras cidades.

Vilmar veio passear um dia na minha casa e aproveitei e pedi para ele fazer a entrevista. Ele já sabia do meu mestrado, como era o tema da minha dissertação e concordou em gravar a nossa conversa. A transcrição da entrevista do Vilmar não tinha muitas lacunas porque fizemos juntos e foi bem mais simples. Segue o relato dele.

\* \* \*

Meu nome é Vilmar Fernando Carvalho. Meu sinal é sinal esse (*Configuração de mãos em V, orientação da mão para esquerda, ponto de articulação ao lado da narina direita e movimento semicircular da narina até o queixo, como traçando metade de bigode "FU MAN CHU"*). Eu agora moro na cidade de Guarapuava onde eu sou professor de Libras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Eu morei até cinco anos na cidade de Pato Branco, depois minha família mudou para Belém do Pará e fiquei lá até os onze anos de idade. Depois voltamos para Pato Branco.

Minha experiência na escola foi frustração porque maioria ouvinte maioria e as conversas eram só oral e eu único surdo. Então dentro escola o professor fala, fala (*repete para enfatizar*) eu não entendi, não tinha intérprete. Eu sonhava com uma escola que é igual tem hoje, uma escola bilíngue (*repete muitas vezes o sinal para vontade*) porque na escola bilíngue L1 é Libras e L2 Língua Portuguesa escrita. Fico pensando que eu ia

aprender muito. Quando eu estava escola oral eu percebia as palavras em português pelo visual, percebia como o professor escreve no quadro. Alguns professores explicavam, escreviam, explicam de novo, escrever muito porque procuravam me respeitar que eu sou surdo. Então davam pergunta e resposta, eu copiava, várias vezes escrever no caderno, copia, copia muito português. Eu não sei responder em português, eu sei responder em Libras. Alguns professores tentam comunicar e me deixam explicar o que escrevi, mas alguns professores não entender Libras nada e parece não quer me entender, outros me entendiam mais ou menos porque eu ajudo com oral. Eu tinha dificuldade não entendia direito, mas eu queria perguntar e professor só falava, não entendi (*reforça a expressão de negativa, de dúvida e repete várias vezes o sinal de entender, como se a lembrança fosse difícil*) entender, entender, então só

Eu tinha mais de três anos de idade quando comecei a estudar na escola especial para surdos em Pato Branco, depois mudei para Belém do Pará que não tinha escola especial. Mas minha família mudar muito, mudar norte outra cidade mudar, mudar, mudar. Eu não ia escola porque norte não ter escola especial e nem bilíngue. Minha família mudou porque precisava de trabalho. Mudei muito e não fui escola. Quando tinha mais de nove anos é que eu descobri Libras e descobri minha identidade de surdo. No norte não tinha escola. Quando eu ainda morava em Pato Branco eu lembro (*vagamente*) escola meio bilíngue, especial, depois nada, até eu voltar para Pato Branco, acho dez, onze anos, não lembro bem.

Quando voltei para escola eu tinha mais dois amigos surdos. O professor de Matemática só escreve no quadro, não fala nada. Sempre boca fechada e escreve, escreve, no quadro. Então a gente percebia o visual, o que professor escrevia. Escrevia muito e boca fechada. Acho ele não conversava com os ouvintes também. Daí ouvinte perguntava e professor falava e ouvinte entendia. Quando o surdo perguntava ele escrevia e mostrava no quadro. Boca fechada.

Depois fui escola que ia de manhã na aula e depois eu ia a tarde na escola especial. O professor de Matemática na escola também não sabia



Libras, mas fazia gesto, apontava. Eu também não sabia libras. Só gesto, mímica.

Mas eu tirava nota alta em Matemática porque aprendi fazer contas, era mais fácil Matemática porque eu entendia o que estava no quadro. Não tinha palavras.

Mas nas outras disciplinas eu sofri muito, tinha preconceito. Tinha professor de português porque ele só usava oral. Eu também tentava falar oral para me comunicar, mas ele não entendia. Ele não sabia Libras, nada e não entendia meu oral. Não tinha nada de comunicação. Mas na Matemática eu entendia. Com gesto, com apontação, professor escrevendo e fazia flechas e eu entendia. Outras disciplinas, quase nada. Copiava pergunta e resposta e decorava pelo visual.

Agora sou professor de Libras e tenho mestrado em linguística, a pesquisa foi em Libras. Fiz a graduação e o mestrado na UFSC. A graduação e o meu mestrado tudo na Libras. Daí ficou fácil. Eu entender tudo.

Quando eu estudava antes da faculdade não tinha Lei que obrigava intérprete, mas quando fiz faculdade tinha intérprete e os professores sabiam Libras e o curso todo era em Libras. Conseguia entender claro disciplina, tudo em Letras/Libras.

Antes de eu ser professor na universidade eu ensinei matemática básica para criança surda. Eu usei um pouco da estratégia do meu professor. Eu explicar sinais, escrevia e apontava no quadro. Ensino também os sinais em Libras. Explico e eles fazem exercícios no caderno. Consegui ensinar. Os alunos tinham mais ou menos seis ou sete anos.

Foi muito legal.

Hoje eu moro sozinho, não tenho ninguém da minha família em Guarapuava. Sou independente. Graças à Libras e meus estudos.

## 9 FRANCIELE DE LIMA BERLOFFA MACHADO

Eu não entrevistei a Franciele. Apenas pedi para ela responder as perguntas do roteiro das entrevistas. Tive esta ideia porque vi que muitas pesquisas faziam a análise de narrativas escritas. Mas também a ideia também veio por causa de uma conversa com a minha irmã. Quando Marília fez sua dissertação de mestrado, uma das coisas que ela investigou foi pedir para os surdos que colaboraram com ela escreverem uma notícia, um fato sobre a vida deles, fizessem um manuscrito. Depois eles digitavam no computador para ver se os equívocos apontados pelo editor de texto eram percebidos e corrigidos. Mas ela também pedia que os colaboradores contassem o mesmo fato em Libras. Os resultados encontrados por ela (CARNEIRO, 2016) foi que a escrita atua como um limitante para os surdos. Quando narram em Libras, eles falam muito mais. Então, quis verificar se isso acontecia também quando tinha um roteiro de pergunta. É claro que uma entrevista só não serve como estudo, mas apenas para ilustrar. Então convidei a Franciele e ela concordou. A Franciele também foi aluna da ANPACIN. Ela estudou na mesma turma da Kênia. Depois fez faculdade de Pedagogia na mesma faculdade que eu e a Marília estudamos. Nós lutamos muito para ter intérprete naquela faculdade e atualmente, lá existe até um setor de intérpretes de Libras.

Ficou bem mais simples fazer a narrativa da Franciele. Simples. Curto. Mas também parece mais frio. A seguir, a narrativa da Franciele construída a partir das respostas que ela deu ao questionário.

\* \* \*

Meu nome é Franciele de Lima Berloff Machado. Meu sinal é a letra *F* bem enroladinho, por causa do meu cabelo encaracolado. Eu aprendi Libras na ANPACIN quando eu tinha 12 anos. Depois disso ficou muito mais fácil para entender as coisas e me desenvolver.

Hoje eu tenho 36 anos de idade e fiz faculdade de Pedagogia, também fiz Letras/Libras e agora faço Pós-graduação em Educação Especial.

Depois que a escola usava Libras minha aula era boa porque a professora sabia Libras e no recreio era legal porque nós surdos brincava de

esconde-esconde, contava piadas em Libras e falava fofoca, eu gostava muito era divertido. *(Aqui ficou um pouco estranho, porque ela estudou na ANPACIN no mesmo tempo que todas nós, mas ela só contou como a escola ficou depois da Libras).*

Antes, quando era oralismo eu conseguia me comunicar porque eu me comunicava bem no oral, fazia leitura labial, mímica e escrevia no papel.

Nas aulas de Matemática a professora fazia Libras mais ou menos, poucos gestos, apontava, mostrava objeto cubo (*material dourado*) tem quantas dezenas, eu entendo.

Na escola também tinha exercícios para aprender falar, através de figuras, instrumento tambor, ensinava música de criança, por exemplo CAI CAI BALÃO , tinha fono na escola pra treinar a falar .

No começo era confuso, mas continuam usar bimodal era mais fácil eu me comunicava aprender com oralismo e a Libras . Nós surdos trocavam experiências em Libras e sem leitura labial. Com Libras aprendi muito mais fácil do que só com o oralismo.

Na minha época era proibido Libras, mas a gente usava Libras na escola escondido. Quando aprendi Libras na escola, eu já tinha 12 anos, na época os professores liberaram a Libras na escola.

Daí ficou mais fácil pra mim desenvolver. Minha família não aprendeu Libras, só aprendeu falar *Oi, Tudo bem, trabalhar*, muito pouco porque nos acostumou comunicar só oral.

Quando aprendi Matemática com Libras era mais fácil, eu gostava de aprender equações porque eu consigo fazer as equações e ficou mais fácil aprender Matemática com a Libras.

Com o bilinguismo é muito melhor porque os surdos agora aprendem Libras e depois segunda língua o Português escrito. Com essas mudanças os surdos aprender mais rápido.

## 10 BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES

Com o desenvolvimento da minha dissertação eu fui entrevistando as pessoas e, depois de ter feito todas as transcrições, eu senti vontade de também contar minha história. Fiquei pensando se eu poderia, mas propus ao meu orientador e fiz a seguinte pergunta: se fosse outro pesquisador fazendo esta investigação eu seria convidada ou, pelo menos, teria as condições para ser convidada.

Assim, gravei um vídeo em que eu respondia às perguntas do roteiro. Primeiro pensei em fazer uma gravação em que eu perguntava para mim mesma, trocando de blusa para a pergunta e a resposta, mas daria muito trabalho e não contribuiria com o trabalho. Então escolhi somente gravar minhas respostas. Fiz a transcrição, que se encontra no anexo 10 e a narrativa retextualizada é apresentada a seguir.

\* \* \*

Meu nome é Beatriz Ignatius Nogueira Soares, o meu sinal é B (*Configuração de mão em B, orientação da mão para o corpo, ponto de articulação no ombro direito*). Tenho 37 anos, eu já me formei em dois cursos superiores: Artes Visuais em 2007 e Licenciatura Letras & Libras em 2011.

Eu me lembro muito bem que na minha época (*ir à escola*) era muito difícil, eu ficava muito tempo isolada. Na escola regular era muito difícil pra conseguir aprender, eu nem conseguia decorar. Quando eu tinha 6 ou 7 anos, para aprender Matemática eu queria decorar o que era + e - . Eu gostava de brincar com um jogo (dominó) que tinha desenho e números ou desenho com letra ou também letra com número (dominó associando o nome do número ao algarismo) Esse material, esse jogo me ajuda entender melhor. Mas isso eu fazia na minha casa.

Eu demorei muito para conseguir entender tudo + e - (*operações de adição e subtração*) depois demorou pouco para conseguir aprender X (multiplicação) só 1 (*conta*) até 3X1 (*tabuadas*). (*O que ajudou aprender as operações e os números*). Comecei me interessar com o jogo de baralho com a minha avó. Ela me ajudava refletir, imaginar (*pensar*) ela me mostra sobre + , - e X . Eu tinha mais ou menos 10 anos que eu consegui aprender

tudo sobre X e um pouco de %.

Eu lembro que começou quando eu tinha mais menos 6 anos. O meu primeiro aprendizado com o baralho da minha avó Bime, já falecida. Ela me ensinava os números do baralho, eu gostava muito. Primeiro jogava Rouba Monte (*que forma pares*) aprendi rápido e eu jogava muito bem. Depois ela começou a ensinar jogar Buraco e minha avó me ensina truque para entender e guardar na memória a sequência 1, 2, 3, 4.... Depois a minha avó estava brincava com boa estratégia pra deixar eu descobrir sozinha e também conseguia fazer eu refletir de forma mais clara quando eu conseguia ver visualmente (*com as cartas*) como eu imaginava. Também precisava contar os pontos para saber quem ganhava e foi ficando claro para mim sobre + e - (*operações de adição e subtração*) até 0, 1, 2, 3, 4,... (*sequência numérica*)

Depois, quando eu tinha 8 anos e mesmo que eu já sabia como é + e -, a minha professora na escola regular parece não explicar bem, era mais difícil para mim conseguir entender o significado. Parecia que + e - era diferente do que minha avó ensinou. Era muito difícil e eu não entendia nada, aí eu demora muito para eu conseguir aprender. Só depois, quando eu tinha 10 anos é que eu entendi que era a mesma coisa da minha avó. Agora, o mais difícil para minha reflexão foi sobre %. Mas, quando a escola ficou bilíngue eu conseguia entender tudo na aula de Matemática, porque tinha professora que era acompanhada da intérprete. Mas eu demorei para conseguir aprender se virar sozinha.

No recreio eu *ficava muito isolada quando eu estudava na escola regular (escola comum, particular)*, depois eu mudei para a escola bilíngue (*escola comum, mas na classe especial*). Lá que eu não senti mais isolada, eu gostava muito brincava com as crianças surdas e também com as crianças ouvintes.

Quando eu estava na sala de aula com os ouvintes (*No primeiro ano do Ensino Fundamental e depois primeiro ano do Ensino Médio*) era bem mais difícil. Eu lembro que não conseguia me comunicar com os ouvintes. E não era só quando eu queria falar. Eu escrevia, mas os ouvintes também não

entendiam o meu jeito de escrever. Nem os colegas, nem os funcionários da escola. A escola regular era mais difícil e muito sacrifício quando eu era criança. A escola era muito incomoda e eu me sentia infeliz. Era muito complicado para mim.

Quando fui para escola especial mudou tudo, tinha funcionários surdos e eles entendiam muito bem de mim, SEM eu escrever no papel.

Mas infelizmente, mesmo na escola especial, que usava oralismo, foi bem difícil mesmo. Por exemplo, a minha antiga professora de Português que era não boa, muito obrigava, me exigia que eu aprendesse, só usando oral até eu escrever a frase certa. Ela era muito brava e eu e os meus colegas surdos tinham muito medo quando tinham aula com ela ou só ficava do lado dela. A maioria dos surdos não conseguiam aprender oralizar de forma certa. Somente poucos surdos conseguiram falar certo, também escreviam, faziam cópias das frases certas, mas maioria os surdos não conseguiam decorar as frases certas como os ouvintes escreveram. (*Mesmo com o bilinguismo*) Muitos surdos sempre se guiavam pela língua Libras, por isso os surdos sempre escrevem as frases sempre de forma contrária (*no que se refere à sintaxe*) e às vezes a organização das palavras escritas em Português acompanham a ordem da Libras, como um reflexo do cérebro (pensamento).

Quando a escola começou a adotar o bilinguismo, eu tinha 14 anos e eu tinha uma professora que sempre mandava pesquisar e acompanhar com a internet. Eu conseguia entender tudo a professora explicava, eu aprendi tudo, eu conseguia entender, ler e escrevia tudo o que eu queria escrever. E podia escrever do meu jeito.

Eu já sabia ler, claro. Ah, eu lembro quando eu tinha mais menos 6 anos o meu primeiro gibi chamava “Chico Bento”. Eu não entendia nada as palavras e as frases do Português, mas eu adorava observar os desenhos nos quadrinhos do gibi e eu imaginava uma história no meu cérebro. Depois demorou mais ou menos 1 ano e eu resolvi tentar ler as palavras das frases no Português. Eu tentei várias vezes para conseguir entender o que os balões das narrativas falavam. Eu cresci e consegui ler tudo. Depois eu fiquei

meio viciada em ler os gibis (até hoje tenho coleção gibi da Turma da Mônica) e comecei a gostar de Português, e eu era boa de redação (*em comparação a outros surdos*). Quando eu tinha mais menos 13 anos e estava na ANPACIN eu já tinha nota ótima em Português e Matemática. Eu adorava muito.

Quando o meu filho mais velho Gabriel tinha 10 anos eu mostrei a revista “O mundo estranho”, que eu adoro ler. Ele gostou muito e achou interessante também. Eu também já dava gibis da Turma da Mônica para ele ler antes. Igual minha mãe fez comigo. Ele também gosta muito de ler. Lê livros grossos. Adora Harry Potter. Eu compro para ele.

(*Falando de como aprendeu Libras*) Na escola especial que era oralismo, tinha uma zeladora surda e eu conversava Libras escondido com ela. Na escola especial ensinava (e obrigava) os alunos surdos aprender falar. Tinha atividades que eu nunca conseguia entender, era muito difícil. Eu era criança e tinha muita desatenção, muito distraída, eu não conseguia prestar atenção. As professoras só usavam oral, eu tinha fono muito malvada. Eu quase aprendi não gostar de Libras. Ela era muito radical para obrigar eu treinar leitura labial e para oralizar, até me amarra as mãos que não pode tentar esconder sinal ou alfabeto para treinar oral, sem usar as mãos. E ela tentou puxar a minha língua e doeu e eu fiquei com trauma e nunca mais eu queria aprender labial e oral. Eu tinha muito medo para ir no fono de novo, até tinha medo pra ir de novo e me machucar na língua de novo e as mãos. Eu desisti de ir na fono, mas os meus pais insistem e me mandavam eu ir no fono. Aí eu consegui fechar a minha boca pra não deixar ela puxar a minha língua de novo. Mas eu nunca contei isso para minha mãe. Até hoje. Porque eu achava que a fono era certa. Que precisava aquilo para me ensinar falar. Minha mãe não sabia. Mas hoje eu amo Libras e tenho muito orgulho de ser surda, que tenho identidade de surda...

Eu estava na 4ª série na escola regular, mas na classe especial e também tinha aula de reforço para aprender ler e escrever na redação. Depois quando eu passei para a 5ª série eu mudei para a escola especial, a ANPACIN, que tinha só oralismo, os surdos que estudavam lá só viam o oral,

a maioria não sabe Libras. Faziam só gestual. Só eu e a minha irmã sabíamos um pouco de Libras, mas alguns surdos pouco sabiam e estavam muito ansiosos e com medo do que pensavam as professoras, porque elas não queriam que os surdos falassem em Libras.

Bem, eu estava na 5ª série na escola especial pura oralismo, ainda não adotou o bilinguismo. Só depois de um ano que começou a falar em bilíngue, e fundou a escola bilíngue com Libras. Então quando eu comecei a estudar *(de novo, porque havia feito toda Educação Infantil na ANPACIN, desde os dois anos de idade até os oito anos)* na escola, era só oralismo, era proibido usar as sinais e Libras Era difícil e demorei para aprender ler labial e treinar muito para entender os sons de voz só olhando os lábios. Eu odiava muito e sempre faltava na aula de reforço para aprender ouvir os sons *(sala de recursos na escola regular)* e no atendimento com a fono dentro na escola. Depois um ano a escola libertou para poder usar Libras. Devagar. Os professores foram aprender. Depois a lei aprovou...

Então, eu tinha muitas dificuldades para falar certo, e ainda bem que alguns dos meus amigos surdos também tinham dificuldade de falar. Mas alguns deles sabiam um pouco de Libras e eles me ajudavam como intérprete ou traduziam, e às vezes eu escrevia no caderno para comunicar com a professora, para ler e entender.

Como eu já disse eu não gosto muito do oralismo. Tinha professora de Matemática que tinha ligação demais com os surdos, ela adora muito Libras, aprendeu depressa e conseguia explicar muito clara e às vezes que eu não conseguia entender ela explicava de novo.

*(Comentando sobre quando mudou para bilinguismo e como a família reagiu)* Fiquei muito feliz e aliviada quando pude falar e ser compreendida. Eu lembro que tinha muita dificuldade a minha mãe lutou muito e nunca parou para deixar a gente usar Libras. Naquela época (década de 1990) ela lutou e defendeu. Ela foi secretária de Educação de Maringá e trouxe curso com a Magaly. Depois ela foi para Curitiba (Chefia do Departamento de Educação Especial). A prefeitura (e o Estado do Paraná) finalmente libertou a escola. Aprovou o bilinguismo para Libras. Então minha mãe achava que foi



vitória.

Minha mãe ficou pouco tempo defendendo o oralismo. Sim, de verdade, eu já participava da Associação dos surdos quando eu tinha 7 anos. Minha mãe ajudou os surdos adultos criar própria associação dos surdos, quando ela era Secretária na Prefeitura. Foi assessora da primeira diretoria. Ela aprendeu usar Libras no curso que tinha instrutora surda chamada Magaly Hackl. Ela ensinou e a minha mãe aprendeu Libras. Também eu aprendi Libras, eu tinha mais menos 5 ou 6 anos e a Magaly era parecida como minha “babá” quando eu ia reunião na Associação dos surdos. Eu frequentei até os 20 anos. Eu parei de participar em 2002.

*(Comentando se a família sabe Libras)* Sim, a minha mãe sabe muito bem Libras, o meu filho mais velho Gabriel sabe alguns os sinais e ele sabe muito bem alfabeto de configuração nas mãos e ele usa muito bem a expressão de facial (igual a do surdo) e o meu filho caçula Guilherme, só tem 3 anos e meio, mas sabe alguns sinais como oi, tudo bem, bem, pai, mãe, sinal do Gabriel, não pode, pode, bom e não gosta e gosta, nome de alguns animais, as cores e alguns insetos e algumas comida e bebida *(O marido da Beatriz e pai do Guilherme é surdo e só se comunica em Libras)*.

A minha família está muito orgulhosa, que eu sou professora e estou mestrado. Só o meu pai não sabe nada Libras. Dos meus 3 irmãos *(ouvintes)*, um deles é meu trigêmeo é o que mais sabe Libras. Conhece o alfabeto e alguns sinais. Usa sempre gestos e inventa sinais. Os outros irmãos sabem alfabeto, mas falam devagar para eu ler lábios. Também usam sinais caseiros ou gestual *(mímica)*.

Eu só comecei a gostar de Matemática na sétima série, quando minha professora ficou fluente. Antes eu gostava mais de artes.

## 11 REFLEXÕES TRANSVERSAIS

Quando terminei de fazer as entrevistas e fui fazer as transcrições eu já pensava como ia arrumar e apresentar todas as informações. Primeiro li alguns trabalhos e vi duas maneiras de fazer que pareciam mais. Uma era separar o que os entrevistados falam em comum, que são as “categorias”, e a outra era tentar montar uma “narrativa” de todos, uma história coletiva. Achei que seria mais fácil fazer as categorias e até comecei a procurar os pontos em comum.

Mas, achei que se eu fizesse isso, muitas coisas que foram contadas pelos colaboradores podiam ficar escondidas, e não seria justo. Afinal, a história de cada um é importante.

Então, seguindo a História Oral, apresentamos **todas** as narrativas completas, sem cortes. Neste capítulo, vou falar de alguns temas que considero importantes para refletir. Escolhi cinco temas. Dois são coisas que aconteceram fazendo a dissertação, as minhas dificuldades e o que aprendi, não de conteúdo, mas para a minha vida e que achei muito importante. Os outros três temas escolhi a partir das narrativas dos colaboradores.

São esses os temas:

1. *Retextualização: Língua Portuguesa/Libras*: falo sobre as dificuldades que encontrei para fazer a parte teórica, para transcrever e textualizar. É sobre fazer um trabalho científico mudando de uma língua para outra. Li muitas coisas, mas, um artigo foi muito importante para ajudar entender melhor.
2. *O bilinguismo e a Cultura e Identidade Surda*: esse tema é simples para mim hoje, depois da dissertação. Quando fiz faculdade eu estudei sobre cultura e identidade surda. Mas era teoria, parecia que não era realidade, mesmo pensando na minha experiência. Conversando com os surdos, sobre como eles viveram a mudança do oralismo para bilinguismo, eu entendi sobre cultura e identidade.
3. *Implante Coclear: um novo Congresso de Milão?* : Esse tema surgiu da narrativa da Viviane. Ela falou muito sobre implante, do medo que ela tem de acabar a Libras. Fiquei pensando nisso e em um livro que eu li e que falava

também disso. Fiquei pensando: será que a Libras pode ser proibida de novo, como aconteceu no Congresso de Milão?

4. *Os ouvintes, os sons, as emoções, as transcrições*: o que aprendi com a História Oral: esse tema é muito importante para mim, para a minha vida. Eu entendi melhor o que é som. Não foi com experiências ou sentindo a vibração que eu entendi o que é som e sua função na comunicação oral. E isso aconteceu nas aulas de História Oral. Entendi o que é som e como os ouvintes também têm dificuldade de escrever.
5. *Oralizar para quem?*: este tema apareceu em quase todas as conversas com os surdos. Elas contavam como as famílias obrigavam as crianças surdas aprender falar oralmente. Pensei muito e parecia egoísmo. O surdo precisava oralizar para ficar fácil para ouvinte entender? Porque o surdo não vai oralizar para outro surdo. Mas, depois entendi que a família e os professores só queriam ajudar. Acreditavam que era o certo.

Essas reflexões resumem a mudança que aconteceu comigo, fazendo esse trabalho. A seguir, os temas e as reflexões.

### 11.1 RETEXTUALIZAÇÃO: DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LIBRAS

Quando eu comecei a estudar e era oralismo, eu não entendia quase nada. Tudo eu decorava. Matemática aprendi um pouco por causa da ajuda da minha mãe e da minha avó.

Aprendi a ler e gostava muito de ler gibis. Até hoje eu gosto. Eu entendo os gibis. Acho que é porque tem desenho. Tem imagens então o visual ajuda a compreender o escrito. Para nós, surdos, o apoio visual é fundamental.

Depois quando chegou bilinguismo, quase sempre tinha uma pessoa para me ajudar compreender os textos escritos, podia ser professor bilíngue, intérprete, minha mãe ou professora particular. Então eu quase nunca estudei textos sozinha.

Quando lia sozinha sempre marcava palavras que eu não conhecia e alguém me ajudava. Porque só procurar no dicionário não ajudava muito. Precisava explicar a palavra no contexto. Isso aconteceu principalmente quando comecei a fazer

faculdade. Primeiro comecei Educação Física. Tinha pouca coisa escrita. Quase só filosofia, sociologia e minha mãe me acompanhava. Ela interpretava para mim essas aulas. Mas não gostei e fui fazer Artes Visuais. Adorei.

Me formei em Artes Visuais. Sempre tinha intérprete (minha família pagava a intérprete) e, além disso, muitas provas eram feitas com desenhos, trabalhos de arte. Então não muito obrigada a ler e entender os textos sozinha.

Depois fui fazer Letras/Libras. Daí fiquei feliz. Eu entendia tudo. Não precisava de ajuda. É verdade, eu entendia tudo com as aulas em Libras. Quase não usava textos. Mas quando tinha textos eles eram simples. Porque o professor escrevia pensando nos surdos.

Então, a maior dificuldade para mim quando cheguei ao mestrado foi estudar teoria. Também tinha intérprete no mestrado, mas não adiantava só o que eu aprendia na aula, precisava ler. Os professores das disciplinas indicam muitos artigos para ler, o orientador fez plano de Estudos Dirigidos. Precisei procurar teses e dissertações. Eu entendia quase nada. Palavras difíceis. Os textos que eu estava acostumada a ler eram simples.

As frases são muito compridas. Também usam palavras com significado diferente do que eu conheço. Por exemplo: tinha um texto que falava “mundo acadêmico”. Eu sei que mundo é igual planeta Terra. É o mesmo sinal para mundo e planeta Terra e sei que acadêmico é “aluno da faculdade”. Então “mundo acadêmico” ficou estranho. Daí minha mãe explicou. Parece metáfora. Metáforas na Língua Portuguesa são muito difíceis para os surdos.

Então, ler livros, artigos acadêmicos (agora eu sei que é da ciência, que foi escrito depois que a pessoa fez alguma pesquisa) foi muito difícil. Precisei aprender também o que significa cada parte do artigo, por exemplo, introdução, justificativa, fundamentação teórica, metodologia. Os vídeos da Revista que publica artigos vídeo gravados ajudou muito, porque eles explicam, em Libras, o que precisa ter em cada parte para auxiliar os autores.

Mas eu só fui ver esses vídeos depois que acabei as disciplinas, quando eu pensava em fazer a dissertação inteira em Libras.

O problema de ler textos acadêmicos em Português para os estudos teóricos é que eu também precisava escrever o que eu entendi. Então aconteciam algumas mudanças no meu cérebro:

Eu lia textos em Língua Portuguesa => meu cérebro entendia em Libras => meu cérebro fazia a tradução do que eu entendi de volta para a Língua Portuguesa => eu escrevia em Língua Portuguesa. Daí minha mãe arrumava o Português. Eu não gostava muito, porque ela sempre mexia um pouco no que eu escrevi. Parecia um pouco diferente. Daí precisava conversar quando eu achava que estava diferente, até a gente concordar. Minha mãe perguntava: O que você quer falar aqui? Ela dizia que às vezes eu escrevia diferente do que eu estava pensando e que precisava mudar um pouco.

Quando teve qualificação a professora Tânia, que fez parte da banca, falou que isso era retextualização. O que minha mãe fazia era retextualização e indicou o livro da Guarinello, que está nas referências. Entendi que era retextualização. Também entendi que quando se faz uma retextualização, pode mudar a ideia. Mas como eu estava sempre junto da minha mãe, acho que conseguimos deixar sempre a MINHA ideia.

Meu orientador falou para eu pesquisar mais sobre retextualização. Fui procurar no Banco da CAPES, BDTD, Google acadêmico, e encontrei muitas coisas. Mas um artigo eu gostei muito.

Eu pensava que só se fazia a retextualização do que o surdo escreveu em Português, porque surdo escreve errado, ou melhor, diferente. O artigo tratava da tem retextualização da Língua Portuguesa para Libras!!!! Legal!!!! Isso acontece quando o surdo lê em Português e entende em Libras. Como eu faço. Então pode mudar muita coisa também quando lê em Português e entende em Libras.

Depois vai fazer a transcrição do que entendeu e muda de novo! Porque junto com a leitura e a transcrição também fazemos TRADUÇÃO. Primeiro da Língua Portuguesa para a Libras na leitura e depois da Libras para a Língua Portuguesa para escrever o que entendemos. Ah! Outra coisa interessante é que mesmo os ouvintes tem dificuldades para fazer transcrição ou retextualização. Eu vou falar isso no outro tema livre, sobre a História Oral.

Mas então vou falar de novo do artigo.

O nome do artigo é CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO PARA LIBRAS DE TEXTOS DE PORTUGUÊS POR GRADUANDOS SURDOS. Os autores são Maria Lourdilene Vieira Barbosa e Emanuel Barbosa de Souza. Ver: Barbosa e Souza (2018).

Eles fizeram pesquisa e pediram para alunos surdos de uma faculdade lerem um texto em Português e fazerem um vídeo em Libras sobre o que entenderam. Depois um intérprete fez tradução/retextualização para Português.

Então aparecem coisas interessantes, por exemplo, quando o surdo não entende, ele pode fazer duas coisas (opção)

1. Ele não sinaliza nada, porque não entende. Pula pedaço. Fica um buraco, falta coisa. No texto isso chama lacuna...
2. O surdo inventa coisas para ajudar entender. Então ele imagina o que texto está falando e inventa coisas. Isso chama acréscimo.

Na pesquisa do artigo fala que fazer a tradução de um vídeo em Libras para a Língua Portuguesa “[...] exige do tradutor/intérprete mais do que a habilidade de produzir textos”, quer dizer ,não adianta só conhecer Libras e saber escrever corretamente em Português, principalmente por causa da sintaxe. São muito diferentes as sintaxes da Língua Portuguesa e da Libras. Tempos verbais, flexões de gênero e de número, muita coisa.

Quando o surdo fez a leitura do texto e depois fez o vídeo, mudou sintaxe e depois intérprete precisou mudar sintaxe de novo para o Português. Quase nunca consegue voltar sintaxe igual ao que estava escrito antes. Então o que acontece é que o surdo pode ter MENOS informação, quando acontece uma lacuna ou pode ENTENDER diferente, quando faz um acréscimo

Então, estudar a parte teórica foi muito difícil para mim, porque eu precisava ler e “traduzir” para Libras o que estava lendo, para poder entender. Isto exigiu uma retextualização, da Língua Portuguesa para Libras. Porque, mesmo para fazer um fichamento do que eu estava lendo, eu lia em Português, pensava em Libras e tentava resumir em Libras, então estava pegando um texto de uma língua oral/escrita e fazendo de novo na língua de sinais. Então, só para compreender o que eu lia no texto escrito já mudava, porque eu precisava interpretar e encontrar sinais para reproduzir o que eu lia.

Então, ficou muito difícil para eu compreender textos científicos. Mesmo a parte da História da Educação de surdos que eu gostei de ler, tinham palavras difíceis que eu precisava usar dicionário ou pedir ajuda da minha mãe, porque faltavam sinais para as palavras. Isso foi muito interessante porque quando fui fazer a transcrição das entrevistas da Libras para a Língua Portuguesa, também ficaram buracos, porque faltaram palavras para mim.

Minha irmã, em sua dissertação de mestrado analisou como surdos interpretavam, em Libras, uma notícia de jornal. Ela mostrou uma notícia em que aconteceu um acidente, dois carros bateram e pessoas acrescentaram coisas diferentes, por exemplo: um disse que um dos carros ultrapassou nas duas faixas amarelas (em local proibido) ou que perdeu a direção etc... Então quando eu fiz a transcrição das entrevistas eu pensei que era melhor deixar buracos, lacunas, do que usar palavras erradas, ou que podiam mudar a ideia do que o surdo estava falando.

## 11.2 O BILINGUISMO, A CULTURA E A IDENTIDADE SURDA

Fazendo as entrevistas eu percebi uma coisa interessante. Todos os surdos comentaram que se sentiram “livres” quando chegou o bilinguismo e então eles podiam falar, podiam ir na Associação, podiam encontrar amigos surdos. Não era mais proibido para as crianças ficar junto com os adultos. Isso também ajudou a sentir “livre”. Sensação de liberdade.

Quando nós, os alunos da ANPACIN, começamos ir na Associação, nós fomos “batizados”. Ganhamos nosso sinal. A gente agora EXISTIA no mundo surdo. Então, não era só poder falar.... A gente também começou a se sentir surdo. E era gostoso.

É costume das comunidades Surdas a atribuição de sinal pessoal para seus novos membros. Crianças surdas de famílias ouvintes frequentemente chegam à escola para surdos sem um sinal pessoal e lá recebem um. A honra de conferir um sinal pessoal costuma caber a uma figura de autoridade na comunidade. A atribuição de um sinal pessoal é um ritual, é uma forma de batismo, que acontece quando uma pessoa surda ou ouvinte passa a ter contato com pessoas surdas (PEREIRA *et al*, 2011, p. 42).

Hoje eu sou professora de Libras e eu “batizo” meus alunos ouvintes. Quase sempre a minha primeira aula é perguntar se eles já têm um sinal. Quando eles não têm eu crio, porque eu sou a “autoridade” na sala de aula.

Quando eu fiz faculdade de Letras/Libras eu estudei com a professora Karen Strobel sobre Cultura Surda. Porque com o bilinguismo, a Karen falava, veio também o BICULTURALISMO. Então os surdos falavam uma língua diferente e também tinha cultura diferente.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24).

Só agora com esse trabalho, eu entendi direito a cultura surda e as identidades surdas. Por exemplo, quando eu comecei a ir na Associação e eu ganhei um “NOME”. Eu me sentia igual a todos ali. Era diferente quando era proibido ficar com os surdos adultos. Então, não era só na escola que surdo ficava isolado.

Ficava isolado na rua, nos passeios e na família. Outra coisa, a gente ficava sempre com ouvintes e sentia sempre como se os ouvintes ficassem pensando: VOCÊ É DIFERENTE, VOCÊ NÃO ESCUTA, VOCÊ NUNCA IRÁ FICAR IGUAL A NÓS.

Na associação não...Essa era a grande liberdade. Eu podia ser SURDA!

A língua de sinais é um poderoso símbolo de identidade para os surdos, em parte por causa da luta para encontrar sua identidade em um mundo ouvinte que tem tradicionalmente desprezado sua língua e negado a sua cultura (PEREIRA, *et al*, 2011, p. 35).

Mas, outra coisa que eu aprendi frequentando a Associação. Não tinha muitos surdos. Então, a gente quando brigava precisava ficar “de bem” logo, porque não tinham muitas pessoas para ter amizade. Outra coisa, na Associação parece que sempre tem muita “fofoca”. Mas, isso é da cultura surda. Para o surdo é muito importante ter acesso à informação. Porque é muito difícil a comunicação. Então, quando um surdo sabe alguma coisa quer contar logo para o amigo, porque quer dividir a informação. Também o surdo se sente importante quando ele TEM uma informação que o outro não tem. Mas o surdo também sabe guardar segredo. Só precisa avisar e deixar bem claro que é “segredo”. Isso faz parte da cultura surda.



Um valor importante na cultura surda é fazer com que a informação seja acessível a todos. Há um esforço máximo para assegurar que todos possam participar, acompanhar e compreender o que está acontecendo. Nesse sentido, as pessoas sempre procuram confirmar se todos estão entendendo. Talvez pelo fato de a informação ser tão difícil de ser conseguida por um surdo em um mundo ouvinte, este é um item altamente valorizado pela cultura surda. (PEREIRA, *et al*, 2011, p. 37)

Outra coisa, antes quando não tinha celular, os surdos sempre tinham um PONTO DE ENCONTRO e um horário combinado. Em Maringá era no terminal de ônibus, no final da tarde. Então sempre os surdos iam ao terminal para conversar, dar recados. Combinar coisas. Em todas as cidades existiam pontos de encontro. Quando a gente visitava a casa da minha avó, em Tupã, no Estado de São Paulo, procuramos saber onde era o ponto de encontro e assim conhecemos os surdos de lá. Isso é da cultura surda.

Outra coisa: as conversas. Quando a gente conversa com ouvinte, ou os ouvintes conversam, principalmente quando acabam de conhecer uma pessoa, as pessoas não falam da própria vida. Parece segredo a idade, a profissão, se é casado, etc.

Quando eu estava com ouvintes, eu sempre perguntava para minha mãe se só eu era surda ali. Queria saber tudo e minha mãe falava é “particular” da pessoa. É falta de educação perguntar. Na Associação eu podia perguntar para os surdos a idade, se é solteiro ou casado, se tinha carro, se tinha trabalho, se o salário é bom.... Ninguém pensava que eu não tinha educação. É normal.

Outro costume da cultura surda é a conversa direta. Na sociedade ouvinte, especialmente em situações mais formais, é considerado rude ir diretamente ao ponto e expor a ideia explicitamente. Já para os surdos, o princípio parece “sempre agir de forma a facilitar a comunicação”. [...] a conversa direta não é rude, mas partidas repentinas, conversas particulares e quebra de contrato visual são (PEREIRA, *et al*, 2011, p. 42).

Também ouvinte, por exemplo, quando tem nariz grande. Parece querer fingir que não tem nariz grande. O surdo não. Se o nariz é grande, então o “sinal” dele pode ser “nariz grande”, porque quando um surdo faz sinal o outro já lembra quem tem nariz grande. Isso não é falta de educação. De acordo com Pereira, *et al* (2011) o sinal pode ser atribuído ao surdo por causa da sua aparência física, ou se usa sempre os mesmos objetos como colares, brincos grandes, por um costume, por exemplo, enrolar o cabelo, coçar a barba, ou por causa das coisas que ela gosta de fazer, como jogar futebol.

Também é comum associar a inicial do nome com as outras coisas, para ficar mais clara a identificação da pessoa.

Isso é cultura surda, muito diferente da do ouvinte. Eu entendi tudo, quando lembrei da Associação. E isso foi por causa das entrevistas, das pessoas mostrarem o alívio de poder falar a sua língua.

Diante da comunidade majoritariamente ouvinte, as comunidades surdas apresentam suas próprias condutas linguísticas e seus valores culturais. A comunidade surda tem uma atitude diferente diante do déficit auditivo, já que não leva em conta o grau de perda auditiva de seus membros. Pertencer à comunidade surda pode ser definido pelo domínio da língua de sinais e pelos sentimentos de identidade grupal, fatores que consideram a surdez como uma diferença, e não como uma deficiência. (PEREIRA, *et al*, 2011, p. 34).

Então a mudança do oralismo para bilinguismo foi importante na escola sim. Muitos surdos conseguiram fazer curso superior depois que chegou o bilinguismo. Mas foi muito importante na nossa vida. Não ficamos livres só para falar. Ficamos livres para viver, para ser surdo.

Quando Viviane falou muito de implante coclear eu fiquei pensando: Qual identidade da criança de implante? Qual cultura? Porque implante não é mágica. Criança não vira ouvinte. Será que vai surgir outra identidade? Será vai surgir nova cultura? Não sei.

Hoje as pessoas estudam sobre identidade do surdo. Existem sete tipos<sup>18</sup> por causa de como o surdo usa ou não Libras, se gosta de ser surdo, enfim, de como ele é e se relaciona com a surdez. Então, os surdos não são iguais. Mas, a mais importante é a identidade surda. É ser surdo e feliz. Surdo que luta pelos direitos. Essa é a liberdade que o bilinguismo trouxe para o surdo.

### 11.3 IMPLANTE COCLEAR: UM NOVO CONGRESSO DE MILÃO?

Quando meus pais ficaram sabendo que a gente era surda, foi assim: primeiro eles desconfiaram da Marília. Marília tinha oito meses e tinha muitos problemas. Ela

<sup>18</sup> As identidades são estabelecidas a partir de como as pessoas surdas utilizam a Libras, se utilizam ou não próteses, se são oralizados, etc. São sete os tipos de identidades surdas: a **identidade surda** (política) que considerei no texto, a **híbrida** (que é do ensurdecido); identidade **flutuante** (surdos que não frequentam a comunidade surda); **identidade embaçada** (não compreende a surdez como questão cultural); em **transição** (se afastam da identidade surda); **diáspora** (surdo que muda de uma comunidade surda para outra); **intermediária** (apresentam um grau de surdez mas levam vida de ouvinte).

tinha o corpo mole. Não segurava nem pescoço. Não abria a boca para comer. Meus pais precisavam abrir a boca dela e usar uma colher bem pequena. Como a gente era trigêmeo e nascemos prematuros, as pessoas e até mesmo os médicos achavam que era por causa disso.

Mas, quando completamos sete meses, meus pais levaram a Marília para uma médica especialista em Ribeirão Preto que falou que a Marília não iria andar. Talvez. Ou só com idade superior a quatro anos. (Meus pais lutaram muito e fizeram muita fisioterapia com ela e então, na nossa festa de dois anos, minha irmã já andava). Mas a médica de Ribeirão Preto mandou meu pai e minha mãe irem a São Paulo, para fazer audiometria na Marília.

Então eles foram São Paulo e descobriram que a Marília surda. Nós estávamos com oito meses de idade. Eles foram a um médico famoso (*Pedro Mangabeira Albernaz, o primeiro médico a fazer implante coclear no Brasil*) que já fazia implante coclear no Brasil e perguntaram como poderiam fazer para operar a Marília. Era muito caro, mas eles queriam lutar. O médico falou que não aconselhável fazer quando a criança nascia surda. E falou também que ia demorar muitos anos para os médicos treinarem e ficarem bons para operar de forma segura. Isso já faz 36 anos. Mas médico falou para meus pais não ficarem preocupados porque a Marília ia ouvir e falar normalmente porque ia usar aparelho. AASI – APARELHO DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL. Então meus pais foram na fonoaudióloga que o médico indicou lá em São Paulo, compraram os aparelhos para a Marília e foram aprender fazer os exercícios para ensinar a Marília falar. Na nossa cidade ainda não tinham fonoaudiólogas. Eles viajavam todo mês para São Paulo para aprender novos exercícios de oralização para a Marília. Oralismo radical. Também iam a uma fisioterapeuta em Batatais, cidade perto de Ribeirão Preto, onde morava a mãe do meu pai, para aprenderem os exercícios para a Marília andar. Também não tinha fisioterapeuta em nossa cidade.

Só depois quando eu tinha um ano e meio é que meus pais descobriram que eu era surda também. Mas foram a outro médico, também em São Paulo e também famoso, mas não fazia implante (*Orozimbo Pereira da Costa*). Eles mudaram de médico porque a esposa desse novo médico era uma fonoaudióloga importante e famosa porque conseguia fazer os surdos aprender a falar. O meu diagnóstico e as

recomendações do médico foram quase iguais da Marília. Mas mudou uma coisa. O médico mandou a gente ir para Bauru, a um atendimento da Universidade de São Paulo chamado Centrinho. Foi lá no Centrinho que os médicos descobriram que nós surdas por causa síndrome de Waardenburg. Que também deixa as pessoas com “corpo mole” (*atonía muscular*), igual a Marília era. Também fica com olhos claros, às vezes um olho de cada cor. Marília tem, os meus são azuis. E também pode dar problema de fissura labial. A síndrome é genética e lá descobriram que minha mãe também tem a síndrome, mas nela não apareceu nenhum sintoma. Minha mãe tinha uma tia com problemas nos lábios. Só depois do nosso diagnóstico que ela ficou sabendo a causa do problema dela. Ela então descobriu que era igual nós. Mesma síndrome. Ficou com remorso. Coitada, ela pensa tem culpa. Ninguém tem culpa. É da natureza. Ela não tinha filhos e escolheu nós duas para deixar sua casa de herança. Por causa ela achava ser igual a nós. Com síndrome.

Nós duas ficamos tratando muito tempo no Centrinho. Fizeram exames em toda minha família para saber se meus irmãos também tinham a síndrome “escondida” igual a minha mãe. Só um dos meus irmãos não tem. Os outros dois tem também. E todos nós podemos ter filhos surdos. Sempre que vai nascer um neto da minha mãe fica todo mundo esperando exame da “orelhinha. Minha mãe tem seis netos. Todos ouvintes. Mas são três netos com olhos azuis. Vamos ver no futuro.

Quando a gente tinha 18 anos mais ou menos, lá no Centrinho mandaram uma carta falando que Marília tinha sido escolhida para fazer implante coclear. Minha mãe ficou animada. Marília não aceitou. Eu achei ela certa. Marília falou: “Eu nasci surda, meus amigos são surdos, meu namorado é surdo, minha irmã é surda. Todos surdos perto de mim. Nunca conheci som”. Parece que mesmo no oralismo, a Marília já tinha identidade surda. E Marília falou uma coisa que fez minha mãe pensar muito *OUVIR É IMPORTANTE PARA VOCÊ MÃE. NÃO É IMPORTANTE PARA MIM*. Eu concordo. Então minha mãe perguntou também para mim, porque Centrinho falou que eu já estava na fila. Eu falei que meu pensamento era igual ao da Marília. Então minha mãe respondeu que a gente não ia fazer. Eu acho que ela ficou triste, mas orgulhosa suas filhas. A gente sempre foi feliz. Não era “pesado” ser surda.

Acho que fizemos certo, porque muitos amigos que fizeram implante, não gostam muito. Falam que parece que não tem mais identidade. Porque não conseguem ouvir igual ouvinte e parece que os surdos têm um pouco de preconceito porque eles escolheram implante. Parece que quando você quer implante você tem desprezo pelos surdos. Mas os surdos com implante voltaram aos seus velhos amigos surdos. Continuam com a identidade surda.

Na minha pesquisa, a Viviane falou que na escola bilíngue tem muitos surdos implantados. Também tem muitos surdos implantados no ensino regular comum. Mas eles também precisam de apoio do intérprete. Então, parece que não foram transformados em ouvintes! E essa vontade de transformar os surdos em ouvintes é principalmente dos pais.

Noventa por cento das crianças surdas têm pais ouvintes, que sonham em poder restituir a audição aos seus filhos. Veem a surdez como uma calamidade e desconhecem que os surdos podem ter uma vida normal. Desconhecem também que os implantes cocleares não têm resultados garantidos em crianças que já nascem surdas ou que adquirem a surdez nos primeiros anos de vida. Os implantes ainda são muito experimentais, não se sabendo se até podem causar danos a médio e longo prazo (GOMES, 2010, p. 35).

Quando comecei minha pesquisa estudei a dissertação da Lizmari Greca, que teve o mesmo orientador que eu, e ela conta que no Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola em que ela fez a pesquisa tinham muitas crianças implantadas. Dentre esses haviam alunos que usavam Libras e alunos implantados estudando segundo o oralismo de novo. Então esse aluno implantado que está sendo educado pelo oralismo fica isolado no AEE, igual ao surdo ficava na escola regular durante o oralismo, porque mesmo implantado ele não entende o ouvinte com facilidade e fica isolado também junto ao aluno surdo que usa Libras porque o aluno implantado não pode usar Libras. Greca (2015) concluiu que o aluno surdo implantado ele fica isolado DUAS VEZES, porque não se torna ouvinte, oralizado igual ouvinte e também não se relaciona com os surdos, porque não sabe Libras. Que triste!

As intervenções cirúrgicas em pacientes surdos têm sido alvo de muita polêmica. A recuperação da audição, nesses casos, vai depender de inúmeras variáveis, mas há muito ceticismo em caso de surdos profundos, especialmente adultos. Nos experimentos em que um surdo tenha se submetido ao implante, o resultado é sempre drástico, pois, além de se tratar de um método invasivo para a colocação do dispositivo interno, o sucesso com as respostas auditivas dependerá de vários fatores: idade do surdo, tempo de surdez, condições do nervo auditivo, quantidade de

eletrodos implantados, situação da cóclea, trabalho fisioterápico do fonoaudiólogo, acompanhamento periódico do médico para ativação e ajustes no dispositivo implantado, etc. Há quem considere todos esses fatores irrelevantes, mas tenho observado e conversado com colegas surdos implantados e a satisfação não é tão expressiva (GESSER, 2009, p. 76).

Gesser (2009) falou que os surdos adultos implantados não se sentem muito satisfeitos com os resultados. Fico pensando nas crianças, que não puderam escolher. Os pais decidiram e se os pais não sabem o que é ser surdo, continuam sem saber o que ser implantado. Como será que essa criança ouve? Se ela não fizer um bom acompanhamento fonoaudiológico para aprender ouvir, os sons vão chegar tudo junto no seu cérebro. Eu me lembro quando era pequena e fui testar um aparelho novo, bem potente. Eu já estava acostumada com aparelho, mas fui testar o novo, andando na rua com a minha mãe, lá em Bauru. Foi horrível, muito barulho junto. Eu não sabia a diferença do som que estava ouvindo e precisava de treinamento auditivo. A criança implantada também. A diferença é que quando meu cérebro estava cansado de tanto som eu podia desligar ou tirar o aparelho.

Viviane falou que tem medo que a Libras acabe. Porque não vai ter mais surdo. Serão todos implantados e só o surdo mais velho vai usar a Libras. Nós duas ficamos preocupadas. Claro que pensamos se o nosso trabalho vai acabar, o que vamos fazer, mas ficamos mais tristes em pensar que podem acabar com a nossa língua, a nossa cultura e fazer confusão com a nossa identidade que conseguimos com o bilinguismo.

As crianças implantadas agora são educadas no oralismo. Parece pesadelo!!!! Os surdos tiveram muita luta para que as línguas de sinais fossem reconhecidas, para a Libras ser livre. Como no meu título: ENFIM POSSO FALAR! Agora as crianças com implante só utilizam oralismo. Tudo voltando. Proibido gestos... Parece novo Congresso de Milão. Implante coclear está representando para os surdos que agora se sentem livres, um novo Congresso de Milão.

A preferência pelo oralismo foi reconhecida no II Congresso Internacional de Educação do Surdo, ocorrido em Milão, na Itália, em 1880, quando ficou decidido que a Educação dos surdos deveria se dar exclusivamente pelo método oral (Pereira *et al*, 2011, p. 9).

Com a aprovação do método oral, os professores surdos foram destituídos de seu papel de educadores e a língua de sinais foi proibida de ser usada pelos professores na educação e na comunicação com seus alunos surdos (Pereira *et al*, 2011, p. 9).

Na época do Congresso de Milão o norteamericano Alexander Graham Bell fazia pesquisas tecnológicas. Ele era casado com uma surda e o seu pai era professor de surdos, utilizando o oralismo e um método que se baseava em desenhos da posição da língua nos dentes para cada som. Graham Bell acreditava que os surdos iam conseguir ouvir com os aparelhos que ele estava inventando. Ele falou no Congresso de Milão que estava quase pronto esse aparelho. Só que o aparelho que Graham Bell acabou ajudando a criar foi o telefone. Mas os ouvintes que participaram do Congresso de Milão ficaram entusiasmados e decidiram proibir uso de sinais e obrigaram usar aparelho. Importante: quem decidiu isso foram os ouvintes, os professores surdos que participaram do Congresso de Milão foram proibidos de votar.

Oralizar é sinônimo de negação da língua dos surdos. É sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos mecânicos da fala. A figura do adepto convicto do oralismo, Alexandre Graham Bell, por exemplo, ganhou força durante o movimento eugênico e, especialmente, no famoso Congresso de Milão em 1880, durante o qual ele pregava que a surdez era uma aberração para a humildade, pois perpetuava características genéticas negativas. Nesse cenário, internatos de surdos, casamentos entre eles e qualquer tipo de contato eram proibidos, e tal proibição foi entendida como uma medida preventiva, capaz de “salvar” a raça humana. Dado seu prestígio de homem brilhante na sociedade da época, entende-se que Graham Bell contribuiu de maneira crucial para a negação e a opressão da língua de sinais. Por isso é rechaçado com mais veemência pela comunidade surda em todo o mundo, do mesmo modo como são rechaçados todos os que se inscrevem nessa filosofia (GESSER, 2009 p. 50 e 51).

A tecnologia que hoje ajuda muito surdo, com celular por exemplo, foi ruim na época do Congresso de Milão. Queriam mexer no corpo do surdo com o aparelho e, agora parece prejudicar de novo a luta pelo direito de ser surdo, com os implantes cocleares.

Em 1990, a FDA (*Food and Drug Administration*) aprovou a aplicação de implantes cocleares às crianças surdas norte-americanas. O que era uma tecnologia experimental aplicada apenas em adultos surdos passou a ser aplicado aleatoriamente em crianças surdas de qualquer idade e com qualquer tipo de surdez. Hoje em dia são aplicados em qualquer parte do mundo. [...] o grupo que regulamentou esta decisão era totalmente composto por pessoas ouvintes. Mais uma vez, a comunidade surda não foi consultada. As crianças não têm o direito de escolher, de decidir sobre o seu próprio futuro. Essa decisão cabe unicamente aos pais (GOMES, 2010, p. 35).



Gomes (2010) alerta que existem grandes interesses econômicos por detrás desta nova indústria, por isso os médicos aconselham. Os pais querem que seus filhos fiquem iguais a eles e então arriscam e as crianças sofrem.

Os surdos adultos lutam contra implante. Acham que família ouvinte não tem direito de fazer implante antes criança poder decidir. As mães ouvintes falam que elas têm direito fazer filho ficar igual elas, então tem direito mandar operar o filho para conseguir ouvir.

Então eu pergunto: eu sou surda. Tenho dois filhos Gabriel e Guilherme ouvintes. Então eu também tenho direito querer meus filhos iguais a mim. Então eu posso operar meus filhos para ficarem surdos igual a mim? Claro que a lei não vai deixar. Então só mãe ouvinte tem direito que o filho seja igual a ela? Por que ela não aprende a falar com o seu filho e espera ele crescer e decidir? Porque escolher transformar o corpo do seu filho?

Quando meu filho Gabriel nasceu e fez teste da orelhinha e a fonoaudióloga veio toda feliz avisar que ele era ouvinte, eu fiquei triste. Chorei. Eu queria meu filho igual a mim, para eu ensinar as coisas na minha língua, do meu jeito. Meu irmão fez brincadeira: Gabriel vai atender telefone para você. Naquela época era só telefone fixo. Não tinha celular com mensagem. Eu separei do pai deste meu filho. Então ele sempre cresceu junto à minha mãe e viveu um pouco longe do mundo dos surdos. Mas agora cresceu e gosta muito de ficar junto dos surdos. Nas reuniões de família ele sempre fica no “grupo dos surdos”, composto por mim, meu marido, meu cunhado e minha irmã, todos surdos. Já sabe língua de sinais. Agora meu filho Guilherme, o caçula é também ouvinte. Mas Roberto, o pai dele e eu só falamos com ele em Libras. Então ele tem três anos e meio e fala a Língua Portuguesa errado ainda. Mas ele não tem problema cognitivo não. Foi nossa escolha. Tem muitos bons intérpretes que pai ou mãe é surdo. Também tem uma pesquisadora importante, a Ronice Quadros que tem mãe e pai surdos.

Então, de novo: a tecnologia que ajuda o surdo na acessibilidade, de novo poder atrapalhar a luta pela identidade surda, quer mexer de novo no corpo do surdo. Na minha família somos quatro surdos. Não usamos aparelho. Nosso corpo é assim e aprendemos a viver assim. Não queremos ser igual ao ouvinte. Tem



diferenças sim, mas qual o problema? Aprender conviver com as diferenças é muito bom.

#### 11.4 OS OUVINTES, OS SONS, AS EMOÇÕES, AS TRANSCRIÇÕES: O QUE APRENDI COM A HISTÓRIA ORAL

Desde o começo do meu projeto, na verdade, antes mesmo de eu pensar em fazer o mestrado, eu queria entender como aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo. Eu vivi essa mudança, mas eu queria saber como aconteceu. Porque eu só percebi como mudou. Eu não sabia como aconteceu. E porque aconteceu.

Meu irmão Vitor também tinha muito essa dúvida e ele perguntava para mim. Como ele é formado em História, ele queria muito entender essa mudança, mas ele sempre pensava nos professores. Ele queria entender como os professores mudaram o jeito de ensinar. Como mudaram a sua prática. Então ele fez projeto de pesquisa quer saber como os professores de ouvintes mudaram a ideia. Ele acreditava que isso ia ajudar entender porque os professores são difíceis de mudar a prática. Ele pensava que se conseguisse entender como os professores de surdos mudaram, ajudaria pensar em estratégias para auxiliar a mudança. Mas ele não fez a pesquisa. Eu também queria saber como aconteceu a mudança. Mas queria saber como os surdos entenderam essa mudança.

Então fiz projeto para fazer mestrado na UFPR. Fiz a prova escrita, a entrevista e fui aprovada. Mas, como o mestrado que fui fazer é em Educação Matemática, meu projeto precisava ser nessa área, então decidi por mais uma pergunta na minha questão de pesquisa: como a mudança aconteceu nas aulas de Matemática. O professor Carlos Vianna aceitou ser meu orientador. A linha de pesquisa do meu orientador é a História Oral. A primeira coisa que ele me disse foi que se eu queria saber como o surdo entendeu a mudança do oralismo para o bilinguismo, eu precisava saber o que surdo pensava, precisava conversar com surdo. Dar voz para o surdo. Ou, como se diz na História Oral, precisava criar “fontes surdas”. Então, para responder o que eu queria saber eu iria precisar fazer uma pesquisa e que a metodologia da minha pesquisa seria a História Oral.

A história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2005, p. 18).

Primeira coisa foi ler um livro de História Oral, o livro: *Ensaio de História Oral*, de Alessandro Portelli, antes mesmo de começarem as aulas do mestrado. Não entendi direito, porque contém muitas palavras difíceis. Eu li sozinha, nas férias. Não conversei com ninguém. Então não ajudou muito. O que me fez entender primeiro sobre História Oral foi dissertação da Lizmari Greca, que foi também orientada do professor Carlos e o trabalho dela foi a primeira dissertação de mestrado que eu li na minha vida. Eu li as narrativas dos professores (ouvintes) e achei que seria muito interessante fazer as narrativas dos surdos. Só achava um pouco confuso falar de História Oral se as conversas eram com pessoas surdas. Então meu orientador me indicou um artigo sobre uma pesquisa com história oral, mas quem contava a história eram os surdos. Era um texto de título: “O Lugar da comunicação na aprendizagem matemática de surdos, a partir da memória de três ex-alunos”, de autoria de Diogo Franco Rios e Daniel Duarte da Silveira. Nesse texto os autores falam que tem muitas pesquisas sobre ensino de Matemática para surdos, mas ZERO com os surdos falando, contando suas experiências. Sempre são ouvintes. Então eles usam História Oral e na História Oral as pessoas fazem narrativas. Nessas narrativas, as pessoas são chamadas de *fontes*. E os autores falavam então de “fontes surdas”. Interessante como não se pensa nunca nos surdos, ou na existência de línguas que não são orais. A disciplina ou a metodologia podia chamar História Narrada. Pronto. Já resolvia o problema. Mas, voltando ao artigo, que na verdade é um capítulo de livro achei muito importante os autores falarem em “fontes surdas”. Achei perfeito. Era o que eu queria fazer. Mas meu trabalho tinha duas coisas diferentes: eu não ia só falar do ensino de Matemática, eu queria saber mais do que tudo da mudança do oralismo para bilinguismo. E tinha outra diferença: os pesquisadores estavam procurando fontes surdas, mas Diogo e Daniel, que escreveram o capítulo e fizeram a pesquisa são ouvintes.

No primeiro livro que eu li, antes das aulas, teve uma frase que achei interessante e até sublinhei no livro:

A diferença cultural entre pesquisador e narrador sujeita este último a estímulos imprevistos, força-o a explorar setores e aspectos de sua experiência que não são mencionados quando ele conta histórias ao seu círculo imediato (PORTELLI, 2010, p. 20).

O autor fala isso para explicar que na entrevista que depois vai ser usada para criar a narrativa não é para deixar a pessoa livre, mas fazer perguntas, para trazer a pessoa a falar do que ele estava querendo saber. O pesquisador ajuda o entrevistado a *criar a narrativa*. Como eu sou surda, eu poderia fazer os surdos confiarem em mim, porque eles sabiam que a nossa conversa era “direta”. Eles tinham certeza do que eu estava falando e tinham certeza que eu estava entendendo “certo” o que eles falavam. Não tinha intérprete, não tinha perigo da conversa ser mudada. Então essa era uma diferença importante. Uma pesquisadora surda, ouvindo “fontes surdas”.

Era assim que meu trabalho seria diferente. Mas precisava estudar mais.

Daí foi bem interessante que meu orientador ofereceu a disciplina de História Oral no mestrado. Então aprendi muita coisa. Porque o professor sempre se preocupava se eu estava entendendo, sempre me incluía nas discussões e pedia que suas outras orientandas conversassem comigo, discutissem temas comigo. Também tinham os intérpretes. Nesta disciplina aprendi muito sobre como fazer pesquisa, sobre a História Oral como metodologia e com teoria. Mas tiveram duas coisas que eu aprendi com a História Oral que foram muito importantes para minha vida.

Primeira coisa: o professor mandou estudar o artigo: **O que faz a história oral diferente**, de Alessandro Portelli. Neste artigo o autor fala que fazer uma transcrição é difícil. Porque quando se transforma o som (palavra oral) na palavra escrita (fica visual) e vai mudar o que a pessoa falou.

Então para ajudar os alunos entenderem isso o professor fez um exercício: ele marcou dez minutos do que ele estava explicando e todos os alunos precisavam gravar o que ele estava falando e fazer transcrição e depois escrever, fazer texto. Depois na outra aula ele foi mostrando como os alunos fizeram textos diferentes. Eu não fiz essa atividade, mas observei os ouvintes fazendo. Então o professor pediu para que eu fizesse a comparação das transcrições feitas por duas alunas a Ana Paula Ribeiro (AP) e a Luciana Zaidan (L).

Elas utilizaram os critérios de transcrição de Dino Preti (1999), mas tinham coisas que a L. escrevia tudo com letras maiúsculas, o que significa que o professor tinha falado forte, alto. A.p. Ap. indicou pausas que L. não indicou. As pausas estão bem diferentes nas duas transcrições, também se ele falou alto ou não. Também uma fez parágrafos bem compridos, a outra fez curto, então eu não consegui entender como o professor tinha na verdade falado.

Eu fiquei surpresa e até assustada porque as alunas fizeram tudo diferente. Eu não sabia que ouvintes também tinham confusão sobre o que ouviam. Às vezes o surdo tem confusão nas conversas, mas quando presta atenção parece que entendem certo na Libras. Nossa, foi muito interessante porque ouvintes ESCUTAM MESMA COISA e entendem diferente.... Parecia impossível.

E isso acontece mesmo quando se tem regras. Tem código combinado. As “regras para fazer transcrição” que estudamos no livro do Preti (1999). Tem regra para tudo.... Dá para ouvinte perceber se a pessoa está falando brava, ou se está preocupada, ou se está pensando, se tem dúvida, se está animada só escutando a pessoa falar! Como isso é possível? Ouvinte não vê expressão facial, nada. Para mim, é muito mais fácil, eu pensava, porque estou VENDENDO as expressões do surdo. Mas, quando eu fui comparar as transcrições que elas fizeram eu vi que os sons podem parecer diferente para cada pessoa.

Então eu pensava que não ia ser muito difícil fazer a transcrição do surdo. Tudo certo se eu só transformar a entrevista em Libras, narrativa também em Libras. Achava que não ia ter tanta confusão, porque eu não ia ter dúvidas, por causa da expressão facial das “emoções” que o surdo estava colocando na conversa, se eu usasse mesma língua.

Mas, tinha uma coisa muito importante...eu queria “dar voz” para o surdo, queria que o surdo mostrasse seus sentimentos, sua emoção, contasse sua história para os ouvintes. E essa “voz” precisava ser na Língua Portuguesa. Então eu precisei fazer uma “transcrição” que na verdade era uma “tradução”, porque havia a mudança de uma língua para outra. Quando o ouvinte faz uma transcrição de outro ouvinte só muda a forma, do oral para o escrito, mas é só Português. Eu preciso traduzir da Libras para Português depois preciso arrumar o texto de um jeito que o ouvinte vai entender o que o surdo quer falar.

Mas como fazer para o surdo também entender? Como posso contar tudo isso que estudei para os surdos? Então fiz vídeos. Meus vídeos são curtos. Não traz tudo da dissertação. São resumidos, mas vai fazer o surdo entender muito bem o que eu fiz neste trabalho e as conclusões. Não fiz vídeos das narrativas, porque as pessoas podem ver a própria entrevista.

Fico pensando. Libras muito importante.... Mas também o surdo não pode saber apenas Libras. Surdo também precisa conhecer a Língua Portuguesa. A escola não pode abandonar o ensino de Português. Para o surdo poder ser livre de verdade ele precisa entender certo o que ele lê.

Porque surdo precisa ter informação. Precisa conhecer teoria. Precisa avançar nos estudos. Por exemplo, eu conheci História Oral, eu conheci a Teoria dos Campos Conceituais do Vergnaud. Minha irmã está estudando a teoria do sociólogo Bourdieu. Essas coisas não estão traduzidas para a Libras. Tem textos desses autores que não estão ainda nem traduzidos para o Português.

Tem muita coisa de História, de Filosofia, de Sociologia, de Economia. O surdo precisa conhecer teoria, ciência. Não pode ficar preso só no mundo da Libras. É preciso lutar para ter essas coisas em Libras. Na biblioteca do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos já tem algumas coisas em Libras.

Então, precisamos também produzir vídeos para criar o conhecimento em Libras porque, se o surdo tem acesso a vídeos de Ciência, de Filosofia, de Sociologia em Libras, mesmo que sejam vídeos não muito profundos, para ele ter uma ideia primeiro, então fica mais fácil entender um texto escrito depois. Por isso fiz vídeos da teoria. Também fiz vídeos da metodologia. No capítulo da metodologia da minha dissertação eu escrevi bem explicado tudo que fiz no curso de mestrado e para fazer a pesquisa. Tudo que deu certo e também o que não deu. O que foi mais difícil para mim. Para ajudar outros surdos que quiserem saber como faz pesquisa.

Mas só para acabar, quando fui estudar História Oral eu aprendi que o som faz o ouvinte perceber a emoção. Aprendi que ouvinte também tem dificuldade para compreender e escrever textos. Isso eu aprendi vendo as dificuldades dos meus colegas. Então o problema de escrever não é só do surdo, ouvir não é suficiente para ler e escrever. Quando eu era pequena eu via pessoas mexendo a boca. Eu sabia que acontecia alguma coisa, só não sabia o que era. Mas o surdo é visual.

Surdo não escuta o som. Surdo não VÊ o som. Então parece que o som não tem “poder”. Não faz nada. Não existe. A História Oral mostrou que o som tem “poder”.

Até lembrei de uma história que aconteceu comigo quando eu era pequena. Eu não entendia que muitas coisas têm som. Por exemplo, a tosse. Então fui uma vez em uma apresentação dos meus irmãos que eram De Molay. Na maçonaria. Ficava tudo escuro. Eu era pequena e soltei um pum... Eu estava sentada atrás da minha mãe. Ela virou rápido, com cara feia, eu não entendi. Como ela descobriu o que eu fiz? Depois ela explicou. Daí eu comecei a compreender tem coisas que faz barulho e o surdo não sabe. Eu aprendi que emoção também tem som.

Por definição, barulho é a ausência de silêncio; é um ruído ou som acústico perceptível aos ouvidos. Para a cultura surda, todavia, o barulho e o silêncio adquirem novas versões.

Na cultura surda, o barulho / som tem outros significados – é o caso da luz que acende quando a campainha toca em sua casa, a vibração do despertador colocando embaixo do travesseiro (GESSER, 2009 p. 48).

Por isso que eu considerei que compreender melhor o que é o som, foi uma das coisas mais importantes que eu aprendi com a História Oral. Parece estranho. No início eu achava que tinha preconceito por que o nome é História ORAL. Eu queria acabar com o oral, criando “fontes surdas”, mas foi com a História Oral que eu compreendi melhor o SOM.

## 11.5 ORALIZAR PARA QUEM?

Uma coisa que eu percebi conversando com meus amigos surdos para o meu projeto de mestrado foi que quase todos eles, contaram que as famílias fizeram muita força para aprenderem a falar. Na minha casa também era assim. Mas nem todos os surdos conseguem aprender a falar. E mais, junto com a fala, os surdos também precisam aprender a leitura labial. E tudo isso é muito difícil. De acordo com Gesse (2009, p. 60): “A leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que precisam de treinos árduos e intensos para ser desenvolvidas”.

Mas, mesmo começando muito pequeno, os surdos não conseguem às vezes aprender falar e mesmo fazendo todos exercícios certinho, o dia inteiro como acontecia na minha casa. Porque depende da surdez. Minha irmã tem surdez profunda mas escuta sons agudos com o aparelho. Minha surdez é severa mas só escuto sons graves com o aparelho. Quem escuta sons agudos consegue falar

melhor. São poucos, mas muito poucos mesmos os surdos que falam e fazem leitura labial com fluência.

Mesmo com treinamento para realizar leitura labial, o período crítico para a aquisição de linguagem (até os 4 anos, aproximadamente) seria perdido, por causa da complexidade dessa aprendizagem, com prejuízos importantes para o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar da criança (REILY, 2004, p. 122).

De acordo com Nogueira, Carneiro e Soares (2018), os surdos, mesmo com surdez profunda, podem aprender a falar um pouco, isto é, ter uma comunicação oral funcional se fizerem todos os treinamentos durante muito tempo, mas, o mais importante é que os surdos precisam querer aprender falar. Porque é difícil e ficamos exaustos. Também no oralismo, a gente queria aprender falar, porque todos falavam perto da gente. Mas os surdos adultos que conhecemos não admiravam que a gente falava. Uma vez, minha irmã foi fazer uma palestra e ela ia falar, mas o presidente da Associação falou que ela TINHA que fazer a palestra em Libras. Precisava respeitar a Libras. Marília era bem nova. Hoje ela que não quer falar nas palestras, nem quando as pessoas pedem. Ela sempre usa sinais quando pode.

O grande problema herdado da filosofia oralista é o efeito colateral que se instaurou na comunidade surda, ou seja, o sentimento de indignação, frustração, opressão e discriminação entre usuários dos sinais, uma vez que, durante as sessões de fala e treinos repetitivos pregados pelo oralismo do passado, a língua de sinais foi banida e rejeitada em prol do uso exclusivo da língua oral (GESSER, 2009, p. 56).

Minha mãe levava a gente na fono e também ensinava na minha casa. A Marília e eu sempre íamos na fono. Eu desisti, porque não gostei que ela um dia puxou minha língua. Nunca contei para minha mãe. Só agora. Ela perguntou porque eu não contei. Eu pensei e eu acho que era porque eu pensava que estava certo. Que era assim para aprender a falar. O surdo aceita muita coisa. Parece ele acha que tem “culpa” de ser surdo.

Mas a Marília foi muito na fono. Ela nunca desistia. Nós surdos sofremos muito com os exercícios. Minha mãe passava pó de gelatina nos meus lábios e eu precisava lamber para fazer exercício com a língua. Era muito difícil. Eu ficava nervosa porque queria a gelatina, que era gostosa. Mas só podia o que a mãe colocava nos lábios. Também precisava fazer exercício de respiração e de cuidar dos músculos. Tinha o “duro, duro, duro” e o “mole, mole, mole”. Precisávamos ficar

assoprando penas no ar e não deixar cair. Era muito difícil. Eu ficava cansada. Às vezes meus irmãos também faziam junto. Daí ficava mais divertido.

Também minha mãe queria sempre fazer a gente falar. Usava todos os minutos para isso. Na hora do almoço, ela segurava a panela com o bife e falava BI-FE. Se a gente não falasse ou não tentasse, ela ficava segurando. Então, no almoço todo dia era: BI-FE, BA- TA- TA. Nossa. Uma vez meu irmão mais velho reclamou e disse: “Mãe dá para parar de ser professora? Estou com fome!” Daí parecia que ela ficava um pouco com vergonha, mas depois começava de novo. E meus irmãos imitavam na hora das brincadeiras: BO-LA, BO- NE – CA. A gente não tinha sossego.

Também minha mãe sempre falava com as mãos atrás das costas e sempre repetia muito. E ela mandava meu pai e meus irmãos fazerem igual. Nosso irmão trigêmeo é que obedecia mais. Meu pai e meu irmão mais velho, o Raul, quase não obedeciam e o Vitor só um pouco. Por isso eu gostava muito de ficar com minha avó Bime e com minha babá, a Tide. Elas não faziam nada disso. E eu entendia as duas.

Eu aprendi falar um pouco e minha irmã também. Marília fala melhor, porque foi mais na fono e sempre obedecia tudo. Eu era mais rebelde. Quando a gente estava começando a falar, só um pouco ainda, minha mãe queria que a gente tivesse segurança e não ter vergonha de falar, então ela telefonava na padaria e avisava a mulher que a gente ia comprar 10 pães e um litro de leite, por exemplo. A gente ia sozinha e falava BZSBZS, qualquer coisa, eu acho. E a mulher falava: Ah! 10 pães e um leite. E a gente voltava feliz para casa.

Hoje eu penso que nossas mães só queriam ajudar. A Kênia até falou que a “mãe dela era inocente”. As mães, claro, não eram ruins, não queriam o mal de seus filhos, mas era difícil para a criança entender quando as mães parecem “dar castigo” porque obrigam a fazer exercícios muito difíceis e o surdo não sabe o que fez de errado, para ter castigo. Pior quando a gente tem irmãos ouvintes e percebe que eles podem brincar bastante, que eles nunca precisam ficar sentados e fazendo exercícios. Que eles iam na natação e a gente ia na fono.

Eu pensava porque tudo isso? Uma vez minha mãe viu eu e Marília conversando com nossos gestos. A gente não sabia Libras certo. Daí minha mãe falou: VOCÊS DUAS SABEM FALAR! PRECISAM FALAR UMA COM A OUTRA!



Minha irmã respondeu: PORQUE BIA FALAR COMIGO? EU NÃO ESCUTO!  
Minha mãe não entendia que a comunicação era melhor com gestos.

As atividades árduas, desgastantes e intensas das sessões de “treino” para aprender o idioma contrastam com o prazeroso e natural uso da língua de sinais pelo grupo. O uso dos sinais sempre germina no encontro surdo-surdo e essa realidade faz com que os profissionais temam pelo “progresso” de seu trabalho (GESSER, 2009 p. 58).

Quando a gente começou a ir encontrar os surdos adultos todos domingos, quando minha mãe decidiu ajudar a criar a Associação dos Surdos de Maringá, a ASUMAR, eu tinha só oito anos. Mas lembro muito bem. Era muito gostoso, era bem leve. Tinha gente que entendia a gente.

Outra coisa que acontecia com os surdos era que os pais não confiavam neles. Então, muitas vezes o surdo não podia sair sozinho. Precisava sempre um ouvinte junto. Vi muitos surdos que só podiam sair de casa junto com irmão pequeno, porque o irmão ouvia, então o surdo mais velho obedecia ao irmão mais novo. Muito triste. Parece que faltava respeito da família para com o surdo. Na minha casa isso não aconteceu, porque era minha mãe que estava com a gente ou o nosso irmão trigêmeo. Pelo menos ele tinha a mesma idade. Hoje eu entendo que não era “falta de respeito”, era cuidado.

Tem uma história engraçada que minha mãe conta sobre como as outras pessoas viam a maneira como ela deixava a gente um pouco livre. Uma vez ela estava em uma reunião muito importante no trabalho dela, no Conselho Universitário e não podia ser interrompida a reunião. A secretária da Universidade entrou na sala, pediu licença para o reitor e disse que minha mãe precisava atender o telefone urgente, que tinha problema com as filhas. Minha mãe se assustou muito. Foi atender o telefone e era uma vizinha da nossa casa, dizendo que minha mãe precisava voltar urgente porque nós três, Marília, Lucas e eu tínhamos ido passear de bicicleta. Minha mãe perguntou: Mas, aconteceu alguma coisa? E a vizinha falou: Mas como elas podem andar de bicicleta? Elas são surdas! A senhora não tem medo?

Mas o mais difícil era ver que em nossa família, principalmente minha mãe sempre EXIGIA exercícios para eu falar. Sempre. Nossa, era muito difícil. Parecia SACRIFÍCIO. E o mais chato era que a nossa mamãe quem mandava. Eu quase não tinha tempo para brincar. Na escola, era a mesma coisa. Quase não fazia

desenhos, não brincava. Só exercícios para falar, para leitura labial. Eu via os cadernos dos meus irmãos. Eu não tinha nada igual. Não era gostoso ir na escola. Eu vejo meu filho Guilherme, pequeno só três anos, ele vai feliz na escola. E cada dia ele volta e mostra que fez uma coisa diferente. Igual meu irmão Lucas. Eu não.

O que a gente fazia na escola? Exercício para falar. AAAAAAA, PA- PA –PA; TA-TA-TA. Pouca coisa diferente. Ficava vendo as palavras escritas e precisava repetir: PA-TO, muitas vezes. Ficava cansada. Muito cansada. Eu queria desenhar. Amo desenhar e a professora queria arrumar meu aparelho. Apitava, doía. E começava tudo de novo. A professora fazia treinamento auditivo. Colocava um papel na frente da boca e falava alguma coisa. Eu não entendia. E ela arrumava o aparelho. E no dia seguinte, tudo de novo. Precisava por aparelho, precisava ir na fono, precisava ir na escola. E não adiantava pedir socorro para a mamãe. Ela fazia falar também.... Até na hora de almoçar.

Eu muitas vezes ficava rebelde. Brigava na minha casa. Brigava com a professora. Me escondia embaixo da mesa da professora. Uma vez até joguei uma carteira na minha professora. Eu não me lembro. Minha mãe que contou. Hoje eu sou adulta e penso: Acho eu queria avisar que não estava feliz. Eu não queria aquilo.

A oralização deixou marcas profundos na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração (GESSER, 2009 p. 50).

Mas uma coisa é verdade. Saber falar e conseguir fazer leitura labial ajuda viver no mundo ouvinte. Meu marido não sabe falar bem e não tem uma boa leitura labial. Também não aprendeu a ler e escrever muito bem na época do oralismo. Agora, está estudando novamente, porque tem bilinguismo. Então eu sempre preciso ir junto com ele, por exemplo, quando tem uma entrevista para emprego ou ao médico. Uma vez ele estava sozinho cuidando do nosso filho e precisou levar o bebê ao médico. Eu não estava. O médico disse que era para ele chamar alguém, porque ele não conseguiu saber o que a criança tinha, então não ia atender. Isso é não ter respeito com o surdo. A sociedade precisa ter mais intérpretes. Penso que o surdo não precisa sofrer muito como antes, no oralismo. Precisa melhorar.

Mas a escola também precisa ensinar Português de maneira mais eficiente. Como segunda língua. Porque se surdo não consegue falar, só usa Libras, ele precisa escrever e ler, porque fica mais fácil se comunicar no mundo do ouvinte. Pode resolver problemas em uma emergência. Se surdo aprende bem Libras é mais fácil aprender português, porque tem uma língua para apoiar e aprende outra, como se fosse uma língua estrangeira. Fico muito feliz que agora que o surdo pode estudar usando a Libras, ele vai conseguir aprender muita coisa, Matemática, Geografia, Biologia. Na escola. Sem depender só da família, como no oralismo. Porque se os surdos no oralismo conseguiram aprender os conhecimentos escolares, foi porque as famílias ajudaram muito. Agora não. O surdo aprende NA ESCOLA.

Mas não se pode esquecer de um ensino firme da Língua Portuguesa. Conseguimos o direito de ter legenda na TV, mas muitos surdos não entendem o que está escrito, por exemplo. Então, eu penso que com o bilinguismo não precisa mais fazer o surdo sofrer para aprender falar. Se o surdo tem vontade de aprender, tudo bem. A família apoia e ele vai fazer fonoaudiologia. Se o surdo não quiser, tudo bem. Mas ele precisa saber ler e escrever. Vai ajudar no mundo, na comunicação. O bilinguismo é isso. BI – LINGUISTICO, duas línguas. A Libras e a Língua Portuguesa ESCRITA.

Agora mais uma coisa. Os pais, as mães e nossos professores não precisam sentir culpa por causa de como agiam antes. Eu e todo surdo entendemos que queriam ajudar, que pensavam que estavam fazendo certo. Que queriam nosso bem. Foi difícil, mas entendemos.

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fonte: Carneiro (2016, p. 120)

A pesquisa que eu desenvolvi teve o objetivo de registrar como aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo na educação dos surdos paranaenses e se também mudaram as aulas de Matemática. Mas eu queria entender essa mudança a partir do que os surdos viveram. Eu queria dar “voz” aos surdos, ou como diz a História Oral, criar “fontes surdas”. Esta preocupação de dar “voz” aos surdos ficou comigo o tempo todo. E também queria contribuir para criar produções científicas para os surdos. Por isso fiz vídeos de todas as partes de minha dissertação, mas como também queria que a “voz” dos surdos fosse “ouvida” pelos ouvintes, minha dissertação foi, também, escrita em Português.

Essa parte de pensar em Libras e escrever na Língua Portuguesa ou, no caminho contrário, ler textos escritos em Português e entender em Libras, posso dizer que foi uma das maiores dificuldades para mim. A História Oral procura maneiras de registrar aquilo que é falado e do jeito como a pessoa fala, então é preciso tentar registrar o “jeito da pessoa”, as expressões, e até se respirou mais fundo, pois não é igual se a pessoa fala sem fazer essa *inspiração*. Quando a gente está fazendo a transcrição de conversa falada, até é possível tentar fazer isso, porque é de palavra para palavra, dá para escrever se a pessoa fez pausa ou se ela deu uma risada... Mas em Libras é diferente. Existem sinais para palavras, e existe a expressão facial que registra emoções e é parâmetro da Libras, faz parte do sinal, e isso torna a transcrição mais difícil.

Também interfere a forma como o surdo sinaliza. A Valéria, por exemplo, usou Libras sempre na família, uma Libras que não era a culta. Quando ela foi ser instrutora, ela usava bastante sinal, porque já era casada com surdo e tinha surdo na família. Então ela é muito rápida, usa muita gíria que não consigo traduzir no Português. Porque metáforas, por exemplo, são diferentes. Tem coisa que não é igual. Com a Kênia, A Viviane e a Marília, a transcrição ficou mais fácil. Nós aprendemos junto a usar língua de sinais. Tem coisa da minha vida muito parecida com Valéria, Viviane e Marília. Nós temos “trauma” da escola oralista. Pior ainda na escola inclusiva. A Kênia não tinha trauma com o oralismo. Ela fez odontologia e não queria intérprete porque era bem oralizada. Mas depois entendeu a importância da Libras e hoje ela é professora de Libras.

Eu entendo que precisamos criar as Fontes Surdas em Libras. Porque seria mais verdadeiro os depoimentos. Também se ficar tudo em Português os surdos não vão conhecer sua própria história. Leonardo Peluso (2015), defende que os registros em vídeo, de depoimentos em línguas de sinais também são fontes de informação, porque podem ser arquivados e tem as mesmas características dos textos escritos. Peluso (2015) fala que o que está vídeogravado em língua de sinais tem o mesmo valor de um texto escrito, porque também podem ser arquivados; não mudam, igual aos textos escritos, o que ele chama de “característica da permanência”, e também podem ser estudados, usados depois que foram feitos, isto é, possuem a “característica de objetivação” (PELUSO, 2015). São estas características, de poderem ser arquivados, de serem permanentes e poderem se constituir em objetos de estudos que tornam os vídeos documentos e fontes seguras para investigação.

Peluso (2015) diz também que é preciso criar materiais para os surdos poderem estudar na língua deles e que o melhor caminho é a videogravação, pois para esse autor, a tentativa de se produzir coisas escritas no SIGNWRITING não deu muito certo. Mas, o mais importante é que com as tecnologias atuais, as gravações podem ser conhecidas pelos surdos. Então, penso que uma contribuição do meu trabalho para a comunidade surda é também deixar ele todo em Libras, disponível no *Youtube*, por exemplo. Também é importante que os ouvintes conheçam o que os surdos pensam e falam sobre sua própria história.

Outra coisa bem difícil para mim nesse caminho do mestrado foi compreender as regras do “mundo acadêmico”. Compreender o que é uma pesquisa, compreender que primeiro preciso estudar muito, ler muitas dissertações, teses, artigos. Compreender que precisa uma metodologia de pesquisa. Para os ouvintes também é difícil, mas, para os surdos parece ser mais difícil, porque a gente de certa forma é “poupada” de um ensino mais rigoroso, tanto no que se refere ao volume dos conteúdos que estudamos quanto às exigências.

Muitas vezes, nós surdos, somos “preparados” para fazer provas, com a entrega pelos professores de questionários para a gente decorar. Na escola inclusiva às vezes, até porque os professores sabem que não estão ensinando direito ou que não estão ajudando o surdo aprender, os alunos surdos fazem prova junto com os professores do AEE, em dupla com algum colega, etc. Então, a gente vai passando de ano, mas nem sempre aprendemos.

Na faculdade, a coisa fica um pouco mais difícil, mas, no curso de Licenciatura em Letras/Libras, muitas vezes, os próprios textos, como as avaliações, eram em Libras. Então, conhecer as regras desse “mundo acadêmico” e a redação e interpretação de textos na Língua Portuguesa foi difícil para mim. Por isso, procurei fazer bem detalhado o capítulo dos *Percursos Metodológicos*. Para auxiliar outros surdos que querem fazer mestrado, fazer pesquisa.

Outra coisa importante, foi que as disciplinas que fiz no mestrado pediam um artigo como trabalho final. Fiz um artigo para a disciplina *Educar com a Matemática*, que foi construído durante a disciplina. Cada parte do texto era discutido, corrigido ou pelas professoras, ou pelos colegas. Eu ainda contava com a ajuda dos intérpretes. O texto do artigo dessa disciplina foi a base da fundamentação teórica da investigação, que é o primeiro capítulo.

Para responder minha pergunta de pesquisa, usando a História Oral como metodologia, eu realizei cinco entrevistas, mandei um questionário que foi respondido por uma surda e fiz o meu próprio relato. O que essas narrativas me ajudaram entender?

Primeiro, que todos nós que vivenciamos a transição do oralismo para o bilinguismo sentimos como se fosse uma “libertação”. Por isso escolhi meu título: *Enfim posso falar!* Nós passamos muito tempo da nossa vida sem conseguir nos

comunicar. Sem conseguir falar o que a gente sentia. Nem mesmo com nossas famílias. Era difícil. Mas, mesmo assim, todos nós que participamos desta pesquisa conseguimos fazer um curso superior. De verdade, nós só conseguimos depois que pudemos ter a Libras dentro da sala de aula. Mas a base, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (para alguns) nós estudamos no oralismo.

As narrativas dos meus amigos e minhas dificuldades para fazer este mestrado me fizeram pensar em muita coisa, que apresentei como *Reflexões sobre a Dissertação* e que mostram o que achei mais importante em todo esse trabalho.

Para mim, as dificuldades com a Língua Portuguesa foram grandes. Entender o que eu lia, e depois escrever o que eu entendi foi um grande desafio. Também foi difícil para mim ver o que eu escrevia ser sempre alterado, mudado. Às vezes eu achava que as palavras que eram trocadas pela minha mãe na retextualização mudavam o que eu queria dizer. E a gente discutia. Às vezes ficava como ela tinha feito, outras vezes, ela voltava ao que eu tinha escrito. Isto eu penso que é uma questão bem séria na produção dos trabalhos por surdos.

Lutar para os surdos poderem entregar todos os trabalhos gravados em Libras, pode ser uma saída, mas eu acho que precisamos mostrar nossas ideias também para os ouvintes. Acho que só quando os ouvintes entenderem os surdos, o que nós temos a dizer, que nossa inclusão vai acontecer de fato. Então, essa experiência trouxe uma dúvida: será que nas escolas inclusivas os surdos estão aprendendo a ler e escrever melhor do que quando eu estudei no oralismo? Ainda não dá para saber.

Nossa dificuldade em escrever é grande, e também não nos sentimos muito a vontade escrevendo. Quando a entrevista foi por escrito, mesmo com as perguntas sendo as mesmas, as respostas eram pequenas e, falando, eram muito mais compridas. Mas acho que isso também acontece com ouvintes, por isso é tão importante fazer mais entrevistas, conversar do que só entregar questionário.

A coisa mais importante que eu consegui compreender que aconteceu com a vida dos surdos, com a mudança do oralismo para o bilinguismo aconteceu fora da escola. Na escola foi importante sim, mas poder usar a língua de sinais permitiu que a gente pudesse frequentar a Associação dos Surdos, conviver com surdos adultos, frequentar os pontos de encontro. Essa foi a grande “libertação”. A gente podia ser

surdo. Usar nossa língua. Então, a mudança foi muito boa para os surdos estudarem e aprenderem. Hoje, com o bilinguismo os surdos estão fazendo faculdade, estão fazendo mestrado, doutorado. Estão fazendo pesquisas.

Mas, outra coisa que ficou clara com essa pesquisa é que a gente ainda nem conseguiu sentir mesmo os efeitos do bilinguismo e parece que estamos vivendo uma nova mudança. Agora, do bilinguismo para o oralismo de novo. Não sei se será do mesmo jeito do oralismo que a gente conhece, por causa dos implantes. O problema é que sempre se acredita que uma abordagem ou uma cirurgia é o certo para TODOS os surdos. Primeiro decidiram acabar com as escolas especializadas quando mudaram para o bilinguismo. Agora, quando a criança nasce surda, já querem fazer o implante. Será que seria essa a vontade da criança? Será que no futuro, quando uma pessoa for fazer uma pesquisa para saber como os surdos que vivenciaram a volta para o (novo) oralismo sentiram, eles vão responder que foi uma “libertação”? Não sei.

O que pude concluir é que quando aconteceu a mudança do oralismo para o bilinguismo foi porque ninguém estava feliz com a educação dos surdos com o oralismo. Nem os professores e nem os surdos. Quando a Libras começou a ser usada em sala de aula, a Valéria contou que os professores ficaram felizes e surpresos porque viam seus alunos aprenderem. Então parece que foi “libertação” para eles também. Os professores também se sentiam “livres”, porque podiam aprofundar seus assuntos. Explicar, conversar, entender o sentimento dos alunos.

Para a família? Algumas famílias ficaram “surdas” também. As pessoas da família aprenderam Libras para conversar com o seu surdo. Principalmente as mães. Outras não foram aprender, mas as famílias dos entrevistados ficaram orgulhosas da vida dos filhos depois do bilinguismo.

Uma coisa que ainda está bem difícil é lugar para trabalhar. Trabalho com bom salário para nós parece ser quase só como professor de Libras. Isso ficou claro com a Kênia, que se formou em odontologia, mas precisou fazer outra faculdade para trabalhar e se sentir feliz. Com a Marília também. Ela fez gastronomia, mas quando procurava trabalho nos restaurantes, só conseguia para lavar louça.



Falar de mudanças que aconteceram na vida não significa dizer que os surdos não perceberam que o bilinguismo mudou também a escola. Perceberam e gostaram da mudança. Mas, e no ensino de Matemática?

Para Valéria, a instrutora surda, a mudança do oralismo para o bilinguismo ajudou muito a compreensão dos alunos. Segundo ela, a professora, no oralismo ficava só apontando os números no quadro, escrevia e apontava. O professor fazia perguntas e os alunos não respondiam nada. Porque não entendiam a pergunta. A professora ouvinte ainda não sabia Libras e pediu ajuda da instrutora, que começou a repetir a explicação da professora em Libras, mas quase como só mímica, porque os alunos também não sabiam direito a Libras e os alunos começaram a entender. Os alunos começaram a participar da aula. Uma coisa que a Valéria destacou é que a professora não explicava o conceito da operação, só ficava falando “soma”, “soma”, e ensinando a continha. Muito simples. Valéria conseguiu observar as aulas quando a professora sabia Libras e disse que era mais “profundo”. Então, podemos dizer que melhorou a qualidade do ensino com a utilização da Libras.

Valéria chamou a atenção para a dificuldade de se criar os sinais matemáticos em Libras, porque ainda não existem todos. Ela pesquisa se existe, se não encontra procura entender o conceito e ensina o professor. Ela também disse que aconselha o professor a fazer desenho e comparar a palavra e o sinal. “Então o professor precisa da estratégia de fazer desenho. E ele aponta desenho e perguntando”. E destaca, também, que cada aluno é diferente.

Para os outros entrevistados, mesmo que eu expliquei no começo da entrevista que eu queria saber da aula de Matemática, eles ficavam falando sobre outra coisa e eu precisei perguntar de novo. Isso deixa claro que as principais mudanças para os surdos com o bilinguismo foram na vida deles, fora da escola!

Mas a Kênia, por exemplo, que só era aluna, também entendia que se aprendia pouco de Matemática na época do oralismo: “As aulas de Matemática no oralismo era pouco atrasado. Demora muito para explicar e aluno entender com leitura labial. Professor explica uma vez, explica de novo, de novo. O aluno surdo não entende. Então demora para ver coisas novas”. Kênia também contou que com a Libras, o entendimento era mais “rápido”: “Agora com a Libras explica uma vez e eu entendia rápido. Aparece a ligação, entende? A Libras parece tem ligação com a

Matemática, é rápido, positivo. No oralismo não entendia, demora demais para entender, muito cansada”.

Viviane destacou que não conseguiu aprender Matemática na escola oralista: “Quando eu era pequena, ia mal em Matemática, pior não entendia os problemas tirava a nota baixa, a professora não me ensinava bem, eu não entendia nada”. Viviane também se sentia mal porque a professora não tinha paciência com ela: “A professora na escola era muito grossa, não tinha paciência comigo porque eu não entendia Matemática e não entendia o que ela falava. Por isso eu odeio Matemática até hoje” e acrescentou que só foi aprender um pouco de Matemática quando foi fazer supletivo: “Depois alguns anos fiz supletivo tinha professora sabe pouco usar Libras eu entendia bem claro, só que ainda não entendo os problemas Matemática. Mas sei ensinar crianças sobre contar”.

A Marília contou que aprender Matemática na escola era muito difícil: “Por exemplo, nas aulas de Matemática, no passado eu não entendia nem  $4+4$ , e daí tinha que aprender *log*! Então, ainda bem minha mãe professora de Matemática. Se eu não entendia ela me ensinava”. E então Marília comenta que hoje, quando ela observa as crianças aprendendo Matemática com a ajuda da Libras, ela percebe que elas estão entendendo. E uma coisa importante da aula com o professor sabendo Libras (ou com intérprete) para a Marília é que o aluno tem autonomia quando pode usar a sua língua: “Hoje eu conheço professora de Matemática que sabe Libras, que ensina na ANPACIN em Libras. Ela escreve no quadro e Lê e explica em Libras. Os alunos entendem e se não entendem podem perguntar direto para o professor. Na hora. Não precisa guardar a dúvida para perguntar em casa para a mãe ou para professor na sala de Recursos. O aluno tem autonomia, independência”.

Vilmar teve a sorte de ter um professor de Matemática que não sabia Libras, mas fazia muitos gestos, desenhava, fazia flechas, apontava e se preocupava com o aluno surdo na sala de aula. O professor entendeu a importância do visual para o surdo. “Mas eu tirava nota alta em Matemática porque aprendi fazer contas, era mais fácil Matemática porque eu entendia o que estava no quadro. Não tinha palavras”.

O Vilmar deu aulas de Matemática para crianças, antes de ser professor na Universidade e disse que se lembrou do seu professor de Matemática: “Eu usei um

pouco da estratégia do meu professor. Eu explicar sinais, escrevia e apontava no quadro. Ensino também os sinais em Libras. Explico e eles fazem exercícios no caderno. Consegui ensinar. Os alunos tinham mais ou menos seis ou sete anos”.

Para a Franciele, que só respondeu o questionário, a resposta foi simples: “Quando aprendi Matemática com Libras era mais fácil, eu gostava aprender equações porque eu consigo fazer as equações e ficou mais fácil aprender Matemática com a Libras”.

Então, posso concluir que o ensino de Matemática ficou mais fácil para os professores e principalmente para os alunos aprenderem com o bilinguismo. Também, com o uso da Libras na escola especializada, o ensino ficou mais profundo. Na escola inclusiva, é a mesma coisa. Para os alunos surdos, usar a Libras nas aulas de Matemática os deixa mais “autônomos”, isto é, eles podem fazer pergunta na hora, não precisam esperar a professora da Sala de Recursos, a professora particular ou os pais para ensinarem o que ele não entendeu.

Uma outra coisa importante, que o Vilmar contou: se o professor entende a importância do visual para o surdo e de que pode usar a linguagem corporal para ajudar na comunicação, o aluno surdo vai compreender melhor.

Minha pesquisa mostrou que as leis ajudam bastante, que toda a mudança começou com as leis. Também a tecnologia ajuda muito. É muito mais fácil ser surdo hoje, com o celular, a internet. Mas as mudanças mais importantes são as da sociedade. E essas demoram muito.

Por isso, mesmo a Libras tendo sido reconhecida como meio de comunicação legal no Brasil, os surdos têm poucas pessoas para conversar. Quase ninguém conhece Libras. Mas uma coisa é verdadeira: hoje, praticamente todo mundo sabe o que é Libras, sabe que o surdo se comunica usando as mãos. Ainda tem muita gente que acha que é *linguagem*, ou mímica. Mas estão aprendendo e começando a respeitar.

Então, penso que a maior consequência da mudança do oralismo para o bilinguismo não foi educacional. Foi a social. O bilinguismo permitiu que o surdo tivesse “vida social”, que construísse sua identidade, se sentisse livre e respeitado. Que compreendesse a sua cultura. Mas, acho que só cheguei a essas conclusões porque ouvi os surdos. Criei “fontes surdas” que me mostraram como o bilinguismo

fora da escola foi importante. O olhar do ouvinte, dos professores ouvintes poderiam mostrar como a interação na escola melhorou, como ficou mais fácil ensinar, mas a sensação de liberdade veio das fontes surdas.

Agora que terminei o trabalho eu espero que muitos surdos vejam os vídeos ou leiam meu texto e vejam “nossas vozes”, e também vão sentir vontade de seguir um caminho parecido com o meu, com o da Marília, do Vilmar, de tantos outros surdos que já estão procurando seu mestrado e da Karen Strobel, da Gladis Perlin, da Marianne Stumpf, da Ana Regina Campello e outros surdos que já são doutores e serviram de inspiração para nós. Vamos estudar mais. Quando nós surdos estudamos não é importante só para quem está estudando, mas para todos os surdos. Também vamos “falar” mais, mostrar que temos nossa opinião, nossos desejos.

Também espero que os ouvintes “escutem a nossa voz” e enxerguem as coisas pelo nosso ponto de vista, o que a gente pensa, o que a gente quer e respeitem nossas opiniões, como no caso dos implantes. Seria muito importante se os pais conversassem com os surdos antes de decidirem “transformar” seus filhos. Que procurem se informar sobre os resultados, sobre como os surdos implantados se sentem. Eu sei que é o sonho dos pais ter filhos iguais a eles. Eu também tinha sonho que meus filhos fossem iguais a mim. Mas cada um pode ser MUITO FELIZ do jeito que é. E mais, minha família é ouvinte, meus filhos são ouvintes e todos têm orgulho de mim.

Eu também estou orgulhosa. Quando comecei o mestrado eu achei que não ia conseguir. Pensei em desistir algumas vezes. Agora, estou pensando no doutorado...Fazer mais pesquisas, contribuir para “escrever” a nossa própria história, constituir, eu mesma, mais *fontes surdas*.

## 13 REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.L.V.; SOUZA, E.B.. Considerações sobre o processo de retextualização para Libras de texto em português por graduandos surdos. **Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas**, n. 57.1, 2018. p. 493-521.

BERTHIER, F. Les sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. In: LANE, H.; PHILIP, F. **The deaf experience: classics in language and education**. London: University Press, 1984 (Texto original publicado em 1840).

BORGES, F.A.; NOGUEIRA, C.M.I. Uma análise das aulas de matemática para alunos surdos inclusos em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. In: **Revista Educação e Linguagens**. Campo Mourão, v.1, n.1, p. 99-118, 2012.

BRASIL. Lei n.º 3.071. Institui o Código Civil dos Estados Brasileiros. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1916.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Decenal de Educação para todos**. Brasília, DF: MEC, 1993

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC, 1994

BRASIL. Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2001.

BRASIL. Ministério da educação (MEC). Secretaria de educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008.

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22 dez. 2005.

BRASIL. Decreto nº 6949. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 ago. 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.611 de 17 de Novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011

BRASIL. Lei nº 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 abr. 2002.

BRASIL, Lei nº 13.146. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. 2015 Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm) >

BRASIL, Lei nº7.853. Estabelece normas gerais para o pleno exercício, dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiência e sua efetiva integração social. **Diário Oficial da União**. Brasília, 24 de outubro de 1989.

BRASIL, Decreto nº 9.508. Dispõe sobre a reserva às pessoas com deficiência de percentual de cargos e de empregos públicos ofertados em concursos públicos e em processos seletivos no âmbito da administração pública federal direta e indireta. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 de setembro de 2018.

BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Brasília, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>.

CAVALIN, V. A.; CAVALARI, N.. A história da educação de surdos e a problemática da inclusão escolar. **Caderno multidisciplinar de Pós-Graduação da UCp**. Pitanga, v.1.n.2. fev.2010, p. 131-144.

CARNEIRO, M. I. N.. O uso social das tecnologias de comunicação pelo surdo: limites e possibilidades para o desenvolvimento da linguagem. **Dissertação**. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2016.

CARVALHO, V. L. S.. História Oral e memórias: novas abordagens nas narrativas de memória no processo de escolarização de pessoas com surdez em Teresina PI, 2015. **Anais** do XIII Encontro Nacional de História Oral. Promoção da Associação brasileira de História Oral. Rio Grande do Sul: UFRS, 2016. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7755312/veruska-lauriana-da-silva-de-carvalho> (Acesso em fevereiro de 2019).

COUTINHO, A. E.. Surdo, professor de surdos – perspectiva histórica e situação atual. In: MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L.. **Educação para surdos**: práticas e perspectivas. São Paulo: Santos Editora, 2008.

CUKIERKORN, M. M. O. B. A escolaridade especial do deficiente auditivo: estudo crítico sobre os procedimentos didáticos especiais. **Dissertação** (Mestrado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

CUNHA JÚNIOR, E. da. **O embate em torno das políticas educacionais para surdos**: Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FERNANDES, S. F. Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FURTADO, R. S.S.. **Surdez e a relação pais-filhos na primeira infância**. Canoas: ULBRA, 2008.

FURTH, H. **Thinking without language**: the psychological implications of deafness. New York: The Free Press, 1968.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GOMES, M. C.. **Lugares e representações do outro**: a surdez como diferença. Porto: CIIE/Livpsic, 2010.

GRECA, L. C. M.. Surdez e Alfabetização Matemática: o que os profissionais e as crianças surdas da escola têm para contar. **Dissertação** (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) — Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

GUARINELLO, A. C.. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. 2.ed. São Paulo: Plexus, 2007.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Esclarecendo as deficiências**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

JANUZZI, G. A educação do deficiente no Brasil- dos primórdios ao início do séc.XXI. 2 ed. Campinas: Autores associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

LACERDA, C. B. F.. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Cadernos CEDES** 46. Campinas, SP: UNICAMP, 1998, p. 68-80.

MAZZOTTA, M.J.S.. **Educação Especial no Brasil**: História e Políticas Públicas. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOURA, A. R. L.; LIMA, L.C.; MOURA, M.O.; MOISÉS, R. . **Educar com a Matemática**: Fundamentos. São Paulo: Cortez, 2016.

NASCIMENTO, L. C. R.. Um pouco mais da história dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. ETD – **Educação Temática Digital**. V.7, n.2. Campinas. jun 2006, p. 255-265.

NOGUEIRA, C. M. I.; CARNEIRO, M. I. N.; SOARES, B.I.N. **Língua Brasileira de Sinais**. Maringá, Pr: CESUMAR, 2018.



NOGUEIRA, C. M. I. e MACHADO, E. L. O ensino de matemática para deficientes auditivos: uma visão psicopedagógica. 1996. **Relatório** Final de Projeto de Pesquisa — Universidade Estadual de Maringá, Maringá/Pr.1996.

NOGUEIRA, C.M.I.; NOGUEIRA, V.I.. **História da educação de surdos**. (on line). Faculdade Eficaz. Maringá. 2012.

NOGUEIRA, C.M.I.; ZANQUETTA, M.E.M.T.. Surdez, bilinguismo e o ensino tradicional da Matemática. *In*: NOGUEIRA, C.M.I. (Org.) **Surdez, inclusão e Matemática**. Curitiba: CRV: 2013.

NOGUEIRA, C.M.I; PANOSSIAN, M.L.; SOARES, B.I.N.. Do oralismo ao bilinguismo: o movimento da legislação e políticas públicas brasileiras. *In*: VIII Congresso Brasileiro de Educação Especial, São Carlos/SP, 2018. **Anais do VIII CBEE**. São Carlos: UFSCar, 2018.

PELUSO, L. Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguayana videograbada: un nuevo desafío. **Cadernos Traduções**. Florianópolis, v.5.V.especial 2. jul-dez 2015, p. 479-504.

PEREIRA, M.C.C.; CHOI, D; VIEIRA, M.I.; GASPAR, P; NAKASATO, R.. **Libras: conhecimento além dos sinais**. 1.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, (14), fev.1997.

PORTELLI, A.. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 1999 (Projetos Paralelos, v.1)

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RANGEL, G.M.M. História do Povo Surdo em Porto Alegre: Imagens e Sinais de uma trajetória cultural. **Dissertação**. (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

REALE, M.. **Filosofia do Direito**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1996.

REILY, L. **Escola Inclusiva: Linguagem e mediação**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

RIOS, D. F.; SILVEIRA, D. D.. O Lugar da Comunicação na Aprendizagem Matemática de Surdos, a partir da Memória de três ex-alunos. *In*: SANTANA, C.C.; SANTANA I.P e AMARAL, R.S.. **Ações colaborativas e cooperativas em educação: entre história, ensino e formação de professores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.



SÁ, N. R. L. **Educação de surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

SACKS, O. Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTOS, T.S.. Narrativas surdas: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, 2012

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, J. Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, C. M. da; HENRIQUE e SILVA, D. N.; SILVA, R. C. da. Inclusão e processos de escolarização: narrativas de surdos sobre estratégias pedagógicas docentes. **Psicologia em Estudo** –v.19, n.2, 2014; p. 261-271

SILVA, D. N. H.; ABREU, F.S.D.. Narrativas de jovens surdos sobre seus processos de escolarização no Distrito Federal. **Linhas Críticas**. Brasília: Universidade de Brasília. vol. 20, núm. 42, maio-agosto, 2014, p. 325-344.

SKLIAR, C.. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C.. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendoza: Ediunc, 1977.

SOUZA, R.,M.; PEREZ, V. E. M.; ROSA, A. S.; NUNES, H. A.; Narrando em sinais: se vendo e se fazendo surdo. **Anais da III Conferência de Pesquisa sociocultural**. Campinas: UNICAMP, maio de 2000. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/eventos/br2000/trabs/2040.doc> (acesso em 02 de fevereiro de 2019).

STROBEL, K.. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC (Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância), 2009.

STROBEL, K.. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

VIEIRA, M. I. S.. O efeito do uso de sinais na linguagem da criança surda filha de pais ouvintes. **Dissertação**. (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Faculdade de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000

ZANQUETTA, M. E. M. T.. A abordagem bilíngue e o desenvolvimento cognitivo dos surdos: uma análise psicogenética. **Dissertação** (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) Universidade Estadual de Maringá; Maringá, 2006.

## APÊNDICE 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezada \_\_\_\_\_

Eu, Beatriz Ignatius Nogueira Soares, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná estou desenvolvendo, em minha dissertação de mestrado, um estudo sobre o que pensam e dizem os professores e alunos que vivenciaram a mudança de paradigma na educação de surdos do oralismo ao bilinguismo, particularmente em relação a ensinar a aprender Matemática.

Considero importante contar com seu apoio para abordar a questão apresentada em minha pesquisa e assim, gostaria que me concedesse uma entrevista, na qual pudéssemos tratar e discutir o referido tema.

A entrevista será gravada em vídeo e o procedimento metodológico adotado será o História Oral, com tradução da Libras para Língua Portuguesa, transcrição do que foi dito, posteriormente uma edição do que foi dito, visando a tornar o texto/vídeo uma narrativa sem vícios de linguagem e em ordem cronológica, e a assinatura de um documento escrito o qual representa a entrevista concedida. Quanto à sua identificação no corpo/vídeo da dissertação, esta poderá ser nominal ou com a adoção de um pseudônimo, cabendo à sua livre escolha.

Contando com sua participação nas reflexões que serão propostas na minha dissertação, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente

---

Beatriz Ignatius Nogueira Soares

## APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do RG \_\_\_\_\_, declaro, por este termo, que concordei em ser entrevistada para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o momento de A MUDANÇA DO ORALISMO AO BILINGUISMO NAS ESCOLAS PARA SURDOS: O QUE DIZEM OS SURDOS QUE VIVENCIARAM ESTA TRANSFORMAÇÃO, desenvolvida pela pesquisadora Beatriz Ignatius Nogueira Soares, no Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa História, Sociologia, Filosofia, Educação em Ciências e Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei consultar, a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail [biain@ufpr.br](mailto:biain@ufpr.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informada do objetivo da pesquisa: investigar o que dizem os professores que ensinam Matemática para surdos e os surdos, que vivenciaram a mudança de paradigma do oralismo ao bilinguismo na Educação de Surdos.

Minha colaboração na pesquisa será na forma de entrevista semiestruturada, em Libras, a ser gravada em vídeo, a partir da assinatura dessa autorização e posteriormente traduzida/ transcrita e textualizada e/ou editada em vídeo, para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final do texto e/ou vídeo seja implementada à dissertação, terei acesso à tradução/transcrição/textualização e/ou edição em vídeo, momento em que poderei vetar partes que considero inadequadas.

Posso ainda, me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo, ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Maringá, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

Assinatura da participante/entrevistada

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

### **APÊNDICE 3 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA**

Eu, \_\_\_\_\_ portadora do RG \_\_\_\_\_, declaro por meio deste instrumento que autorizo na íntegra, o uso de informações por mim oferecidas nesta entrevista, a partir da versão final de texto/vídeo produzido com base em minhas palavras.

Essa autorização inclui o uso de todo material produzido pelas entrevistas, em vídeo ou transcrito, veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Beatriz Ignatius Nogueira Soares, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa História, Sociologia, Filosofia, Educação em Ciências e Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização de Uso de Entrevista.

Maringá, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

Assinatura da participante/entrevistada

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

## APÊNDICE 4 - VALÉRIA CRISTINA CAMPAROTO DE SOUZA

**Beatriz:** Oi, tudo bem

Eu quero agradeço você primeiro obrigada você aceitar minha entrevista pesquisa foco mestrado obrigada nos duas normal conversar normal amizade normal

Então eu pesquisa vou explica sobre o que é sobre tema nos duas conversa o que então eu sei você e já experiência antes oralismo depois bilingue eu sei você já mudou este bilingue está trabalho oralismo transferência bilingue você já experiência certo?

Então eu quero você explica o que aconteceu antes oralismo depois bilingue.

**Valéria:** Pode sim vou falar

**Beatriz:** Espera então eu quero pergunta o seu nome completo seu nome você já fez faculdade

**Valéria:** Sim já

**Beatriz:** você já fez então você já você já mostrou pessoal viveu muito anos atrás

Quanto tempo você já trabalhou dentro você trabalho quanto ano atrás muito tempo você trabalho dentro ano atrás já experiência trabalho você pode explica mim

**Valéria:** Sim então meu nome V-A-L-E-R-I-A C-R-I-S-T-I-N-A C-A-M-P-A-R-O-T-O D-E S-O-U-Z-A meu sinal V então eu professora libras então você você então Eu passada experiência já escola bilingue porque antes começa vaga eu começa libras nos não sabe nada professores fala todos alunos geral professores falar oral não comunica difícil esse sim difícil então eu estratégia fazer projeto antes método depois vocês planeja depois curso primeiro professores vir eu ensinar aprender depois professores libras começa básico simples básico desenvolve experiência então ensina bilingue entender comunica consegue admirar porque antes aquele tem algum tem sabe bom (alguma ou \_\_\_\_\_) jeito aquele surdo por exemplo você sabe bem inteligente capaz falar entender por exemplo estratégia teatro vários explica admirar aquele ou eles depois demora ensinar antes professor

treina 1 ano pronto libras depois ensina nos melhorar bilingue fácil eles desenvolver aprender aquisição surdo bom gostou interessante professor libras bom também dá comunicação mas difícil antes mau comunicar mal entender não claro aquele explica eu adoro interessante

**Beatriz:** aquele tema você falou assunto lembra memoria antigo lembra memoria antigo como você aula ensina adaptar por exemplo intervalo por exemplo porque oral você ler resumo bilingue transcrição ensina libras por exemplo como você sentir lembra??

**Valéria:** Então primeiro antes aquele professor querer desesperada professor então texto por exemplo historia contada então texto disciplina dele português vários aquele tema precisa principal explicar ele não entendeu desesperado reclama junto HA (planejamento) hora aproveita oportunidade junto planeja olha não troca adaptar explica eu admira o que não conheço palavra significado \_\_\_\_\_ ok resumo você eu explica professor sim entender \_\_\_\_\_ explica não claro pouco as vezes pediu por favor junto adaptar você precisa olhar eu professor \_\_\_\_\_ mim e primeiro eu \_\_\_\_\_ explico eles atenção admira adoro texto entender clara o que depois eu pergunta o que eles respondem certa professor admira emoção (emocionada) entender eu falta estratégia conceito imagem coisa expressão facial corporal mostra ela mostra entender clara \_\_\_\_\_ precisa então perceber nos bom \_\_\_\_\_ surdo contato combinado certo clara professor \_\_\_\_\_ português não mudar adaptar surdo precisa igual sentir \_\_\_\_\_ por exemplo libras igual \_\_\_\_\_ vontade busca eu não consegue eu desesperada precisa (treina muito) ir curso ir aprender depois preparar depois alguma vontade interessante precisa (necessário) treina alguma consegue alivio comunicar tem alguma não consegue \_\_\_\_\_ difícil jeito cada uma diferente então bom admira eles gostaram adoram entenderam clara.

**Beatriz:** Esse adaptar esse você acha capaz adaptar oral transcrição educar clara ou ler adaptar educar clara qual você acha dá???

**Valéria:** Mas nos oralismo nos tem escolher gosta ele adaptar ele primeiro por exemplo português falar entender aquele frases o que e não entender clara adaptar libras aquele clara fácil apontar por exemplo falar \_\_\_\_\_ não

entender tem algumas dificuldade libras puro libras \_\_\_\_\_ nos surdos clara libras apontado surdo entender consegue tem algumas depende (memoria ou cabeça) depende então professores por exemplo oralismo apontado (ele) entende pouco adaptar clara texto por exemplo história contada explica emocionada admiro + bom apontado só

**Beatriz:** Bilíngue adapta educar clara dá?

**Valéria:** Sim dá sim bilíngue clara melhor adaptar bilíngue primeiro por exemplo escrito não entendeu apontador adaptar libras apontado escrito olha explica bilíngue admiro entender quase deferente adaptar libras (resumo) escrito complicado (redação) apontado alguma consegue alguma não consegue redação apontador libras bilíngue capaz só L1 libras escrito pouco alguma pouco

**Beatriz:** Admiro mesmo L1

**Beatriz:** Aquele por exemplo escola oral apontado proibido sinais proibido amarra mãos falador como você capaz comunicação amigos geral professores geral funcionários integração como?

**Valéria:** Ah eu lembro passado banca reunião tem aquele por exemplo ouvinte meio surdo surdo perde eles já identidade ouvinte oral mudou eles libras todo mundo ele veio (expressão fácil mau humor) não querer não não trauma não quer eu só libras não aceito não oral direito só nos queito deixa ele difícil aprender fora porque mudou nos libras aceitar porque bilíngue aqui (expressão facial absurdo) eu você calma devagar eu não quero teimoso aceita devagar interessante libras gostoso acha busca entender adaptar aquele bom expressão facial admira libras desenvolver entender isso só.

**Beatriz:** Admiro legal

**Beatriz:** Agora procura um lembra então procura lembra sua aula antes matemática aquele foco matemática aquele qual você aprender número por exemplo número conta fazer problema por exemplo número problema resolver % - + coisa aquele você como você professora ensino você entender clara aquele? por exemplo você professora oralismo educar número matemática por exemplo você entender clara capaz você?

**Valéria:** Sim bem \_\_\_\_\_ difícil mas tem professor passado eu lembro professor por favor professor aponta (eles) não entenderam clara não tem



matemática por exemplo número 1 2 3 4 aponta (ele) aponta fazer \_\_\_\_\_  
aponta 1 + somar +++ de novo de novo de novo entender problema dividir  
\_\_\_\_\_ vários conceitos clara não tem você que ponto olha ler (expressão  
facial não entende) parar eu olhar \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ vir chama eu exemplo mostra adaptar ele primeiro eu um  
ele + somar esse 1 – um o que responde somar um cada + somar que responde  
admira \_\_\_\_\_ precisa responde aquele precisa somar 2 1 só depois 1  
somar 2 responde 2 só 1,2 esse 2 + somar aquele olhar depois 1 por exemplo 2 – 2  
o que? Responde ?? ele – esse o que tira desconto 2 igual 2 olhar – tira  
\_\_\_\_\_ por exemplo ?? somar zero então é é é admira descobrir (tira tudo)  
como cadê vazio é zero ah legal depois vários diferença dividir % \_\_\_\_\_  
sinal \_\_\_\_\_ % sinal tira coloca tira vários conceito professora  
entender clara eu pouco lá como sinal eu libras sinal \_\_\_\_\_ eu olho mostro  
por exemplo faz desenho professor entender \_\_\_\_\_ preciso preciso sim  
ouvinte diferente surdo então diferente apontado cérebro aquele cérebro olha tira  
aquele por exemplo junto madeira junto aquele \_\_\_\_\_ eu corrigir  
somar semana aqui \_\_\_\_\_ junto arrumo legal vários conceito  
diferença escolhe resumo mudar pessoa estratégia entender só aqui bom.

**Beatriz:** Esse conceito é capaz fácil educar bilíngue fácil ou não ?

**Valéria:** Sim bilíngue fácil libras só libras bilíngue capaz eu olho alguma  
fazer depois escrever responde certo é é é responde

**Beatriz:** Escrita L2? É?

**Valéria:** Sim L2 escrita consegue bom \_\_\_\_\_.

**Beatriz:** Você antes passado problema \_\_\_\_\_ por exemplo sinais  
sinais libras dentro escola como aprende resolver libras \_\_\_\_\_ por exemplo  
matemática sinal não tem \_\_\_\_\_ como aprender libras como ele adaptar  
\_\_\_\_\_ sinal combina objetivo como.

**Valéria:** Sim difícil você por exemplo aquele primeiro sinal fácil básico  
desenvolver aprender profunda \_\_\_\_\_ procura \_\_\_\_\_ entender  
busca material outro trazer ele olha aquele olhar aquele eu dois ler comparar esse  
fácil aquele profundo fazer estratégia busca matemática professora qual  
\_\_\_\_\_ aponta desenho \_\_\_\_\_ qual responde

\_\_\_\_\_ difícil não olha atenção primeiro ler \_\_\_\_\_ colocar X + %  
colocar \_\_\_\_\_ responde um certo.

**Beatriz:** Você por exemplo frase matemática jeito assim frase por exemplo  
frase 3 crianças brinca 3 bolas devolver um frase \_\_\_\_\_ somar como jeito  
libras capaz entender clara (nós?) surdo dá?

**Valéria:** Ah surdo cada um difícil algumas jeito gosta não gosta depende eu  
não ver pouco difícil só básico sabe profundo não uso professor tentar outro pode.

**Beatriz:** Então \_\_\_\_\_ depois foi trabalho dentro escola você primeiro  
professora surda trabalho dentro escola como você sentir primeira vez vaga  
professora dentro escola como sentir?

**Valéria:** Eu vaga eu sentir \_\_\_\_\_ Ah

**Beatriz:** Ano vaga?

**Valéria:** Ah desculpe eu 1996

**Beatriz:** \_\_\_\_\_ muito tempo

**Valéria:** Sim mês agosto vaga começa porque mas antes eu vaga chamou  
primeiro reunião conversa como aceito eu pensado mas parar 1 a 4 (serie) ainda  
espera precisa faculdade pronta formatura precisa tá bom eu vaga precisa urgente  
libras libertar? porque oral demoro atrasado todo fundar pode liberdade ainda  
começa tá \_\_\_\_\_ eu começa eu vaga começa sentir \_\_\_\_\_  
todos falador eu só dois igreja conhece experiência dois nós interprete saber que  
ensinar eu básico \_\_\_\_\_ dois

**Beatriz:** Quem professor? Professor?

**Valéria:** sinal L (leila) L-E-I-L-A professor não psicologia aquele

**Beatriz:** Sinal L psicologia (admirada)

**Valéria:** Psicologia junto ele conversa como ele conselho ensina sinal como  
aquele \_\_\_\_\_ eu começo sinal como eles não tem \_\_\_\_\_ zero eu  
\_\_\_\_\_ mal comunicação depois eu \_\_\_\_\_ aprende nada observa  
eu sim difícil nós aquele L (sinal Leila) fácil libras eu fácil libras pouco \_\_\_\_\_  
tá depois fazer eu depois sobre eu ler \_\_\_\_\_ coloca eu qualquer quadro  
imagem eu procura busca \_\_\_\_\_ fazer depois curso ensinar geral  
desenvolver \_\_\_\_\_ estratégia então eu junto teatro brincar conversar  
conversar desenvolver aprender depois libras \_\_\_\_\_.

**Beatriz:** Como você era \_\_\_\_\_ dentro trabalho o que fazer (do que) geral fazer (do que)?

**Valéria:** Eu sala eu libras \_\_\_\_\_ pode contada historia teatro \_\_\_\_\_ pessoalmente criança viver mostra material objetivo coisa pessoalmente mostra usar sua casa usar admirar então eu olhar eu passeio conhecer visual geral eu aprender sinal pessoalmente depois teatro contada vários eu mostra entender sinal só.

**Beatriz:** Admiro legal Você ensinar geral libras dentro aluno

**Valéria:** Geral mas sala

**Beatriz:** Ensina libras aluno?

**Valéria:** Sim sala eu ensino sozinho professora ensino aquele então sala eu aluno todo eu libras eu antes preparar (planejar) então ensino todos alunos ver ver depois vir tentar o que entender eu vir libras responde certo teatro ideia poesia CL regra \_\_\_\_\_ vários aquele explico só.

**Beatriz:** Admiro legal você professora oral matemática difícil aluno geral surdo não entender aquele interprete ele interprete libras matemática libras entender clara você?

**Valéria:** Depende preciso professor união (ligar)

**Beatriz:** \_\_\_\_\_ junto (ir?) \_\_\_\_\_?

V=Sim junto (ir) eu ele professor não consegue eu perceber ah \_\_\_\_\_ qual eu depois \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ como explico alguns entender que responda aquele do que ele professora estratégia ligar \_\_\_\_\_ ele fazer usar ele entender ele comparar ele vir (ir junto) libras ele ah ele entender resumo responde certo .

**Beatriz:** Legal então geral aluno feliz você aprende libras feliz todos feliz?

**Valéria:** Sim acho claro perceber ele todo cara feliz bom emoção sentir expressão facial teatro regra jornal informação claro aconteceu você vós admiram interesse gosta pergunta muito curioso feliz vós tem alguns + - não quer 1 difícil só 1 % não aceito não alguma parece 5 6 % consegue atenção 1 não aceito não pouco difícil aparece 1 veio passar embora depois 1 veio depende jeito assim bom alguma todo atenção mais.

**Beatriz:** Admira então ouvinte geral acha difícil dentro libras aprender libras ele? **Valéria:** Sim falta sinal falta contexto sintaxe sinal não tem por exemplo por exemplo por exemplo difícil sim professor fala reclama sempre \_\_\_\_\_ não quer precisa ele precisa procura contato então conviver viver experiência ele nada quase pouco \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ você precisa tentar perceber surdos libras ele perceber ah eu vou libras \_\_\_\_\_ sala ele \_\_\_\_\_ também disciplina dele professora ensino ele \_\_\_\_\_ ele aprender trocar \_\_\_\_\_ igual trocar ele aprender aluno preciso troca ele conhece \_\_\_\_\_ professora pergunta procura difícil tempo pouco experiência nada falta algum reclama já algum quieto chega muito reclama \_\_\_\_\_ tem aluno professora como palavra não conheço ele pergunta sempre desesperado pequeno tudo bem tirar pular depende.

**Beatriz:** Aquele família aluno ele família aluno ele quer aprender libras família quer ou não?

**Valéria:** Então ele porque família geral apontar quer vaga escola já ele pai \_\_\_\_\_ precisa curso vir aprender pra seu filho comunica apontar casa vida o que ele aprender qualquer aprender \_\_\_\_\_ eu difícil eu não aceito tem alguma aceito eu (não tempo) três cada diferentes família não aceita eu quero ele aprender bom escrever deixa só L2 escrito libras deixa pode deixa eu não tempo eu vontade aprender alguma por exemplo família apontar filho ele surdo profundo \_\_\_\_\_ necessitar eu curso aprender então libras próximo ele meio não aceito não \_\_\_\_\_ (oral) compartilhar escrever aprender só eu falar libras não aceito não outro ele eu quero libras pouco \_\_\_\_\_ metade ele eu aceito libras gestual básico simples outro ele surdo libras pergunta muito curiosa pergunta eu \_\_\_\_\_ eu sim aprende vai aprende então encontra contato então professora como sinal eu comunica casa dentro viver experiência tem alguma não aceito tem metade tem 50 % depende tem mais por exemplo tem pode 70% não aceito 40% depende aceito pouco as vezes.

**Beatriz:** Você ajuda professora matemática libras ajuda professora matemática ou não?

**Valéria:** Não pouco alguma não chama precisa importante ele usar modelo o que antes preparar esse então eu ele eu explica não eu melhor por favor (dois pessoas juntos) ir por exemplo um dia um qualquer um dia explicar acabar admirar entender perceber entender fazer estratégia ler como pensar pega procura tube you sinal procurar não tem não \_\_\_\_\_ anotar precipitar colocar usar material ele ver usar só pouco falhar depois dia não sempre antes agora não mudou parou mudou.

**Beatriz:** Mudou? Admiro

**Valéria:** Mudou diminui ele sabe libras se vira treina pesquisa mais internet estudar porque pós graduação \_\_\_\_\_ pedagogia fora experiência já surdo acontece ler aquele só ver pesquisa busca? então ensinar \_\_\_\_\_ só. **Beatriz:** Legal admiro como você ajuda aluno (expressão facial errou) a aula matemática apontar usar libras dentro diferença? aula diferente libras dentro matemática é?

**Valéria:** Eu não ver não ?!! Pouco diferente eu opinião pouco igual \_\_\_\_\_ só gestual fácil

**Beatriz:** Ah gestual

**Valéria:** Aquele escrito \_\_\_\_\_ - + % x fácil sinal regra libras não tem falta apontar \_\_\_\_\_ eu experiência (ainda não) só básico profunda não pode primeiro surdo ou ouvinte libras L1 libras puro matemática por exemplo tudo sinais prontos ah então claro aquele bom ensinar fácil mas difícil não perfeito não tem ter (pode ser) outro criar \_\_\_\_\_ escola difícil

**Beatriz:** Você acha geral aluno geral feliz usar usar libras aprender aquele fácil você acha?

**Valéria:** Só só libras eu ver uso mais escrito pouco (duvida) escrever alguma tem escrever copia copia parece frio ele pare ele explico professora estratégia libras clara admira ele adoro dois bilíngue 1 escrito clara explica só ele escrever então ele copia copia \_\_\_\_\_ ter.

**Beatriz:** Copiou copiou aprender não não sentir aquele?

**Valéria:** Não vontade aquele libras interessante aquele disciplina um alguma vontade apontar gosta o que português matemática inglês escolher cada uma (diferença ou vários) igual não tem difícil escolher gosta redação gosta português eu ler muito começar? então matemática começa português nojo você.

**Beatriz:** Tem diferença admiro

**Valéria:** Você gosta diferença cada uma professora clara falta estratégia sinal regra difícil mas professora português bom ele fazer conceito estratégia bom ensinar bom geral interessante eu esquece? ou \_\_\_\_\_ esquece esquece esquece alguma \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ silencio apontar importante futuro você vida bom ler entender decorar precisa ler bom \_\_\_\_\_ frases não tentar ele apontar não consegue \_\_\_\_\_ só ver libras decorar escrever

**Beatriz:** Você acha mais importante \_\_\_\_\_

*PAUSA NO VIDEO (GRAVADOR CAIU SOZINHO)*

**Valéria:** 2 dois bilingue bom importante porque libras ah adaptar aquele redação saber entender clara aquele porque palavras difícil libras igual não algumas difícil redação pouco diferente por exemplo sintaxe? detalhe \_\_\_\_\_ texto libras fácil rápido aquele \_\_\_\_\_ surdo desesperado? texto difícil aquele.

**Beatriz:** Admira legal interessante então você o que você acha aquele mudar aconteceu escola aquele surdo apontar antes oral depois agora bilingue você acha?

**Valéria:** Desculpe não entendi

**Beatriz:** Antes antes você acha mudar aconteceu antes escola apontar surdo apontar antes oral depois agora bilingue o que você acha?

**Valéria:** Eu acho bom bilingue apontar fácil sim bom

**Beatriz:** Porque?

**Valéria:** Porque ele fácil clara esclarecer libras libras eles entenderam clara eu perceber rápido porque antes oral \_\_\_\_\_ palavra frase frase falar falar oral não pode olhar olhar copiar parece robô fantoche mandado radical copiar (imitar) \_\_\_\_\_ ignorante eu libras esclarecer clara libras natural automática natural bom eu ver perceber eu ver natural bom ele bilingue eu acho opinião bom apontar

**Beatriz:** Admiro legal se você quer pode \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ qualquer criticar seu critica aqui é livre então pra falar o que você quiser vontade falar livre sua vontade falar opinião seu sentimento?

**Valéria:** Opinião o que é??

**Beatriz:** Nada você sentir feliz trabalho professora sempre continua sentir normal (nada ver) o que você sentir livre sua vontade

**Valéria:** Entendi eu gosto feliz professora ensina amor surdo libras eles bom mim ele se surdo inclusão desesperado eu estímulo ele bom futuro melhor eu feliz ensino libras eu amo surdo todos igual mim parece sentir parece filho todos eu bom todo gosto então só

**Beatriz:** legal beleza admiro legal bom obrigada responda minhas perguntas muito obrigada

**Valéria:** Você também obrigada você responde

**Beatriz:** Bem

## APÊNDICE 5 - KÊNIA JÉSSICA YAMANAKA GÔNGORA

**Beatriz:** oi, tudo bem, eu convido um surda apresenta nome dela kenia eu quero primeira pergunta , obrigada você aceita minha entrevista eu pesquisa área educação ciências matemática PPGECM, o que é próprio área UFPR dele, eu estudo mestrado e eu agradeço você aceitou mas nós (eu e você) conhece muito tempo amizade muito tempo nós dois mas aqui assunto não \_\_\_\_\_ perigo nada normal , é conversar sobre você experiência como antigo você experimentou sofre estudo oral mudança bilíngue como é assunto esse mas eu quero curiosa como você lembra guardar lembrança memória antigo certo?

**Kenia:** certo !

**Beatriz:** então eu quero pergunta você então, eu quero você alfabeto seu nome completo você sinal, onde você veio formou faculdade, certo?

**Kenia:** já sim.

**Beatriz:** você trabalha professor?

**Kenia:** sim, trabalho professor sim

**Beatriz:** você já escola ouvintes ou escola surdo oral ou inclusiva \_\_\_\_\_ você antes você explica para mim

**Kenia:** posso, então meu nome é Kenia jessica yamanaka gongora meu sinal esse “k” , eu nasci cidade pequena sinal “G” (movimento para cima) guaíra eu era pequena até dois anos idade por causa minha família descobriu eu surda \_\_\_\_\_ onde não tem escola próprio especial foco surdo não tem \_\_\_\_\_ lembra maringá eu mudei eu entrei escola verdade libras bilíngue não é, é oral foco é oral então eu começava oral obrigar (pesado) método dele oralismo por muito antigo obriga tradicional.puro, tratamento treinar tinha fono. Estudar + crescer acha igual obriga não é igual hoje diferente \_\_\_\_\_ hoje parece mudou o que por causa lei \_\_\_\_\_ bilíngue eu sentir diferente comparação esse oral e essa lado bilíngue por causa o que Libras dois L2 Libras L1 português , dá ajuda dá \_\_\_\_\_ aquele português capaz aprender mais informação aquele oralismo igual obriga fiel português fiel \_\_\_\_\_ ainda linguagem pouco atrasado, pouco atrasado bilíngue (cabe dá) antes igualmente ouvinte \_\_\_\_\_ então depois eu formando é primeiro odontologia faculdade



não tinha interprete eu \_\_\_\_\_ sofri 4 anos \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ eu formando vaga trabalho é odontologia \_\_\_\_\_ eu e pnsou  
 eu tentar segundo oportunidade separar esse odontologia + professora ter tentar  
 estudar é letras libras eu formei e agora eu sou professora libras.propria. escola  
 bilingue esse eu sentir melhor porque eu sentir.igual, orgulho parâmetros  
 \_\_\_\_\_ tem valor todo surdo igual aproveitar oportunidade hoje tem libras  
 L1 L2 esse eu sentir melhor hoje porque antes \_\_\_\_\_ Mais difícil esse até hoje  
 melhor (+ muito) \_\_\_\_\_ surdo apontar (esse).

**Beatriz:** Onde você aprendeu Libras?

Kenia: Na escola, no passado era proibido Libras. Eu começo aprender  
 idade 11 anos, porque na escola que na época era oralismo mudou para bilinguismo

**Beatriz:** eu quero pergunta você antes você estudo formou odontologia,  
 certo? Você sentir dificuldade comunicação por causa oral não tem interprete, certo?

Kenia \_\_\_\_\_

**Beatriz:** depois lado apontar letra F libras você formando letras libras tem  
 tudo libras \_\_\_\_\_ como você sentir melhor qual dois ? qual?

**Kenia:** certo, tem comparação muito diferente não tem comparação  
 (dá \_\_\_\_\_) parecido não muito diferente visual porque aponta odontologia eu  
 interprete nada (ninguém) manha tarde professor oral falador, eu atenção igual  
 labial (ler lábio) não tem espaço \_\_\_\_\_ acessibilidade não tem libras nada  
 (zero ninguém) \_\_\_\_\_ complicado parece igual limite (difícil limite) limite lado  
 limite \_\_\_\_\_ também + estudar + casa porque ouvintes pronto ouvir pronto  
 chegar casa tranquilo pronto conhecimento eu precisa dobro estudar + casa estudar  
 ler o que professora falou então aquele letras S libras \_\_\_\_\_ parece outro  
 mundo porque igual visual libras professor sabe libras eu admiro tem + interprete  
 \_\_\_\_\_ interprete eu ver lado igual eu não tenho limite difícil comunicar capaz  
 dá perceber achar parece igual jeito aquele ouvinte ouvir falador eu sentir (ver) libras  
 parece igual parece completo apontar.

**Beatriz:** admiro, legal, então, você antes você estudo escola surdo oral esse  
 tem dentro sala de aula matemática você já entende clara apontar oral ensino  
 próprio área matemática você entende clara ou você já estudou escola surdo libras  
 entende clara, qual?

**Kenia:** já sim

**Beatriz:** qual é melhor qual?

**Kenia:** porque matemática oral igual pouco atrasado, pouco atrasado \_\_\_\_\_ explico \_\_\_\_\_ demora explicar de novo explicar de novo explicar \_\_\_\_\_ não entende atenção entende clara \_\_\_\_\_ aquele libras explica uma vez eu entende rápido aponta porque ligação libras matemática entende liga, rápido positivo oralizado não entende o que não entende denovo outra vez de novo de novo apontar, parece perde tempo pouco demora demais também demora entender apontar.

**Beatriz:** Fala mais da aula de Matemática

**Kenia:** Eu tenta lembrar passado quando eu começa o que eu aprendo de Matemática, número... Acho eu criança, mais ou menos 7 ou 8 anos. Eu não lembro \_\_\_\_\_ eu lembro muito bem matemática. Professor ensina oral depois Libras eu criança. Eu lembro sim, eu entendia matemática.

**Beatriz:** Quando escola mudou bilinguismo ficou melhor aula de Matemática?

**Kenia:** Professora ensina Matemática só usa Libras, sinais, também usa material visual. Mostra coisas. Combina visual para surdo. União da \Libras e visual. Maravilhoso.

**Beatriz:** então você agora você professora formou professora certo, escola bilingue ou escola oral qual?

**Kenia:** escola bilingue esse (aquele).

**Beatriz:** escola bilingue você ensinou libras ou ensinar disciplina diferente, qual?

**Kenia:** eu ensino libras aquele ensino libras porque L1 todos surdos todos.

**Beatriz:** libras só foco libras mas aquele tem dentro ensino sinal dentro objeto disciplina por exemplo geografia não tem sinal você ajuda apoio ou matemática não tem sinal você ajuda apoio tem?

**Kenia:** sim, tem não é só foco libras porexemplo sinal tem por exemplo disciplina alunos já estudou outra professor ensino algumas faltar tem sinal não tem (A) \_\_\_\_\_ igual conteúdo \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ me dar certo eu explico \_\_\_\_\_ clara também \_\_\_\_\_ ideia criar sinal igual provisório todos

alunos entender ligar conteúdo aquele aula disciplina eu \_\_\_\_\_ conteúdo lá e aqui pra lá união igual eu informa entender clara \_\_\_\_\_ estuda dentro aquele.

**Beatriz:** Aquele antes aquele por exemplo sala de aula não aula sala de aula matemática você por exemplo aponta não tem sinal não tem você ideia ou você provisório ajuda professora ouvinte não consegui ensinar sinal você ajuda e apoio libras sinal aquele todos surdos entender clara ( *capaz? ou cabe?* )

**Kenia:** \_\_\_\_\_ cabe procura empréstimo também algum vídeo tem sinal pronto dependeu procura pegar dar \_\_\_\_\_ não ter eu faço criar nosso grupo surdo junto precisar entender conceito sinal conjunto igual provisório.

**Beatriz:** Então isso por exemplo igual sentir orgulho professor sujeito surdo puro libras bilíngue você sente orgulho ou sentir orgulho L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub> conjunto oral libras sente orgulho ou só direto libras qual

**Kenia:** Eu sinto mais orgulho é libras porque língua própria L<sub>1</sub> principal nosso surdo língua comunicação eles mas L<sub>2</sub> também porque brasil língua brasil é português eu mais L<sub>1</sub> libras mãos importantes mãos mas valor combinar surdos eles

**Beatriz:** Identidade surda

**Kenia:** (*expressão facial afirmativa "sim"*) identidade surda precisa cultura igual estimular não pode \_\_\_\_\_ cultura identidade não precisar continuar libras orgulho \_\_\_\_\_ futuro geração velho geração nunca \_\_\_\_\_ nunca

**Beatriz:**– você acha importante escola área importante estimular, estimular desenvolver matemática dar desenvolver trocar a trocar qualquer disciplina qualquer troca a troca estimular mudar novo sinal dentro libras acha importante ou nem ai

**Kenia:** Obvio importante escola precisar estimular desenvolver nada parada eles aprender o que futuro o que nada igual libras parece parado precisa estudar estimular ideias novas informações nunca parada mundo nunca parada desenvolver anos pra frente não poder parada importante estimular sim

**Beatriz:** Esse área por exemplo crianças surdas acha mais importante \_\_\_\_\_ primeiro lugar L<sub>1</sub> por exemplo escrever aprender oral ou \_\_\_\_\_ primeiro lugar L<sub>1</sub> libras pura ou qual mais os dois mais importantes essas crianças aprender primeiro lugar qual os dois?

**Kenia:** primeiro é crianças entra escola é L<sub>1</sub> primeiro precisa consegue linguagem aquisição o que língua libras pronto \_\_\_\_\_ começa escrever L2 precisa principal não linguagem esse libras esse depois escrever disciplina diferente

**Beatriz:** como consegue estimular você professora ensinar criança

**Kenia:** Sim

**Beatriz:** Você consegue ensinar criança mente aberta entender clara sinal consegue como?

**Kenia:** Consegue sim igual criança ouvinte consegue ouvir falar oral surdo visual capaz libras ensinar libras igual sinais natural língua natural criança percebe igual olha perceber sinais descobrir igual criança ouvinte mãe fala oral família professores qualquer falar oral ouvir \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_ criança surda também visual perceber porque as vezes criança esse casa ele não tem libras nada criança quieto lá escola (expressão facial “surpresa”) \_\_\_\_\_ descobriu por isso pouco atrasado

**Beatriz:** (expressão facial “admirada”) legal interessante legal então você sente orgulho professora valor pra você vida

**Kenia:** Sim tenho orgulho sim orgulho porque posso aprender \_\_\_\_\_ crianças surdas tudo professores \_\_\_\_\_ geração eu sentir orgulho porque língua libras é minha língua nós próprios surdos eu orgulho sim

**Beatriz:** você é surda sujeito você professora você e família tudo surdo ou ouvinte você casada ou solteira

**Kenia:** Eu casada surda meu filho 1 é ouvinte tudo família ouvinte só eu e meu marido (nós 2) surdo só

**Beatriz:** dois 2 você casada surdo dois cabe comunicação tudo família ouvinte falar oral ou libras

**Kenia:** Depende família consegue libras alguns capaz libras alguns não sabe libras eu oral depende família diferente

**Beatriz:** eu pergunta curiosidade como você consegue comunicação sua mãe libras ou oral?

**Kenia:** minha mãe sabe libras minha mãe sabe sim

**Beatriz:** você pai sabe libras?

**Kenia:** não (expressão “não”) não sabe libras nada oral só

**Beatriz:** oral (expressão facial “entendi”)

**Beatriz:** Como você desde pequeno cresceu sua mãe descobriu você é surda como?

**Kenia:** minha mãe descobriu por causa o que chama (repetir) eu não olho nada eu surda (expressão facial “estranho”) Minha mãe vir alguma coisa (expressão facial “duvida”) levou medico silencio e surda \_\_\_\_\_ percebeu por causa eu não olha nada demorar idade 2 anos e meio minha mãe percebeu é surda

**Beatriz:** Como sua mãe resolveu participar curso libras ou leva escola oral sua mãe pensa resolve levar como você consegue comunicação?

**Kenia:** Verdade antes passado minha mãe não sabe libras nunca viu mãos nada antigamente só oral divulgação libras igual não existe libras não ter mãe inocente levou escola oral porque metodologia muito forte capaz oral igual \_\_\_\_\_ ouvinte minha mãe também casa me obrigar me ensinar oral leva fono escola oral me obrigava eu consegue comunicação também oral consegue por isso minha mãe me ensinar também não é só escola também casa eu aprendi casa \_\_\_\_\_

**Beatriz:** Legal você trabalha quantos tempo?

**Kenia:** professora? Mais ou menos trabalho + - 5 anos já trabalhava professora 5 anos

**Beatriz:** Bom (*expressão facial “admira”*) firme? Sentiu feliz

**Kenia:** Senti feliz sim

**Beatriz:** Bom! Legal! Agora bom gostoso nós – 2 conversa legal então acabou entrevista você sentiu entender claro o que eu explica você entender claro?

**Kenia:** entendi claro sim

**Beatriz:** por isso fácil surdo comunicação

**Kenia:** É claro L<sub>1</sub> fácil claro libras qualquer limite não tem

**Beatriz:** Se fosse oral você entender oral?

**Kenia:** Depende eu olho labial não entende, desculpe de novo olho labial depende pessoa expressão labial depende limite ou não

**Beatriz:** Sobre é confuso por exemplo “cadeira” sinal esse cadeira madeira confuso é?

**Kenia:** Verdade eu confuso palavra faca vaca confuso mais vaca faca parecido eu olho labial voz principal ouvir ver libras com certeza eu sei pronto

**Beatriz:** \_\_\_\_\_

**Beatriz:** \_\_\_\_\_ acabou entrevista obrigada bem vindo

**Kenia:** Obrigada convidou

## APÊNDICE 6 - VIVIANE ROMERO GIROTTO

**Beatriz:** Oi, bom dia meu nome é Beatriz meu sinal esse “B” (ombro) meu orientador esse sinal “P” (olho) nome dele Carlos Roberto Vianna eu estudo foco mestrado dentro área matemática ciência eu veio falar sobre o que é objetivo principal oral surdo libras dentro eu apresenta surda nome dela Viviane sinal esse D (lábio) apresenta eu pedir você muito obrigada convite aceita entrevista eu pesquisa área mestrado Curitiba UFPR muito obrigada então eu quero você responder seu nome completo você casada ou não? Tem filho ou não apresenta

**Viviane:** meu nome Viviane Romero Girotto meu sinal esse D (lábio) eu casada ter 3 filhos. 1 mulher adulta; 2 menino desculpe morreu; 3 menina caçula

**Beatriz:** Bom, legal! Você já experiência como dentro experiência tempo você antes \_\_\_\_\_ você criança cresce você já estuda ouvinte inclusiva ou escola inclusiva especial você já (expressão facial “como”)?

**Viviane:** Então eu + - idade 2 anos dentro escola especial oral só oral foco oral 2 anos até 7 anos mudou escola inclusiva 7 anos só ouvintes normal inclusiva não ter surdo eu única até 16 anos mudou supletivo mistura surdo e ouvinte mistura professora sabe pouco libras terminou até mudou faculdade ter um interprete \_\_\_\_\_ libras interprete 4 anos pós graduação ter interprete depois letras libras ter interprete até

**Beatriz:** Você aprendeu Libras na escola?

**Viviane:** Era proibido aprender LIBRAS, eu aprendi com uma amiga me ensinou LIBRAS escondido ninguém sabia eu tinha 13 anos. Depois 16 anos comecei usar LIBRAS.

**Beatriz:** E sua família, o que achava de você aprender Libras?

**Viviane:** Minha família nunca aceitou a LIBRAS, agora aceitou porque é meu direito , minha família não sabe usar a LIBRAS só oralismo unica minha filha caçula usa LIBRAS.

**Beatriz:** Você formou faculdade o que?

**Viviane:** Formei faculdade pedagogia depois Pós graduação (especialização) especial depois Pós graduação letras libras

**Beatriz:** Você dentro antes oral difícil ou fácil você?

**Viviane:** Dificil oral difícil só entender clara comunicação é família fora sociedade difícil incomunicação difícil falar oral rápido falar oral não entender também bigode falar oral vir lábio não entender algumas falar oral conseguir entender claro ter depende família oral já acostumada entender claro

**Beatriz:** Você por exemplo vir dois falando oral ver confuso é parecido por exemplo bandeira outro madeira é?

**Viviane:** Sim entendi sobre V e F e T e D difícil mais difícil entender

**Beatriz:** É mesmo! Maior surdo é assim difícil mesmo então você sente igual sente melhor para você escola inclusiva ou escola especial grupo troca a troca supletivo grupo outro inclusiva qual melhor para você?

**Viviane:** melhor claro supletivo libras fácil é entender claro é libras clara melhor mas inclusiva sentir parece sala quadrado sozinha parece abandonada mim sozinha troca a troca libras por exemplo explica eu entender claro melhor libras

**Beatriz:** E o ensino de Matemática?

**Viviane:** Quando eu era pequena, ia mal matemática, pior não entendia os problemas tirava a nota baixa, a professora não me ensinava bem comigo e só minha mãe me ensinava ou pagava professora particular me ensinava, a professora na escola muito grossa não tinha paciência comigo porque eu não entendia matemática por isso eu odeio matemática até hoje. Depois alguns anos fiz supletivo tinha professora sabe pouco usar LIBRAS eu entendia bem clara, só que ainda não entendo os problemas matemática.

**Beatriz:** Legal! Você agora vivo trabalha vivo ou não?

**Viviane:** sim vivo trabalha anpacin 20 anos trabalho dentro anpacin dentro escola bilíngue escola bilíngue?

**Beatriz:** Professora?

**Viviane:** Sim professora criança pré criança professora

**Beatriz:** Qual professora qual?

**Viviane:** professora normal professora

**Beatriz:** libras ou???

**Viviane:** não! é professora

**Beatriz:** Professora sabe dentro pedagogia?

**Viviane:** Dentro é dentro pedagogia (expressão facial afirmativa)



**Beatriz:** Legal! Criança ensinar pré só

**Viviane:** pré normal pré criança

**Beatriz:** ensinar libras?

**Viviane:** Trocar a trocar comunicação L<sub>1</sub> aprender precisar trocar a trocar por exemplo dentro as coisas

**Beatriz:** Como por exemplo criança idade até + - 0 até + -?

**Viviane:** Idade 4 anos até 6 anos \_\_\_\_\_ idade 4, 5, 6 \_\_\_\_\_

**Beatriz:** Cabe entender mente aberta por exemplo comunicação cabe (dá) esse

**Viviane:** É difícil por que ter alguma não ter implante coclear ter outro 1 implante coclear pensa confuso difícil ver pensar confuso oral libras (expressão facial “confuso”) confuso difícil só 1 surdo ter mais problema \_\_\_\_\_ ter mais problema

**Beatriz:** Quantas criança ter?

**Viviane:** 3

**Beatriz:** 3 igual difícil

**Viviane:** (expressão facial afirmativa “sim”)

**Beatriz:** ter outro criança 7 crianças 7 anos acima ter?

**Viviane:** ter acima outro professor eu não outro professora ter

**Beatriz:** só você grupo pré grupo?

**Viviane:** só grupo só

**Beatriz:** legal você sente fácil troca a troca \_\_\_\_\_ igual professora ouvinte troca ajuda e outra ajudar surdo união ou egoísta como (expressão facial “como”)

**Viviane:** alguns professores fácil dá troca a troca outro professora não difícil sente mente diferente dá professores troca a troca consegue como saber clara conselho me conselho eu troca a troca professores \_\_\_\_\_ jeito \_\_\_\_\_ como me explicar diferente pré a nono anos diferente disciplina pré combinar troca a troca por exemplo como troca a troca pré grupo pré a nono anos grupo outro ensino médio grupo separado diferente

**Beatriz:** Legal! Você muito tempo atrás professora dentro escola Anpacin certo? Mas antes vaga você lembra antes sentir como sentir \_\_\_\_\_ egoísta ou ajuda como (expressão facial “como”)

**Viviane:** Dificil é porque acostumar oral sinalizado acostuma quando chama eu trabalhar eu feliz por que eu penso não capaz eu professora porque eu criança sonho vontade professora quero mãe como trabalhar professora ouvinte como (expressão facial “Duvida”) Verdade eu pensar positivo ter escola surdo área eu feliz me chama falar oral me conselho não sinalizado não só libras eu novo libras novo bem libras fluência não eu novo eu aprender desenvolver troca a troca \_\_\_\_\_ melhor mente aberta antes mente fechada conhece não bem palavra sinal conhecer não dentro ajuda mim muito anpacin ajudou mim muito professores chefe ajudou mim troca a troca entender conhecer sinal novo conhecer palavra novo mente aberta melhor Agradece Anpacin também me obrigar estudar faculdade desenvolver também família fala não precisa estudar faculdade bom ensino médio “está bom” positivo \_\_\_\_\_ eu \_\_\_\_\_ me obrigar precisa perde trabalhar educação formar precisar \_\_\_\_\_ eu pensar melhor escolher futuro vida boa desenvolver ajudar agradecer dentro anpacin area

**Beatriz:** Esse (apontar) dentro escola seu trabalhar você sozinha?

**Viviane:** Ter 4 surdos

**Beatriz:** 4 do que?

**Viviane:** Luciano ex passado agora mudou Rosineide sinal esse R Valeria sinal esse V eu 4 pessoas depois entrou Karen sinal esse K Beatriz esse B e saiu e agora eu Viviane Rosineide Kenia agora 4 pessoas agora

**Beatriz:** Legal! Legal! Legal!

**Beatriz:** Voce só trabalhar Anpacin dentro só um ter mais outro trabalha ter mais?

**Viviane:** Ter trabalhar anpacin dentro fora \_\_\_\_\_ temporário 2 anos exemplo terminou outro 2 anos terminou depois PSS ex trabalhava PSS já ex trabalha UTFPR já \_\_\_\_\_ agora vivo trabalho UEM

**Beatriz:** Legal! Você trabalha UEM dentro temporário 2 anos

**Viviane:** é

**Beatriz:** o que área?

**Viviane:** LIBRAS

**Beatriz:** LIBRAS para ensinar eu professor aluno é área ouvinte

**Viviane:** Ouvinte conhece sou surda como comunicação surdo também cultura surda explicar jeito cada um explicar cultura surda conhecer mente aberta maioria ouvinte não conhece como libras “pra que” libras como comunicação troca a troca explica

**Beatriz:** Legal! Bom! Você pessoa me falaram você é presidente associação surdos? Verdade?

**Viviane:** é mais trabalho presidente 4 anos até dezembro final terminou 4 anos

**Beatriz:** Mais uma vez?

**Viviane:** Mais não posso limite 4 anos acabou mais mais não posso descansar 2 anos futuro vontade voltar posso limite 4 anos só

**Beatriz:** Você trabalhar presidente associação ajuda?

**Viviane:** Mas esse área funcionário ter dentro trabalho mais esse precisa participar reunião precisa opinião ajudar eles mais trabalhar mais

**Beatriz:** troca a troca união?

**Viviane:** Sim (expressão facial “sim”) troca a troca união

**Beatriz:** tem surdo bastante dentro ter?

**Viviane:** Não (expressão facial “negativa”) difícil surdo difícil

**Beatriz:** Como dentro vazio ter

**Viviane:** Porque ter alguns surdo preciso ir passe livre só participa palestra coisa surda (expressão facial “não interesse”) \_\_\_\_\_ pensa só foco futebol antes passado ~~melhor~~ porque surdo (vem multidão) união ~~troca a troca~~ melhor passado (vem multidão) agora diminuiu ter \_\_\_\_\_ agora novo tecnologia por exemplo Whatssap vídeo libras facebook vídeo (repetir) fácil não precisa vir \_\_\_\_\_

**Beatriz:** Verdade.... É antes passado primeiro presidente associação Marcel sinal esse Ç (boca) é mesmo

**Viviane:** Marcel é ótimo (vem multidão) não ter ouvinte \_\_\_\_\_ só interprete simples \_\_\_\_\_ ter alguns família \_\_\_\_\_ mãe irmã \_\_\_\_\_ ajuda troca a troca melhor passado maioria agora porque muda lei regimento

prefeitura esse anotar tudo lei surdo bravo \_\_\_\_\_ prefeitura porque surdo não entende clara explicar lei esse lei prefeitura eu ler \_\_\_\_\_ obrigatório \_\_\_\_\_ infelizmente mas se não convenio nada prefeitura quem vai pagar salário funcionário surdo capaz ajudar (expressão facial “não”) impossível por causa eu obedecer própria \_\_\_\_\_ difícil surdo alguns não gostou evitar pensa nos ideia não \_\_\_\_\_ lei já palestra explica não acredita pena logo dezembro acabou agora novo presidente \_\_\_\_\_ pode não sei se nenhum presidente fecha

**Beatriz:** Lei chato

**Beatriz:** Ter fechar

**Beatriz:** Complicado surdo precisa \_\_\_\_\_ mesmo

**Beatriz:** pergunta antes passado você nenhum presidente porque você escolheu presidente associação porque

**Viviane:** Porque eu \_\_\_\_\_ falta ajuda associação \_\_\_\_\_ conhecer mente aberta conhecimento palestra conhecer tudo só futebol grupo não eu quero outro já experimente explicar palestra surdo (expressão facial “infelizmente”) não aceitam pena perde muito \_\_\_\_\_ difícil

**Beatriz:** Antes tentado melhorar

**Viviane:** Estimular já experimentei continuar jeito \_\_\_\_\_ continua ex presidente \_\_\_\_\_ tentar mesmo \_\_\_\_\_ ver estimular não gostou mesmo \_\_\_\_\_ eu tentei ideia não adianta

**Beatriz:** Você sente triste ou enjoada dentro trabalhar presidente associação sente enjoada

**Viviane:** triste não enjoa triste parte surdo fora também vontade \_\_\_\_\_ força não aceita só ouvinte vontade diferente surdo \_\_\_\_\_ chamar grupo não aceita espera chamar esperar infelizmente pena

**Beatriz:** Grupo associação presidente grupo só um surdo ter quantidade ter dentro exemplo esporte deficiente varias

**Viviane:** coordenadora ouvinte assistente social ouvinte dois interprete ouvinte \_\_\_\_\_ presidente surdo tesoureiro sinal esse “D” (Marcelo de pescoço) sinal esse “D” (Daniele de olho) só 3

**Beatriz:** Só troca a troca

**Viviane:** troca a troca (expressão facial “mas”) vontade mais surdo ideias novo vontade mais surdo vem mais (expressão facial “não”) surdo não aceita não querer

**Beatriz:** Complicada fazer o que

**Beatriz:** Você igual sentir reflexão \_\_\_\_\_ mas lado você sente (expressão facial “negativa”) triste ou \_\_\_\_\_ dentro trabalho professora sempre enjoar ou sente positivo (bem) continua trabalho dentro

**Viviane:** Amo eu sou professora amo não enjoar amo professora meu sonho sempre professora até aposentar sempre professora

**Beatriz:** Você sente comparação diferente professora presidente associação escola sente comparação melhor dois ou diferente?

**Viviane:** Porque presidente associação diferente informação pouco esse professor informação mais coisa conhecimento informação mente aberta mais comparação melhor

**Beatriz:** Você sente dar influencia pessoas estimular \_\_\_\_\_ associação não?

**Viviane:** Família depende não aceito idade menor não terceiro (ensino médio terminar) escolher \_\_\_\_\_ não posso obrigar família \_\_\_\_\_ ter alguns contra oral libras ter ainda

**Beatriz:** Dentro escola

**Viviane:** porque sente implante coclear maioria já implante coclear já parece + - 10 implante coclear criança 10 maioria calma família não aceita porque sozinho \_\_\_\_\_ não pode precisa grupo (expressão facial “não”) idade velho sabe sozinho abre \_\_\_\_\_

**Beatriz:** você reflexão por exemplo escola \_\_\_\_\_ capaz troca a troca apoio por exemplo professora ouvinte você capaz apoio troca a troca por exemplo novo estratégia novo conhecimento troca a troca influencia surdo esse aprender desenvolver capaz sozinho comunicação ou só direto escrever libras você sente acha esse

**Viviane:** Dificil troca a troca professor dificil eu contado muito professores (expressão facial “não”) não ter contato muito professores (expressão facial “negativa”) meu tempo trabalho outro tempo diferente tempo \_\_\_\_\_ não ter

tempo difícil só urgente um dia reunião encontro reunião opinião rápido \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ encontro difícil troca a troca problema difícil escola não sei futuro quando  
 fecha escola diminuindo já infelizmente todos professor triste já professores alguns  
 transferência escola pública manda \_\_\_\_\_ alguns professores aposentador  
 diminuindo professores desesperado preciso falta professor precisa também difícil  
 triste porque governo pensa escola bilíngue parece APAE não é escola é natural  
 ouvinte disciplina natural difícil troca a troca difícil como difícil preocupado surdo  
 futuro todo professor preocupado surdo futuro então estimular até consegui ensino  
 médio vai faculdade difícil

**Beatriz:** você acha \_\_\_\_\_ capaz futuro oral ou capaz futuro libras diminuir  
 você pensa acha fecha

**Viviane:** Difícil só capaz oral não capaz libras (expressão facial “negativa”)  
 libras fraca diminuir 0 não diminuir libras falta informação falta esse informação  
 palestra dia especial palestra explicar informação dentro escola estimular conhecer  
 conhecimento eles alunos surdos mas fechar mudar inclusiva imagina um interprete  
 atender (acostumar junto) surdo diferente sentir surdo libras diferente troca a troca  
 identidade igual surdo troca a troca mas inclusiva A B C soletrar ensinar alfabeto  
 ouvinte básico preocupada surdo futuro área

**Beatriz:** É mesmo eu concordo preocupado o que futuro \_\_\_\_\_ libras  
 preocupado mesmo concordo você

**Beatriz:** Você reflexão por exemplo se \_\_\_\_\_ fecha escola fecha você  
 capaz pensa estratégia abre associação novo curso dentro libras para surdos você  
 acha capaz?

**Viviane:** Difícil precisa proposta governo \_\_\_\_\_ leva proposta prefeitura  
 proposta difícil

**Beatriz:** Ter dentro curso libras não ter?

**Viviane:** Ter lá \_\_\_\_\_ ouvinte família não vai não mais ouvinte fora  
 participar

**Beatriz:** Complicado

**Beatriz:** Pergunto você reflexão pergunta você ter 2 filhos maioria +?

**Viviane:** 25 anos

**Beatriz:** Já grande

**Viviane:** Sim (*expressão facial “sim”*) 25 anos poucos dias atrás aniversário sábado já 25

**Beatriz:** Segunda menina?

**Viviane:** Segunda menina 11 anos

**Beatriz:** Já

**Viviane:** Já (*expressão facial “sim”*)

**Beatriz:** Você consegue comunicação libras ou oral

**Viviane:** filho primeiro oral antigamente eu oral acostuma desde pequena até libras eu acostuma libras oral difícil mais oral

**Beatriz:** Você sente qual diferente como sente \_\_\_\_\_ oral libras sente melhor para você?

**Viviane:** Oral difícil perde tempo entender explicar libras fácil rápido troca libras exemplo conversa sente melhor libras troca a troca melhor

**Beatriz:** Esse você idade sua filha 11 anos (guia) interprete ajuda?

**Viviane:** Eu não quero mandar obrigar não (*expressão facial “não”*) eu desculpe pedir precisa ajudar alguma coisa ele aceita ajudar levar agradece ajudar troca a troca levar quer troca a troca mandar obrigar futuro trauma interprete me mandar não quero dele vontade precisa não consigo interprete me ajudar ver me ajudar aceitar levar

**Beatriz:** Legal! Legal!

**Beatriz:** Você sente feliz professora volta família ter ter família ter?

**Viviane:** Eu casada terceiro filho ouvinte

**Beatriz:** Que fofo!

**Beatriz:** Você consegue feliz troca a troca sogra sogro troca a troca união libras

**Viviane:** Eu casada dela família todos sabe libras filho dela sabe irmã sabe quase todo

**Beatriz:** Cunhado também sabe?

**Viviane:** (*expressão facial “sim”*) sabe tudo libras eu interessante libras as vezes fora sentar (cadeira) círculo família conversa libras

**Beatriz:** Legal!!

**Viviane:** Diferente minha família oral família 2 filhos diferente

**Beatriz:** Família cunhado cunhada primo todo dentro casal todos libras capaz comunicação sua filha mais velha conversa oral ou não?

**Viviane:** Gesto já convite sabe gesto exemplo \_\_\_\_\_ gesto entender exemplo \_\_\_\_\_ entender consegue clara consegue

**Beatriz:** Legal!

**Beatriz:** Você trabalha dentro escola escola especial dentro você sentir melhor esse melhor sente feliz dentro lá

**Viviane:** Melhor pior melhor normal igual todos trabalha perfeito + - 100% não é normal.

**Beatriz:** Agora me fala sobre como você aprender Matemática

**Viviane:** Quando eu era pequena, ia mal matemática, pior não entendia os problemas tirava a nota baixa, a professora não me ensinava bem comigo e só minha mãe me ensinava ou pagava professora particular me ensinava, a professora na escola muito grossa não tinha paciência comigo porque eu não entendia matemática por isso eu odeio matemática até hoje.

**Beatriz:** Não usava de Libras?

**Viviane:** Era proibido aprender LIBRAS, eu aprendi com uma amiga me ensinou LIBRAS escondido ninguém sabia eu tinha 13 anos. Depois 16 anos comecei usar LIBRAS. Minha família nunca aceitou a LIBRAS, agora aceitou porque é meu direito, minha família não sabe usar a LIBRAS só oralismo única minha filha caçula usa LIBRAS.

**Beatriz:** E quando aprendeu Matemática:

**Viviane:** Depois alguns anos fiz supletivo tinha professora sabe pouco usar LIBRAS eu entendia bem clara, só que ainda não entendo os problemas matemática.

**Beatriz:** Certo. Você quer falar mais alguma coisa?

**Viviane:** Mas eu sei ensinar criança contar.

**Beatriz:** Obrigada



## APÊNDICE 7 - MARÍLIA IGNATIUS NOGUEIRA CARNEIRO

**Beatriz:** Você já estudar passado bilíngue oral você ex estudar muito tempo atrás ex sala inclusão ouvinte você \_\_\_\_\_ outro surdo dentro escola especial \_\_\_\_\_ bilíngue já passado os dois

**Marilia:** Já

**Beatriz:** Como? Sente você fácil você ouvinte \_\_\_\_\_ ou não fácil você

**Marilia:** minha experiência eu já estudar grupo escola surdo cresce libras todos surdos, passado aqui cidade não tinha escola só sala especial próprio surdo escola normal inclusão... Professores Libras oral ensinava mim obrigava oral aprendi mais tinha Libras (expressão facial oral e gesto) sinalizado depois abriu escola ANPACIN eu estudo lá 1º serie ate 6º series eu sair vontade curiosidade mundo ouvinte eu comparava escola bilíngue ANPACIN antes não bilíngue não é especial hoje bilíngue esse inclusão pra mim parece não (expressão facial não) inclusão não tinha... Não tinha interprete não tinha professor estratégia me ensinar ele me ensinar atrás alunos ouvintes (expressão facial fazendo oral ) frente mim eu limite voltei casa estudar noite escrever quadro eu copiava noite eu mostro minha mãe explica minha mãe depois noite também ter 1 treino reforço passado 1 professor eu me ensinava tarefa duvida qualquer professor eu frequência eu percebi hoje bilíngue eu olho atrás crianças surdas escola bilíngue libras direto disciplina por exemplo ela mestrado ciências matemática por exemplo matemática eu passado (expressão facial oral) frente mim  $4 + 4$  \_\_\_\_\_ log. Não entendia \_\_\_\_\_ quem sabe matemática é minha mãe me uma dica ela é professora matemática ruim \_\_\_\_\_ ela me ensina clara eu não entendi oral ela (mãe) me ensinava minha mãe ensinava antes hoje bilíngue professor matemática formada libras escreve quadro exemplo libras aluno escreve caderno eu (expressão facial duvida) direto livre autonomia dependência (expressão facial não) família professor paga particular (não) sala reforço (não) direto grupo igual ouvinte direto \_\_\_\_\_

professor ensina aluno escreve (expressão facial oral) frente mim surdo igual escreve libras escreve (expressão facial entendi) eu percebi hoje bilíngue melhor do que passado oral minha experiência eu sinalizado oral eu claro eu nunca (expressão facial não entendi) de novo (expressão repetido) eu não entendi Libras ver \_\_\_\_\_ entendi oral frente mim não entendi escreve papel “ah entendi!” falar oral frente mim limite consegue limite consegue melhor bilíngue mesmo eu particular experiência minha vida

**Beatriz:** você já professora dentro escola bilíngue ou nunca

**Marilia:** (expressão facial duvida) nunca, mas eu aula libras certo sala ouvinte eles português certo ele disciplina libras pra mim parece \_\_\_\_\_ bilíngue eu ensino é ouvinte adulto eu vontade curiosidade ensinar surdo eu ex-catequese eu já ensinava ele surdos parece troca-a-troca libras muito claro parece mundo igual pele igual surdo e surdo provo igual eu senti bem

**Beatriz:** legal, eu pergunta por exemplo você já qual sente qual melhor agora antes antigo muito difícil você já explicou sobre bilíngue melhor do que oral ok mas eu o que você acha por exemplo \_\_\_\_\_ professores voca já conversava pergunta eles experiência escola professor eles já trabalhava bilíngue você já perguntou fácil escola ou não, você já perguntou ou nunca

**Marilia:** eles surdos?

**Beatriz:** (expressão facial sim) ouvinte também

**Marilia:** (expressão facial duvida) depende eu já vi surdo sinalizado cresce adulto escola bilíngue eu já vi ouvinte crescer escola ouvinte surdo cresce larga muda ele cresce larga ouvinte minha opinião importante acessibilidade livre escolha mandar estudar (expressão facial obedecer) por causa surdo eu escolho não pode \_\_\_\_\_ empurra acho ruim eu cada um escolhe livre você quer vai você quer esse vai não consegue largar volta escolher ela (beatriz) cresceu escola surdo ela escola eu ex escolha mudei ouvinte pra mim ver a ver igual mas limite libras \_\_\_\_\_ ter normal aluno dificuldade aprender matemática limite ter outro

aluno dificuldade aprender química limite ela eu limite disciplina mais comunicação  
limite estudar limite difícil eu quero força outro depende força não consciência cada  
um escolher escolher força força.

## APÊNDICE 8 - VILMAR FERNANDO DE CARVALHO

**Beatriz:** Tudo Bem

**Vilmar:** Tudo Bem

**Beatriz:** Então, eu quero primeiro agradecer você aceita minha entrevista aqui minha pesquisa área educação para ciências matemática eu estuda pesquisa matemática mestrado esse agradecer então aqui falar sobre o que então área é pesquisa sobre o que experiência cada surda já experiência entra escola surdo criança ou escola inclusão ouvinte espaço surdo \_\_\_\_\_ Ou surdo já \_\_\_\_\_ mistura surdo ouvinte mistura como pergunta ele vamos curiosidade experiência dele. Eu quero você explica seu nome completo mais seu explica você experiência como você já sentiu escola inclusão ou escola direto surdo sentiu você passado crescer adulto você já estudo cresce adulto experiência sua.

**Vilmar:** Então bom meu nome VILMAR meu sinal esse. Eu moro lugar Guarapuava minha experiência escola \_\_\_\_\_ porque maioria ouvinte maioria conversar oral eu um surdo então tem dentro escola forma área sobre o que sobre o que minha experiência professor fala eu não entendi não ter interprete eu vontade tinha escola bilíngue vontade porque L1 Libras L2 Língua portuguesa então experiência já vi varias perceber palavras português perceber visual perceber professor escreve quadro escrever explica escrever sabe me respeitar mim surdo então eu já o que ver varias escrever caderno copia português eu sei responder Libras professor compreende eu responder Libras mas alguns professores não entender Libras alguns professor percebe entender mais ou menos porque eu ajuda oral Libras professor (expressão facial dúvida) entender, não entendi, entender então só

**Beatriz:** Então você como sentir entrar primeira experiência escola surdo já você nunca

**Vilmar:** Já passado idade 3 anos eu pequeno estudar escola especial surdo bilíngue pequeno depois mudei norte não ter escola mudar norte outra cidade mudar, mudar, mudar não escola porque norte não ter escola bilíngue não ter só sul tem porque eu mudar norte por causa família trabalha vaga trabalha mudar, mudar, mudar eu \_\_\_\_\_ não ter como eu vontade já passado pequeno mora já cidade sul cidade Pato Branco-Pr, esse idade 3 anos idade 2, 3 eu lembro 2,3,4 meio estudar bilíngue escola surdo pequeno depois mudar, mudar, mudar, norte não ter escola bilíngue acabou minha experiência eu sei Libras pequeno depois eu descobrir Libras minha identidade descobrir idade 9 anos

**Beatriz:** Você eu curioso pergunta você como sentir mais fácil para você disciplina professor disciplina ouvinte não sabe Libras se ele disciplina professor matemática como você entende comunicação escrever papel

**Vilmar:** professor matemática mostra escreve quadro fechado boca escreve quadro desenhar quadro olhar escrever quadro \_\_\_\_\_ ouvinte sabe eu surdo tinha 2 surdos eu ela minha amiga sinal esse \_\_\_\_\_ então nós-2 ver visual professor boca fechada escreve quadro escreve quadro \_\_\_\_\_ escreve quadro \_\_\_\_\_ falar ajuda ouvinte entende escrever quadro é matemática professor mostra fecha boca escreve quadro faz assim mim

**Beatriz:** Você já estudou escola bilíngue dentro professor matemática.

**Vilmar:** Verdade depois idade 1 pensar lembrar mais ou menos 8, 9 depois eu perdi contato surdo mudar mudar mudar norte volta crescer escola bilíngue porque estudar manha \_\_\_\_\_ tarde especial só por isso.

**Beatriz:** Já professor matemática ouvinte sabe Libras ou não

**Vilmar:** Gesto só usa gesto não sabe Libras nunca curso Libras nunca

**Beatriz:** Você entende claro antes \_\_\_\_\_ professor matemática explica você entende claro antes \_\_\_\_\_

**Vilmar:** (expressão facial sim) sobre principal matemática nota alta consegue entende claro professor escreve quadro claro

**Beatriz:** então você já viu varias por exemplo ouvinte consegue comunicar escola dentro por exemplo não tinha interprete consegue \_\_\_\_\_ SEM interprete \_\_\_\_\_ consegue \_\_\_\_\_ também você consegue comunicar professor ou falar oral ou escrever papel ou gesto como sentir você

**Vilmar:** Verdade aluno área \_\_\_\_\_ não porque muito preconceito mim preconceito mim, sofri mas professor preconceito nenhuma ter 1 professor preconceito 1 professor português preconceito mim eu penso o que aconteceu o que professor falar oral eu tentar falar oral comunicar maioria incomunicação maioria incomunicação entende oral Libras professores não entende eu tentar Libras matemática gesto eu gesto melhor entende conseguir entender conseguir entender só 1 matematica maioria mais ou menos.

**Beatriz:** agora você trabalha vivo trabalha você

**Vilmar:** trabalho (expressão facial sim) professor Libras

**Beatriz:** formou o que

**Vilmar:** Formei mestrado linguística

**Beatriz:** Não formou disciplina o que curso o que formou

**Vilmar:** Curso linguística área UFSC lá

**Beatriz:** Letras Libras formou?

**Vilmar:** Letras Libras formei (expressão facial sim) depois Pós Libras mestrado área inguistica pesquisa Libras

**Beatriz:** Você antes faculdade grupo você consegue entrar precisa \_\_\_\_\_ interprete ou fora

**Vilmar:** verdade passado não tinha Lei obrigatório interprete

**Beatriz:** Letras Libras

**Vilmar:** Letras Libras (expressão facial sim) tinha também obrigatório interprete \_\_\_\_\_ porque letras libras já lista consegue depois ter lei depois ter lei ter interprete \_\_\_\_\_ consegui claro disciplina tudo letras libras consegui

**Beatriz:** você passado já trabalhou ensinar disciplina matemática ou nunca

**Vilmar:** Nunca trabalhar (expressão facial confundiu) já pouco ensinar criança surda sobre matemática ensinar básica

**Beatriz:** como jeito estratégia

**Vilmar:** Eu explicar sinais apontar quadro sinais explico eles faz escrever caderno

**Beatriz:** Conseguiu?

**Vilmar:** Consegui

**Beatriz:** comunicação conseguir

**Vilmar:** (expressão facial sim) comunicação conseguir professor ouvinte ensina outra disciplina

**Beatriz:** por exemplo você comunicação consegue positivo mas eles consegue entender claro você

**Vilmar:** não entendi

**Beatriz:** Esse aluno surdo entende claro mas consegue responder você consegue

**Vilmar:** (Expressao facial sim) sim responder \_\_\_\_\_ troca a troca, aluno Aluno, responder troca a troca aluno ajuda aluno ajuda idade mais ou menos 6, 7 ajuda aluno ajuda.

**Beatriz:** legal

**Vilmar:** Bom eu ajuda motivar troca a troca sozinho deles

**Beatriz:** Legal! Você casado?

**Vilmar:** Solteiro

**Beatriz:** Solteiro (entendi) você formou professor ok mas você ter família dentro junto ou não

**Vilmar:** Não, eu moro sozinho aprender praticar desenvolver

**Beatriz:** UAU legal, bom muito obrigado entrevista comigo obrigado, tchau

**Vilmar:** Obrigado Tchau



## APÊNDICE 9 - FRANCIELE DE LIMA BERLOFFA MACHADO

Para Franciele foi entregue o roteiro de entrevista e ela respondeu por escrito, e respondeu anexado ao e-mail

1. Olá. Primeiro muito obrigada porque você concordou em participar da minha pesquisa. Nós vamos conversar. De maneira simples, como conversa de amigos. Somos amigas. A gente se conhece faz muito tempo...

2. Vou explicar sobre o que é nossa conversa. Eu sei que você antes estudou na escola de surdos no oralismo, e depois sua escola mudou para bilinguismo. Eu quero entender como aconteceu essa mudança. Tudo bem? Primeiro me conta onde você aprendeu Libras?

**Resposta:** Na ANPACIN quando eu tinha 12 anos comecei aprender Libras mais facil pra entender e desenvolver.

3. Então, para começar eu gostaria que vc se apresentasse para mim. Fale seu nome completo, seu sinal, quantos anos você tem, que faculdade você fez...

**Resposta:** Meu nome= Franciele de Lima Berloff Machado

Meu sinal = faz sinal F bem enroladinho Idade = 36 anos Faculdade = Pedagogia, Letras Libras e faço pós-graduação em Educação Especial

4. Fala das suas memórias, como era a aula, como era no recreio, se você gostava ...

**Resposta:** Minha aula foi bom porque tem professora saber libras , no recreio era legal porque nos surdos brincava esconder- esconder contava piadas Libras e falava fofoca , eu gostava muito era divertido.

5. Como eram as coisas na escola com a abordagem oralista? Você conseguia se comunicar com os professores, com os colegas, com os funcionários?

**Resposta:** Eu conseguir comunicar leitura labial, mimica escrevia no papel.

6. Agora procura lembrar das suas aulas de matemática. De quando você aprendeu os números, as contas, fazer problemas. Como sua professora ensinava? Você entendia?

**Resposta:** Professora de Matematica fazia Libras +, - mostrar objeto cubo tem quantos dezenas, eu entendo.

7. Você lembra que tinha atividades para ensinar falar na escola? Como era?

**Resposta:** Atraves figuras, instrumento tambor , ensinava musica de crianca por exemplo CAI CAI BALAO , tinha fono na escola pra treinar a falar

8. E depois, quando você passou quintas série que precisava aprender números negativos, equação, ainda era oralismo?

**Resposta:** Nao era oralismo, era Libras.

9. A partir da década de 1990, a escola começou a mudar para a abordagem bilíngue. Quais são suas lembranças deste período? Volte para aquele tempo e conte sobre suas dúvidas, inquietações, esperanças...

**Resposta:** Era confuso, mas continuam usar bimodal era mais facil eu me comunicava aprender com oralismo e a Libras . Nos surdos trocava experiencias Libras sem leitura labial. Com Libras aprendi muito mais facil do que so com o oralismo.

10. Você antes era proibido usar sinal na escola. Como você aprendeu Libras?

**Resposta:** Na minha época era proibido Libras, a gente usava Libras na escola escondido. Quando aprendi Libras na escola, eu já tinha 12 anos, na época os professores liberou Libras na escola

11. A sua família, gostou que a escola mudou? As pessoas da sua família foram aprender Libras?

**Resposta:** Sim, foi mais fácil pra mim desenvolver. Minha família não aprendeu Libras, só aprendeu falar Oi, Tudo bem, trabalhar, muito pouco porque nos acostumou comunicar só oral.

12. E como eram as aulas de Matemática com a professora usando Libras? O que você gosta mais? Por que?

**Resposta:** Eram mais fácil, eu gostava aprender equações porque eu consigo fazer as equações.

13. O que mudou nas suas aulas de Matemática?

**Resposta:** Ficou mais fácil aprender matemática com a Libras.

14. E você? Como se sentia estudando Matemática com Libras? Ficou mais fácil entender os problemas?

**Resposta:** Sim era mais fácil

15. O que você acha da mudança que aconteceu na Educação dos surdos? Antes oralismo, agora bilinguismo?

**Resposta:** Muito Melhor porque os surdos agora aprender Libras e depois segunda escrita com essa mudança os surdos aprender mais rápido.

Se você quiser, pode acrescentar qualquer comentário. Aqui você é livre para falar o que quiser.

**Obrigada**

## APÊNDICE 10 - BEATRIZ IGNATIUS NOGUEIRA SOARES

**Pergunta:** Qual seu nome completo, seu sinal, sua idade e sua formação

**Beatriz:** Sim, o meu nome é Beatriz Ignatius Nogueira Soares, o meu sinal é (no ombro), tenho 37 anos, eu já formei dois cursos na faculdade Artes Visuais em 2007 e Letras & Libras em 2011.

**Pergunta:** Você lembra como aprendeu Matemática?

**Beatriz:** Sim, eu lembro muito bem que a minha época era muito difícil, tinha tempo isolada quando eu estudava na escola inclusiva, era muito difícil pra conseguir aprender, nem consegue decorar, eu tinha 6 ou 7 anos a minha primeira decorava + - eu era gostava brincava desenho com os números ou desenho com letra pra número ou material que esse jogo pra me ajuda pra entender melhor.

Eu demoro muito pra consegue entender tudo + , - depois demoro pouco para consegue aprender X só 1 até 3X1, comecei me interessante no jogo da minha avó é baralho que ela me deu maior reflexo e muito imagina me mostra sobre + , - e X depois mais menos 10 anos que eu consegue me aprende tudo X e %.

**Pergunta:** Fala das suas memórias, como era a aula, como era no recreio, se você gostava ...

**Beatriz:** No recreio era muito isolada quando eu estudava na escola regula, depois eu mudei na escola bilingue que eu não senti mais isolada, eu gostava muito brincava com as crianças surdas misturam as crianças ouvintes.

**Pergunta:** Como eram as coisas na escola com a abordagem oralista? Você conseguia se comunicar com os professores, com os colegas, com os funcionários?

**Beatriz:** Era bem mais difícil que eu lembro que não consegue comunicava os ouvintes que não só consegue comunica quando eu escrevi alguns ouvintes não

entendi ler o meu jeito pra escrever, os surdos entenderam tudo no meu jeito para escrever; se os funcionários surdos, eles vão entenderam muito bem de mim SEM eu escrever no papel.

Mas infelizmente que foi bem difícil mesmo, na minha antiga professora de português que era não boa, muito obrigava, me defende q eu aprende no oral até eu escrever na frase certa, ela era muito brava que os surdos e eu tinham muito medo que ficavam lado com ela, a maioria os surdos não conseguiram aprenderam na oral certa, somente pouco os surdos conseguiram falavam certa, também escreviam para as frases certas, maioria os surdos não conseguiram decoram as frases certas como os ouvintes escreveram. Muitos surdos sempre guiam a língua do libras por isso os surdos sempre escreveram as frases sempre contrários e as vezes pouco as palavras para acompanhavam o libras no reflexo do cérebro.

**Pergunta:** E como era na escola bilíngue?

**Beatriz:** Então depois eu mudei outra escola de bilíngue quando eu tinha 13 anos, que tinha professora acompanhar com a internet que eu consegue entender tudo a professora explicava, eu aprendi tudo, eu consegue entende e escreve tudo o que eu quero escrever do meu jeito.

Ah, eu lembro quando eu tinha mais menos 6 anos o meu primeiro gibi chamava “Chico Bento”, eu não entendi nada as palavras e as frases do português que então eu adorava observava os desenhos no quadrinhos do gibi, depois demorou mais menos 1 ano depois eu resolvi tentar pra comecei ler as palavras das frases no português, eu tentei vários vezes para consegue entender o que as balões das narrativas falavam, eu cresci e consegui ler tudo depois eu viro viciada ler as gibis e comecei gostava no português, eu era boa redação quando eu tinha mais menos 13 anos que já tinha nota ótima no português e matemática. Eu adorava muito.

O meu filho mais velho, nome dele é Gabriel q ele tinha 10 anos que começou mostrei a revista sobre “O mundo estranho”, ele gostou muito e interessante também.

Então a escola de bilíngue que tinha os funcionários saberem pouco, e tinha uma surda era zeladora na escola de bilíngue.

A escola regular era mais difícil e mais sacrifico quando eu era criança é muito incomoda e infeliz.

Era muito complicado para mim.

**Pergunta:** Agora procura lembrar das suas aulas de Matemática. De quando você aprendeu os números, as contas, fazer problemas. Como sua professora ensinava? Você entendia?

**Beatriz:** Sim, foi eu lembro que começou quando eu tinha mais menos 6 anos que foi o meu primeiro aprendiz no baralho da minha avó Bime já falecida, 5 anos atrás que foi ela me ensinava os números do baralho, eu gostava muito mais, aprendi rápido e eu jogava muito bem que ela me ensina truque pra ajuda mais reflexo que eu consegue entender na imaginária começar 0, 1, 2, 3, 4.... depois a minha avó estava brincava com boa estratégia pra deixa eu descobrir sozinha e também consegue me reflexo mais clara quando eu consegue ver na visual como eu imagina que eu senti mais que essa imagina me mostra para eu entender clara sobre + e- até 0, 1, 2, 3, 4,...

Depois eu tinha 8 anos que já sabia como é + e -, a minha professora na escola regula era mais difícil para mim que consegue entender o que é o significado.

O que é mais difícil para eu não entendi nada, ai eu demora muito para eu consegue aprender quando eu tinha 10 anos sobre % é mais difícil para eu reflexo. Na escola de bilíngue que eu consegue entender tudo na matemática, porque tinha professora acompanhar com a interprete.

Eu demorava para consegue aprender se vira sozinha.

**Pergunta:** Você lembra que tinha atividades para ensinar falar na escola? Como era?

**Beatriz:** Sim, eu lembro, que tinha atividade que eu nunca fica entender muito difícil, eu era criança desatenção, muito distraída que eu não consegue atenção a professora tinha muito assume para oral, eu tinha fono muito malvada que eu não gostava de libras, ela me radical para eu treina na labial para oral, até me amarra as mãos que não pode tentar esconde sinal ou alfabeto para treinar oral, sem usar as

mãos que ela tentar esforço puxa a minha língua estava doi e eu fiquei trauma que nunca mais quero aprender na labial para oral, eu tinha muito medo para ir no fono de novo ate tinha medo pra ir de novo me machucar na língua de novo e as mãos, eu desiste ir no fono, mas os meus pais insistem e me mandavam eu ir no fono, ai eu consegue fecha a minha boca pra não deixa ela puxa a minha língua de novo.

Mas eu amo libras que tenho muito orgulhosa ser surda que sou identidade de surda...

**Pergunta:** A partir da década de 1990, a escola começou a mudar para a abordagem bilíngue. Quais são suas lembranças deste período? Volte para aquele tempo e conte sobre suas dúvidas, inquietações, esperanças...

**Beatriz:** Eu estava 4 série na escola inclusiva eh na sala de especial que tinha na aula de reforço pra aprender ler e escrever no redação, depois eu passei 5 serie e me mudou para na escola de bilíngue que tinha só oralismo, os surdos já viram lá só oral, maioria não sabem libras só gestual, só eu e a minha irmã sabe libras, mas a minha irmã e alguns surdos pouco sabem libras estavam muito ansiosas e medo que pensavam as professoras não sabem libras, não vão entenderam os surdos querem falarem com libras.

Bem, eu estava na 5 série na escola de especial pra oralismo ainda não criou bilíngue só depois um ano depois fundou na escola de bilíngue com libras, então antes estava na escola de oralismo q tinha proibido usar as sinais e libras, demorou muito pra aprender ler labial e treinar muito entender os sons de voz. Eu era odiava muito que sempre falta na aula reforço pra aprender ouvir os sons no fono dentro na escola depois um ano q a escola libertou pra pode usar libras que o lei aprovou...

Então, eu estava dificuldade pra falar certo, que ainda bem os alguns meus amigos surdos também dificuldade falar e sabem pouco libras que eles me ajudarem interprete ou traduzirem, as vezes eu escrever no caderno para comunica a professora ler entender.

Como eu já disse que eu não gosto muito para oralismo. Tinha professora de matemática era muito ligação demais para os surdos, ela adora muito libras e consegue explica muito clara e as vezes não consegue entender.

**Pergunta:** Você antes era proibido usar sinal na escola.

**Beatriz:** Fiquei muito feliz e alívio, eu lembro que tinha muita dificuldade a minha mãe lutou muito e nunca parar, época que ela lutou e defende até assumiu a prefeitura libertou na escola foi aprovou por bilíngue para libras. Por graça a minha mãe foi vitória.

**Pergunta:** Como você aprendeu Libras?

**Beatriz:** Sim, de verdade, eu era participava no associação dos surdos quando eu tinha 7 anos que a minha mãe criou próprio associação dos surdos, ela era assessora e secretaria. Foi ela que aprendeu usar libras no curso na aula q tinha instrutora surda chama Magaly Hackl ensinou a minha mãe aprendeu libras, também me ensinou eu aprendi libras, eu tinha mais menos 5 ou 6 anos que a Magaly era a minha babá me cuidava e me ensinava libras, ela era a minha segunda mãe que eu lembro ela sempre me levava no associação dos surdos desde até 20 anos que eu parei participava na frequência em 2002.

**Pergunta:** A sua família, gostou que a escola mudou? As pessoas da sua família foram aprender Libras?

**Beatriz:** Sim, a minha mãe sabe muito bem libras, o meu filho mais velho Gabriel sabe alguma os sinais e ele sabe muito bem analfabeto de configuração nas mãos e ele sabe muito bem no expressão de facial do surdo e o meu filho caçula Guilherme só tem 3 anos e meio que ele sabe algumas sinais só oi, tudo bem, bem, pai, mãe, sinal do Gabriel, não pode, pode, bom e não gosta e gosta, algumas animais e as cores e alguns insetos e alguns comida e bebida.

A minha família está muito orgulhosa, que logico. Só o meu pai não sabe nada libras, os meus 3 irmãos , um dele é o meu trigêmeos q sabe alguns sinais e



analfabeto ate usou muito gestual e outro irmãos só sabem analfabeto e usam mais sinais de caseiro ou gestual.

**Pergunta:** O que você acha da mudança que aconteceu na Educação dos surdos? Antes oralismo, agora bilinguismo?

**Beatriz:** Estava 5 serie era muito melhor do que na 1 a 4 serie que eu era estudava na escola inclusiva que eu lembro que tinha 7 serie que a professora de matemática era muito ligação libras para ensinar na matemática.

O que na 4 serie que eu gosto mais é artes plástica, português, história, Inglês e a matemática. Depois eu passei mais menos 7 serie eu comecei gostar mais de matemática e português e já fiz no kumon de matemática e português.

## APÊNDICE 11 - ROTEIRO ENTREVISTA - VALÉRIA

1. OLÁ. PRIMEIRO MUITO OBRIGADA PORQUE VOCÊ CONCORDOU EM PARTICIPAR DA MINHA PESQUISA. NÓS VAMOS CONVERSAR. DE MANEIRA SIMPLES, COMO CONVERSA DE AMIGOS. SOMOS AMIGAS. A GENTE SE CONHECE FAZ MUITO TEMPO...
2. VOU EXPLICAR SOBRE O QUE É NOSSA CONVERSA. EU SEI QUE VOCÊ ANTES ESTUDOU NA ESCOLA DE SURDOS NO ORALISMO, E DEPOIS VC FOI TRABALHAR ESCOLA QUE MUDOU PARA BILINGUISTO. EU QUERO ENTENDER COMO ACONTECEU ESSA MUDANÇA. TUDO BEM?
3. ENTÃO, PARA COMEÇAR EU GOSTARIA QUE VC SE APRESENTASSE PARA MIM. FALE SEU NOME COMPLETO, SEU SINAL, QUANTOS ANOS VOCÊ TEM, QUE FACULDADE VOCÊ FEZ...
4. FALA DAS SUAS MEMÓRIAS, COMO ERA A SUA AULA, COMO ERA NO RECREIO, SE VOCÊ GOSTAVA ...ESCOLA ORALISTA...
5. ESCOLA ORALISTA PROIBIDO SINAL. COMO VC SE COMUNICAVA COM OS COLEGAS, COM OS PROFESSORES, COM OS FUNCIONÁRIOS?
6. AGORA PROCURA LEMBRAR DAS SUAS AULAS DE MATEMÁTICA. DE QUANDO VOCÊ APRENDEU OS NÚMEROS, AS CONTAS, FAZER PROBLEMAS. COMO SUA PROFESSORA ENSINAVA? VOCÊ ENTENDIA?
7. VOCÊ ANTES ERA PROIBIDO USAR SINAL NA ESCOLA. COMO VOCÊ APRENDEU LIBRAS? COMO VC APRENDEU LIBRAS?
8. DEPOIS VC FOI TRABALHAR NA ESCOLA... VC FOI PRIMEIRA SURDA TRABALHAR NA ESCOLA. O QUE VC SENTIA?
9. COMO ERA SEU TRABALHO? O QUE VC FAZIA?
10. VC ENSINAVA LIBRAS PARA ALUNOS?
11. VC ENSINAVA LIBRAS PARA OS PROFESSORES?
12. OS ALUNOS FELIZES APRENDER LIBRAS?

13. OS OUVINTES ACHAVAM DIFÍCIL APRENDER LIBRAS?

14. A FAMÍLIA DOS ALUNOS QUERIAM APRENDER LIBRAS?

15. VC AJUDOU PROFESSOR DE MATEMÁTICA?

16. COMO VC AJUDOU? A AULA DE MATEMÁTICA USANDO LIBRAS DIFERENTE?

17. O QUE VC ACHA OS ALUNOS FELIZ USAR LIBRAS? APRENDEM FÁCIL?

18. O QUE VOCÊ ACHA DA MUDANÇA QUE ACONTECEU NA ESCOLA DE SURDOS? ANTES ORALISMO, AGORA BILINGUISMO?

SE VOCÊ QUISE, PODE ACRESCENTAR QUALQUER COMENTÁRIO.  
AQUI VOCÊ É LIVRE PARA FALAR O QUE QUISE.